

RUBY DIXON

A FIREBLOOD DRAGON ROMANCE



FIRE IN HIS BLOOD

READ BY NOELLE BRIDGES AND JEREMY YORK





AVISO 1

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

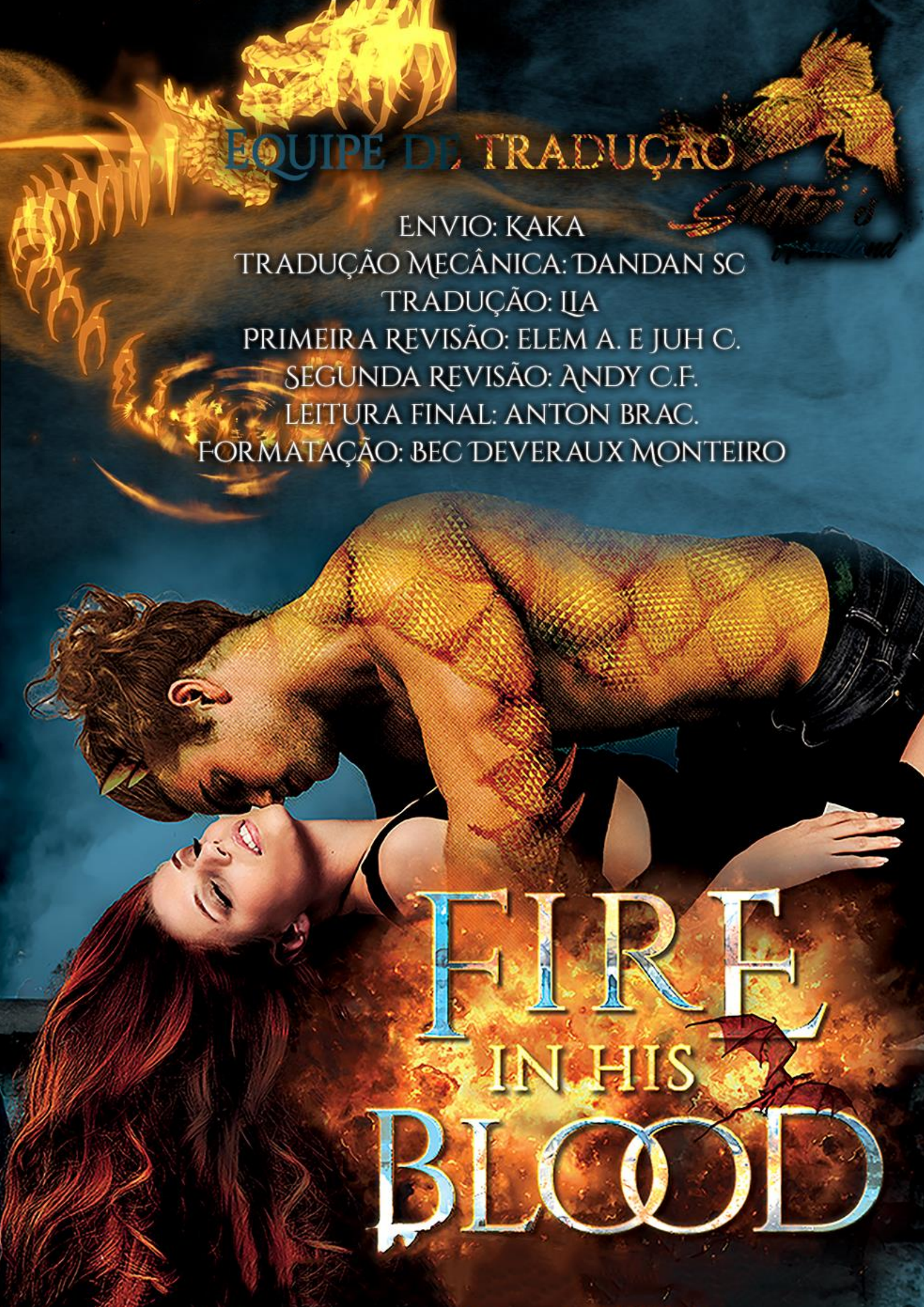
Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



The background of the entire page is a romantic illustration of a man and a woman. The man, on the right, is shirtless and has golden-yellow scales covering his torso and arms. He has dark, spiky hair and is leaning over the woman. The woman, on the left, has long, flowing red hair and is looking up at him with a smile. The scene is set against a dark, stormy sky with swirling clouds and a crescent moon. In the upper left, there are stylized flames or fire. In the upper right, there is a small, detailed illustration of a dragon's head. The overall mood is fantastical and romantic.

EQUIPE DE TRADUÇÃO

ENVIO: KAKA

TRADUÇÃO MECÂNICA: DANDAN SC

TRADUÇÃO: IJA

PRIMEIRA REVISÃO: ELEM A. E JUH C.

SEGUNDA REVISÃO: ANDY C.F.

LEITURA FINAL: ANTON BRAC.

FORMATAÇÃO: BEC DEVERAUX MONTEIRO

FIRE IN HIS BLOOD

ORDEN DE LEITURA

FIREBLOOD DRAGON

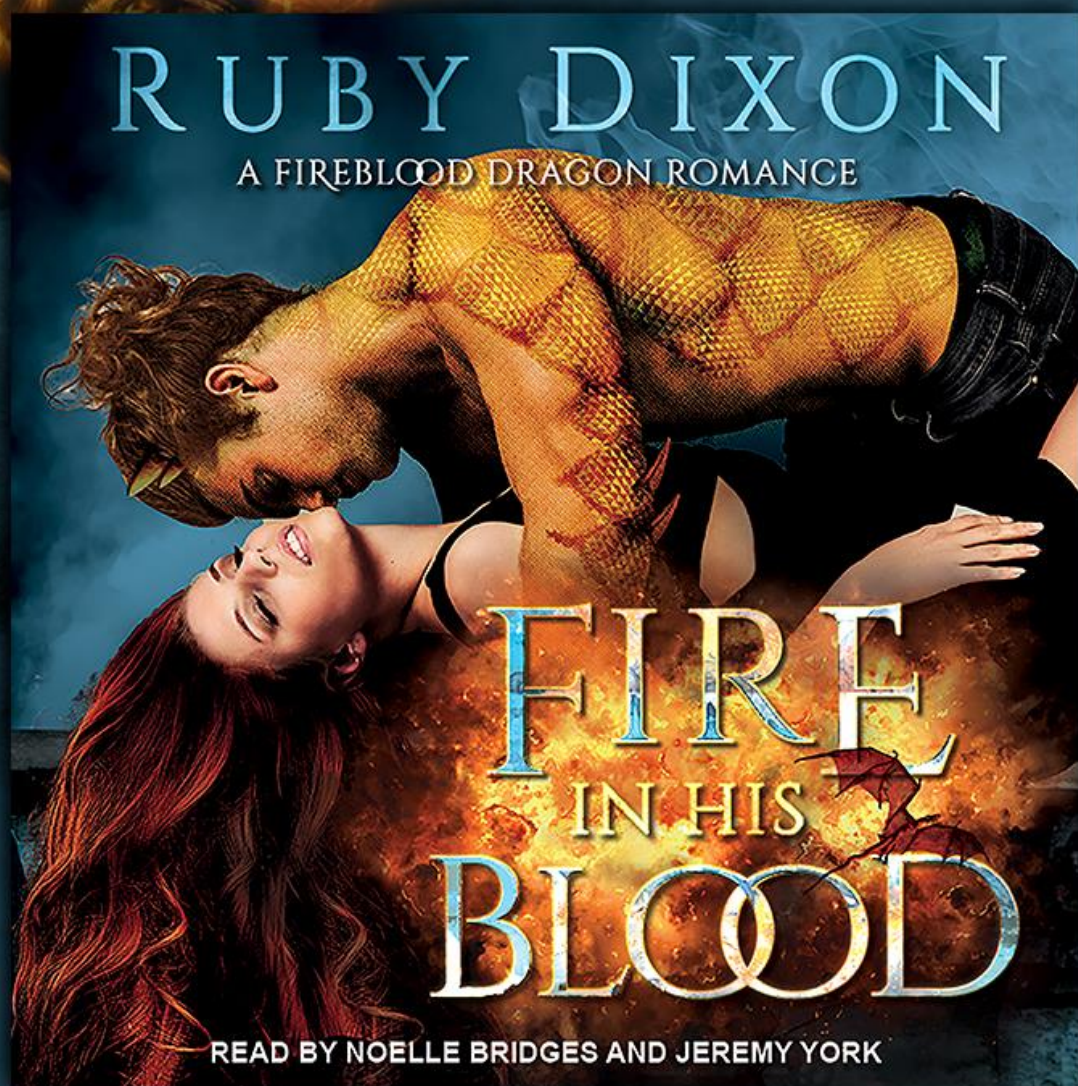


SHIFTER'S APRESENTA

LANÇAMENTO

RUBY DIXON

A FIREBLOOD DRAGON ROMANCE



LIVRO 01



NIVER 4 ANOS ESTANTE DE E-BOOKS

*Shifter's
Homeland*

Tudo bem então. Hora de fazer um amigo.

Eu penso em como vou abordar isso. Não quero assustá-lo, com certeza. E não quero que ele pense que estou muito interessada. Eu dou uma olhada em seu corpo nu, apenas no caso de estar imaginando coisas. Talvez seja uma excitação causada por nervosismo. Exceto não, sua ereção não diminuiu nem um pouco. A coroa grossa e pesada de seu pênis está molhada com pré-sêmen. Definitivamente não é uma excitação de nervoso.

Ele faz um estrondo baixo em sua garganta, selvagem e animalesco. Assustada, eu encontro seu olhar e percebo que ele me pegou checando seu corpo. E ele gosta disso. O olhar em seus olhos se tornou predatório, e eles voltaram ao preto novamente, o que me preocupa. Preocupa-me ainda mais quando ele começa a rondar lentamente em minha direção.

Pense rápido, Claudia, ou você vai acabar de costas para aquele dragão-homem.

Eu bato no meu peito rapidamente.

— Eu sou Claudia.

Ele para. Graças a Deus. Sua testa franze enquanto ele tenta processar minhas palavras. Ele fica de pé, se alongando. Ele dá um passo em minha direção e gesticula para a boca, como se estivesse querendo que eu falasse de novo.

Tudo bem, comunicar é mais importante que sexo. Isso funciona. Eu bato no meu peito novamente e falo lentamente. — Clauuudiiiiiaa

Olhar fixo nos meus lábios, ele repete isso. Ou tenta.

— Clauuudia

— Garra-dee-uh.

Sua boca repete. — Clau-dia.

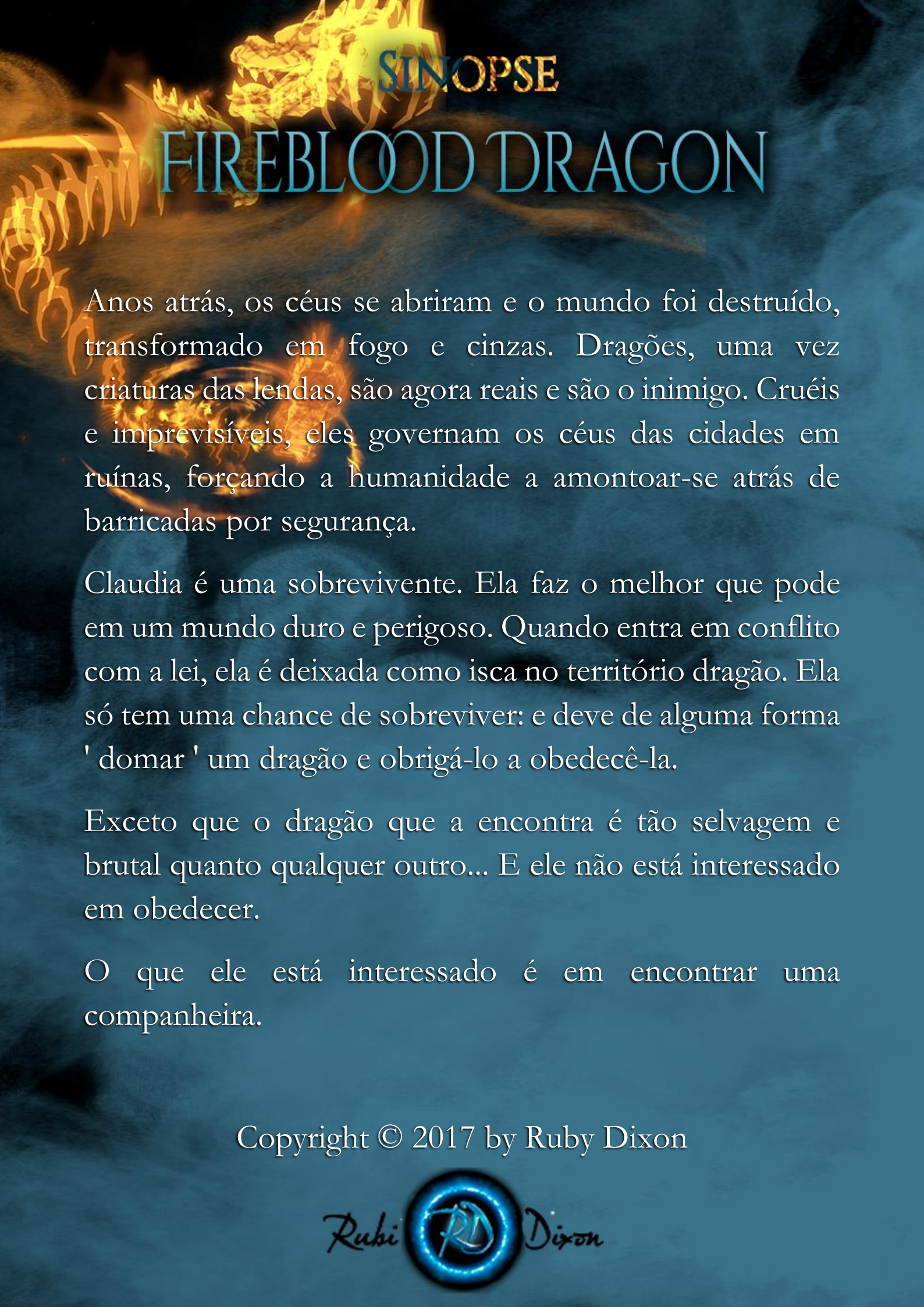
Perto o suficiente. Eu sorrio e aceno, gesticulando para mim mesma.

— Claudia. — Então eu gesticulei para ele.

Ele não está interessado em falar sobre si mesmo embora. Seu olhar negro se move sobre meus membros nus, e o estrondo baixo começa em sua garganta novamente. — Clau-dah. — ele diz, e é praticamente um ronronar. Poderia jurar que seu pênis se contorce quando ele diz meu nome também. Uau!

SUMÁRIO

Sumário	8
Sinopse.....	9
1.....	10
2.....	33
3.....	42
4.....	53
5.....	62
6.....	70
7.....	85
8.....	98
9.....	110
10.....	123
11.....	135
12.....	140
13.....	151
14.....	161
15.....	174
16.....	183
17.....	198
18.....	214
19.....	227
20.....	238
21.....	246
22.....	259
23.....	276
24.....	298
25.....	301
26.....	310
27.....	323
28.....	334
29.....	349
30.....	359
31.....	375
32.....	389
33.....	399
Epílogo.....	404
FIM.....	413



SINOPSE

FIREBLOOD DRAGON

Anos atrás, os céus se abriram e o mundo foi destruído, transformado em fogo e cinzas. Dragões, uma vez criaturas das lendas, são agora reais e são o inimigo. Cruéis e imprevisíveis, eles governam os céus das cidades em ruínas, forçando a humanidade a amontoar-se atrás de barricadas por segurança.

Claudia é uma sobrevivente. Ela faz o melhor que pode em um mundo duro e perigoso. Quando entra em conflito com a lei, ela é deixada como isca no território dragão. Ela só tem uma chance de sobreviver: e deve de alguma forma 'domar' um dragão e obrigá-lo a obedecê-la.

Exceto que o dragão que a encontra é tão selvagem e brutal quanto qualquer outro... E ele não está interessado em obedecer.

O que ele está interessado é em encontrar uma companheira.

Copyright © 2017 by Ruby Dixon



1

2023, FORT DALLAS
SETE ANOS APÓS A ABERTURA DA FENDA...

CLAUDIA

Em relação às outras celas de prisão esta aqui era bem decente. Quero dizer, eu estive em diversas nos últimos anos, e a maioria delas eram armários de armazenamento convertidos ou quartos pequenos, reforçados. Esta tem uma pequena cama no canto, um balde para uso pessoal, e a porta é uma moldura de arame farpado que me permite olhar para o resto da prisão improvisada. Considerando que a última vez que passei alguns dias em um desses lugares eu fui deixada em total escuridão, isso aqui é impressionante.

O que significa que eu provavelmente estou completamente e totalmente ferrada.

Não sou uma pessoa negativa. Normalmente não. Eu sou mais uma pessoa de levar a vida segundo a citação “se lhe derem limões faça uma limonada e a venda”. Não adianta chorar por causa de limões. Mas eu mataria para ter um limão agora. Acho que não vi nenhuma fruta desde a abertura da fenda. Eu imagino que as árvores frutíferas foram uma das primeiras coisas a desaparecer. De qualquer forma, não sou uma pessoa que fica lamentando sobre o meu destino. Isso quer dizer se conformar com merda e ficar parada, e há sempre

muita merda para ser feita. Se houver um revés – e vamos ser sinceros, sempre há –, eu reorganizo e ataco com um novo plano de luta. Tenho pessoas dependendo de mim, e não há tempo para lamentar.

Mas eu não posso deixar de sentir um pouco de preocupação quando os dois guardas da cadeia continuam olhando para a minha cela e sussurrando um para o outro. Eu não posso ouvir o que eles estão dizendo, mas tenho certeza que não é nada bom. Eu dou-lhes o meu melhor olhar de durona e tento parecer feroz. Garotas que são fracas e macias – como Amy e Sasha – são enganadas. Não vou deixar ninguém fazer isso comigo.

Amy. A minha irmã. Deus, ela vai ficar tão preocupada. Estou presa aqui há quase duas semanas. Enquanto minha irmãzinha está acostumada a me dar sermões, graças às minhas corridas, duas semanas são muito tempo. Ela vai ficar desesperada. Espero que não venha atrás de mim.

Eu realmente espero que ela não pague alguém para vir atrás de mim. Não temos dinheiro, e garotas da nossa idade só têm outra opção em Fort Dallas. Eu disse a Amy que não tem que fazer isso, mas eu me preocupo que ela não vá ouvir. Que o pânico possa assumir e ela vai fazer algo que se arrependerá depois.

Fique calma, eu comando mentalmente minha irmã. Fique calma. Logo estarei em casa.

Ou... Não, eu acho enquanto eu olho minha cela de prisão mais uma vez.

Os guardas estão me observando de novo. Merda. Eu estive aqui por um tempo agora, e sem nada para fazer, a não ser assistir as pessoas indo e voltando, eu

aprendi a ler suas expressões – hora para mudar o balde de cocô ou qual expressão significa problemas.

O olhar que estou recebendo agora? Grandes problemas.

Eu apenas sorrio inocentemente. Não é grande coisa. Esta sou eu, absolutamente não surtando.

Se eles viessem para me atormentar e comentar sobre meus peitos, isso é uma coisa. Eu sei o que esperar disso. Todos esses sussurros e olhares? Eu me preocupo que algo ruim está para acontecer. Não consigo me livrar desse sentimento. Dado que este é o tempo mais longo que eu já estive presa em uma cela, eu temo que não vou conseguir voltar para casa novamente.

Esse sentimento só fica mais forte quando ambos olham para a placa seca amarelada na parede e, em seguida, olham para a porta da cadeia.

Eu não estou errada. Algo está para acontecer hoje.

De certo modo, acho que é uma coisa boa. Chega dessa porcaria de esperar no limbo. Não ficar mais roendo minhas unhas, preocupada. Não testar as rachaduras de concreto da minha cela, tentando determinar se há uma rocha solta em algum lugar e eu possa cavar um túnel de fuga. Sem vigilância em turnos por diversos guardas.

Eu deveria estar feliz. E ainda assim...

Eu mordo meu lábio, pensando em minha irmã. Amy está em casa, à espera que eu traga comida, mantimentos e dinheiro depois da minha viagem de busca. Ela ainda está lá e ainda com fome e indefesa. Odeio isso. Detesto estar presa nesta

cela há duas semanas. Nossa amiga Sasha vai cuidar dela, mas... Sasha tem suas próprias preocupações. E Amy precisa de ajuda. Ela é apenas dois anos mais nova que eu, tenho 25, mas ela é suave onde eu sou durona. Amy não pode escapar. Ela não pode segurar uma faca ou dar um soco se alguém tentar dominá-la e roubar o que é dela. Sou eu quem a apoia e cuida dela. E sim, Amy foi mimada, primeiro por nossos pais quando eles estavam vivos, e por mim e Sasha depois de mim. A perna da Amy quebrou durante a fenda e nunca mais consertou corretamente, então ela caminha mancando feio. Isso nunca me incomodou antes porque eu estava lá para cuidar dela.

Mas agora? Estou me preocupando, imaginando Amy em casa, faminta. Amy mancando para a loja mais próxima com o que ela pode trocar por comida. Amy vendendo-se, abrindo as pernas para um dos soldados para fazer um pouco de dinheiro para comer como Sasha faz... Mas Amy não faria isso. Amy morreria de fome primeiro.

Um dos guardas, aquele que fica olhando para a porta, se aproxima da minha cela. Ele desce e abre o portão de arame farpado para mim. — Como estamos hoje?

— O mesmo de ontem. — O que ele acha? que eu tenho um cronograma completo ou algo assim? Estou numa cela de prisão por acusações falsas. Bem... um pouco falsa.

Quase falsas.

Pelo menos, não totalmente legítimas.

— Longa noite — comenta, então esfrega os olhos cansados.

— Oh, não para mim. Eu dormi como um bebê. — Dou-lhe o meu sorriso mais vitorioso. Eu vou tentar o charme, eu acho. Ver se consigo algumas respostas dele. Ele vai aceitar e começará acariciar seu cassetete de uma forma grosseira, ou ele vai ficar desconfiado. Dessa vez eu espero que meu guarda seja um pervertido.

Ele só olha de sobrancelhas franzidas para mim. — Você dormiu durante o ataque do dragão?

Tudo bem, agora ele só pensa que eu sou um manequim. Ninguém dorme durante um ataque de dragão, especialmente não um que está fora de padrão. Eu estava acordada ontem à noite, também, amontoada em um canto, abraçando meus joelhos ao meu peito e orando para que isso acabe logo, que é o que eu faço durante todos os ataques dos dragões.

Os dragões geralmente atacam com um cronograma, os grandes dourados atacam a cada três dias, pouco antes do meio-dia. Os vermelhos menores atacam diariamente por uma semana e depois nada por mais três. Ninguém nunca ataca à noite.

Exceto ontem à noite. E não sei o que isso significa. E eu não posso pensar nisso porque então eu vou me preocupar com Amy, e não é bom me preocupar com Amy enquanto eu estou presa aqui.

— Dormir durante o ataque do dragão? Eu? — Eu balanço a cabeça e tento continuar sorrindo. — Eu quis dizer ao contrário.

Ele só olha para mim como se eu fosse louca. Talvez eu esteja. Flertar com um guarda para conseguir informação é uma droga.

— Então — Eu pergunto. — O que está na agenda para hoje?

Os olhos do guarda se estreitam para mim. Acho que estou sendo óbvia. Antes que ele possa dizer algo, a porta se abre e outro guarda uniformizado enfia a cabeça. Ele acena para os meus dois guardas, e o segundo homem fica de pé. O guarda da minha porta pega algo no cinto. Por um momento me preocupo que seja um bastão, mas quando ouço as chaves, eu relaxo. Estou saindo.

De uma forma ou de outra. Quero dizer, eu posso ser punida também, mas pelo menos é uma chance.

A porta range e ele aponta os dedos. — Saia, Srta. Jones.

Minhas pernas vacilam e doem, e dou um passo em frente. Eu abraço a minha camiseta velha em meu corpo e tento parecer indefesa, mesmo quando eu olhe envolta da sala buscando uma saída. Quão difícil será correr? Eu considero a 'cadeia' vazia e o outro guarda olhando para mim com ávido interesse. Eu poderia ser mais rápida do que ambos, em teoria, se eles fossem tudo o que está por perto. Mas se há uma coisa que eu sei sobre Fort Dallas? Há sempre mais soldados. Eu descartei a ideia de fuga; Lutei quando me jogaram aqui embaixo, mas duas semanas e várias refeições mais leves, estou muito rígida e fraca para lutar muito. Eu nem protesto quando o guarda segura as algemas. Do que servirá?

Eu enfio meus pulsos para fora e mantenho o meu — “Eu sou tão boazinha” — sorriso no meu rosto, embora pareça que eu estou morrendo por dentro.

Ele me leva para fora da cadeia em um corredor longo e escuro iluminado por apenas algumas janelas empoeiradas. Um novo guarda chega, acena para o que está ao meu lado, e então eles me acompanham e me encaminha para baixo em um corredor de concreto em ruínas e em um labirinto infinito de concreto e piso quebrado. Um sinal velho, através do salão longo que se lê “cofre de alimentos” recorda-me que esta parte de Fort Dallas foi uma vez um centro comercial. O bazar coberto de concreto onde os catadores colocavam suas barracas de trocas? Uma velha garagem de estacionamento. Memórias de compras e saídas com amigos depois da escola passam na minha mente, mas isso foi em outra vida, essa Claudia Jones está morta. Ela morreu na fenda, e a magra, corajosa sobrevivente que eu sou hoje é a única que permanece. Essa Claudia sabia sobre shoppings e escolas e qual era o nome da vocalista de sua banda favorita. A sobrevivente Claudia não se lembra muito do mundo antes do incêndio e da fenda. Tudo mudou muito entre o agora e depois. Para mim, este edifício é apenas o Fort Dallas.

Desmoronando. Quebrado. Estéril. Partes Carbonizadas.

Fumaça permanece no aroma do ar e através da luz solar, novamente me fazendo pensar em dragões. O odor que me deixa cansada e ansiosa de uma só vez. O mundo inteiro é só fogo e cinzas ultimamente, e eu estou tão farta disso tudo. Não sou otimista como a Amy. Não acho que as coisas vão melhorar em algum momento.

Acho que temos que nos contentar com o que temos. Talvez seja por isso que sou a criminosa e Amy está a salvo em casa.

É melhor você estar segura, eu a repreendi mentalmente. Eu vou chutar seu traseiro se você estiver morta. Esse pensamento me mata paralisa com tal horror. Amy morta, eu paro e me curvo para vomitar.

— Você está doente? — O guarda menos legal pergunta quando eu solto bile no concreto. — Ou grávida?

Eu atiro-lhe um olhar medonho quando eu termino e limpo a minha boca, estremecendo. Não estou doente ou grávida. Sou apenas uma das muitas pessoas em Fort Dallas que está lentamente morrendo de fome. A cadeia não está muito interessada em seus prisioneiros. Ontem, eu recebi mingau de aveia, o que foi emocionante até que eu encontrei um inseto morto gigante nele. Eu comi de qualquer maneira, com inseto e tudo. Farinha de aveia não tem sido encontrada desde a Fenda e provavelmente estava vencida de qualquer maneira. E insetos? Os insetos são apenas proteínas.

Claro, pode ter sido por isso que vomitei.

Um dos guardas me cutuca com a perna. — Se já terminou de enrolar, ande. O Prefeito está esperando por você.

Oh, nossa! O prefeito? É definitivamente o dia do meu julgamento, e se eu consegui que o prefeito venha para o meu julgamento, estou ferrada. Eu engulo em seco e limpo minha boca na minha camiseta suja.

— Eu estou bem. — O aroma acre de fumaça persistente paira no ar, ainda mais sinistro do que antes, e eu penso sobre o ataque do dragão de ontem à noite. Muitas coisas ruins flutuando no ar ultimamente.

Os guardas me guiaram pelo resto do shopping e entraram em outra loja. Eu não sei que loja era esta antes da fenda; o interior é limpo e arrumado, e há um tapete persa desgastado no assoalho e várias cadeiras plásticas alinhadas nas paredes. Uma sala de espera. Mas os meus guardas não me levam a uma das cadeiras. Em vez disso, eles me levam a uma segunda câmara.

Quando o fazem, luz brilhante inunda minha visão. Eu hesito instintivamente e coloco minhas mãos sobre o meu rosto, tentando protegê-los. Ondas de pânico passam através de mim. Certamente não estamos em local um aberto... estamos? As áreas abertas não são seguras, a proteção vem de edifícios com telhados grossos e paredes de tijolo sólido. Concreto. Lugares subterrâneos. Em qualquer lugar protegiam de chamas, garras e cinzas.

Mas quando meus olhos se ajustam, eu percebo que estamos apenas em uma grande sala com várias janelas, com cortinas desbotadas puxadas para trás, deixando a luz e a vista entrar. Não que haja muito para ver além de escombros, Oh, e um pouco mais de cinzas. Eu olho as cortinas apreciando, no entanto. Tanto tecido? Isso é cobertor suficiente para comprar um mês de comida em uma barraca de troca. Usar todo esse tecido bonito e pesado como uma cortina parece meio estúpido. O quarto tem luz solar brilhante e os assoalhos de telha estão varridos e limpos. Suponho que este lugar era bonito antes da fenda. Não é uma sala segura, mas bonita.

— Estou surpresa que você tenha as cortinas abertas. — Eu murmuro para os meus guardas quando eles me levam para frente. — Ainda mais com o dragão na noite passada e tudo mais.

— Isso foi na noite passada. — o alto, de couro no rosto diz, mesmo que sua mão belisque meu braço um pouco mais apertado. — Deve ter quase uma semana de calmaria agora.

Mmm. — Então era um vermelho? Como alguém poderia dizer no escuro?

Ele ficou bravo. — É quase hora de um vermelho. Deve ser um deles.

Eu não gosto de sua falsa confiança, mas eu não sei se ele está errado. Os dragões vieram ontem à noite e choveu caos ardente na cidade, e nós estávamos amontoados em nossos abrigos de concreto e esperando as horas passarem. Está mais perto do tempo para um vermelho, mas ainda fora de padrão. Eles não deveriam vir por alguns dias ainda... e eles nunca vêm à noite, nunca. Algo sobre tudo isso está errado.

Mas desde que os dragões vieram ontem à noite, eles não devem voltar por alguns dias. Em teoria, a luz do sol deve estar segura hoje.

Mas nada está mais seguro. Não mesmo. Então trabalhamos com o que temos.

Um homem baixo e gordo com cabelos grisalhos bem penteados sentou-se em uma mesa no centro da sala. Ele olha para mim, com uma expressão carrancuda no rosto. Sua mesa tem vários objetos em desordem, um globo pequeno (como se a geografia significasse qualquer coisa ainda), um porta retrato, e vários papéis. Atrás dele tem dois outros guardas. Eu vi o homem gordo andando em torno de Fort Dallas antes: o prefeito. O prefeito piscou para mim, em seguida, abriu um pequeno retângulo de plástico na frente dele. Eu ouço o som das chaves, e então ele olha para cima.

Oh, pelo amor de Deus.

O homem tem um laptop. Se não é o cúmulo da hipocrisia, não sei o que é. Laptops são muito parecidos com unicórnios e chuveiros quentes após a fenda. Não há eletricidade para carregá-los, e as baterias têm de ser recarregadas através de geradores de manivela. Algumas pessoas ainda se apegam à tecnologia antiga, o que significa que quando você encontra algum, leva para trocar nas barracas. Estamos falando de comida suficiente para viver como reis só por um laptop funcional.

É o meu sonho encontrar um. Só um. Então eu posso ter um lar de verdade para Amy, Sasha e eu. Alimentos suficientes para não ter que me preocupar sobre de onde a nossa próxima refeição virá. Roupas novas. Um laptop funcional é como ganhar na loteria. Eu encontrei algumas baterias nas procuras antes, mas nunca uma que iria segurar uma carga. As baterias são quase tão quentes, se não mais quentes, do que os laptops em si. Qualquer eletroeletrônico existente, como as armas, foi confiscado pela nova milícia, na chocante vigília da fenda, e as pessoas deixaram. Porque eles eram tão raros, eletrônicos são agora as coisas mais quentes no mercado negro.

Eu deveria saber; Eu estava tentando vender uma bateria de laptop para Tucker o comerciante quando fui presa.

— Claudia Jones, você reconhece seus crimes? — O prefeito endireita um par de óculos feios e grossos empoleirados no nariz. Ele parece cansado. Tem fuligem na roupa e uma mancha na testa. Não é incomum; todo mundo está limpando fuligem de tudo por dias depois de um ataque de dragão... Bem a tempo para os dragões voltarem. Eu estou provavelmente suja com uma camada também.

Eu conheço os meus crimes? Claro que sim. Só não acho que sejam crimes. A questão é, devo fingir inocência ou ser franca? Eu estudo o rosto do prefeito, e ele parece cansado e irritado. A inocência não funcionará, então. Tudo bem, eu vou com a corajosa.

— Meus crimes? Eu posso tomar uma facada por eles se você quiser.

O prefeito está de olho no laptop dele, e depois me testa de novo. Ele fecha-o suavemente e pega uma placa amarelada e meio apagada. Cara, eu nem sequer justifico o papel real? Isso aborrece.

— Claudia Jones — o prefeito lê em voz alta. — Detida pela nova milícia por invasão, roubo, mercado negro e tentativa de evadir-se a lei. Como você se declara?

Ele esqueceu-se de furto, mas vou manter a minha boca fechada sobre isso por agora. Eu dou-lhe um sorriso fraco, embora o meu coração esteja batendo forte no meu peito.

— Parece certo, mas eu não sinto que é justo colocar alguém na cadeia por roubar algo de um lugar onde ninguém vive mais.

— Você conhece as regras. Fort Dallas não quer que as pessoas vão além das barreiras. Não é seguro.

Sim, eu sei que não é seguro. Enche-me de terror cada vez que vou, e escondo-me em todas as sombras. Mas tem que ser feito, é isso ou morrer de fome... ou vender-me. Então eu vou.

— Precisávamos comer. Eu não tinha dinheiro. Então me arrisquei.

O prefeito estabelece o quadro e esfrega os olhos cansados debaixo dos óculos.

— Você percebe, Claudia Jones, que Fort Dallas não trata os crimes da mesma forma que fizemos antes.

O —antes — não precisa ser explicado. Eu sei o que ele quer dizer: antes dos dragões, antes da fenda, antes do fogo infinito e cinzas. De volta nos bons e velhos tempos, quando a vida era normal e nossa maior preocupação era quem ia ganhar a mais recente competição de canto na TV.

Isso foi antes do céu se abrir, o buraco abrir-se no céu, e o inferno vir para a terra e mudar tudo. Isso foi antes de milhões, não, bilhões tivessem morrido e os sobreviventes tiveram que se esforçar para se proteger das feras furiosas que agora reinam supremas dos céus.

Sim, eu sei tudo sobre antes. Eu aceno.

— Então você sabe a pena que você está enfrentando para os seus crimes é o exílio?

Eu seguro a respiração. Meu coração troveja no meu peito e o mundo começa a enfraquecer ao meu redor.

Exílio. Ele poderia muito bem apenas dizer ' morte '. É a mesma coisa.

Se eu for exilada, eu vou ser jogada fora da barreira de metal que faz o muro de defesa de Fort Dallas, a barreira feita inteiramente a partir de automóveis antigos, e eu vou ser forçada a sair por conta própria para sobreviver. Sem amigos. Não há lugares seguros para ir. Eu estaria a céu aberto, desprotegida

contra bandos nômades, predadores... e dragões. Nunca mais veria minha irmã ou Sasha.

Não posso ser exilada. O que vai acontecer com a Amy? Uma visão da minha irmã se prostituindo para os soldados apareceu através de minha mente, e eu aperto meus olhos fechados, estremecendo. Não a Amy. Ela ainda tem inocência sobre ela, e isso merece ser poupado. Ela precisa ser protegida, e Sasha não será capaz de fazer isso sozinha.

— Por favor... Tenho pessoas que dependem de mim, senhor.

— Todos nós temos. — diz o prefeito amargamente. — É por isso que as regras devem ser aplicadas. Se você não pode obedecê-las, você não tem lugar aqui em Fort Dallas com os civis cumpridores da lei desta cidade.

Cumpridores da lei? Ele está louco? Fort Dallas é preenchido com catadores de todos os tipos, prostitutas, assassinos, ladrões, a única coisa que nos torna — civilizados — é que estamos protegidos por trás de uma parede e somos controlados pelos assassinos com as armas da nova milícia. Todos traem, mentem e roubam para colocar comida na mesa.

A única diferença entre mim e todos os outros? Fui burra o bastante para ser pega.

— Era apenas uma bateria de laptop-

— Você infringiu a lei.

Eu fecho minhas mãos, tentando parecer penitente. — Por favor. Eu estava tentando alimentar minha irmã.

O olhar em seu rosto cresce mais difícil. — Isso não é desculpa, Senhorita Jones. A nova milícia vai alimentá-la; Você sabe disso. Tudo que você tem a fazer é pedir.

Sim, em troca de uma foda rápida, a milícia ficará muito feliz em me dar uma lata de feijões mofados. Até uma garota faminta tem padrões. — Por favor. Você não pode me enviar para fora do muro.

— Por que não? Você foi lá de qualquer maneira.

— Isso foi só para pegar algo para vender! Agora você está me dizendo que eu não posso voltar! O pânico real entra, e eu estou ofegante por ar. Não há ar suficiente no maldito quarto. Não consigo parar de tremer.

— Os dragões. Eu não posso estar em local aberto com os dragões-

— Eu não sou antipático, Senhorita Jones, mas temos de manter as regras. — Ele diz que não é antipático, mas o olhar em seu rosto é qualquer coisa, mais.

— Você está usando uma bateria em seu laptop agora. — Eu protesto. — Como você pode me condenar por procurar mais? De onde você acha que essa veio?

Assim que as palavras saem dos meus lábios, sei que foi um erro. Seu benevolente desaparece substituído por uma carranca profunda em seu rosto que eu não ousaria encarar. Como isto é surpreendente. Todo mundo usa bens roubados, seja pela nostalgia ou outras necessidades egoístas, mas ninguém menciona que eles pegam de catadores como eu. Ninguém quer entregar a sua fonte...

Exceto pelo meu amigo Tucker, que me vendeu para salvar seu próprio traseiro quando a loja foi invadida. Espero nunca mais voltar a vê-lo, porque ele vai mesmo se arrepender de me denunciar. Mas agora não é hora de pensar no Tucker. Tenho que pensar na Amy. E eu tenho que pensar em mim.

Então eu fecho minhas mãos firmemente no meu queixo e deixo meus olhos tão grandes e cheios de lágrimas quanto eu posso. Nem preciso fingir as lágrimas. Estou com medo. Minhas mãos não param de tremer.

— Por favor, por favor, prefeito Lewis. Não me exile. Vou morrer lá fora. Minha irmã vai morrer aqui sem ninguém para cuidar dela. Por favor, me ajude. Eu não sou uma pessoa má.

E eu fungo para adicionar mais drama às minhas lágrimas. Preciso disto. Eu preciso ficar.

A Amy precisa de mim.

O Prefeito Lewis dá-me um olhar duro e abana lentamente a cabeça. — Regras são regras. Nós não podemos dobrá-las para ninguém em Fort Dallas ou nós vamos afundar em anarquia novamente. Tenho certeza que você se lembra como foram ruins os motins quando os dragões chegaram pela primeira vez.

Eu me lembro. Ainda tenho pesadelos.

No meu silêncio, ele coloca seus polegares em seu cinto, e eu noto que suas calças são agradáveis e limpas, ao contrário do meu próprio jeans que está tão imundo que poderia ficar em pé por conta própria. Ele olha para mim.

— A lei é o que mantém as coisas funcionando suavemente aqui. Se a nova milícia não tem poder, não temos esperança como povo.

Eu consigo manter meu rosto sem graça com ele parecendo um robô, recitando uma história que eu conheço muito bem. Blah blah sete anos desde que os dragões vieram e os céus abriram. O Ano um foi o ano da morte, de chamas, cinzas, destruição, e quando a maioria de todos que não conseguiram se esconder rápido o suficiente morreu. Em seguida, vieram anos de furtos, construindo abrigos que os dragões não iriam romper ou rasgar em pedaços com suas garras. Anos de se esconder. Anos de fogo e fome sem fim e escondidos na escuridão enquanto os dragões rugem em cima. Como se eu não soubesse disso. Eu vivi todos esses dias.

Mas a versão dele é diferente da minha. Na sua versão, a nova milícia é a Fênix que se ergue das cinzas para ser o Salvador dos sobreviventes. Em meus olhos, eles são um bando de valentões com armas que só estão interessados em uma moeda: bucetas.

Mas eu estou supondo que nunca foi dito para usá-las com troca por um pedaço de pão duro ou uma mordida de guisado.

— Regras são o que fazem Fort Dallas o sucesso que é. — Prefeito Lewis repete. — É o que nos permitiu permanecer civilizados muito tempo depois do mundo ter ido para o inferno. E eu sinto muito, senhorita Jones, mas não podemos fazer uma exceção para você.

Garras de pânico correm através de mim novamente. Minha garganta parece um deserto. Eu lambo meus lábios, determinada a não desistir.

— Eu quero ficar. Favor. Estou implorando. Fort Dallas é a minha casa. Não tenho outro lugar para ir. Minha irmã precisa de mim.

Um dos guardas da milícia avança. — A palavra está com você, prefeito. —

Sim! A esperança surge na minha cabeça, ele e eu olhamos para o guarda. Espere, não é só um guarda. Ele está usando listras no ombro, o que significa que ele é um sargento ou algo assim. De qualquer forma, ele está acima dos guardas da cadeia. Eu me viro de joelhos e aponto minhas mãos apertadas em direção a ele.

Ele olha para mim e o seu olhar varre o meu corpo.

Ai.

Okay. As coisas só oficialmente pioraram. Eu engulo em seco. Pense na Amy. Muitas mulheres fazem isso com guardas. Às vezes é por pequenos crimes, às vezes é por um pouco de comida. Às vezes é por proteção. É um modo de vida agora. Posso fazer se isso significar cuidar da minha irmã. Eu posso.

Eu... espero.

O prefeito Lewis olha para o guarda e esfrega as rugas cansadas em volta dos olhos. — O que Capitão?

O Capitão Olha para longe de mim e de volta ao prefeito. — Ela é jovem. Serve. Uma boa idade e forte. Podemos usá-la. — Ele olha para mim rapidamente, e sua voz baixa.

— Você sabe. Isca... para a experiência.

Isca?

Espere.

Isca?

Minhas mãos apertadas suam. Meu coração pega um novo e ansioso pulso. —

O quê?

— Isca? — O prefeito desaprova isso, dando ao Capitão um olhar revoltado.

— Você precisa de mais meninas para isso? Você já teve cinco.

Cinco iscas? Garotas no passado, iscas? O que é isto?

O Capitão faz uma careta, uma expressão que conduz uma lasca de terror em minha alma.

— Elas se foram, prefeito. Só... sumiram. Não pergunte. Isso é diferente, no entanto. — Ele se move em direção ao prefeito e se inclina, sussurrando.

Não consigo ouvir o que estão falando. Eu observo-os, freneticamente tentando ler seus lábios, mas a única coisa pulsando na minha mente é cinco iscas meninas. Elas se foram.

E ele quer que eu seja a número seis. Talvez eu devesse arriscar o exílio.

Depois de um momento, o guarda olha para cima, e ambos ele e o prefeito focam em mim.

Isso não é bom.

O Capitão dobra a cabeça novamente, e os dois homens sussurram por um tempo mais, mas o prefeito parece implacável. Parece que ele quer mesmo exilar-me. Ele balança a cabeça novamente, em seguida, pega seu quadro.

— Os crimes dela são sérios, Capitão. É o exílio. Ela deve ser feita de exemplo para os outros, e sua experiência provou que ela não funciona. Sinto muito, mas minha decisão está tomada.

— Precisamos dela. — O Capitão insiste.

Meu corpo balança para frente e para trás entre eles. Eu não sei o que esperar exílio ou isca? Exílio ou isca?

— Hum, eu posso perguntar algo?

Eles me ignoram.

— Esta é uma enorme lista de crimes. — diz o prefeito, batendo o dedo no tabuleiro amarelado. — E não é a primeira vez que ela é enviada para a cadeia! Devemos fazer dela um exemplo! A limpeza está correndo de forma desenfreada!

— E nós vamos fazer dela um exemplo. — o Capitão acalma. — De uma maneira ou de outra, teremos sucesso. Se a levar, ótimo. Se não, bem... — Ele encolhe os ombros.

— Se o que me levar? — Eu chamo.

— Precisamos fazer algo. — diz o Capitão em voz abafada. — Nós. —

Uma grande sombra passa sobre as janelas ensolaradas. As lanternas penduradas nas paredes fazem um barulho metálico sacudindo, e o teto estremece. Um rugido corta pelo ar um mero momento antes do alarme do dragão soar.

Meu corpo inteiro fica frio.

— Porra! — O Capitão grita. Ele agarra o prefeito e eles se afastam das janelas quando um enorme clarão dourado ataca violentamente com as asas abertas muito perto. O prédio inteiro treme, e o dragão ruge de novo.

Eu me arremesso no chão, aterrorizada. Eu bato nas minhas algemas, mas para onde eu iria? Como é que isto está a acontecer? Os dragões acabaram de atacar ontem à noite. Deveríamos estar seguros... Não deveríamos?

O quarto explode em ação. Guardas estão em toda parte, agarrando materiais e armas quando a forma escura sobe alto novamente, apagando a luz que vem das janelas.

Um guarda se lembra de mim e puxa-me para os meus pés, em seguida, empurra-me junto com os outros em um dos quartos do abrigo abaixo mais seguro. Entramos na sala minúscula, e alguém fecha a porta.

Ninguém fala enquanto nos agrupamos. O quarto está muito quente, o ar ainda está almiscarado com suor. Está escuro, e eu sinto uma gota de suor rolar do meu nariz e gotejar no meu braço enquanto esperamos o alarme parar. Alguém esbarra na escuridão, e eu sinto uma pressão de braço pegajoso contra o meu. Eu não reclamo.

Quando um dragão está respirando fogo, você é grata por abrigo, qualquer abrigo.

Outro rugido ensurdecedor soa mais alto que o alarme, e o quarto se agita com a força do som. O cheiro de carvão quente e cinza enche o ar, juntamente com a fumaça.

— É o grande de novo? — O Capitão pergunta em voz baixa.

— O dourado. — O guarda ao meu lado concorda. — Eu vi suas asas antes que ele subisse.

Eu também. Era um dourado brilhante e aterrorizante.

O Capitão grunhe. — Não é um vermelho, então. Os vermelhos são cruéis.

Como se este fosse melhor?

Ao longe, algo trava, e o gemido de metal triturado captura a minha atenção. A sala inteira parece vacilar. As paredes tremem.

— Desceu. — diz alguém. — Talvez fiquemos aqui por um tempo.

— Estamos seguros?— Pergunta outro.

— Seguros como qualquer um.

Isso não ajuda. Eu engulo em seco. De vez em quando, a sirene apita. O dragão ruge de novo.

Isto não está no padrão. Não, não está. Tem algo errado.

O prefeito suspira pesadamente, e eu percebo um momento depois que é o seu braço suado tocando o meu. Ele está mesmo ao meu lado.

— Eu não entendo isso. Eu pensei que eles seguissem padrões.

— Eles fazem. — Diz o Capitão em voz abafada.

O prefeito fala de novo. — Esse é o segundo ataque dentro de 24 horas.

— É. O outro era vermelho. Este é um novo dragão que se instalou na área. Outro dourado. Ele não segue o mesmo padrão que os outros. — O Capitão concorda, sua voz cuidadosamente em branco de emoção.

— Se isso continuar, não teremos mais que um forte em ruínas sobrando.

O prefeito suspira de novo, e eu quase posso ouvir as rodas girando em sua cabeça.

Cinco iscas. Passado. — E essa sua experiência... funcionou em Fort Orleans? Com um dourado?

— Sim, senhor. Achamos que um dourado é a chave.

Um dourado é a chave para o quê? Cada resposta que eu encontro é mais aterrorizante do que a última.

Uma pausa. — Você pode tê-la, Capitão.

— Ter-me para quê? — Eu me desesperei.

Ninguém me responde, exceto o rugido do dragão.

2

CLAUDIA

Uma vez que o céu está silencioso e o cheiro de fogo não é mais tão espesso no ar, a multidão se dispersa lentamente. O dragão se foi. Por enquanto.

Os guardas agarram-me pelos braços e me levam para um corredor na direção oposta do gabinete do Presidente da câmara.

— Onde você está me levando? — Eu suspeito que eles não vão responder, mas eu tenho que perguntar.

Os dois trocam um olhar, mas ninguém fala.

Eu permaneço em silêncio, intencionalmente. Se eles tentarem me levar para fora da barreira, eu vou fugir algemada ou não. A milícia me escolta para fora do shopping e para baixo em um túnel de metal coberto que roda em torno da borda da barreira. Um pequeno edifício de concreto com um telhado reforçado serve como um posto avançado, e os guardas armados acenam um para o outro enquanto me arrastam para dentro.

O interior era muito mais agradável do que qualquer lugar que eu estive em muito tempo. De um lado eu posso ver uma sala cheia de berços em ordem com cobertores limpos e puros. Os soldados jogam cartões em uma tabela em uma área da cozinha, e enquanto o protetor me arrasta para trás, eu ouço o riso e mesmo uma voz feminina que vem do quartel.

Eles me puxam para um novo quarto, um que parece pertencer a alguém no comando. Um dos soldados que me escolta é da minha idade, mas extremamente desagradável e sorridente. É claro que ele é o único que fica por perto. Ele sorri para mim novamente antes que ele se mova para frente e abre um baú, remexendo procurando alguma coisa. Ele encontra um pacote pequeno e atira-o para mim. Aqui. Troque-se.

Ele joga contra o meu peito, e eu debilmente tento pegá-lo com as mãos algemadas.

— O que é isto?

— Um vestido. Não pode usar isso que está vestindo.

Eu franzi a testa e olho para as minhas roupas. Estou usando jeans usado e uma camiseta que eu peguei de alguém em troca de algumas latas expiradas de comida. Uma das mangas está queimada e endurecida em torno das bordas, e os joelhos da minha calça estão rasgados, mas para Fort Dallas, estou vestindo roupas perfeitamente aceitáveis. Pelo menos eu tenho roupas. Algumas pessoas estão recorrendo a brechós, comprando fiado, agora que a roupa de antes está ficando cada vez mais difícil de encontrar. Todas as minhas partes íntimas estão cobertas, e estas roupas têm poucos anos.

— Por que eu usaria um vestido? O que há de errado com a minha roupa?

— Você precisa se limpar. — explica. Ele acena para seu amigo, e aquele segurando meu braço gira e me arrasta para fora da sala. Eu tropeço depois dele, prestes a protestar até que eu vejo a banheira de metal no chão de concreto.

Oh. Um banho.

A banheira está completamente cheia com água fresca; Eles devem ter usado um dos poços próximos para obter tanto, porque o encanamento já não funciona em nenhum lugar. Ao lado da banheira eu vejo um pedaço de sabão e uma grossa toalha marrom. Isto... Isto é luxo. Adicione isto ao vestido e eu estou mais do que um pouco preocupada. — Vocês vão me fazer ir para a prostituição?

O soldado bufa e dá-me outro empurrão para frente, depois pega uma chave. — Mantenha seus braços para fora.

Eu faço, e ele abre as algemas e depois vai para a porta. Eu esfrego meus pulsos e considero correr, mas eu nunca vou chegar longe em um quartel cheio de soldados, e eu gosto de não ser crivada de balas. — Qual é o motivo do vestido e o banho, então, se não prostituição? — Não que eu queira ser uma puta. É apenas... A conclusão mais lógica.

Ele ignora a minha pergunta e me dá um olhar longo. — Use o sabão. Muito. Certifique-se de lavar o seu cheiro.

— Lavar o meu... cheiro? — Eu cheiro como todo mundo, agora que desodorante é uma coisa do passado, mas eu não estou fedendo. Ele fede também. Todo mundo fede. Eu inclino minha cabeça, curiosa. — Eu não entendo.

— Não é para questionar. É para fazer.

— E... você não vai sumir comigo por aí? — Porque eu ouvi histórias de garotas bonitas desaparecendo no quartel e nunca retornando. E enquanto eu

não me chamaria de bonita, eu estou aqui e sendo dito para tomar banho, então eu estou pirando um pouco.

O medo deve estar aparecendo no meu rosto, porque o guarda balança a cabeça para mim e gesticula para a banheira novamente.

— Nós não vamos machucá-la. Basta se limpar e se vestir e nós vamos explicar.

Ele fechou a porta, trancou-a, e então eu fiquei sozinha com a banheira. Eu enrolei um pouco, incerta, esfregando meus pulsos enquanto eu olhava para a água. Eu adoraria tomar um banho, mas não consigo superar a sensação de que há algum tipo de ameaça que não estou ciente. Como no momento em que me despir, uma dúzia de caras vão entrar na sala ou algo assim. Por que insistem em tomar banho? Não faz sentido.

Mas água parece tão limpa e fresca, e o sabão tem uma pitada de ervas nele. Eu pego e cheiro. Lavanda. Oh nossa. É de uma velha loja de sabão. E eu fiquei presa em uma cela suada por duas semanas. Eu cheiro a cinzas, suor e Deus sabe o que mais.

Que se lixe. Eu tiro as minhas roupas, jogo-as de lado, e deslizo para dentro da banheira. Se eu vou ser estuprada, eu poderia muito bem estar limpinha.

Eu afundo na água até o meu pescoço e gemo. É uma bênção total. Não importa se está morna. É um banho. O meu último banho completo foi há anos. Desde então, tem sido uma disputa para obter comida e água suficiente, muito menos um banho. A maioria dos dias eu me contento com uma limpeza rápida com um pano molhado, e um monte de gente nem sequer faz isso. Mas toda esta água? Isto é luxo. A Amy vai pirar quando souber...

Amy. Eu luto contra o desejo de chorar. Por favor, fique bem, Amy. Eu vou sair dessa e então eu vou voltar para você.

A banheira perde um pouco de seu charme uma vez que eu penso sobre minha irmã. Eu mergulhei por um minuto a mais, e então usei o sabão para esfregar metodicamente em meus membros e cabelo. Eu lavo várias vezes, até meus braços já não terem nada de sujeira quando a água corre para baixo deles, e meu cabelo fica bagunçado com a limpeza.

Quando termino, posso ouvir os guardas do lado de fora da porta falando em voz baixa, como se não quisessem que eu ouvisse. Eu embrulho a toalha em volta do meu corpo e na ponta dos pés vou para tentar ouvir pela porta, mas eu não consigo entender o que eles estão dizendo. Porcaria. Quero saber sobre as outras cinco garotas. A coisa da isca.

Quero saber o que está acontecendo.

Eu dobro minhas roupas imundas tão delicadamente quanto eu posso, porque eu quero levá-las comigo quando eu voltar para casa. Eu me recuso a me permitir — pensar em não voltar. Eu vou para casa. Eu examino o vestido que me foi dado e tenho que mudá-lo mais duas vezes antes de descobrir como se usa isto. É um pedaço de roupa ímpar, pouco mais do que um quadrado de tecido com buracos de braço e um pescoço cortado nele. Por que diabos eles querem que eu o use?

Toda essa armação fede a esquisitice.

Com nada mais para fazer, eu sento na beira da banheira e espero, olhando para a porta.

Com minhas mãos livres das algemas, eu poderia escapar. Talvez. Desde que eu pudesse passar pelas dezenas de guardas que parecem ter invadido o quartel, para onde eu iria? Fort Dallas é pequeno, e alguém estaria disposto a me vender de novo por um pouco de dinheiro de recompensa. Não posso voltar para casa com um preço pela minha cabeça.

Mas qual é a minha outra opção? Deixar a cidade? Deixá-los exilar-me como querem? Vou morrer com certeza. As terras de limpeza estão vazias por uma razão. Ninguém pode sobreviver lá por mais tempo sem proteção. Às vezes a proteção vem em forma de um grupo, às vezes um edifício. Disseram-me que há mapas que podem mostrar uma rota segura entre os fortes... Pelo preço certo. Sem ele? Você está por conta própria, e os dragões são especialmente ruins no norte, ou assim dizem os rumores. Nunca fui mais longe do que Fort Dallas. Ninguém conhece. Encontre um lugar seguro e fique. Além disso, sempre tive que me preocupar com a Amy, e agora minha amiga Sasha. Pobre Sasha. Os problemas parecem segui-la ainda mais do que eu.

Estou presa, goste ou não. Não posso abandoná-los. Detesto ser enganada por algo que todos sabem. Eles acham que ninguém limpa além de mim? Besteira. Todo mundo faz, porque nunca há comida suficiente para todos, e o único trabalho que uma mulher sem conexões pode ter é em suas costas. Não vou fazer isso, então vou vasculhar. É tão ridículo ser presa por isso que quase parece uma armação.

Depois de um momento, há uma batida educada na porta. Eu fico de pé, minhas roupas dobradas debaixo do braço.

O guarda estica a cabeça e olha pela sala, e depois para mim. — Você banhou-se?

Eu mordo de volta uma réplica sarcástica. — Sim.

Ele acena e entra na sala.

— Mãos para trás, por favor.

Algemas de novo? Raios me partam. Eu ajustei minhas roupas para baixo na pia e, em seguida, obedientemente estendi minhas mãos.

— O que vai acontecer com minhas roupas?

— Você pode vir buscá-las mais tarde.

Essa... não era a resposta que eu esperava.

— Sério?

— Sim. Ordens do Capitão. Depois desta noite, você pode ir.

Parecia bom demais para ser verdade. Eu olho para ele, mas ele não me olha nos olhos, e isso me dá uma sensação estranha.

— O que vai acontecer esta noite?

Ele não diz nada. Isso não é bom. O que quer que esteja acontecendo comigo e com as iscas? É ruim. É por isso que não falam comigo. Eu umedeço meus lábios secos e olho para a minha roupa dobrada, estou começando a suspeitar que eu não vou vê-las novamente.

A guarda pega minhas coisas e enfia-as debaixo do braço, e no momento em que entramos na sala ao lado, ele despeja-as numa mesa... Ao lado de cinco pequenas pilhas de roupas e sapatos, ainda à espera dos seus donos.

O nó na minha garganta parece enorme.

Ele olha para mim e vê o meu olhar fixo sobre a mesa. Um olhar como vergonha cruza seu rosto, e então ele agarra meu braço novamente.

— Vamos lá. O Capitão está esperando.

O guarda me leva ao longo dos corredores do quartel de milícias de Fort Dallas. O Capitão está conversando com um dos seus homens perto da porta, ambos equipados com uma velha engrenagem de guerra, incluindo capacetes e coletes. Eles olham para mim quando chego, e o Capitão acena lentamente.

Ele está me encarando com muita força. Estou desconfortável, então eu tento fazer graça no momento, fingindo reverência no meu vestido estúpido. Viu? Não sou assim tão má. Claro, posso não ser uma boa ladra, mas tenho senso de humor.

— Cabelo ruivo — é tudo o que o Capitão diz.

— Isso é... Interessante. —

Autoconsciente, eu corro a mão pelos meus bagunçados cabelos. Eu acho que eu os deixei bem sujo. Não é como se houvesse um spa em Fort Dallas que eu possa ficar o dia inteiro me embelezando.

— Por que a cor do meu cabelo é importante? — Eles disseram que eu não ia ser uma prostituta para os soldados. Espero que isso não tenha mudado.

Então penso naqueles cinco conjuntos de roupas e estremeço interiormente. Talvez eu deva esperar que isso tenha mudado.

— Você está certa. Não importa. — O tom do capitão é curto. Ele acena para o homem atrás de mim.

— Prepare-se e vamos embora. Estamos indo embora.

— Eu recebo equipamentos? — Eu pergunto.

— Não. Mas peço que você coloque o seu capuz.

Adorável.

— Tenho certeza de que será muita proteção. — Digo sarcasticamente, olhando diretamente para o capacete. Foda-se não vou ser legal com esses idiotas.

— Então, para onde estamos indo?

Ele me dá um sorriso fino.

— Para um lugar com o qual você está muito familiarizada.

Uh oh.

CLAUDIA

Não me surpreende quando nosso pequeno grupo - eu e seis milicianos armados, incluindo o capitão - atravessamos a barreira de sucata de metal que cerca Fort Dallas. Estou um pouco surpresa por todos eles estarem usando armas automáticas, porque elas não são muito boas contra dragões, e é um pouco exagerado para os catadores. Mas acho que eles se sentem melhor com algum tipo de arma.

Todo mundo está em silêncio quando saímos da cidade. Claro que eles estão; é uma sentença de morte. Eles estão me observando ir a uma força invisível no calor do dia, em vez de se esgueirarem sob a cobertura da noite para um assassinato. A barreira de metal pesado range e geme enquanto passamos pelo portão, mas depois disso, há somente silêncio. Nada além do vento e silêncio enquanto nos dirigimos para a paisagem coberta das terras devastadas.

Ninguém deveria estar aqui. Há estufas protegidas em Fort Dallas e um pequeno rebanho de animais mantidos nas garagens do estacionamento. Deveríamos ser autossuficientes, mas todo mundo sabe que isso é uma piada. Às vezes há um bom rebanho de animais de caça passando, ou algumas vacas selvagens que vagueiam muito perto, e as pessoas saem sorrateiramente. Há passagens escondidas nas paredes, portas de carros que não estão soldadas e

permitem que uma pessoa deslize para o outro lado. Às vezes, é necessário, pois tudo e qualquer coisa é vendida no mercado negro.

Eu conheço esta área. Eu conheço cada rachadura na calçada, cada grama crescendo através de velhas calçadas e as árvores brotando em bueiros. Eu sou um dos catadores que fogem, porque entre mim, Sasha e Amy, é difícil juntar o suficiente para comer. Você tem que limpar. Não há maneira de contornar isso. Não apenas para enlatados velhos que expiraram anos atrás, mas para plantas silvestres que parecem comestíveis, para frutas que não foram comidas por pássaros.

Por porcarias para vender no mercado negro.

Talvez eles estejam me levando pelas terras de limpeza como um teste? Talvez eles vejam como estou familiarizada com a área e voltem para a cidade e para a segurança. Se for um teste, não estou interessada em falhar. Eu finjo um olhar levemente interessado e sigo os guardas de perto enquanto abrimos caminho pelas ruas cobertas de folhas e lixo do velho Dallas. A vida animal está repleta de ruas outrora povoadas. O gado se movimenta em rebanhos, pequenos gatos ferozes entram e saem de prédios antigos e há um canto constante de pássaros vindo das ruínas. Todos os animais são um bom sinal - significa que não há dragões por perto. Quando os dragões passam, os animais somem, os pássaros são inexistentes e os céus ficam completamente silenciosos. Hoje está barulhento e o sol está brilhando alto no céu. Eu quase poderia desfrutar de um dia como este.

Exceto... Que ninguém está falando. Ninguém está olhando duas vezes, ou mostrando interesse pelo lixo que passamos. Um limpador iria checar tudo,

caçar até o menor esquilo. Esses soldados não estão interessados em nada disso, o que significa que estou em um sério problema.

— Então... — Eu digo casualmente.

— Onde estamos indo?

Ninguém responde. Eu não estou surpresa. O que quer que esteja acontecendo, eu claramente ficarei no escuro.

— Sério? Nenhuma dica? — Eu digo sarcasticamente, fingindo que tenho uma resposta.

— Por que, esse é o meu lugar favorito. Vocês são tão atenciosos.

O capitão da guarda olha para mim com um olhar pensativo no rosto. Ele parece em conflito, apesar do fato de que é o único que me envolveu nisso.

— Tudo ficará claro em breve, prisioneira.

— Uau. — Eu murmuro. Olho ao redor dos edifícios parcialmente caídos, me perguntando por que estamos indo mais longe no coração do centro antigo. Há rumores de que os dragões são conhecidos por se alojarem no mais alto dos edifícios. E onde estão os edifícios mais altos? No velho centro.

Mesmo uma catadora desesperada como eu não é burra o suficiente para ir para lá.

Eu fui ficando muito cautelosa enquanto nos aprofundamos no centro da cidade. Os soldados seguram um pouco mais as armas e observam as sombras. A beleza do dia deu lugar a uma tensão silenciosa que está fazendo os pelos da

minha nuca se erguer. A única coisa que está me salvando de perder totalmente a cabeça é o alegre canto dos pássaros que me diz que ainda estamos livres de dragões. Eventualmente, chegamos a um arranha-céu alto com a maioria das janelas quebradas. Parece triste e decadente, e quando nos voltamos e nos dirigimos a ele, vejo uma mistura de arame quebrado e metal no chão. Um sinal vermelho de Pegasus sobressai dos escombros.

— Siga-nos. — o capitão diz para mim, gesticulando para os guardas entrarem no prédio.

O desconforto me varre.

— O que tem aqui?

Ninguém responde, claro.

Entramos no prédio, o chão está quebrado cheio de escombros e pedras. Há vidro quebrado por toda parte e folhas mortas espalhadas em todos os cantos. A brisa assobia pelas janelas quebradas.

— Suba as escadas.

Por quê? O que há nas escadas além de mais coisas quebradas? Eles planejam me arremessar do topo do prédio? Se sim... por quê? Por mais que tente, não consigo entender por que eles me trouxeram até aqui, mas sei que não é bom. Eu posso adivinhar isso. Mas não tenho muita escolha, então quando eles me empurram para frente, eu vou com eles. Um guarda adere às portas duplas com uma pedra e gesticula que eu deveria subir as escadas cobertas de detritos. Eu faço, mas o sentimento inquieto no meu intestino cresce.

Nós subimos. Infinitos lances de escadas, subimos em silêncio. Os guardas andam ao meu lado, e o único som é o dos pássaros lá fora e o movimento das folhas no chão quando uma brisa corta um buraco na parede. O vento chicoteia o vestido nos meus tornozelos e mais uma vez me parece uma estranha escolha de roupa para uma prisioneira.

Chegamos a um dos andares superiores e um dos guardas abre uma porta de metal. Todo mundo passa, inclusive eu. Todas as janelas foram arrancadas deste piso e os pássaros voam por cima. Parece um pouco como se estivéssemos ao ar livre, com nada além de metal retorcido e molduras quebradas para nos separar do céu. O lugar cheira a poeira e ao ar livre e um toque de queimado. Há móveis deformados e desbotados espalhados, e algumas vigas de metal se projetam do chão em ângulos estranhos.

O capitão olha para os homens.

— Este é um bom ponto, eu acho.

— Bom para o quê? — Eu pergunto.

Eles me ignoram novamente, e o sentimento inquieto cresce. Este lugar com certeza é aberto. E muito alto. Eles vão me jogar fora daqui de cima e fazer parecer um acidente? Se sim, por que o vestido estúpido? Por que o banho?

Um dos homens me agarra pelas minhas algemas, empurrando minhas mãos para frente. Ele me arrasta através do quarto, deixando-me sem escolha a não ser seguir.

— Por aqui. — o capitão aponta, e gesticula para um dos estranhos postes.

— Use este aqui.

Use este aqui para o quê? Antes que eu possa perguntar, o guarda acena para outro, e então eu levanto meus pés. Meus braços são arrastados sobre o final do mastro e, em seguida, deslizo para baixo e volto a ficar de pé novamente.

— Espere o quê? — Eu sacudo minhas mãos, mas estou presa ao poste. Eu sou muito pequena para ser capaz de levantar minhas mãos e trazer as algemas de volta.

— O que você está fazendo?

Uma restrição está trancada em volta do meu pé.

— Não. — diz o capitão. Seu rosto é uma máscara sombria.

— Isso tem que ser feito. Apenas lembre-se de que ela é uma fora da lei.

— Mesmo um bandido não merece isso, capitão.

— Não temos escolha. Ou vai funcionar e nos salvar, ou estamos todos condenados.

Eu me ajoelho com a corrente ao redor do meu tornozelo. Eu não consigo segurar, não com as mãos presas, mas eles não estão se mexendo, então eu preciso tentar alguma coisa.

— O que vai funcionar? — Eu pergunto desesperada.

— O que estamos fazendo?

Ninguém me responde de novo. Mas desta vez, dois dos guardas abrem suas mochilas e tiram longas faixas de tecido vermelho brilhante.

Minha boca fica seca.

Vermelho.

Fodeu.

Vermelho é a cor da isca. Ninguém usa isso para nada. Mesmo os carros esmagados e misturados que compõem as paredes de Fort Dallas não têm um único carro vermelho no meio deles. Dragões são atraídos pelo vermelho como um ímã, e isso significa que as coisas vermelhas são perigosas.

Eu assisto o pano vermelho se desenrolar com uma dor agitada no meu estômago. Esse medo se torna ainda pior quando os soldados amarram os pedaços de tecido e os deixam bater na brisa como duas bandeiras altas e hediondas.

— Por favor, não faça isso. — eu sussurro. Eles estão chamando um dragão para mim. Eu sei que eles estão. Eu não sei o que fiz para merecer isso, mas não é porque roubei algumas coisas.

— Por favor. Eu tenho uma irmã.

O capitão hesita e depois se aproxima de mim. Eu prendo a respiração enquanto ele puxa as chaves para as algemas e destrava minhas mãos.

— Eu sinto muito. — ele murmura.

Então ele agarra meu vestido pelos ombros e o rasga do meu corpo.

Eu grito alto, agarrando o tecido que fica aos meus pés. — Ei!

O capitão acena para mim e coloca a chave fora. Meu tornozelo ainda está trancado. Eu ainda estou presa.

— Hey! — Eu grito de novo, segurando o tecido rasgado nos meus seios. Os homens se viram e começam a sair pela porta.

— Espere! — Eu grito. — Não me deixe aqui!

— Sinto muito, senhorita Jones. Não é mais seguro aqui. — O capitão me lança um olhar triste e depois aperta os olhos com os estandartes vermelhos.

— Você sabe tão bem quanto eu que eles vão atrair todos os dragões da área.

— Mas por quê? — Eu agachei não me importando mais com modéstia, e agarrei a corrente na minha perna.

— Por que você está me deixando para o dragão?

— Não! — Eu grito terror bloqueando minha garganta. Eu puxo as algemas, mas elas não se mexem. Estou presa aqui. O vento bate em volta do meu rosto, fazendo meu corpo inteiro tremer.

— Por favor!

Eu sei o que eles vão fazer agora... Eles vão me abandonar aqui. Deixar-me.

Eu sou... a isca de dragão. Eu não sei por que, eu não sei como, mas as únicas coisas que chegam tão alto são grandes, escamosas e cheias de fogo.

Os soldados se afastam de mim e eu continuo a sacudir meus braços, soluçando. Um dos soldados se põe de pé, olhando para os outros. Ele parece infeliz.

— Capitão. — Ele começa, claramente incomodado.

— Porque estamos sem opções e porque, como criminosa, sua vida está perdida de qualquer maneira.

— Por favor, não me deixe. — Eu grito de novo quando o capitão se vira para sair.

— Eu vou morrer se você me deixar aqui em cima!

Ele se vira uma última vez, parando no topo da escada. O olhar no rosto dele é assombrado.

— Há um rumor de Fort Orleans, senhorita Jones, que um dragão encontrou uma mulher humana e ela... — Ele engole.

— Bem, ela o domou. E há rumores de que o dragão manso lutou para defender o Fort Orleans.

— O quê? — Minha respiração deixa meu corpo. — O quê? Domou um dragão?

— Sim. Enviamos um mensageiro para Fort Orleans para saber mais, mas não recebemos resposta. Nós podemos nunca ouvir nada de volta. Você sabe tão bem quanto eu que os mensageiros quase nunca fazem isso... mas estamos tentando de qualquer maneira. Vale a pena o risco. — Seu sorriso é triste.

— Você está tão ferrada quanto morta de qualquer maneira. Pelo menos dessa maneira, você pode ajudar aqueles que sobreviverem em Fort Dallas. Você disse que tem uma irmã? Diga a si mesma que você está fazendo isso por ela.

— Minha irmã não me deixaria aqui em cima! — Eu tento enfiar um dedo sob o punho no tornozelo, mas está incrivelmente apertado.

— Ela sabe tão bem quanto eu que esse plano é uma loucura! Você é um monstro por me deixar aqui!

O rosto do capitão fica frio e posso dizer que o perdi.

— Você é a isca. — diz ele em uma voz sombria.

— Se um dragão se aproximar, tente domá-lo. Há um grande dourado nessa área. O rei dragão. É forte o suficiente para queimar toda a cidade e não vai embora. É por isso que precisamos de você para domar a coisa.

— Eu não posso domar um dragão. Ele não é um cachorrinho! Isso é uma loucura.

— Insano ou não, os ataques estão aumentando novamente. Eles estão matando as pessoas agora mais do que nunca, e Fort Dallas não está equipada para lidar com mais um ano de ataques impiedosos. Estamos condenados se não encontrarmos uma maneira de detê-los. Você é nossa única esperança.

Eu?

— Mas você quer que eu dome um dragão! Como diabos eu devo fazer isso?

— Descubra. — Seu rosto é grave enquanto ele olha para mim por um longo momento, então ele se afasta. Ele dá alguns passos na escada, seguindo seus soldados. Um momento depois, sua voz flutua de volta para mim.

— Se você não conseguir, então estamos todos tão condenados quanto você está.

CLAUDIA

Eu pensei que não poderia ficar muito pior do que ser abandonada no meio das terras infestadas de dragões. Eu realmente deveria parar de desafiar o universo às vezes. Por que sabe o que é dez vezes pior? Ser acorrentada a um poste e abandonada nas terras infestadas de dragões.

Pela centésima vez nas últimas horas, eu giro meu tornozelo, tentando tirar meu pé da braçadeira. Mas não adianta. Eu não posso tirar o metal passado nos ossos do meu calcanhar, e o constante movimento para tentar forçá-lo de outra forma fez a pele no meu pé esfolar e inchar.

E esse não é o meu maior problema. Se eu não descobrir uma maneira de me libertar, estou morta.

As bandeiras vermelhas de pano sacodem na brisa a menos de cem metros de distância, provocando-me. Tão perto e ainda tão longe. Não que importe o quão perto esteja, não vou a lugar nenhum. Estou acorrentada como um cão, à espera de ser comida. Desespero e pânico formam um nó na minha garganta, e eu o sufoco. Agora não é hora de surtar.

Preciso pensar.

Tenho de me libertar. Alguma ideia tem que surgir.

E eles querem que eu dome um dragão para eles. Malucos.

É a coisa mais louca que já ouvi. É tão plausível como alguém me dizendo que preciso arrastar a lua para fora do céu e estacioná-la na rua. Quero dizer, pelo menos a lua não quer me comer. Tenho certeza que dragões comem pessoas regularmente. Para eles, somos apenas pequenos sacos móveis de carne, como uma vaca ou uma ovelha. Eles não são nossos amigos. Não são animais de estimação. Ninguém está sendo domado.

E sei com certeza que não sou a perita aqui. Nunca estive perto de um dragão, por isso estou viva em vez de ser um pedaço de torrada humana. O último dragão que vi estava voando alto sobre a cidade, bem alto no ar. Mesmo que alto, tinha sido enorme, mortal, e absolutamente aterrorizante para contemplar. Se ele estivesse mais perto do chão, aposto que a sombra da sua envergadura teria apagado o sol. Tremo só de pensar nisso.

E você não saberia, e é quando uma sombra cai em cima.

Minha pele se arrepia com o alarme, e sinto o cabelo na parte de trás do meu pescoço se levantar.

Oh Deus. Por favor, seja um pássaro. Por favor, seja um pássaro. Ou uma nuvem. Uma nuvem grande, escura e desonesta. Eu fecho meus olhos e espero. Nada, então eu cuidadosamente abro um olho novamente e examino o céu. Há um brilho de ouro que está totalmente perto demais, e eu colo no poste, abraçando-o como se isso fosse me proteger.

Quando eu faço isso, a sombra cruza a cabeça novamente. Eu observo, com a boca seca, enquanto viaja de uma extremidade da sala para a outra.

Uma nuvem, eu canto para mim mesmo. Uma nuvem. Uma nuvem. Uma nuvem.

Ele desliza novamente, um momento depois, maior e mais perto... E se movendo muito mais rápido do que qualquer nuvem deveria. Eu não consigo recuperar o fôlego. O pânico se instalou e estou hiperventilando de medo. Por favor. Por favor. Eu agarro as correntes o mais silenciosamente que posso, com cuidado para não roçar os elos e dar-lhes um puxão feroz. Talvez eles quebrem. Por favor. Eu preciso de sorte. As correntes não cedem então eu as puxo de novo.

Um rugido enche os céus. Terrível. Bravo. Desafiador. É tão alto que o prédio estremece e o vidro chove das janelas quebradas. Do outro lado da sala, uma velha cadeira de escritório cai. Tudo treme inclusive eu.

Não é uma nuvem. É um dragão. Um maldito dragão.

Eu seguro o gemido de pânico subindo na minha garganta e solto a corrente para apertar minhas mãos sobre a minha boca. É isso ou vou gritar e dar a minha localização. Eu estou meio escondida nas ruínas desta sala, e talvez as paredes quebradas do cubículo que estão espalhadas por todo o lugar disfarcem o fato de que há um pequeno e vulnerável humano agachado aqui. As paredes e janelas são memórias quebradas do que costumavam ser, mas eu sou pequena, e esse arranha-céu é muito grande. Talvez não me veja se eu não fizer um som.

Um momento passa.

Dois.

Três.

O vento está aumentando, e eu deslizo a mão sobre o meu cabelo solto, tentando impedir que ele sopre no vento. Nenhum movimento. Nada que faça um dragão olhar nessa direção.

O trombeteiro retorna, e desta vez mais alto e distante, muito mais irritado. O flash de ouro retorna no céu, não o pacífico ouro pálido do nascer do sol, mas um âmbar profundo e esfumaçado. Isso me parece um tom muito mais perigoso de ouro.

De repente, uma das bandeiras vermelhas se afasta de suas amarras e flutua no ar, pega pela brisa.

Meu corpo inteiro congela. Eu não consigo me mexer.

Oh Deus. Oh Deus. Eu pressiono meus dedos nos meus lábios, apertando-os para não fazer barulho. Não grite Claudia. Não grite.

A forma dourada no céu circunda o edifício, e eu posso ouvir o distante bater de asas.

Eu fecho meus olhos novamente. Se os mantiver abertos, vou ver o dragão circulando mais perto, perseguindo as bandeiras vermelhas. Eu não quero olhar para isso quando me comer. Eu só quero que seja rápido. Por favor, por favor, me deixe morrer rápido e sem muita dor.

Eu penso na minha irmã. Amy me desculpe por não ter salvado você. Eu prendo a respiração e, ao fazê-lo, o ridículo da situação circula pela minha cabeça, de novo. Eles queriam que eu domasse essa coisa. É do tamanho de um avião e eles querem que eu o domine. Domestique. Que porra é essa? Eles são insanos? Eu sou pequena e desnutrida, até mesmo pelos padrões humanos. O que eu

deveria fazer? Pedir muito para parar de queimar as cidades? Bater no seu nariz com um jornal enrolado quando se comportar mal? O riso histérico borbulha na minha garganta.

Pensar que pegar algumas baterias antigas me rendeu isso. Inferno, se eu soubesse que ia acabar como isca de dragão, eu teria roubado algo realmente bom.

O vento muda e todo o riso na minha garganta morre. Há um novo cheiro no ar, o leve cheiro de fogo que é muito familiar, misturado com... Outra coisa. Algo doce, quase picante e definitivamente não humano. O cheiro fica mais forte, e eu percebo com horror de onde está vindo. Uma sombra cai sobre a sala quebrada e aberta, e eu fecho meus olhos.

É assim que eu morro.

Um baque chocante de ossos sacode o mundo.

Eu abro meus olhos e grito.

O dragão chegou.

Ele se agacha na borda do prédio, emoldurado entre paredes quebradas. É uma glória aterradora de se ver - uma massa de asa âmbar, em escala vívida e uma boca enorme e aberta. A criatura é enorme, facilmente do tamanho de um dos ônibus quebrados da cidade que se espalham pelas ruas abaixo. As asas gigantescas batem duas vezes, depois se dobram quando afundam no chão. Um rabo desliza para frente e para trás, batendo em pedras e tijolos. Uma fina cicatriz corta o longo focinho, e os olhos do tamanho de um prato de jantar são de um lindo e vibrante anel de ouro com uma pupila negra. Eles são

incrivelmente humanos. A cabeça do dragão é triangular e maior do que um carro, e os chifres atrás da cabeça vão até a boca cheia de dentes afiados enquanto, as narinas que brilham e agitam-se para pegar meu cheiro.

Ele pode me cheirar de alguma forma. Sei disso mesmo quando a cabeça grande gira e olha a sala.

Oh! Foda-se! Porra. Eu vou morrer, e não vai ser rápido ou indolor, afinal.

Há um dragão vivo, que cospe fogo e come homens, a menos de quinze metros de mim, e eu estou acorrentada a um mastro como um cachorro. A vontade de gritar de medo se eleva em minha garganta e eu aperto com mais força a boca, o interior dela se enche de saliva quente e amarga.

As narinas da criatura se abrem novamente, e a cauda longa e sinuosa atrás dela bate, derrubando o restante de uma janela quebrada. Agachada em todas as quatro pernas, as asas dobradas, a criatura levanta a cabeça e dá um passo à frente, em direção ao meu esconderijo.

Eu tento fugir.

O instinto e a adrenalina se chocam em mim, e eu me arrasto e corro para as escadas. Não há pensamento coerente na minha cabeça, apenas medo.

Demora cerca de dois segundos para a corrente afundar na minha perna, e outro meio segundo a mais antes do impulso me empurrar para o chão e eu bato contra o concreto com um baque alto e estridente. A respiração é arrancada de mim e eu caio de costas, atordoada.

Há um som sutil no vento, como uma expiração.

Ele me viu. Meu corpo trava com medo, minha mente fica selvagem. Eu preciso me levantar. Encontre uma arma. Proteja-se. Em vez disso, eu me deito no chão, esperando. Esperando que o maldito dragão me comesse viva, esperando que ele me quebrasse ao meio com suas mandíbulas assustadoramente poderosas. Eu vi tantas pessoas mortas por dragões nos últimos dez anos que eu sei que essa coisa não hesitará em me rasgar os membros como o predador que ele é.

Eu espero pelo fim. Pelos dentes enormes e serrilhados apertarem minha carne e me despedaçarem. É isso. Eu fecho meus olhos.

E espero.

E espero.

Eu ouço algo. O prédio balança a cada passo e eu permaneço completamente quieta. Eu posso sentir isso perto de mim. Chegando.

Ah merda.

O cheiro de queimado e especiarias fica mais forte. Sinto o deslocamento do ar, indicando que algo grande está ao lado - ou acima de mim.

É isso então. Eu cerro meus punhos e permaneço imóvel, rezando para que seja rápido.

O hálito quente sopra sobre mim. Minha pele se arrepia e paro de respirar, paro de pensar, tudo. O dragão está bem em cima de mim. Eu posso sentir seu focinho se movendo sobre a minha cabeça, sua respiração fazendo cócegas no meu cabelo.

E estupidamente, esqueci minha roupa. Meu vestido que o capitão arrancou de mim está a vários metros de distância. Eu deixei cair quando tentei correr, e agora o dragão vai me ver nua. O que é idiota, claro. O dragão vai me comer do mesmo jeito, nua ou vestida.

O focinho desce pelo meu rosto e pescoço e viro minha cabeça para o lado. Minhas mãos estão tão apertadas que eu posso sentir o sangue escorrendo sob minhas unhas, mas não ousa me mover. Eu deveria atacá-lo, forçá-lo a acabar com isso, mas agora que o fim está aqui, estou aterrorizada. Eu não posso fazer nada.

A respiração do dragão sopra sobre minha barriga nua, e então eu sinto isso abaixar.

Entre minhas coxas.

Algo em mim se rebela. Meus olhos se abrem. Eu bato na enorme cabeça dourada, tentando afastá-la da minha virilha.

— Não!

Não deveria funcionar. A coisa é do tamanho de um carro. Mas a cabeça levanta e os enormes olhos dourados encontram os meus. Minha pele se arrepia novamente, e enquanto eu assisto, as pupilas do dragão se dilatam. Ao fazer isso, elas mudam do preto mais escuro para o ouro. Mais ouro, um tom mais profundo e polido que as íris douradas.

Ah Merda. Eu me fodi agora. Eu coloquei minhas mãos sobre meus olhos e me enrolei em uma bola, enfiando minhas pernas contra mim. Eu espero pelo estalo das mandíbulas. Eu posso ouvir minha respiração rouca - o único som na

sala. Estou hiperventilando. Não que isso importe. Eu vou estar morta em instantes.

... A qualquer momento agora.

Está quieto. Muito quieto. Nada está acontecendo. Ainda não estou morta. Merda. Eu vou ter que abrir meus olhos e olhar. Eu separo meus dedos e espreito entre eles.

Eu não vejo o dragão.

O que eu vejo me assusta.

Há um homem lindo parado perto de mim, de costas para mim. Seu cabelo é castanho e selvagem ao redor de seus ombros, sua pele é de um adorável bronze dourado. Ele está tão nu quanto eu, e não posso deixar de notar que ele tem uma bunda muito firme, e igualmente bronzeada. Ele tem uma mão esticada na frente dele e está mexendo os dedos como se nunca os tivesse visto antes.

Eu faço um barulho estrangulado de surpresa. Não tenho certeza do que esperava ver, mas não é isso.

Ele se vira para olhar para mim. Sua expressão é extasiada com admiração, seus lábios entreabertos. Ele estuda suas mãos abertas novamente e então olha para mim mais uma vez. Há algo de estranho em sua aparência, e percebo que seus olhos estão dourados com uma pupila dourada ainda mais profunda... Assim como a do dragão.

O dragão... É humano?

CLAUDIA

Claramente eu bati minha cabeça quando caí. Ou isso ou o dragão me incinerou tão depressa que eu ainda não percebi que estou morta, e este é o meu cérebro fazendo uma espécie de vida pós-morte, vida sexy para mim. Talvez seja isso, porque esse cara é o material dos sonhos. Sonhos sujos e malvados.

Ele é quase bonito demais para ser real. Seu rosto tão bem esculpido quanto uma estátua do museu, as maçãs do rosto altas e a mandíbula forte. Ele não tem barba ou pelos faciais para disfarçar os traços de sua boca, seu nariz em perfeito alinhamento. No geral, suas feições são grandes, quase maior que seu rosto, mas deixando com uma impressão de intensa masculinidade. O cabelo em sua cabeça cai em grossas ondas douradas abaixo de seus ombros. Uma pequena cicatriz branca corta uma das bochechas douradas, e sua pele é manchada de sombra em um padrão incomum, como escamas.

Ele se inclina sobre mim mais uma vez, e o cheiro de fumaça e especiarias retorna, e com isso, o horroroso medo do dragão. Ao mesmo tempo em que ele percebe que é um dragão, eu percebo novamente que ele está nu. Seus ombros musculosos e nus flexionam, e noto que eles estão cobertos com outras pequenas cicatrizes, e sua pele tem um brilho quase iridescente nela. Quando nossos olhos se encontram, eu vejo fome lá.

Totalmente nu.

E estou totalmente nua.

Estamos totalmente nus juntos. E eu estou presa.

Sim, isso não é bom.

Eu suspiro e corro de volta pelo chão de concreto, a corrente estalando ao redor do meu tornozelo mais uma vez. A dor levanta minha perna. Droga. Eu mordo um gemido de dor e tento fugir para o lado. Qualquer coisa para fugir.

Minha mente está correndo. Como é possível que o dragão seja agora humano?

O homem-dragão se endireita e eu tenho uma visão frontal de... Bem, tudo. Eu disse que ele foi construído como uma estátua do museu? Não me lembro de eles terem um equipamento tão grande. Em todos os outros aspectos, ele é como eles. Seu corpo é uma massa lisa de músculos planos dourados. Seus ombros são largos, seus quadris afilados e, como as estátuas, ele não tem nem um pinga de pelos ou gordura. Ele é perfeito. Em partes de seu corpo, o padrão em sua pele que eu confundi com escamas é na verdade uma sombra ondulante. Outras partes dele - como seus braços e costas - parecem ser mais pesadamente escamados. Quando ele dobra o cotovelo, vejo espinhos saindo de sua pele.

E eu não consigo parar de olhar mais baixo, porque ele também tem uma ereção muito grande. Quando ele se inclina sobre mim, seu pau quase apunhala minha lateral. Ele está sem pelos lá também. É mais espesso aqui, quase erguido ao longo do eixo de seu pênis, e a cabeça dele parece ter uma forma espessa e rígida de cogumelo que é enfeitada com escamas nas bordas.

Ok, eu nunca vi isso em uma estátua.

Ele chega mais perto de mim, narinas queimando, e arrasta a mão sobre o meu pescoço e para baixo na minha frente, indo para os meus seios. Não há como confundir o olhar no rosto dele - ele não quer ser amigo. Ele quer foder.

Eu recuo e tiro a mão dele antes que ele possa me tocar mais baixo.

— Não!

O homem-dragão rosna para mim, seu lábio se curvando para revelar presas. Ele me alcança de novo, como se minha preferência por não ser estuprada fosse algum tipo de incômodo.

— Não! — Eu bato na mão dele de novo e então me arrepio quando seu olhar incrédulo e furioso encontra o meu. É quase como se ele estivesse dizendo silenciosamente. — Como você se atreve?

Mas se eu vou ser comida, tenho certeza que não quero ser estuprada antes. Com certeza.

Ele rosna baixo em sua garganta novamente e tenta me tocar mais uma vez. Antes que ele chegue até a minha pele, ele olha para mim, esperando para ver como eu vou reagir.

— Não. — Pela terceira vez, eu empurro a mão dele de lado. É como se ele estivesse me testando para ver o que vou fazer.

— Não me mate. — eu sussurro. — OK?

Ele recua a mão. O estranho homem-dragão me estuda com aqueles intensos olhos dourados, o olhar possessivo e faminto dando lugar a uma compreensão nascente. — Não. — diz ele, ecoando o pensamento, como se estivesse

surpreso com isso. Enquanto observo, ele estuda sua mão, espalhando e flexionando os dedos como se fossem totalmente estranhos para ele. Eu não posso deixar de notar que eles estão com garras de bronze muito afiadas. Ele flexiona a mão mais uma vez, depois me alcança novamente. — Não?

Há uma abundância de dor e saudade naquela sílaba, tanto que a emoção me pega na garganta. É como se ele tivesse encontrado a única coisa que ele sempre quis e está sendo arrancada dele. Perturbada, eu balanço minha cabeça, meu coração latejando tão alto que mal posso pensar.

— Não.

Ele me estuda por mais um momento, enfrenta uma mistura de frustração e necessidade, e depois enrola a mão com garras fechadas.

Eu não posso deixar de recuar.

KÆL

Ela está assustada, com medo.

De mim.

O conceito é inconcebível. Eu deveria encontrar minha companheira - tão brilhante, tão linda, tão perfeita e ela não deveria ter medo de mim. Seu brilho canta em minha alma, empurrando para trás a loucura escura que ainda hoje come nas minhas entranhas. A visão dela mantém a distância, no entanto. A visão dela faz meus sentidos voltarem.

E ela está me recusando. Ela está com medo.

A dor flui através de mim, dura e real. Eu a quero com todas as fibras do meu ser. Preciso dela. Ela me chamou da escuridão, me ligou a ela com seu doce aroma e voz suave. Eu quero abaixar meu corpo sobre o dela e acasalar com ela. Tocar nela e sentir a suavidade de sua pele contra a minha. Dar-lhe prazer de qualquer maneira que eu puder. Alimentá-la, cuidar dela.

Reivindicá-la.

Já faz muito tempo desde que eu vi uma mulher nesta forma. Eu acho. A loucura torna difícil de lembrar, e meus pensamentos estão cheios de sangue e fogo e não muito mais. Ela não é do tipo dragão. Todas as nossas mulheres que vieram através da lágrima sucumbiram à loucura como eu tenho. Não importa para mim que a minha companheira não seja do tipo dragão. Ela é minha. Isso é tudo que conta. Meu corpo se torna impetuoso com um novo tipo de necessidade, a de acasalar. De reivindicar.

Ela é mulher. Adorável. Fértil. Minha.

Aterrorizada também, e isso representa um problema. Mesmo agora, ela se afasta de mim. Seus olhos estão arregalados de terror, sua forma tremendo. Eu a estudo, e quanto mais olho em sua direção, mais assustada ela fica. Experimentalmente, eu a alcanço e ela encolhe, desesperada para escapar do meu toque.

A loucura se inflama novamente, como fogo explodindo em minha mente.

Escuridão, fome, frustração, raiva, escuridão, raiva, fome, frenesi, raiva e escuridão.

Eu respiro fundo, porque tão rapidamente, já estou de volta ao limite. Um passo à frente e posso voltar à loucura. Mas quando respiro, sinto o cheiro dela. É limpo, doce e feminino... E misturado com a mácula de terror.

Eu odeio esse cheiro nela. Quero sentir o desejo dela. Sua felicidade.

Ela não percebe que eu nunca machucaria minha companheira? Nem nas horas mais sombrias da minha loucura?

Mas mesmo quando ela se arrasta para longe de mim, a fome ameaça retornar. Se eu não a reivindicar, outro poderá tirá-la de mim. Se ela não for minha... A loucura vai voltar. Apenas uma parceira pode banir a escuridão da minha cabeça.

Devo fazer alguma coisa.

Eu não posso me ajudar. Alcanço-a novamente, precisando tocar aquela pele aveludada, muito diferente da minha. Ela é tão suave, tão macia. Ela recua e se afasta e seu cheiro quente e encantador cresce de medo. A loucura se agita dentro de mim novamente, desta vez cruzada com auto-aversão. Eu não posso - não - tocá-la enquanto ela me teme. Eu fecho meus olhos, querendo que a loucura fosse embora. Só por um tempinho.

Puxe-a para perto. Prove ela. Enterre-se dentro dela. Preencha-a com sua semente. Reivindique-a como sua companheira. Faça. Leve ela. Encha suas veias com seu fogo.

Não, ainda não.

Primeiro eu preciso encontrar um jeito de acalmar o medo que está sufocando-a.

Eu me levanto e me afasto dela. Andar na minha forma antiga parece diferente, mas bom. Já faz muito tempo desde que experimentei minha forma de duas pernas, e parece que estou esticando os músculos não utilizados. Devo me afastar dela, no entanto. Se eu ficar perto, não serei capaz de resistir a tocá-la... E então ela terá medo de mim para sempre. Apenas o pensamento de me afundar nela...

Escuridão, fome, assassinar, frustração e raiva.

Não.

Eu penso em sua suavidade. Seu perfume. Fecho meus olhos e imagino seu rosto pálido e redondo, seus olhos verdes brilhantes. Eu gosto do brilho deles. Eu pensarei neles quando a loucura se instalar. Respiro fundo e me acalmo. Como posso fazê-la feliz?

Ah sim.

Eu vou alimentá-la. Isso vai ligá-la a mim. Ela vai ver que posso fornecer para ela, que sou forte e feroz. Que eu posso protegê-la de qualquer outro que tentar reivindicá-la. Sob minha asa, ela não terá mais medo, e ela docemente sucumbirá aos meus avanços. Ela vai revelar seu corpo macio para minha reivindicação, e seus olhos verdes brilharão de paixão quando eu empurrar dentro dela.

Escuridão e fome.

Não.

Minha companheira vem em primeiro lugar. Com o pensamento dela em mente, olho para trás. Ela está sentada agora, enrolada protetoramente em volta

de si mesma. Seu rosto está escondido sob o cabelo vermelho brilhante e sedutor. Eu me concentro nesse respingo de cor brilhante, sentindo necessidade correr pelo meu corpo -

Mas então eu a noto tremendo. Ainda assustada. Eu rosno baixo na minha garganta com a visão. Minha companheira não deveria ter medo.

Eu vou consertar isso. Eu vou mostrar a ela que ela nunca precisará me temer.

Eu ando devagar até a borda da torre desmoronando e pulo. Instinto surge, e minha forma muda instantaneamente de volta para a asa do dragão e a escala do dragão. No momento em que o faço, a selvageria e a raiva consomem minha mente.

Escuridão, fome, assassinato, frustração, raiva, frenesi, raiva, escuridão, violência, matar e destruir.

Uma pequena lasca de luz permanece em minha mente - olhos verdes - e me agarro a ela com a febre dos meus pensamentos. Eu flexiono minhas asas e mergulho profundamente, em busca de algo para alimentar minha companheira.

CLAUDIA

O dragão se foi? Eu olho para a extensão aberta do céu em uma mistura de descrença e admiração.

De jeito nenhum.

Eu fico de pé lentamente, meus joelhos vacilantes. Não parece real. É quase como que se eu fechasse meus olhos, irei sentir seu nariz grande cheirando meu cabelo, movendo-se sobre mim. Eu estremeço, abraçando meus ombros. Esperava estar morta agora. No momento em que os soldados penduraram as bandeiras vermelhas, sabia que estava perdida. Eu passei por incontáveis ataques de dragões ao longo dos anos. Vi a destruição que eles podem causar. Vi pessoas sendo levadas na boca ou garras de um dragão, e elas nunca voltam. Provavelmente foram comidas.

Então, por que esse não me comeu?

Ou melhor ainda... como diabos isso se tornou humano? Eu não consigo parar de pensar nisso. Tenho vinte e quatro anos. Os dragões destruíram tudo sete anos atrás. De vez em quando, com a minha vida difícil, achei que tinha visto tudo o que havia para ver. Cada tipo de ação depravada, toda morte imaginável, todo ataque de dragão. Mas eu não sabia que eles poderiam se tornar humanos.

Mais que isso. Ele olhou para mim com inteligência em seu olhar. Ele falou comigo.

Quem - ou o quê - era ele?

Fico feliz que ele tenha ido, mas estou cheia de perguntas. Ele é um metamorfo? Esse não é realmente um dragão e é por isso que ele não está de acordo com os outros? Ou eles são todos metamorfos?

Oh Deus. Todos eles podem falar? Todos eles são inteligentes? Nunca me passou pela cabeça que eles poderiam ser inteligentes sob toda essa maldade. Eu pensava neles mais como... Tubarões ou cobras ou algum outro predador desagradável. Nunca considerei que poderia haver uma pessoa por baixo de tudo. Isso torna a destruição e a agitação ainda piores.

E ainda assim... O homem-dragão que conheci não me matou. Ele nem sequer me machucou. Apenas me tocou, e quando eu disse que não, ele se afastou.

Ele foi quase gentil.

Quase.

Foi assim que a garota de Fort Orleans domesticou um dragão? Ela o conheceu como humano? Penso no homem-dragão e seu corpo realmente nu com seu equipamento realmente grande e o olhar realmente possessivo em seus olhos. Tenho certeza que ele não queria jogar damas comigo. Será que... a garota de Fort Orleans – *domou* - o dragão com sexo?

Era isso que eles esperam que eu faça?

Eles estão ficando loucos?

Eu posso fazer muitas coisas para salvar minha vida, mas não tenho certeza se posso fazer isso.

Eu dou alguns passos para frente, esquadrinhando o céu por um lampejo de asa dourada. Nada. Ele foi embora então. Ele pode ter ido embora para sempre. Eu possivelmente perdi minha janela de oportunidade para domar ele com minha vagina. Não que eu estivesse planejando fazer isso. Além disso, Fort Dallas e seus cidadãos com certeza foram rápidos em me jogar para o dragão. Não planejo ajudá-los novamente.

Tudo o que me interessa é Amy e Sasha. Preciso me livrar, sair daqui, recuperá-las e depois descobrir o que fazer a seguir. Talvez possamos voltar a Fort Orleans. Talvez possamos nos esconder em um lugar seguro e esperar que um corajoso nômade ou dois corram pela área novamente e pegar carona com ele. Contanto que eu tenha um plano de ação, estarei bem.

E nenhum dos meus planos envolvem ficar aqui esperando por outro dragão.

Eu me movo para o poste que eu estou acorrentada e puxo a corrente me prendendo lá. Ainda sólido. Droga. Isso é uma merda. Eu estava esperando ter soltado alguma coisa no meu pânico. Acho que não. Olho para o poste e, em seguida, olho em volta procurando algo para usar como uma serra. Eu acho um pedaço longo e fino de metal tão largo quanto o meu dedo e agarro-o. Não funciona como uma serra, mas o coloco entre meu tornozelo e meu punho e empurro os dois, esperando esticar o metal de alguma forma. É um tiro no escuro, mas é o que tenho. Meu tornozelo está sangrando e o punho fica escorregadio, mas continuo indo. Não há opção para parar. Eu tenho que sair daqui.

Eu tenho que voltar para Amy.

Enquanto trabalho, não consigo parar de pensar no dragão. O cara. Tanto faz. Eu não tinha ideia de que eles eram humanos... Ou poderiam se passar por humanos. Eu tento pensar - já vi alguém em Fort Dallas com cabelo dourado, pele dourada e olhos dourados? Acho que não. Mas se os dragões tiverem um lado humano, talvez possamos nos comunicar com eles e pedir que não ataquem a cidade.

Então, novamente, por que eu quero salvar a cidade? Aqueles idiotas me deixaram para morrer. Um amigo me vendeu. Os guardas não me ajudaram. O prefeito achava que eu era uma merda de criminosa. Ninguém está do meu lado. Eu esfrego meu tornozelo, espalhando sangue por toda parte. Para ser justo, o capitão não ficou feliz em me deixar aqui.

Para ser justa, também foi ideia dele. Ele ainda me ofereceu como um cordeiro de sacrifício. Então foda-se.

Uma pontada aguda de dor sobe pela minha perna, e eu puxo o pedaço de metal, olhando para a minha obra. Acho que estou fazendo o oposto de ajudar, porque agora meu tornozelo está inchando. Bem, porcaria. Eu jogo o metal de lado e suspiro, olhando para o terreno baldio do que costumava ser um prédio de escritórios. Não haverá facas nem serras aqui. Se tiver sorte, encontrarei um grampeador. E então o quê? Ameaço grampear o dragão até a morte se ele voltar? Frustrada, eu bato na minha bunda e olho para as ruínas destruídas. O dragão se foi, mas eu ainda estou ferrada. Não posso ficar livre, e ninguém me deixou um cantil de água ou algo para comer.

Eles não esperavam que eu sobrevivesse.

Eu penso em Amy e Sasha. Elas esperavam que eu trouxesse para casa uma refeição, porque estávamos sem dinheiro e não havia mais suprimentos ou comida. Não tínhamos ninguém para ajudar também. Em Fort Dallas, há apenas algumas maneiras de alimentar uma família se você não tiver um protetor masculino que possa trabalhar na milícia. Você pode limpar, o que é contra a lei, ou você pode ser prostituta, que é, ironicamente, não contra a lei. Sasha tem um — amigo — na milícia com quem troca favores, mesmo que ela o odeie. Isso a impede de ter que trocar favores com muitos amigos, então ela aceita isso. Eu poupei Amy do pior. Com sua perna ruim, ela não pode limpar. Ela mal sai do casco quebrado do ônibus escolar que chamamos de nossa casa. Ela vai esperar que eu volte... E depois? Ir para os soldados ela mesma? Ver se Sasha conhece outro amigo que precisa de favores?

O pensamento deixa um gosto doentio na minha boca. Minha irmãzinha com a perna ruim, forçada a se aproximar de um cara das milícias nojento... Eu pego o pedaço de metal novamente e o coloco de volta na minha manga com um vigor renovado, ignorando o desconforto e a dor.

Eu tenho que sair daqui.

O grosso e pesado bater de asas se quebra em meus pensamentos frenéticos, e eu congelo. Meu cabelo chicoteia ao redor da minha cabeça quando olho para cima, examinando o céu nervosamente. Este é o meu — amigo — com os olhos dourados, ou isso é um novo dragão? Um dragão vermelho, invocado pela bandeira restante?

Um flash de asas cor de ouro faz a minha respiração ficar um pouco mais fácil. OK. Provavelmente o mesmo cara de novo, o que significa que ele é amigável... A menos que ele tenha decidido que está com fome. Eu assisto com pavor enquanto ele circula no céu, depois desce. O prédio treme quando ele se empoleira na borda, as asas batendo com força antes de atraí-las contra seu corpo. O maldito dragão é tão grande quanto um ônibus da cidade — *dois, talvez* —. É o mesmo que antes? Eu faço uma varredura, procurando por algo familiar, e fico aliviada quando vejo a leve cicatriz correndo ao longo de sua bochecha.

O dragão vasculha o topo do prédio em ruínas e então os olhos me prendem. Olhos escuros se fixam no meu rosto e, enquanto eu assisto, eles passam do preto para o profundo ouro âmbar. Eu tremo, minha garganta seca, e dou a meu tornozelo sangrento outro puxão.

Ele abre a boca, o olhar fixo em mim.

Eu recuo para trás. Aqui vem.

Algo bate no chão. O dragão solta um suspiro, como se estivesse irritado.

Tudo bem. Eu cautelosamente abro um olho.

Há uma criatura morta na frente do dragão. É uma cabra, o pescoço estalou em um ângulo estranho. Um calafrio rasteja pela minha espinha. Pobre cabra. É isso que vai acontecer comigo? Isso é um aviso? Eu me movo atrás do mastro fino, como se isso fosse me esconder.

O dragão apenas olha para mim com aqueles olhos dourados. Então ele empurra a cabra morta na minha direção, empurrando-a com seu longo focinho. Ele cutuca, depois levanta a cabeça e me observa. Esperando.

Está... tentando me alimentar?

Certamente não.

Eu pisco para o dragão. Então para baixo na cabra. Então de volta ao dragão.

Ele faz outro barulho no fundo da garganta, como se estivesse tentando chamar minha atenção. Então, ele pega a cabra gentilmente em seus dentes afiados e cai a poucos metros mais perto de mim.

É um presente.

Uau.

Uma risada histérica borbulha na minha garganta. O que eu devo fazer com isso? Eu torço meu tornozelo novamente, desesperada. Só quero fugir.

O dragão inclina a cabeça para os meus movimentos e dá outro passo gracioso para frente. Toda a estrutura do prédio estremece em resposta ao seu peso quando ele se acomoda em suas coxas. Então ele cutuca a cabra em minha direção novamente.

Ele quer que eu pegue.

— Não, obrigada. — eu digo, sem fôlego.

— Eu realmente deveria ir. — E empurro o ferro no meu tornozelo novamente.

A cabeça do tamanho do carro se inclina. Ele mostra os dentes e todo o meu corpo explode em arrepios de alarme. Ele parece tão desumano que não tenho certeza se sua forma humana era real. Talvez eu tenha imaginado isso. Talvez

esteja tendo algum tipo de ruptura psicótica. Olhando nos olhos do monstro, não tenho ideia de como eu pensava que aquilo não fosse nada além de puro dragão cem por cento assassino.

Ele abaixa a cabeça para mim e eu não posso deixar de me curvar para trás, levantando as mãos para me proteger. Um enorme olho dourado olha para mim, sem piscar.

Eu empurro novamente. Não ajuda. Preciso fugir.

Isso chama a atenção do dragão. Ele passa por mim, a cabeça enorme me empurrando para o lado enquanto estuda a corrente, cheirando-a. Eu me retiro o máximo que posso, até que a corrente esteja esticada e o punho esteja apertado contra a minha pele ensanguentada.

A enorme boca com presas se abre. Eu sufoco um grito quando ele leva a corrente para sua boca, os dentes roçam minha perna e perigosamente perto de romper a pele.

Metal sendo triturado. A corrente fica folgada.

O dragão senta-se de costas, cuspidando o comprimento da corrente.

Eu tropeço para trás, caindo na minha bunda na minha pressa de fugir. Eu não me levanto, no entanto. Eu apenas fico sentada e olho. Por que ele me libertou?

O dragão se inclina e cheira meu cabelo, como se estivesse testando o meu cheiro. Eu me forço a permanecer imóvel para a inspeção, mesmo que a cabeça seja tão grande que ele poderia me engolir em uma mordida. Eu poderia perder o punho em uma das enormes narinas que me farejam.

Então a língua do dragão serpenteia e ele me lambe da barriga até a clavícula.

Bem, isso é amistoso... Eu acho.

Suas pupilas ficam pretas.

Uh oh. Talvez não seja tão amigável. Ele me lambe novamente, desta vez um pouco mais devagar e de forma mais deliberada.

Não me atrevo a me mexer. Por dentro, estremeço com a sensação... E a umidade. A língua parecia áspera, como a de um gato, e me lembro da enorme ereção com cabeça de cogumelo que ele ostentava mais cedo. De repente, a lambida que ele acabou de me dar é menos inocente, assim como o nariz farejando a bagunça do meu cabelo até agora.

Domar o dragão, eles disseram. Faça isso para Fort Dallas. Domar o dragão - essa coisa do tamanho de um pequeno avião, essa coisa com presas e garras que respiram fogo e matam centenas de pessoas.

Claramente eles são loucos.

Eu sufoco um gemido quando ele lambe meu ombro novamente, e então o enorme focinho se move para baixo. Ele tenta se empurrá-lo entre minhas pernas esparramadas para cheirar meu sexo, e não posso evitar. Estou apavorada, mas não vou fazer isso. Eu empurro o nariz com a mão, balançando a cabeça.

— N-não. — digo a ele, e acrescento um pedido, — Por favor, não me coma.

A cabeça grande levanta-se bruscamente, como se lembrasse de algo, e enquanto eu observo, os olhos saem das pupilas negras de volta para o ouro.

Com outro suspiro gutural de sua respiração, o dragão vira a cabeça e olha para a cabra. Ele olha para mim e depois se vira em direção à cabra. Eu só sei que ele vai tentar me oferecer de novo.

Mas ele está de costas para mim.

E estou livre agora.

Eu olho para a escadaria mais próxima, a que eu encontrei com os soldados. Está a cerca de quinze metros de distância, apenas uma corrida rápida.

Eu só tenho uma chance. Eu olho para o dragão, e ele está gentilmente pegando a cabra morta em seus dentes novamente.

Hora de aproveitar essa chance. Eu me levanto e corro para as escadas.

Eu arremesso a porta quebrada e me lanço pelas escadas com pressa. Ofegante, frenética, eu ignoro o fato de que estou nua e descalça - tudo o que importa é fugir do dragão. Agora que estou livre, posso escapar. Eu desço as escadas em alta velocidade, aliviada por ele ser tão grande. Seu enorme volume é grande demais para caber na escadaria estreita, e se ele se mantiver no topo do prédio procurando por mim, eu posso me esconder nos escombros na rua até que seja seguro...

Um rugido ensurdecido de raiva interrompe meus pensamentos selvagens. Meus passos vacilam, e eu tropeço nas escadas, batendo o pé caindo em um monte cheio de detritos. Eu não contei quantos andares havia no caminho, e agora eu queria ter feito. Não importa, no entanto. Ele não pode chegar até mim. Eu sei que posso fugir. De volta a Amy, digo a mim mesmo. De volta a Fort Dallas. De volta à segurança.

O prédio treme e o dragão dá outro rugido enfurecido. Gesso cai na minha cabeça, e um pedaço de teto cai na escada ao meu lado. Eu seguro um grito e continuo. Cada passo me afasta do dragão e fico a um passo mais perto da minha irmã.

Quando me viro para descer o andar seguinte, tudo fica em silêncio. Eu paro para recuperar o fôlego, o único som é o da minha respiração. Eu olho para o teto, mas não está chovendo mais gesso. O dragão está em silêncio. Ele voou para longe? Desistiu de-

Algo bate na lateral do prédio.

A coisa toda treme e quase perco o equilíbrio, afundando na parede. Meu grito morre na minha garganta. Não posso fazer um som. Eu não posso. Sei que se fizer, ele me encontrará. Eu me agarro ao corrimão e começo a descer novamente. Outro estrondo na parede e tijolos se desmorona. A parede afunda e as escadas dão um arrepio assustador sob meus pés. Eu quero chorar quando o mundo balança para o lado.

Parte da parede cai, e eu fico boquiaberta com a vastidão do céu aberto que de repente é revelado, a menos de um metro e meio de onde estou. Bem abaixo, posso ver as ruas quebradas e cobertas de vegetação da Velha Dallas e os outros prédios dizimados nas proximidades, espetados como espinhos pontiagudos.

O ouro passa rapidamente. Ouço o bater de asas. Eu me inclino para frente, tentando ver onde o dragão está. Meu coração está batendo tão selvagem no meu peito que tenho certeza que ele pode ouvir.

Uma sombra cai sobre o buraco e, no momento seguinte, um enorme olho preto e dourado verifica a escada.

Eu tropeço para trás, ofegante. Assim como eu, o olho se concentra em mim, e outro rugido ensurdecador sacode o prédio. Meu pé desliza pelas escadas cheias de lixo, e eu meio deslizo, meio caio, saltando para o patamar em uma chuva de fragmentos de tijolos e paredes de alvenaria. Dor bate no meu corpo e eu me esforço para voltar a ficar de pé. Meu tornozelo dói muito, minhas costelas terão novos machucados pela manhã, estou coberta de poeira e folhas secas, mas estou longe do dragão. Por agora. Preciso encontrar um local seguro para me esconder. Algum lugar. Qualquer lugar.

Eu manco o próximo lance de escadas, e há uma porta lá. Minhas mãos estão tremendo quando puxo a alça, mas ela não se move. Em algum lugar próximo, o dragão solta outro rugido furioso, e o prédio treme de novo. Eu abro a porta e continuo indo para baixo. Pensei que as escadas estavam seguras antes porque o dragão era muito grande, mas agora eu me sinto como um rato preso em um labirinto. Estou tremendo de medo enquanto continuo para baixo. Nenhuma escolha a não ser continuar.

Viro a esquina no próximo lance de escadas, esperando por outra porta. Meu coração afunda com a visão diante de mim.

A frágil escadaria desmoronou, deixando apenas um buraco para pelo menos dois lances de escada. Não há nada além de ar vazio e outro vislumbre de escadas de concreto, muito abaixo. O vento rasga o buraco, bagunça meu cabelo e afastando qualquer respiração que me resta.

Eu não posso continuar. Estou presa. Eu olho de volta pelo caminho que vim.
Eu vou ter que voltar, dar uma chance a porta.

O dragão atinge o prédio novamente.

Sob meus pés, o chão geme e se move. As escadas desmoronam, e então não há nada.

— Não! — Meu grito ecoa alto na escada.

Como se em resposta, o dragão ruge novamente.

Eu me esforço para entender algo enquanto deslizo impotente em direção ao buraco tão perto. Meu corpo raspa em um longo pedaço de vergalhão que se destaca do concreto agora quebrado. Eu consigo agarrá-lo, e quando paro quase caio novamente. De alguma forma, porém, eu seguro, e isso me salva de voar sobre a borda do prédio.

Minha bunda nua está no ar. Minhas pernas estão no ar, e minhas mãos suadas estão segurando a única coisa que está me impedindo de me tornar um respingo na calçada abaixo.

Oh Deus. Oh Deus. Oh Deus.

Eu agito minhas pernas, procurando por algo - qualquer coisa - para pisar. Minhas mãos estão escorregadias e não vou aguentar por muito tempo. Um soluço sai da minha garganta enquanto o prédio geme e tudo parece se mexer um pouco mais.

— Não! Socorro!

Não há ajuda, no entanto. Meu aperto escorrega e então eu estou voando pelo ar.

Grandes garras escamosas envolvem meu torso meio segundo depois. Eu bato nas escamas duras da mão dele. Mão. Garra. Tanto faz. Enrola-se ao meu redor e não corro mais risco de me tornar uma panqueca de pavimento.

Agora estou apenas em um novo tipo de perigo.

Eu suspiro - não tenho certeza se vou respirar de novo o suficiente - e puxo as garras apertadas em volta da minha cintura. Minhas pernas balançam livres, um dos meus braços preso contra o meu corpo. Com a mão livre, martelo suas garras escamosas enquanto ele voa pelo ar. Um grito de alarme me escapa quando o dragão levanta suas garras em direção à sua cabeça.

Muito bem, Claudia. Você o irritou e agora ele vai te mastigar em pedaços.

Mas tudo o que ele faz é cheirar meu cabelo novamente com aquele enorme focinho. Ele lança a respiração contra o lado do meu pescoço, como se estivesse se certificando de que estou bem, e então bate as asas com mais força, ganhando ar e voltando para o topo do prédio.

Bem atrás de onde começamos, exceto que agora estou ainda mais ferida, imunda e sendo abraçada por um dragão. Eu poderia apenas chorar.

O dragão voa de volta para a área aberta no topo do prédio onde ele me encontrou. Ele pousa, me embalando perto de seu peito enorme e escamoso. Ele dobra suas asas cuidadosamente contra seu corpo, exatamente como um pássaro, e então me coloca suavemente no chão na frente dele.

Então ele se agacha, esperando. Sua cauda agita-se. Seu olhar de ouro sobre ouro está focado inteiramente em mim.

Não me atrevo a me mexer. De olhos arregalados, olho para ele, esperando. Eu estou meio que esperando que ele mexa sua bunda como um gato pronto para atacar. A escadaria não está muito longe, mas não adianta fugir, pelo menos não nessa direção. Eu só ficaria presa. Tento pensar em outras opções e fico em branco, exceto por uma - me arremessando para o lado do prédio. Eu olho para o céu aberto logo após o dragão e reprimo um arrepio.

Eficaz, mas não exatamente o resultado que quero. Eu quero viver.

O dragão rosna baixo em sua garganta, me assustando. Meu olhar volta para ele, e enquanto eu assisto, ele arqueia as costas e se transforma. A velocidade disso é de tirar o fôlego. Antes que eu possa piscar meus olhos, ele é humano novamente. Pelo menos, principalmente humano. Ele ainda tem aqueles pequenos chifres nas têmporas e o padrão de escamas mosqueadas em sua pele dourada. Ele se levanta, seu corpo bonito e perfeito desenrolando, todos os seus dois metros. E ele se move para ficar bem na minha frente, olhos dourados piscando.

Ele levanta a mão para mim.

— Não.

CLAUDIA

Não?

Não o quê?

Eu olho para ele surpresa.

— Como assim não?

— Não. — ele diz de novo devagar. Ele diz isso com uma inflexão incomum, como se ele estivesse provando e achando estranho.

— Não.

Então ele olha para mim, esperando.

Ele está papeando comigo. Eu disse que não e ele se lembrou disso. Na verdade, eu disse “*Não.*” para ele há pouco tempo. Não deveria ser surpreendente que ele tenha pego. Ele provavelmente não sabe o que isso significa. Em um palpite, eu ando para a escada novamente.

— Não. — ele repete, e há uma nota de aviso lá.

Tudo bem, talvez ele saiba o que ele está dizendo. Eu coloquei um sorriso brilhante — *Quem eu?* — no meu rosto. Este é apenas outro captor. Em vez do prefeito gordo, recebo um dragão. Tudo bem. Eu vou ter que lidar com isso.

— Tudo bem, então, vamos jogar o jogo do não.

Ele inclina a cabeça, tentando decifrar o que estou dizendo, e depois dá um passo à frente.

— Não. — eu digo, colocando a mão para detê-lo.

Ele para onde ele está e se agacha, o olhar ávido e faminto em seus olhos se fixa em mim.

Ai. Ele está realmente nu. Eu mudo minha mão um pouco mais para baixo, deixando bloquear sua anatomia da minha vista. Quando ele se senta assim, bem, é fácil ver que ele está animado. Mais do que um pouco animado. O homem tem uma constante ereção ao meu redor? Nossa.

— Então, ei, você fala inglês?

Suas sobrancelhas caem e ele se concentra.

— Sohay... du... ewww... spek... Ayne-glehs. — Sua boca se move sobre as palavras lentamente, com grande exagero. Eu reparei que ele tem um par de grandes presas, como um vampiro. Ou você sabe, como a forma de dragão dele.

Bem, não é tão reconfortante.

— Eu estou supondo que é um não.

— Não. — ele repete.

— Certo. Não. Polegares para cima. Eu faço o gesto.

— Nós já temos essa parte acertada. Então eu acho que se você não fala inglês, eu não posso perguntar se você vai me matar e me comer antes ou depois de você me estuprar.

— Estuprar. — ele diz, testando a palavra.

Ah, merda. Ele teve que pegar essa palavra?

— Sem estupro. — digo a ele. — Não. Estupro é ruim.

Seus olhos se estreitam e percebo com uma facada ansiosa que ele não me entende de forma alguma. Ele adivinhou — não — neste momento, mas — estupro — pode ser — picles — por tudo que ele sabe. E quanto mais palavras eu cuspi para ele, mais agitado ele está ficando. Ele fica de pé novamente, movendo-se um pouco mais perto em um movimento lento e constante, olhando atentamente para mim. Eu sei que se eu tentar fugir novamente, ele vai me pegar.

Estou presa aqui.

OK. Se for isso com o que eu tenho que lidar, então vou lidar com isso. Ele não está me comendo, então isso é uma vantagem. E ele me libertou das correntes, o que é outra vantagem. Talvez ele não queira me machucar, afinal. Eu olho para a cabra morta. Não é uma visão tranquilizadora. E quando solto minha mão, vejo sua ereção gigante novamente, lembrando-me que só porque o dragão não me comeu não significa que ele é seguro.

Tudo bem então. Hora de fazer um amigo.

Eu penso em como vou abordar isso. Não quero assustá-lo, com certeza. E não quero que ele pense que estou muito interessada. Eu dou uma olhada em seu corpo nu, apenas no caso de estar imaginando coisas. Talvez seja uma excitação causada por nervosismo. Exceto não, sua ereção não diminuiu nem um pouco. A coroa grossa e pesada de seu pênis está molhada com pré-sêmen.

Definitivamente não é uma excitação de nervoso.

Ele faz um estrondo baixo em sua garganta, selvagem e animalesco. Assustada, eu encontro seu olhar e percebo que ele me pegou checando seu corpo. E ele gosta disso. O olhar em seus olhos se tornou predatório, e eles voltaram ao preto novamente, o que me preocupa. Preocupa-me ainda mais quando ele começa a rondar lentamente em minha direção.

Pense rápido, Claudia, ou você vai acabar de costas para aquele dragão-homem.

Eu bato no meu peito rapidamente.

— Eu sou Claudia.

Ele para. Graças a Deus. Sua testa franze enquanto ele tenta processar minhas palavras. Ele fica de pé, se alongando. Ele dá um passo em minha direção e gesticula para a boca, como se estivesse querendo que eu falasse de novo.

Tudo bem, comunicar é mais importante que sexo. Isso funciona. Eu bato no meu peito novamente e falo lentamente. — Clauuudiiiiiaa

Olhar fixo nos meus lábios, ele repete isso. Ou tenta.

— Clauuudia

— Garra-dee-uh.

Sua boca repete. — Clau-dia.

Perto o suficiente. Eu sorrio e aceno, gesticulando para mim mesma.

— Claudia. — Então eu gesticulei para ele.

Ele não está interessado em falar sobre si mesmo embora. Seu olhar negro se move sobre meus membros nus, e o estrondo baixo começa em sua garganta novamente. — Clau-dah. — ele diz, e é praticamente um ronronar. Poderia jurar que seu pênis se contorce quando ele diz meu nome também.

Uau!

Eu sorrio brilhantemente para ele novamente.

— Claudia. — Então eu aponto para ele de novo e de novo pela segunda vez, esperando que isso passe a mensagem.

Os olhos do homem-dragão voltam para o ouro profundo, o que me faz suspirar de alívio. Eu acho que isso significa que ele está feliz. Ele coloca uma grande mão com garras no peito e bate nela.

— Kael. — A sílaba é rápida e difícil, quase como uma versão gutural de — Kyle. — Repito para ele.

Prazer explode em seu rosto, e eu poderia jurar que o homem praticamente ronrona em resposta. Ele se aproxima um pouco.

— Clau-dah Kael. — diz ele em voz baixa e rica, e se aproxima mais uma vez.

Eu recuo quando me deparo com uma parede. Presa como um rato. Droga. Ele se aproxima, e eu fecho meus olhos, esperando que ele só me dê um amigável abraço de dragão de algum tipo.

Eu sinto o calor do seu corpo nu pressionando contra o meu. Ele está escaldante, esse dragão. Não é surpreendente, dado que ele respira fogo, mas sentir isso contra mim é surpreendente.

— Clau-dah. — ele murmura naquela voz baixa e retumbante, em seguida, se inclina e cheira meu cabelo, praticamente me acariciando.

Eu permaneço totalmente imóvel, sem saber o que fazer.

Suas garras arrastam pelo meu cabelo emaranhado, e quando eu abro meus olhos, vejo que ele tem um olhar fascinado no rosto. Seus olhos são dourados, então eu relaxo. Seu toque é gentil o suficiente e seus olhos estão calmos. Talvez ele não perceba que está me assustando. Que as pessoas não entram no espaço pessoal uma da outra assim. Ele é um dragão. Talvez eles façam as coisas de maneira diferente.

Perto dele assim, ele parece muito mais humano. Parece ter a minha idade, o rosto sem rugas. O aroma picante dele é agradável, e a forma que aparece sobre a minha parece humana o suficiente. Sua pele dourada não é escamosa, mas mais manchada. É curiosamente atraente, e eu quero tocá-lo para ver como é, mas tenho certeza que ele aceitaria isso como um convite para fazer mais.

Kael arrasta um punhado do meu cabelo para o nariz e inala bruscamente, as narinas dilatadas. — Clau-dah. — ele rosna e esfrega o rosto contra o meu pescoço.

Isso... Parece que as coisas simplesmente foram um pouco longe demais. E quando ele levanta a cabeça, vejo que seus olhos ficaram pretos novamente.

— Você está me assustando. — sussurro.

Quando falo, sua atenção volta para a minha boca. Suas garras roçam meus lábios, fascinados. Estou aliviada que seu toque seja gentil o suficiente. Talvez eu precise dizer mais.

— Assustador. — Eu digo, não totalmente certa de como transmitir isso. Eu decido tremer e me amontoar, exagerando os movimentos. Eu me encolho como um cachorrinho e depois aponto para ele.

— Kael assustador. — E eu tremo novamente por uma boa medida. Não é difícil de fazer, considerando que seus olhos são negros enquanto ele esfrega meu cabelo contra sua bochecha.

Mas uma vez que eu aponto para ele, a compreensão aparece em seu rosto. Ele pisca para mim, e o preto sai de seus olhos, retornando ao ouro.

— Clau-dah... não?

Oh! Graças a deus. Ele entende.

— Não. — Concordo, e coloco uma mão em seu peito para afastá-lo.

— Não? — Ele morde a palavra.

O medo se acumula na minha barriga, mas eu preciso fazê-lo entender. — Não.

— Minha voz está um pouco vacilante.

— Assustador.

— Clau-dah não. — Kael ecoa, sua voz cheia de raiva. Ele vai para longe de mim tão rápido que eu tenho que abafar o meu grito de medo. Ele corre para longe, furioso através do quarto, e então para, de costas para mim. Enquanto eu assisto, ele aperta seus punhos com garras. Seus grandes ombros se levantam, como se ele estivesse tentando se conter. O grunhido baixo começa em sua garganta novamente, e ele joga a cabeça para trás, dando lugar a um rugido de fúria, tão alto que sacode o vidro das janelas.

Eu desmorono onde estou me apertando em uma pequena bola de medo. Eu envolvo meus braços em volta da minha cabeça de forma protetora, e lágrimas de medo escorrem pelas minhas bochechas. Estou com tanto medo que não consigo me mexer.

Eu o deixei louco.

Ele segura meu destino na palma de sua mão quase humana e eu o deixo louco.

Mau movimento, Claudia.

Kael

Clau-dah.

Ela tem um nome. Minha companheira tem um nome. Eu repito para mim mesmo, uma e outra vez, e isso ajuda a manter a escuridão na baía.

Clau-dah. Clau-dah.

Eu alcanço a mente dela, para me conectar com ela, como faço com outros drakoni. Não há nada lá, apenas silêncio.

Eu fecho meus olhos, lutando contra a raiva que queima através de mim. É uma raiva impotente, uma raiva sem foco. Eu sei disso - como veneno em minha mente, isso destrói todo pensamento e não me deixa nada além de um animal rosnando. Eu não posso ser assim ao redor de Clau-dah, porque ela já está com medo de mim. Tenho que cortejá-la, cortejá-la com carícias e presentes de boa comida. Eu não posso deixar a loucura nublar minha mente.

Meu motivo de existir se agacha por perto, tremendo. Para ela, devo ser forte.

Então eu digo o nome dela novamente, cantando em minha mente. Clau-dah. Clau-dah. Se não pode me ouvir, ela vai quando eu reivindicar ela como minha companheira.

Eu olho para ela. Eu posso sentir o medo saindo dela em lençóis, substituindo meu próprio aroma almiscarado de excitação. Eu quero tocá-la novamente. Tocar seu sedoso cabelo macio, sua pele pálida. Ver seus estranhos olhos verdes brilharem de prazer. Eu quero que ela receba meu toque em vez de me afastar.

Clau-dah não é como outras companheiras de dragão. As fêmeas da minha espécie são agressivas. Se elas desejam ser cortejadas por um macho, elas ficam vermelhas e o atacam para determinar se ele é digno de acasalar. Depois de muitas batalhas prolongadas, se o macho conquistar a fêmea, ele ganhará os privilégios de acasalamento. O vínculo mental será formado e eles formarão um forte par de caçadores, não importando a forma de duas pernas ou quatro.

Alguns drakoni preferem a forma de duas pernas, porque permite um pensamento mais claro.

Pelo menos, acho que foi assim. Minhas lembranças são desordenadas, não mais coerentes nesta nova e estranha terra onde tudo provoca a loucura. Eu não posso discernir meus sonhos da realidade. Não mais.

Eu odeio isso aqui, odeio tudo sobre isso. Os estranhos e feios edifícios de metal, o fedor dos céus. As duas pernas que se precipitam sobre tudo e atacam com bolas de fogo. Eu odeio tudo, e o desejo de destruir e conquistar se contorce como uma cobra no meu intestino. Mesmo agora, só de pensar nisso me alerta com a fome de atacar, de voltar para a forma de batalha de quatro patas e causar estragos.

Exceto... que minha fêmea está bem aqui.

Eu me viro para olhar para ela novamente. Suave. Vulnerável. Frágil. Suas mãos percorrem suas bochechas e a curiosa umidade ali. Seu cabelo é um emaranhado brilhante em torno de sua cabeça, o lindo tom vermelho que meu tipo ama tanto. Seus grandes olhos verdes olham para mim com desafio, mesmo quando ela se inclina para trás.

Isso me faz sorrir. Ela está tentando ser corajosa.

Eu não a culpo por seu medo. É a raiva. Ela me consumiu como tem consumido todo o meu povo, desde que os céus se abriram e nos levaram a este lugar estranho e terrível. Saber que ela está aqui parece criar uma âncora para a sanidade. Com uma companheira, a raiva se dissipará. Quando eu acasalar,

nossas mentes se ligarão, e a estrela brilhante dela no vazio negro dos meus pensamentos me manterá são para sempre.

Eu tenho fome disso, quase tanto quanto tenho fome dela. Abaixei-me para acariciar meu pênis dolorido, pensando em Clau-dah debaixo de mim. A sensação é incrível e eu rosno baixo na minha garganta. Eu estive em forma de batalha por muito tempo, e isso é um prazer apenas pela forma de duas pernas. Já faz tempo demais desde que toquei uma fêmea, e sinto vontade de fazer Clau-dah usando sua pequena mão sobre mim assim.

Clau-dah dá um pequeno e abafado ruído de alarme.

Eu imediatamente tiro minha mão do meu pau. Eu quero dizer a ela que ela está segura. Que nunca vou tocá-la enquanto ela estiver com medo de mim. Que ela é minha companheira, e desejo nada mais do que cuidar dela e protegê-la deste mundo duro e horrível para o qual eu fui exilado.

Mas eu não posso falar com ela, ainda não. Suas palavras são estranhas e ainda não temos um vínculo mental. Nós não vamos até nos acasarmos. Até lá, devo ser paciente e falar as poucas palavras de sua linguagem que conheço.

— Clau-dah, não. — tranquilizo ela. — Não. — Eu não vou tocar em você até que você tenha fome de mim tanto quanto eu tenho fome de você.

Ela não entende o que estou dizendo para ela. Sua expressão ainda está cheia de desafio mascarando seu medo. Ela estava com medo do meu presente de carne fresca também.

Clau-dah estava tão assustada que não assumiu sua forma de batalha. Talvez os humanos aqui não tenham uma. Isso poderia explicar por que eles morrem tão

facilmente e se assustam o tempo todo. Se eu não tivesse forma de batalha, olharia para a vida de maneira muito diferente também.

Mas... talvez seja por isso que eles não estão enlouquecidos e meu povo está.

Isso não importa. Eu vou ganhar Clau-dah alimentando-a. Ela vai perceber quando eu a alimentar que ela é minha companheira, e então ela vai relaxar.

Eu ando em direção ao animal morto e o examino. Menos que um bocado na minha forma de batalha, mas muito para comer para qualquer criatura de duas pernas. Parece saboroso o suficiente. Eu me inclino e uso minhas garras para abrir bem a barriga e expor os órgãos.

Clau-dah faz um barulho que não parece apreciação.

Talvez ela pense que eu não compartilharei as partes mais ternas com ela? Ela pode ter todos elas. Deslizando minha mão nas vísceras, puxo o fígado e o seguro para minha companheira, ainda molhado de sangue quente.

Seus olhos verdes se arregalam e ela faz uma careta, depois sacode a cabeça.

— Não!

Não? Há essa palavra novamente. Eu franzi a testa. Ela não percebe que um companheiro oferece a sua mulher os melhores pedaços de uma matança? Ela não percebe que isso é para comer? Eu dou uma mordida no gotejamento do órgão, aproveitando o jorro salgado dele na minha boca, e então o seguro para ela novamente.

Ela ofega, pressionando a mão nos lábios.

Ainda não? Ela não está com fome? Confuso com a reação dela, dou outra mordida no delicioso fígado, observando-a. Ela não quer o presente dela porque é de mim? Ou ela não entende que é um presente? Os seres de duas pernas aqui neste lugar feio não alimentam seus companheiros? Cuidam deles?

Ou... ela está se recusando porque ela já tem um companheiro?

Eu rosno baixo com o pensamento, furioso. Clau-dah é minha. Eu vou lutar por ela. Quem quer que seja seu companheiro, ele não é digno dela. Apenas o pensamento de outro macho tocar minha parceira escolhida faz minhas asas se incendiarem, e eu sou empurrado de volta para a minha forma de batalha imediatamente.

Ninguém pode tê-la.

No canto, Clau-dah grita de angústia.

Isso me deixa ainda mais furioso. Não importa o que eu faça, minha companheira está apavorada. Ela nunca abordará meu presente de comida agora. Estou mais longe de ganhar sua confiança do que nunca. Raiva negra nubla meus olhos, e minha respiração se acelera com fúria.

Clau-dah, eu me lembro. Penso em seus olhos verdes. Sua nuvem de cabelos ruivos.

Lentamente, a raiva ardente desaparece da minha mente. Eu devo estar calmo. Não devo desistir. Não se quiser reivindicar minha companheira. Usando minhas garras, arranco uma coxa da matança e me aproximo da minha companheira. Eu deixo cair na frente dela como uma oferta e espero.

CLAUDIA

Eu olho a perna de cabra sangrenta que foi jogada na minha frente com repulsa. O dragão está pairando nas proximidades, seu olhar atento a mim. Eu não sei o que é mais surpreendente - que ele simplesmente voltou para a forma de dragão em um piscar de olhos ou que ele está me oferecendo uma carcaça.

Está claro que ele quer que eu coma isso. Imaginei o momento em que ele arrancou uma grande mordida do fígado e depois me ofereceu o sangue escorrendo pelo queixo.

Mesmo com tanta fome quanto eu estou, não sou fã de carne crua.

Carne é uma raridade na maioria das vezes agora. No pós, é muito mais sensato manter uma vaca viva por leite ou galinhas por ovos, em vez de carne. Não que eu receba ovos ou leite também. Existem algumas fazendas nas bordas de Fort Dallas, mas os rebanhos são pequenos para que possam ser facilmente protegidos quando os dragões aparecem, e a carne é um prêmio... A menos que seja rato ou esquilo. Eu comi meu quinhão daqueles nos últimos anos.

Cabra é algo novo. E realmente, é grande e suculento e eu posso comer o meu suprimimento. Eu não comi uma refeição real em dias, e talvez seja por isso que eu estou considerando aquele grande pedaço de carne crua.

É bom que ele esteja tentando me alimentar, eu acho. Isso significa que ele não quer me comer. Levaria muito tempo para me engordar o suficiente para fazer mais do que um pedaço para um dragão. Meu medo diminui um pouco. Foder sim. Comer, não.

Até mesmo isso eu estou pensando.

Está claro que ele está atraído por mim - graças ao fato de que ele não tem calças - mas ele para toda vez que digo não. Isso o torna melhor que, oh, a maioria dos homens em Fort Dallas. Eu lentamente me solto do meu agachamento protetor e olho o dragão que paira nas proximidades, esperando. Ele me observa como um falcão, mas seus olhos são dourados. Isso é um bom sinal.

Ele se inclina e move a perna do animal em minha direção.

Definitivamente quer me alimentar.

Por que eu, embora? Por que eu de todos os seres humanos que foram mortos por dragões depois de todo esse tempo? O que me faz especial? O que é tão diferente que ele não está me matando imediatamente, mas quer me alimentar em vez disso?

Eu estou com fome também. Realmente com fome. Antes da minha prisão, estávamos sem dinheiro e sem comida. Eu vendi o que pude para comprar comida para a Amy, mas no final, eu só consegui comprar algumas barras de proteína velhas de um comerciante em troca da última bateria para a nossa pequena lanterna. Eu tinha elas para Amy, e procurando algumas refeições por conta própria, fazendo trabalhos estranhos para o único bar de Fort Dallas. Eu

recebi ofertas da Blowjob Becky para me juntar ao seu grupo de prostitutas, já que esse é o único lugar onde uma garota consegue um emprego estável. Eu recusei na época, mas depois de alguns dias de fome, estava começando a parecer uma opção.

Então, claro, eu fui presa.

Em toda a realidade, a prisão não foi tão ruim. Eles me alimentavam com mais frequência do que eu me alimentava - uma vez por dia. Se não estivesse tão preocupada com Amy, provavelmente teria gostado mais dessas tigelas de aveia. Pensar nelas agora me deixa com fome.

Estou sempre com fome.

Ele cutuca a perna de cabra na minha frente novamente, e eu decido que precisamos conversar sobre comida — crua — e depois talvez tentar comer essa coisa sangrenta.

— Kael — eu digo baixinho. — Podemos conversar?

As orelhas do dragão estalam, e sua enorme cabeça se aproxima tão perto que eu suspiro e caio para trás, assustada. Ele só espera, porém, grandes pupilas douradas em alerta.

Eu aponto para a perna de cabra.

— Eu vou comer isso, mas não cru.

Ele me estuda e depois estuda a perna de cabra. Então ele olha de volta para mim, esperando.

Tudo bem, não estamos chegando a lugar nenhum rápido.

— Eu gostaria que você mudasse de volta. — murmuro para mim mesma. Por alguma razão, parece mais fácil ter uma conversa com ele quando seu olho não é do tamanho de um pneu e olha diretamente para o meu rosto.

— Essa coisa está crua e sangrando. Eu preciso disso cozido.

Sem resposta. Os grandes olhos piscam, esperando.

OK. Isso não está funcionando. Eu mastigo meu lábio, pensando, depois tento outra tática. Olho para o dragão para ter certeza de que ele não vai pular em mim e, em seguida, pego a perna de cabra e a puxo em minha direção.

Ele não se move. Tudo o que ele faz é me observar, olhar atento.

Tudo bem então. Eu examino a perna de bode enquanto eu a puxo para mim. Há um pedaço de pele esfarrapada - escondida – pendurada de onde ele arrancou do corpo da cabra. Eu engulo em seco. Eu não sou uma total imbecil. Eu vi - e comi - muitas coisas nas terras do lixo. Eu assisti as pessoas vestirem eles. Eu peguei esquilos e os levei para vender para fazer os guisados, porque comer isso significava jogar fora dinheiro. Eu os vi esfolarem os bichos e prepará-los para as refeições. Eu apenas... nunca tive que esfolar minha própria carne. Nunca tive a oportunidade.

Eu acho que agora é uma grande oportunidade. Ou alguma coisa. Tudo bem. Eu limpo minhas mãos e olho em volta, procurando por algo para usar como uma faca. Há cacos de vidro quebrado não muito longe, e eu vou pegar um.

O dragão está imediatamente ao meu lado, empurrando na frente das portas para a escada. Chamas negras em seu olhar.

— Acalme-se, cara grande. — digo a ele, e ousou acariciar seu nariz. — Eu estou apenas procurando alguns materiais de cozinha, ok? Eu aprendi minha lição. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Ao som da minha voz suave, os olhos brilham de novo e ele esfrega contra a minha mão, como se quisesse que eu tocasse mais nele. Sim, ainda não estamos tão perto. Dou-lhe outro tapinha superficial, e depois, com movimentos lentos e exagerados, pego um pedaço de vidro do tamanho da mão. Eu o olho para ver se ele vai reagir ao fato de que eu peguei uma arma, mas Kael parece calmo. Eu considero a lâmina improvisada na minha mão. É extremamente afiada em uma borda, e estou muito perto de Kael, de cabeça baixa. Eu poderia esfaquear um daqueles globos oculares do tamanho de um pneu e...

E então o quê? Fugir depois de feri-lo? Correr para onde? A escada está completamente destruída. Goste ou não, esse dragão é meu único caminho para sair do prédio. Eu acho que é bom que ele queira ser amigo.

Ele cutuca a perna em minha direção novamente e depois me encara.

É como se ele quisesse mesmo cuidar de mim. Certo, isso é oficialmente estranho. Eles me disseram para domar o dragão, e eu pensei que era a coisa mais louca que eu já tinha ouvido falar. Só que agora... Não tenho tanta certeza.

Kael não está agindo como os outros dragões. Os dragões gostam de interagir com humanos, um por vez? Essa é a chave? Se chegarmos perto o suficiente de um dos grandes, assassinos brutais e conseguir um sozinho, podemos ser amigos?

Talvez este não seja um plano tão maluco, afinal. Talvez não seja uma morte certa. Sou uma grande fã da morte incerta versus a certa.

Usando a lâmina de vidro, eu tiro o pelo da perna da cabra o melhor que posso. É nojento, um trabalho sangrento, e eu não tenho nada para limpar minhas mãos. Estou nua, e o vestido com que me deixaram? Está aqui em algum lugar, mas estou muito suja para colocá-lo. Eu certamente não quero ter sangue de cabra sobre ele, então eu só limpo minhas mãos na pele como eu posso e espero que eu não esteja espalhando muitos germes.

Bom, a maior parte está pelada e quase parece como carne regular. Quase. Eu endireito e admiro a minha obra. Nada mal. Agora, se eu puder convencê-lo a assá-lo, pode não ser uma refeição ruim.

Eu olho para cima em Kael.

— Eu não suponho que você é um daqueles dragões que respiram fogo, não é? Ou são apenas os vermelhos?

Ele me observa atentamente e então coloca as narinas no meu cabelo.

Eu empurro a cabeça dele para longe.

— Agora não. Estou tentando me concentrar. — Eu olhei para ele.

— Eu não acho que eu poderia dizer-lhe para mudar de volta para que possamos conversar?

Nada.

Eu dou uma tapinha na perna de cabra crua.

— Cozinhe isso, por favor. — Quando isso me leva a lugar nenhum, eu tento fazer sinais. Eu tento fazer como se estivesse cuspiendo fogo em direção à carne, (ou, ok, um espirro realmente grande). Então eu aponto para ele.

— Você cozinhá-lo com fogo. Por favor.

A grande cabeça se inclina, e então ele solta um pequeno jato de chamas de suas narinas. É tão perto da minha cabeça que eu grito e corro para trás, batendo no meu cabelo.

Tudo bem. Isso foi um pouco alarmante, mas estamos chegando a algum lugar. Eu aceno com entusiasmo e gesticulo para a carne. — Sim! Cozinhar!

No meu tom encorajador, ele sopra um jorro maior de chamas, queimando a perna. Ele estala e a gordura chia, o cheiro de carne carbonizada enchendo o ar. As chamas terminam tão rapidamente quanto elas irromperam, e ele olha com expectativa para mim novamente, fumaça escorrendo de suas narinas.

Eu me movo para frente, colocando a mão em seu focinho como um aviso para não me fritar e verificar a carne. Ainda crua por baixo da camada superior. Eu me afasto novamente e gesticulo para ele — cozinhar mais uma vez. Ele faz, e depois da segunda rodada, eu verifico novamente. Ficou chamuscado, mas não está de todo mau. Eu cavo meus dedos na carne e tiro uma longa tira,

mastigando pensativamente. Sucos correm em minha boca e fecho meus olhos para o gosto celestial. Esta é a primeira carne real e fresca que eu já comi. Não sei há quanto tempo. Não importa que seja cabra. Não importa que tenha sido assada pelo dragão.

É incrível.

Eu quero encher minha boca e comer até ficar doente, porque quem sabe quando eu vou ter outra chance de ter tanta comida fresca? Eu dou a Kael um sorriso radiante e estendo a mão para acariciar seu nariz.

— Obrigado. Isto está perfeito.

Ele desce no meu cabelo e sua língua roça no meu pescoço. Quando eu o afasto, vejo que seus olhos estão negros.

Ops. Eu sei o que isso significa. Eu pego a carne e me afasto, dando-lhe um olhar cauteloso. Ele pisca e seus olhos voltam para o ouro. Bom. Ele não me segue para o meu novo lugar também. Também é bom. É como se ele soubesse que precisa recuar quando ultrapassar a borda. Isso me faz relaxar um pouco. Contanto que eu possa reconhecer quando ele está prestes a se soltar, posso impedir que isso aconteça.

Então eu como. Cabra assada é a melhor coisa que eu já comi, então eu como o máximo que posso e depois empurro. No momento em que o faço, ele devora o restante. Ossos trituram, e então ele olha para o resto da carcaça do bode e depois volta para mim.

Eu aceno com a mão e balanço a cabeça.

— Não mais para Claudia.

Ele parece entender isso e come o resto da cabra de uma só mordida.

Maneira fácil de livrar uma bagunça, suponho. Eu procuro por algo para limpar minhas mãos, mas não há nada limpo. Estou com sede também, mas suponho que seja um problema que possa ser resolvido mais tarde. O sol está se pondo e estou começando a ficar com frio. O vento está subindo e resfriando minha pele nua. Eu encontro o frágil pedaço branco de tecido que foi o meu vestido e o envolvo em volta dos meus ombros, enrolando em um canto. Com comida na minha barriga, estou de repente exausta. Eu estou cansada, eu acho. Passei a maior parte do dia totalmente aterrorizada e agora me sinto esgotada.

O que quer que Kael queira comigo, ele me quer viva. Isso é óbvio. Eu pareço ser sua prisioneira, desde que eu não posso descer deste prédio. Eu me inclino para trás contra um pedaço quebrado de parede e suspiro. Eu estou melhor onde estou, por agora. Um bocejo me escapa e eu o abafo com a mão.

O movimento chama a atenção do dragão e a grande pata de Kael se estende para mim. Eu endureci quando ele se enrola em volta de mim, mas ele só me puxa contra seu peito e se acomoda no chão. Ele me embala entre as pernas dianteiras e abaixa a cabeça.

Eu ainda tenho o pedaço de vidro que eu usei para cortar a cabra. Eu posso atacá-lo. Eu posso tentar forçar uma fuga. O desejo de lutar não me abandonou.

Mas ele está sendo gentil comigo. Seu peito escamado é quentinho como uma fornalha, e as terríveis garras são tão cuidadosas para não me machucar. É como se ele soubesse que eu sou frágil e está tomando cuidado extra para ter certeza

de que estou segura. E é estranho, mas sinto uma pequena e estranha sensação de quão cuidadosamente perto ele me segura.

Cara, eu devo realmente estar carente se eu gostar que um dragão esteja me abraçando.

Então, novamente, talvez eu não devesse me surpreender à vida no Depois é difícil e desagradável. Ninguém é carinhoso, porque confiar em alguém pode te matar. Qualquer um que lhe dê atenção provavelmente tem um objetivo. O último namorado que eu tive tinha roubado toda a comida que eu tinha cuidadosamente guardado, e depois disso, eu nunca tive outro relacionamento. Eu tenho Amy e Sasha, mas admito que às vezes seja solitário. Às vezes é difícil ser quem está no comando, aquele que todo mundo procura para fazer as coisas certas novamente.

Talvez seja por isso que eu goste do abraço do dragão, não importa o quão ridículo pareça. O controle foi tirado de mim. Tudo o que tenho que fazer é dormir e deixar que alguém cuide das coisas.

Mesmo que seja um dragão.

Depois de um momento de hesitação, relaxo contra ele e fecho os olhos. Pelo menos ele está quente. Meu braço roça uma enorme garra e me lembro do quão grande e assustador ele é. Como um movimento errado pode me rasgar um membro. Talvez afagos de dragões não seja uma boa ideia, afinal de contas. Estou um pouco tensa ao me acomodar na minha cama. Não vou dormir, é claro. Eu vou ficar muito apavorada. Mas pelo menos eu posso estar quente.

E no momento em que eu fecho meus olhos, eu apago.

A faint, artistic background illustration showing a dragon-like creature on the right and a person on the left, both rendered in a soft, painterly style. The dragon appears to be looking towards the person.

KAEL

Eu mal me atrevo a respirar quando Clau-dah relaxa contra mim e sua respiração acalma. É preciso cada pedacinho da minha força interior para não enterrar meu nariz na nuvem macia de seu cabelo e beber em seu perfume. Ter ela aqui, agarrada a mim, parece o maior presente. Com a mão nas minhas escamas, minha mente parece nítida e brilhante, não borrada pela loucura. Tem sido muito tempo, e eu tenho que agradecer.

Minha Clau-dah. Minha companheira.

Ela ainda tem que lutar. Acho que ela não tem nenhuma defesa, confirmando minhas suspeitas. Isso a deixa ainda mais frágil, e isso significa que devo estar vigilante em minha tarefa de mantê-la segura. Ela também não pode falar comigo com sua mente. Eu estendi a minha mão para ela várias vezes, mesmo quando estávamos juntos e não recebi nada em troca. Se ela fosse drakoni, minha mente poderia tocar a dela e poderíamos nos comunicar com um pensamento.

Mas se ela fosse drakoni, estaria tão enlouquecida quanto o resto do meu povo. Seus pensamentos seriam devorados pela raiva e pela escuridão. Estou feliz que ela seja outra coisa.

Mais do que tudo, eu sofro para reivindicá-la, para tomá-la como minha. Eu não quero nada mais do que me transformar na minha forma de duas pernas e me enrolar ao redor dela como um companheiro faria. Para abraçá-la e afundar meu pau em sua buceta quente e disposta. Mas eu não posso. Ainda não, enquanto ela ainda está com medo de mim. Eu não vou tocá-la até que ela venha de boa vontade. Até lá, vou aproveitar as pequenas alegrias. O fato de ela dormir tão pacificamente contra mim é agradável. Pensei que perderia minha sanidade mental quando ela fugisse e, naquele momento, quase me quebrei de novo. Eu quase quebrei uma segunda vez quando ela balançou na beira do penhasco estranho, mas eu fui capaz de trazê-la de volta em segurança. Minhas garras apertaram ao redor dela com medo. Tão perto de perdê-la logo depois que a encontrei.

Clau-dah faz um barulho suave durante o sono, protestando contra o meu aperto.

Eu imediatamente relaxo minhas garras novamente. Ela desloca seu peso e pressiona sua bochecha contra minhas escamas, enfiando seu pequeno corpo contra o meu. Um pequeno e cansado suspiro a deixa, e quero mordê-lo no ar e mantê-lo. Meu coração está cheio. Completo.

Eu farei qualquer coisa para manter isso. Para mantê-la.

Qualquer coisa.

CLAUDIA

Eu acordo ao som fraco de algo que me emociona e fico surpresa ao ver que o sol está claro e há pássaros cantando à distância. Eu dormi a noite toda? Apesar de estar nua imunda e embalada contra um dragão? Acho que sim. Mesmo agora, minha bochecha está descansando contra as escamas deliciosamente quentes de sua pata dianteira, e meus braços e minhas pernas estão jogados sobre ele como se ele fosse um grande travesseiro. Eu nem estou envergonhada. Dormi muito bem.

Eu me endireito, empurrando meu cabelo bagunçado dos meus olhos, e olho para o rosto do dragão. Kael está em alerta e rígido, com a cabeça erguida, os olhos mudando entre dourado e preto, observando algo no horizonte. Enquanto observo, uma nuvem de vapor sobe de uma das narinas, e sua longa cauda ataca em algum lugar bem atrás de nós, provocando escombros. Deve ser o som que me acordou.

Mas por que ele está tão agitado?

Eu permaneço imóvel, não querendo assustá-lo, e decido esperar que ele perceba que estou acordada. Ele permanece em estado de alerta, no entanto, e parece não estar prestando atenção em mim. Tudo bem. Eu sei o que fazer em

situações perigosas, eu me sento e começo a me afastar, apenas para ter uma pata com garras estendendo-se e imediatamente me agarrando, arrastando-me para perto de seu peito novamente. Eu faço um pequeno barulho de protesto e empurro uma das gigantescas garras negras, mas em vez de me deixar ir, ele faz uma gaiola com elas.

Eu não estou indo a lugar nenhum.

Meu coração começa a bater. Não foi assim que ele agiu na noite passada.

— Hum... Kael? — Eu coloquei minha mão em um dedo escamoso.

— Lembra-se de mim? Claudia? Sua melhor amiga humana?

Seus olhos continuam a girar negros, e seus lábios se curvam para trás, revelando os incisivos em forma de espada. Bem, porcaria. Eu não sei o que fazer. Como você acalma um dragão irritado quando você não tem ideia do por que ele está chateado? Eu continuo a acariciar suas escamas, tentando acalmá-lo.

— Fale comigo, Kael.

Porque conversar exigiria voltar à forma humana, e ele parece muito menos assustador em forma humana.

A cabeça grande se inclina, e ele a enfia no meu cabelo, mas as garras continuam apertadas em volta de mim. Eu acho que ele está tentando me tranquilizar, mas eu não vou relaxar enquanto ele estiver com todo aquele tom negro girando em seus olhos.

O som das vozes humanas chega ao meu ouvido. Eu endureço, imediatamente alerta. Espero o martelar no meu coração.

Pessoas! Milícia, pelos sons de suas vozes, mas eu não me importo. O Fort Dallas enviou pessoas atrás de mim e isso é tudo que conta. Eles não me deixaram. Alguém veio me salvar. Eu não fui completamente abandonada. Alegria e alívio correm através de mim, e eu empurro as garras de Kael, tentando me libertar.

Kael não me deixa ir. Ele rosna baixo em sua garganta e seus olhos estão quase inteiramente negros.

Eu tento de novo. Merda. Isso não é bom. Isso não é bom de jeito nenhum.

Eu não sei o que fazer. Eu quero ser resgatada... Mas eu não quero que Kael perca sua mente e me transforme em uma pilha de gosma humana.

— Nós só precisamos verificar as coisas. — diz uma voz, oca e ecoando do outro lado do caminho. Eu mal consigo entender, mas é a voz de um homem.

— Você viu o que o dragão fez nesse lugar. Algo aconteceu aqui ontem e o prefeito quer respostas.

Meu coração afunda nisso. Eles não estão aqui para me resgatar. Eles estão aqui para ver o que aconteceu. Não tenho importância?

— Ninguém poderia ter sobrevivido a isso. — outra voz resmunga. — Nós tivemos que escalar metade do maldito prédio tentando chegar aqui. Isso arrancou a escada.

— Sim, mas nenhum cadáver nas ruas. Isso é um bom sinal.

— A menos que ele tenha comido ela inteira.

Bem, caramba. Eles quase parecem desapontados que eu não estou em uma trilha de pedaços, morta. Como é inconveniente para eles que eu ainda possa estar viva e tenham que verificar-me. Estou começando a ficar do lado do maldito dragão.

— Verifique se ele está lá. Procure sinais do dragão ou da garota. — diz um dos soldados.

— Não haverá sinais dela —, o outro comenta. — Ela não durou mais do que duas mordidas.

Kael sopra fumaça de suas narinas, seu rosnado aumentando. Sua cauda chicoteia para frente e para trás descontroladamente, a poeira e as folhas se agitando tão alto que soa como uma tempestade de vento. Ele está agitado como o inferno, e enquanto enfia o rosto em meu cabelo respirando duramente, percebo que ele está tentando me consolar. Ele está tentando me dizer que não está com raiva de mim.

Mas esses outros caras?

Ele vai assá-los direto.

Minha pele se arrepia. Sei disso tanto quanto conheço o nariz no meu rosto. Ele vai me defender deles. Eu sou seu brinquedo agora, e se eles tentarem me levar de volta, ele vai fazer com que se arrependam. Ele vai matá-los e suas mortes estarão nas minhas costas. Eu não sei o que fazer.

Eu olho o dragão e, em seguida, a escada do outro lado da sala. No momento em que eles passarem por aquela porta, eles serão carne morta. Tenho que pará-

los antes que eles apareçam. E Kael não vai me machucar. Eu espero. Então corro um risco e coloco uma mão na minha boca.

— Não venham até aqui. — eu chamo.

— O dragão ainda está aqui e ele está com raiva!

Kael respira fundo, a entrada tão forte que meu cabelo faz barulho. Ele abaixa a cabeça até que seus olhos estão parados com o meu rosto, e está girando fundo, profundo em preto. Ah Merda.

— Desculpe. — eu sussurro, e dou-lhe uma tapinha tremendo no nariz.

— Por favor, não fique bravo.

Meu aviso parece ter o efeito desejado oposto, no entanto.

— Olá? — Um dos homens chama. — Claudia Jones? É você?

Eu abro minha boca para gritar novamente, mas o olho de Kael ainda está me encarando, e o rosnado baixo está ressoando em seu peito tão alto que eu posso sentir isso sacudindo meu corpo. As palavras morrem na minha garganta.

— Estamos indo para você. — outro soldado da milícia chama.

— O prefeito mudou de ideia.

Ele mudou? Não estou exilada? Eu prendo a respiração, chocada e satisfeita. Então vejo uma sombra se mover na escada. Ah não.

— Não suba!

Kael levanta a cabeça, apontando para o céu e anuncia um chamado. É alto, estridente e totalmente furioso. É um aviso. Até eu sei disso.

— Merda! — Um dos homens grita. Eu ouço o som de correria vindo da escada.

O dragão se ergue ficando de pé, rugindo novamente. Eu agarrei rápido em suas garras, e elas cravam em minha pele enquanto ele estendia suas asas. Eu mordo um grito quando nós nos levantamos no ar, assim como os homens correm para o chão arruinado que tem sido minha casa no último dia. Nós vamos mais e mais alto no ar, Kael rugindo sua fúria. Eu me agarro a ele, apavorada, ele me largará bem abaixo. Estamos tão alto, e eu não tenho nada para segurar, exceto por um dragão escorregadio. Tudo o que posso esperar é que ele não me deixe cair em um de seus momentos menos lúcidos.

Enquanto subimos, o edifício abaixo de nós fica menor, e vejo os homens pararem e levantarem suas armas. O que diabos eles estão fazendo? As armas são inúteis contra as escamas do dragão. Essa foi uma das razões pelas quais a humanidade não teve chance contra a invasão dos dragões.

Tiros são disparados, o rápido disparo de rifles automáticos.

Eu grito, abaixando minha cabeça e tentando protegê-la com minhas mãos. Algo quente queima no meu braço - eu fui atingida.

Eles estão atirando em mim e não no dragão?

Um rugido terrível soa no ar, tão alto que eu sinto como se meus ouvidos pudessem explodir pelo barulho de trovão. Ele sai da garganta de Kael, tão forte

que eu posso sentir isso em suas garras, e então nós estamos virando de repente no ar, mergulhando de volta para os homens com armas.

Ah não. Não, não, não e não.

Eu fecho meus olhos enquanto mergulhamos, desamparados. Eu posso sentir o vento mudar quando Kael desce. Mais balas soam.

Há um grito terrível e o barulho de ossos, e então o ar muda novamente. Estamos subindo, mais tiros de artilharia passam. Eu fecho um olho bem a tempo de ver Kael cuspir metade de um dos soldados, o corpo caindo no ar. Ele começa a girar novamente, pronto para mergulhar nos soldados restantes.

Meu estômago aperta em horror.

— Oh não. — eu gemo. — Por favor, não.

O dragão muda abruptamente de direção.

No momento seguinte estamos mergulhando nos soldados restantes. Então as asas de Kael estão batendo forte e estamos subindo de volta no ar. Ele dá outro aviso de trombeta e explode fogo no prédio. Não o suficiente para bater em alguém, apenas um show de sua ira. Eu vejo o prédio ficando cada vez menor à medida que subimos, e os soldados se transformam em formigas. A solitária bandeira vermelha bate na brisa, e eu me sinto estranha deixando-a para trás.

Kael parou seu ataque. Ele me ouviu dizer não e parou.

Eu não sei como reagir. Estou aliviada, claro, mas eu o elogio? Obrigado por apenas mastigar um soldado ao meio? Fale como se não fosse nada? Não mencionar nada? Eu acaricio sua pele escamosa, uma mistura de emoções me

rasgando por dentro. Ele acabou de matar um homem. Partiu-o ao meio. Mas ele não atacou primeiro também. Ele tinha acabado de tentar sair comigo e só perdeu a merda quando atiraram em nós.

Atiraram em mim.

Bile agitou na minha garganta, eu olho para a paisagem abaixo. Estamos no ar, Kael sobrevoando as ruínas da Velha Dallas. Lá de cima, o amontoado de edifícios é pacífico e bonito, de uma maneira desorganizada. Eles se parecem com blocos de crianças, não as ruínas de uma cidade. Vegetação serpenteia pelas bordas irregulares das ruas, rastejando sobre trilhos e preenchendo rachaduras, bagunçando as linhas perfeitas das velhas estradas. Daqui de cima, é bem legal... Se você ignorar o fato de que eu estou pendurada - nua - nas garras de um dragão assassino a mais de mil pés de altura.

Bem, eu só quero saber onde ele está me levando e como vou voltar para casa.

Nós voamos por um tempo, até que meu estômago vazio e agitado começa a protestar. Eu olho para o rosto dracônico de Kael, tentando avaliar seu humor. Seus dentes irregulares ainda estão enrolados em um meio rosnado, como se estivessem prontos para atacar. Seus olhos ainda estão totalmente negros.

Então ainda não estamos bem... Mas meu estômago também não está bom. Penso nos soldados e no modo como ele me tratou em comparação a eles. Ele não tem feito nada além de se importar comigo, mesmo quando seus olhos são negros.

Eu dou uma tapinha em sua pata dianteira, decidindo dar uma chance.

— Eu preciso descer Kael. Por favor.

Ele olha para mim, olhos de dragão rodopiando de emoção.

— Pra baixo, por favor. Sei que você não me entende, mas eu quero descer. — Eu aponto para o prédio mais próximo abaixo. Está quebrado e faltando muitas janelas, mas eu não me importo. É um lugar para se estabelecer.

Ele começa a circular, descendo, e sinto uma onda de alívio. Eu olho para cima, e parece que os olhos dele estão mudando lentamente para ouro, e então acaricio suas escamas e murmuro sobre como isso me deixa feliz, mantendo minha voz suave enquanto nos aproximamos do prédio. É uma bagunça, claro. Todo edifício da Velha Dallas está assim. O andar de cima desmoronou, revelando um labirinto de paredes e um conjunto de salas e mesas, todas destruídas e cobertas de trepadeiras. Algum tipo de escritório de cobertura? Não me importo. Eu só quero descer.

Kael pega um ponto e desce, achatando suas asas para facilitar a aterrissagem, e então às enlaça contra seu corpo. Há um enorme buraco no telhado e ele se move para baixo. Nós batemos no chão do escritório um momento depois, minha cabeça saltando contra as escamas do seu peito. Ele estende sua pata dianteira e me libera gentilmente.

Eu tropeço em alguns passos. Ok, mais como desconcertar. Mas estou em terra firme e isso é alguma coisa. Eu posso respirar mais fácil. Eu olho para Kael, e seus olhos ainda estão girando muito perto do preto, suas orelhas triangulares eretas em alerta, dentes expostos em seu rosnado. Sua cauda ataca violentamente.

Ainda furioso.

Eu tenho que acalmá-lo antes que eu possa relaxar. Eu levanto a mão e lentamente me aproximo dele novamente.

— Você pode relaxar agora, cara grande. Ninguém está aqui. Eu prometo.

Seu olhar negro se concentra em mim, e sua cauda chicoteia um pouco menos áspera do que antes. A cabeça grande desce em direção a minha mão estendida, como se procurasse meu toque.

Os olhos se concentram em mim de novo e então, enquanto observo, eles se voltam para o ouro sobre ouro. Apenas brevemente, mas sei que está tudo bem

— Eu vou tocar em você. — digo em uma voz suave. — Mas preciso daquele preto deixando seus olhos. Você pode fazer isso?

Ele bate a cabeça contra a minha mão, movimentos bruscos.

Eu me afasto, alarmada.

— Calma, ok?

— Bom. — eu acalmo. — Isso é muito bom. Você não quer me machucar, certo? Claudia é sua amiga. Você está um pouco fora de si porque os outros vieram atrás de nós com armas. Bem, vieram atrás de mim com armas.

— Você pensou que eles iam me machucar e então você entrou no modo de proteção, o que é ótimo. Mas agora estamos seguros e você pode relaxar, eu prometo. — Eu sei que ele não pode entender o que estou dizendo, mas o som da minha voz parece estar ajudando. Seus olhos estão oscilando entre preto e dourado ainda, mas agora eles são mais dourados que negros.

— Estamos bem. Claudia está segura agora. Kael está seguro.

Eu continuo falando em tons baixos e suaves, certificando-me de repetir nossos nomes para tentar acalmá-lo. Eu não tenho ideia se vai funcionar, mas os olhos dele estão lentamente ficando completamente dourados, e desta vez, quando ele empurra seu focinho contra a minha mão, procurando meu toque, seus movimentos são calmos.

A terrível tensão dentro de mim relaxa. Eu acaricio minha mão sobre seu nariz escamoso, continuando a murmurar palavras suaves de conforto. Ele não estende a mão para me agarrar com suas garras novamente. Isso é bom. Isso é progresso. Seu rabo diminuiu sua chicotada, e quando ele se inclina e toca no meu pescoço, eu sei que ele está de volta a si mesmo.

— Lá vamos nós. — digo-lhe, satisfeita com a sua resposta e com o fato de que eu fui capaz de ajudar. Sinto que estou no controle da situação para uma mudança, e não é a pior sensação do mundo.

A cabeça gigante do dragão me toca novamente, e então ele fareja profundamente. Sua enorme língua serpentina serpenteia e lambe meu braço, e isso dói como os diabos. Certo. Eu fui baleada. Estremecendo, eu me afasto e estudo a ferida. Apenas um arranhão, mas precisa ser limpo. E um dragão lambeu. Não sei o que isso vai me fazer ter uma infecção.

— Precisamos de água. — digo a ele. Talvez haja alguma neste prédio, se ele estiver calmo o suficiente para me deixar explorar.

Ele lambe meu braço novamente, desta vez com cuidado para evitar minha ferida. Eu tremo com o simples carinho, porque eu não deveria gostar disso. Eu realmente não deveria. Em seguida, ele ataca meu cabelo de novo, e o rosnado

em sua garganta se transforma em um estremecimento baixo. Sim, eu sei onde isso está indo. Ele vai ficar ligado, e então eu vou ter que acalmá-lo por razões completamente diferentes. Eu pego seu nariz com as duas mãos e o forço a olhar para mim.

— Você pode mudar para a forma humana? —

Ele olha para mim, olhos cor de âmbar dourado, o zumbido em sua garganta continua.

Pelo menos ele está feliz.

— Eu gostaria que você falasse minha língua. — digo a ele, e então tento descobrir qual gesto fará com que ele perceba que precisamos conversar. Eu coloco a mão na boca e gesticulo para falar, depois faço um homem de duas pernas com os dedos e faço-o andar.

— Duas pernas? Sim?

Kael toca as minhas mãos, e o baixo estrondo na garganta fica mais afetuoso no momento.

— Eita. Ok, bem, se você me encontrar um pouco de água e me deixar limpar-me, eu juro que vou deixar você me beijar o quanto você quiser.

Ele inclina a cabeça grande. Então suas costas se arqueiam e ele volta à forma humana mais uma vez. O homem de pele dourada se agacha no chão e se levanta todos os movimentos ágeis e o corpo lindo.

Eu estreito meus olhos para ele.

— Tem certeza de que você não fala inglês, cara grande?

Seus olhos âmbar me observam com calor e um pouco de paixão.

— Clau-dah. — ele murmura com uma voz rouca, estendendo a mão para me tocar.

E eu tremo com a promessa disso.

— Água primeiro. — digo a ele. — Eu serei muito mais receptiva quando estiver limpa.

CLAUDIA

Tentar convencer um homem-dragão super protetor de que você não vai fugir de novo não é a tarefa mais fácil. Então, novamente, nada sobre a comunicação com Kael é fácil. Toda vez que eu me afasto alguns metros, ele paira sobre mim, como se não confiasse em mim para não fugir de novo. Não posso culpar o cara - porque tentei fugir -, mas fica frustrante ter a grande cabeça pairando sobre mim constantemente. Ele não entende que estou presa com ele, goste ou não.

Eu não consigo parar de pensar nos soldados de Fort Dallas. Eles atiraram em mim quando Kael não me deixou ir. Eles estavam sob instruções do prefeito para me matar se eles não pudessem me trazer de volta? Ou eles estavam agindo por conta própria? Eu não sei, e até que saiba a resposta, não é seguro ir para casa.

Agora, Kael é a única opção que eu tenho, mesmo que isso signifique que eu não passe muito tempo sozinha você sabe, com roupas. Eu ficaria feliz com qualquer uma agora.

Eu gasto meu tempo explorando esse novo prédio, ou pelo menos o andar em que estamos. Tenho certeza que Kael não me deixará perto de uma escada

novamente. Tudo bem também. Eu meio que queimei esse privilégio. Isso parece um prédio de escritórios, e também parece que está em uma forma relativamente boa, então a catadora em mim espera encontrar algo útil, mesmo que não sejam roupas.

Eu realmente gostaria de não ficar mais nua. Ou sapatos. Sapatos seria legal. Penso no longo vestido e rasgado que foi deixado para trás no último edifício. Poderia ter sido um sarongue. Ah bem. Eu vou trabalhar com o que tenho, e agora, tenho um grande prédio vazio. Então eu encontrei montes de lixo e continuo abrindo portas, olhando em volta com interesse. Kael não me deixa ir a lugar nenhum só também; cada porta que eu abro, sua cabeça grande está bloqueando a luz do sol. É um pouco irritante, mas trabalho com isso, já que ele não vai sair tão cedo.

E realmente, eu não sei se eu quero que ele vá a qualquer lugar. Se os humanos têm armas, acho que estou ficando com os dragões. Ou pelo menos esse dragão.

Eventualmente eu acho um banheiro. Sucesso! Parece quase todo - sem lacunas nas paredes, sem nada quebrado no chão. Uma divisória foi derrubada e há um grande buraco no teto, mas tudo bem. Eu me volto para Kael.

— Eu preciso de um momento sozinha aqui, ok?

Ele mete a cabeça no meu cabelo.

Sim. OK. Passamos por uma série de momentos envolvendo nosso pequeno vocabulário e muitos gestos. Eventualmente, acho que ele descobre que preciso de alguns minutos para mim e que não posso ir a lugar nenhum. Quando eu cuidadosamente fecho a porta do banheiro, ele não fica de raiva ou enlouquece

do outro lado. Está quieto. Aliviada, dou uma olhada no banheiro e levo alguns instantes para usar as instalações. Quando terminar, vou para o grande espelho atrás das pias. Está rachado e sujo, mas eu ainda posso ver meu reflexo... E eu quase desejei não ter visto. Cara, eu pareço rude.

O rosto que olha de volta para mim é humano, mas terrível. Eu pareço desgrenhada e pequena, e por um momento eu acho que estou olhando para Amy. Faz tanto tempo desde que vi meu reflexo que não me reconheço mais. Eu não sou a adolescente de olhos brilhantes que costumava ser. A mulher que olha para mim é assombrada e magra, um pouco desconfortável e muito surrada.

Não é Amy, e meu coração está doendo. Minha irmã. Espero que ela esteja bem.

A garota do espelho está bem, e eu limpo minhas bochechas antes que as lágrimas caiam. Apenas deixando outra marca suja na minha pele. Estou coberta de hematomas enormes e uma fina camada de sujeira. Também tenho arranhões, e meu cabelo é um emaranhado de folhas e pó de gesso. Eu toco um enorme arranhão e estremeço. É uma pena que eu não tenha água para lavar ou beber. Os banheiros estavam secos, e eu nem sei se essas pias funcionam. O encanamento na velha Dallas tem ficado uma porcaria sem manutenção adequada.

Por impulso, me aproximo e viro um dos botões enferrujados na fileira de pias. Os canos nas paredes gemem, e eu ouço Kael bufar e deslocar seu grande corpo de dragão do outro lado, sem dúvida pronto para me resgatar. Depois de um momento, a água gorgoleja e sai da torneira. É marrom no começo, mas depois

fica brilhantemente clara, e eu suspiro de prazer. Água. Fluindo, água deliciosa. Estou com muita sede. Eu coloco minhas mãos sob o fluxo para beber e, em seguida, recuo com o quão desagradável minhas mãos estão. Preciso me limpar primeiro.

A porta do banheiro se abre. Ele bate na parede oposta, as telhas do metrô se desintegrando sob a força. Um Kael de tamanho humano entra olhos negros, dentes à mostra.

— Tudo bem. — digo a ele, dando um passo para trás. — É só água. Eu prometo. Nada está errado.

Ele olha para mim e depois para a torneira aberta. Seu nariz se contorce, e é quase cômico vê-lo perceber que ele está em pânico por nada. Ele se inclina sobre a água, fareja novamente e depois se endireita.

— Clau-dah. — ele ronca com uma voz profunda.

— Bem aqui. — digo a ele, cruzando os braços sobre o peito com diversão.

— Não deixe toda essa água matadora me pegar.

Ele reage ao meu sorriso com um de seus próprios e se move em minha direção com um olhar possessivo que faz minha pele se arrepiar de maneira que não são inteiramente impulsionadas pelo medo. A grande mão com garras desliza pelo meu braço.

— Clau-dah Kael

— Sim Sim. Clau-dah não vai a lugar nenhum sem Kael, — eu digo, tremendo com o toque gentil. Eu me afasto e gesticulo para a água.

— Clau-dah só desejo bebida e um banho rápido, se está tudo bem. — Eu dou outro passo em direção à água e imito a lavagem, e quando ele não me impede, eu coloco minhas mãos de volta sob a torneira.

Oh Deus, isso é incrível. A água é fria e fresca, e eu esfrego minhas mãos e braços para limpá-las, e quando a sujeira se vai, eu ponho minhas mãos em concha e bebo até não aguentar mais. Há um porta toalhas de papel velhas nas proximidades, a pilha está inchada e deformada pela exposição aos elementos, mas eu agarro de qualquer forma e molho-as, em seguida esfrego meu corpo imundo.

No espelho, posso ver Kael me observando com interesse. Depois de um momento, ele se move para frente e toma um punhado de água, e então despeja suavemente no meu braço.

— Sim. — digo a ele, fazendo o meu melhor para ignorar seus movimentos. Eu tremo porque é aquela estranha mistura de medo e prazer novamente. Eu tanto amo e odeio que ele queira cuidar de mim. Odeio estar tão sozinha que até as atenções de um dragão são excitantes. Eu preciso manter o foco, no entanto. Tenho água aqui e quero terminar meu banho rápido antes de ser interrompida.

— Eu estou me limpando, porque eu estounojenta.

Ele me observa, em seguida, toca meu braço molhado, passando os dedos sobre a minha pele.

— Clau-dah.

Eu congelo, parando a minha esfregada. O tom de sua voz faz meus arrepios se elevarem em consciência. Arrepios havia uma nota totalmente rouca em sua voz naquele momento. Eu olho para ele, mas Kael simplesmente pega as toalhas de papel que eu seguro na minha mão e começa a lavar gentilmente meu braço. Seus golpes na minha pele são suaves, amorosos e ele tem o cuidado de evitar minhas feridas.

Eu deixei, porque o que mais posso fazer? Claro, ele é um pouco forte, mas ele tem sido gentil comigo e protetor. Empurrando para longe com um — não — zangado quando ele está sendo gentil pode testar sua paciência e enviar seus olhos para o preto novamente.

E tudo bem, talvez eu seja esquisita, mas o toque dele é muito legal. Seus dedos estão quentes, e suas carícias roçam meu braço de uma forma que não parece bruta, mas apreciativa. Exploratória. Quando está claro que ele não vai tocar em nada que não quero que pegue, eu relaxo e deixo-o continuar. Quando passa as toalhas de papel molhadas nos meus ombros, viro-me para lhe dar melhor acesso às minhas costas, levantando meu cabelo imundo para ajudá-lo.

— Obrigada. — murmuro, observando-o no espelho.

Ele está de pau duro. Quero dizer, claro que ele está. O homem sempre parece ter o pau duro. Mas o olhar em seu rosto feroz é atento, como se ele estivesse determinado a ser o melhor limpador de ombros de todos os tempos. É encantadoramente amável.

Estranhamente, não tenho mais medo dele. Kael tem sido nada além de gentil e atencioso, e apesar de sua óbvia excitação, ele não tentou fazer nada sobre isso. O banho é inocente até agora. Por alguma razão, ele me vê como dele, e ele está determinado a cuidar de mim. Existem situações piores para se estar.

Seus dedos deslizam pela curva das minhas costas, e eu tremo com o pequeno toque, minha pele formigando com consciência.

Eu disse que o banho era inocente? Porque parece que deu uma guinada...

O mais estranho de tudo é que acho seu toque... Intrigante. Agradável. Meus mamilos estão duros e eu mudo de posição, um pouco desconfortável com a resposta do meu corpo. Estou ficando excitada com o toque dele? Caro senhor, o que há de errado comigo? Ele é um dragão e é meio louco. Tenho certeza que ele matou mais pessoas do que eu cacei esquilos. Ele é definitivamente o inimigo. E ainda assim... Seu toque me faz sentir sem fôlego e começo a me contorcer. Como não posso esperar para ver se ele vai mover a mão para baixo, e o que aconteceria se ele fizesse isso, eu não sei.

Talvez tenha sido um tempo muito longo desde que alguém me tocou com gentileza e é por isso que estou me ligando. Ou talvez seja algum tipo de versão perversa de dragão da síndrome de Estocolmo.

Kael está alheio aos meus pensamentos preocupados. Ele mergulha as toalhas de papel na água corrente novamente e molha no meu braço oposto. Quando ele faz, ele faz aquele som baixo e vibrante em sua garganta... e então faz uma pausa. Eu olho, e ele está olhando para a linha vermelha longa e irritada do meu ferimento de bala. Não é muito mais do que uma profunda raspagem, mas

enquanto eu assisto, seus olhos se tornam negros novamente, e eu sei que ele está ficando chateado.

— Tudo bem, Kael. Não dói, na verdade. — Eu coloquei um sorriso brilhante no meu rosto. Dói, mas se ele perder sua merda poderia me machucar muito pior.

— É quase nada.

Seus olhos se movem de preto para dourado, o olhar fixo em mim.

— Estou bem. Verdade. — Quando seus olhos ficam escuros novamente, eu dou uma chance. Eu toco seu queixo e o forço a me olhar nos olhos.

— Eu preciso que você esteja calmo. Prometo que estou bem.

— Clau-dah. — Sua voz está áspera, chateada.

— Eu sei. Clau-dah está bem, eu juro. — Minha mente reproduz a imagem dele mordendo o soldado ao meio, repetidamente. Por que minha pequena ferida é importante quando ele rasgou outra pessoa em dois? Por que sou tão importante? É por que sou uma garota? Ou há algo mais profundo aqui? Eu não sei o que pensar.

Kael se inclina para limpar minha ferida e seu toque é extremamente terno. Ele toma muito cuidado para se certificar de que ele não me machuca, e quando ele termina, ele se inclina e gentilmente passa a boca sobre a ferida. Então ele olha para mim, como se estivesse se desculpando por isso. Seus olhos ficaram pretos novamente.

— Viu? — Eu digo a ele trêmula.

— Nenhum problema.

Ele arrasta os dedos sobre o meu ombro agora limpo e pressiona a boca nele novamente. Desta vez, seus olhos se voltam para um profundo ouro e permanecem focados em mim.

Não posso evitar. Eu suspiro no raio de prazer que me atravessa. Talvez seja a intimidade do momento, ou talvez tenha algo no ar, mas estou feliz com o toque dele. Minha buceta fica quente com a necessidade, e meus seios apertam em resposta. E de repente estou molhada entre as minhas coxas e doloridas no fundo do meu núcleo.

Enquanto eu assisto, suas narinas se abrem.

Antes que eu possa reagir, Kael me empurra contra as pias, o rosnado baixo em sua garganta selvagem.

Eu dou um pequeno gemido quando meu traseiro bate no balcão de mármore, e então ele está empurrando entre as minhas coxas, o comprimento duro de seu pênis esfregando-se contra a minha buceta.

E parece... bom. Eu não estou com medo, estou excitada.

Oh Deus, estou realmente com a cabeça confusa não estou? Totalmente doente por gostar do jeito que me sinto quando ele rosna baixo em sua garganta e esfrega seu pênis contra minha buceta dolorida. Louca para se inclinar para frente e raspar meus mamilos contra o peito dele. Fazer isso parece incrível e envia choques quentes pelo meu corpo, e eu não consigo deixar de respirar. Ele

tem minhas coxas bem abertas, suas mãos apertando meus quadris, e não precisaria de nada para ele bater em mim e foder a luz do dia fora de mim com aquele pau enorme.

Seu rosto aparece perto do meu, e ele cobre meu queixo, forçando meu olhar para o dele. Seus olhos estão negros de necessidade.

— Clau-dah. — ele grita, e esfrega seu enorme comprimento ao longo das minhas dobras lisas. É uma pergunta e ele quer uma resposta.

Ele está deixando isso para mim. Se eu disser o nome dele, ele aceitará isso como assentimento, e vai foder comigo bem aqui, agora mesmo. E então o quê? Depois me matar como o soldado? Devorar-me uma vez que esteja saciado e deixar os pedaços caírem no chão?

Eu não posso conciliar suas duas metades. Há a metade gentil e que é quase humana... E o dragão enlouquecido com os olhos negros. Não sei qual eu ganho se fizermos sexo. Eu não sei o que acontece depois do sexo. Perco todo o apelo por ele, uma vez que seu desejo for saciado?

Pode ser do seu interesse nunca vai ser saciado, não importa o quanto eu queira.

Então eu balanço minha cabeça. — Não.

Kael faz um grunhido quase humano e se afasta de mim, deixando-me fraca contra a pia. Eu deveria estar aliviada. Deveria. Em vez disso, sinto-me apenas... Vazia.

KAEL

É um progresso. Eu devo me lembrar disso.

A escuridão agita em minha entranha, mas me forço a ignorar isso. Eu penso em Clau-dah e seus olhos verdes e sua nuvem de cabelo vermelho macio. Isso me faz querer me perder nos desejos de acasalamento. Para voltar ao estranho covil que ela esconde por dentro, empurre-a contra a pedra e a reivindicar como minha. Provar ela. Reivindicá-la.

Mordê-la e dar-lhe o fogo pelo seu sangue que a marcará como a minha.

Eu sou um paciente drakoni. Normalmente. Mas em torno de Clau-dah, eu perco o controle. Ela faz as emoções enlouquecerem. Não é surpreendente. Desde que fui puxado para este lugar infernal, não tenho tido nada além de emoções selvagens, a maioria raiva. Com Clau-dah por perto, meus sentidos estão sob um tipo diferente de ataque.

Eu preciso dela. Animá-la.

E ela ainda tem medo de mim. Não tanto, está quase lá.

Progresso. Ela me diz que não, mas posso sentir o cheiro da excitação dela. Eu podia ver seus olhos se dilatando quando a toquei. Talvez a palavra dela nem sempre seja não.

Eu não pretendia atacar ela. Simplesmente estava explorando ela, cuidando dela. Ela estava me deixando tocá-la, e foi um momento que eu pretendia acalantar. Cuidar da minha companheira é uma alegria, e não queria nada mais do que continuar fazendo isso por horas. Mas assim que cheirei sua excitação no ar, perdi o controle. Apenas o menor sabor de seu perfume feminino no ar tinha sido o suficiente para levar a sanidade para longe e me trazer de volta à borda novamente. Só o conhecimento de que a perderia para sempre se a forçasse a acasalar me impedia de empurrar profundamente entre suas coxas.

Sua excitação é curiosa para mim, no entanto. Fêmeas da minha espécie não entram em calor a menos que tenham sido conquistadas em batalha. Mas Clau-Dah? Ela responde a toques suaves de carinho.

Eu posso ser suave com ela.

E eu posso ser paciente.

Até então, devo deixá-la sozinha. Retiro-me para o outro lado da sala e tomo o maior ponto de observação para poder observar tanto o céu quanto o covil em que minha companheira está escondida. Isso vai me distanciar dela para que eu não cheire sua excitação novamente e perca o controle. Preciso de todo o meu controle agora.

CLAUDIA

Eu não tenho coragem de deixar a segurança do banheiro ainda.

Termino meu banho improvisado, minhas mãos tremendo o tempo todo. Toda vez que esfrego uma das toalhas de papel ásperas sobre a minha pele, lembro-me do fascínio e intensa concentração de Kael enquanto ele me banhava, e eu não consigo parar de tremer. E o pior? Eu não estou tremendo de medo. Mas a excitação não é boa - ele perdeu a merda no momento em que me molhei, então ele deve ser capaz de sentir o cheiro. Eu não posso deixar isso distrair ele. Esfrego entre as minhas pernas, confusa com a minha própria excitação e mais do que um pouco irritada com isso. Este não é o momento para ficar ligada. Esta é a hora de ser uma cadela fria como pedra. Eu só preciso manter as coisas até que seja seguro voltar para Fort Dallas, e então eu posso fazer uma pausa para isso. O prefeito mudou de ideia. Mesmo que ele não tenha e seja uma armadilha, ainda preciso voltar e pegar a Amy. Kael só terá que encontrar uma nova garota para passar seu tempo.

Um grande homem-dragão com olhos quentes de âmbar dourado e carícias possessivas que me fazem querer abandonar toda sanidade? Não faz parte do acordo.

Eu sou louca para ficar ligada em primeiro lugar? Ele é um assassino. Um dragão. O flagelo que destruiu a Terra e fez com que a maioria da humanidade fosse exterminada em questão de anos. É apenas por pura sorte e determinação que Amy e eu não fomos incluídas entre os bilhões que pereceram.

Dragões são nossos inimigos.

Não importa que Fort Dallas queira que eu o domine. O que eu vou fazer com ele mesmo que ele seja domado? Dizer a ele para ir embora? Sem chance. A maneira como paira atentamente ao meu redor, ele nunca concordaria com isso a menos que eu fosse com ele. Mesmo agora, aposto que está espreitando do lado de fora do banheiro, apenas esperando que eu saia de novo.

Dragões são assassinos. Eu tenho que lembrar isso. Repito isso para mim mesma repetidas vezes quando termino de tomar banho, depois lavo o cabelo na pia e tento arrumar o pior dos emaranhados. Quando não consigo mais, espreito a porta do banheiro e dou-lhe um olhar cauteloso.

Kael se agacha sobre um monte de entulho, parecendo tão majestoso e feroz em forma humana quanto em dragão. Ele está esquadrinhando os céus, e no momento em que abro a porta, ele olha para mim. Seus olhos são calmos, puro ouro. Isso é bom, pelo menos.

Eu gerencio um sorriso amigável quando fecho a porta atrás de mim e saio novamente. Ele desce da sua pequena montanha, movendo-se em minha direção com passos de autoridade. Quando ele chega ao meu lado, ele me dá um olhar possessivo, cheirando-me, e depois toca meu cabelo molhado, esfregando-o entre os dedos.

Eu esfrego meus braços, um pouco arrepiada devido ao fato de que estou nua e com muito frio. Sim, essas são as razões. Certo.

— Suponha que você saiba onde fica a loja de departamentos não pilhada mais próxima, não é? — No seu olhar vazio, suspiro.

— Acho que não.

§

O resto do dia continua como o último. Nós circulamos ao redor um do outro cautelosamente, tentando nos comunicar e fracassando. Kael me espreita a cada passo, me seguindo onde quer que eu vá, olhando-me com olhos famintos. Eu cochilo quando estou cansada de explorar - embora não seja muito interessante quando você tem medo de fazer algo que possa assustar a outra parte - e quando eu acordo, estou morrendo de fome. Através de alguns gestos, peço comida a Kael.

A fome não é a única razão pela qual peço. Se ele for embora, posso escapar e voltar para Fort Dallas. Decidi que preciso verificar Amy, independentemente de minha vida estar em perigo por causa da milícia. Minha irmã não pode se defender sozinha, não com a perna ruim. Ela não tem comida para comer e não temos dinheiro guardado. Tenho que voltar para ela. Amy está contando comigo.

E isso significa arriscar um retorno à cidade. Então eu tenho que fazer Kael sair, e eu acho que ele deveria ir caçar.

Ele faz, mas ele me leva com ele, carregado em suas garras. Tanto para isso. E parece que ele está tentando antecipar minhas necessidades, porque desta vez, quando ele atropela um animal, ele não se incomoda em estalar o pescoço.

Ele só respira fogo e assa enquanto tenta fugir.

Os gritos doloridos da vaca moribunda são horríveis de ouvir. Eu soluço quando ela morre, porque me sinto responsável. Kael está tentando me agradar, mas essa pobre vaca teve uma morte terrível. Eu soluço ainda mais quando como um pedaço de seu flanco, porque estou com muita fome para desperdiçar comida, mesmo que tenha morrido do jeito que foi. E fungo infeliz enquanto lavo minhas mãos na pia depois.

Nós vamos ter que falar sobre o massacre humanizado de minha comida.

Desde que possamos ter uma conversa, isso é. Nosso diálogo é principalmente nossos nomes e — não —, não estou chegando a lugar nenhum com ele. É como se não estivesse interessado em aprender, e é frustrante.

Naquela noite, durmo enrolada contra ele novamente. Ele permanece em forma de dragão depois da caçada, me guardando de forma protetora entre as patas dianteiras e contra o peito. Seu enorme coração troveja contra meu ouvido e é quase pacífico.

Exceto... Eu continuo pensando sobre essa vaca. E minha irmã, que provavelmente está morrendo de fome esperando por mim.

A menos que ela vá falar com Blowjob Becky sobre o trabalho... Eu tremo. Não Amy. Não feliz e inocente Amy, que vê o bem em tudo e se recusa a ficar cínica como sua irmã mais velha.

Fecho os olhos e tento dormir, mas vejo a vaca nos meus sonhos. Fugindo, gritando de terror, e depois explodindo em chamas. Às vezes, no meu sonho, é minha irmã.

Às vezes sou eu.

12

TRÊS DIAS DEPOIS

CLAUDIA

— Vamos tentar de novo. — eu digo para Kael. — Água. Eu corro meus dedos sob a torneira da pia do banheiro.

— Água.

— Clau-dah. — Kael ressoa naquela voz profunda e abertamente sexy.

— Clau-dah Kael. — Sua mão desliza ao redor da minha cintura, grande e abrasadoramente quente contra a minha pele.

Eu agito gotículas de água no rosto dele da ponta dos meus dedos.

— Você é um merda. Eu sei que você me entende. Você está apenas sendo difícil, não é?

Mas eu acho que minha boca está se curvando em um pequeno sorriso de qualquer maneira.

— Difícil e galante.

É difícil ficar brava com Kael quando ele está mostrando um lado travesso. Estou de bom humor surpreendentemente esta manhã apesar dos meus sonhos

viciosos. Talvez seja por causa do próprio Kael, eu acho, quando desligo a torneira. Já faz alguns dias que Kael me encontrou, mas foram dias surpreendentemente fáceis. Eu fui alimentada, eu tenho água para me lavar e beber, e um lugar quente para dormir à noite encostada em Kael. Eu encontrei um uniforme de zelador velho em um dos armários, e apesar de ser fino como papel e provavelmente rasgar em pedaços com o movimento errado, é roupa. O novo prédio é legal, e é tranquilo.

A única coisa que sinto falta é Amy. Sasha também, mas me preocupo menos com ela, já que é capaz de cuidar de si mesma. Eu sou assombrada por pensamentos de Amy morrendo de fome, mas não posso fazer Kael me levar de volta para a cidade. Ele faria muitas coisas para mim, mas não acho que isso está na lista.

Então eu passo meu tempo com Kael, e ele é um companheiro surpreendentemente bom. Seus olhos giram cada vez menos e ele não teve episódios malucos. É como quanto mais ele estiver perto de mim, melhor fica. Eu estou bem com isso. Ele não tentou me estuprar ou me tocar no meio da noite quando pensa que estou dormindo. Ele é atencioso e galante, com certeza, mas um simples — não — para as coisas. Ele está confortável em estar por perto, e eu nunca pensei que diria isso sobre um dragão. Nós não falamos muito, mas ainda me sinto... Mimada. Cobiçada. É estranho, mas não posso negar.

Como hoje.

Quando acordei esta manhã, ele imediatamente mudou para sua forma humana e passaram os próximos vários minutos checando meus arranhões e hematomas, como se nada mais fosse mais importante do que ter certeza de que estava bem. E isso... Foi meio doce. Tem sido um longo tempo desde que eu tive alguém cuidando de mim. Com Sasha e Amy, tenho que ser a forte, aquela que resolve tudo. Eu tenho que cuidar delas, então não posso parar e lamentar sobre cortes ou contusões, ou se estou cansada. Com Kael... É diferente. Eu não tenho que ser grande e forte, porque não sou. Pelo menos, não comparada a ele. E tudo o que ele quer fazer é cuidar de mim.

Esse tipo de atitude está fazendo algo em mim.

É claro que nem tudo em sua pequena inspeção foi legal. Ele examinou os arranhões em meus seios com a mesma intensidade ávida que fez com os arranhões em meus braços e pernas. Isso me deixou um pouco desconfortável, mas ele não ficou excitado com isso.

O que é irônico, porque eu estou. Mais e mais, suas inspeções, sua atenção e seu foco de laser em mim ficam sob minha pele. Não é desagradável, mas... Estou apenas esperando para ver aonde isso leva. Eu sinto que sou louca por ver suas atenções como uma estranha forma de preliminares, mas é isso. Eu não deveria, no entanto; Kael só quer garantir que eu esteja bem. Às vezes eu acho que essa atração estranha que tenho é tudo na minha cabeça... Mas não há como negar sua ereção.

Então eu deixei Kael cuidar de mim e não disse nada. Depois de ter certeza de que eu estava inteira, ele acariciou minha pele e repetiu meu nome com um tom de satisfação que dizia um milhão de coisas e nada.

Daí as lições de comunicação. Precisamos descobrir um jeito de conversar.

O único problema é que Kael não parece tão interessado em aprender. Ele me esforça a ensiná-lo com paciência divertida, como se a coisa toda fosse completamente desnecessária. Está claro que ele está muito mais interessado em me tocar do que aprender a falar. Mesmo agora, ele deixa suas garras arrastarem pelo meu cabelo ondulado. Ele é fascinado por isso.

Eu faço um barulho exasperado e me viro para ele.

— Você está prestando atenção?

— Clau-dah. — ele murmura novamente, e cheira meu cabelo.

Seus olhos não ficaram pretos uma única vez hoje, e então eu me sinto confortável jogando um pouco de brincadeira de volta em sua direção.

— Oh sim? Como você gostaria se eu passasse meus dedos pelo seu cabelo, huh?

Eu me viro para encará-lo e pego suas mechas de bronze, então hesito, apenas no caso. Quando ele não mostra qualquer reação, exceto a ansiedade, eu toco seu cabelo. A textura é surpreendente - é muito mais dura do que o meu, e os fios parecem duas vezes mais grossos. Eu não consigo entender como é fascinante.

Comparado ao cabelo dele, o meu provavelmente parece fio dental. Talvez eu tenha passado muito tempo acariciando seu cabelo, porque ele fecha os olhos e ronrona baixo em seu peito, um sinal de que ele gosta muito do meu toque.

E eu não estou odiando tocá-lo. O cabelo dele é interessante, e eu não me importo de brincar com ele um pouco mais. Eu também não me importo de aprender pelo toque apenas que outras diferenças ele tem. Sua pele parece diferente? E aqueles espinhos retráteis nos cotovelos? Mas eu não ousa tocá-los, porque brincar com ele é como brincar com fogo, mesmo que eu odeie a ironia desse pensamento particular.

Eu não deveria encorajá-lo. Não deixar que ele pense que estou buscando suas atenções. Sua quase constante ereção tornou bem óbvio o que ele gostaria de mim, e eu não sei se posso retornar isso. Então eu deixo cair minhas mãos e odeio me arrepender um pouco. Engraçado quão estranhamente bom isso me faz sentir que alguém está feliz por estar comigo. Kael olha para mim como se eu fosse a melhor coisa desde o pão fatiado. Eu não deveria me importar com o que um dragão - um assassino, um demônio de fogo e cinzas - pensa de mim.

Mas quando ele abre os olhos e a boca se ergue naquele meio sorriso que imita o meu próprio?

Meu coração bobo e tolo salta uma batida.

— Clau-dah. — ele murmura novamente, me puxando para perto.

E porque sou fraca, deixo que ele me arraste contra ele, meus seios pressionando contra o peito dele. Minha respiração fica presa na garganta

quando olho para ele. Ele é enorme, pelo menos um metro mais alto que eu e com ombros maciços. Ele poderia me machucar tão facilmente. A ereção encostada na minha barriga me lembra que ele pode me dominar a qualquer momento e tomar o que ele quer.

Em vez disso, ele está aqui, flertando comigo em seu jeito estranho de dragão.

Provocação.

Kael corre os dedos pelo meu cabelo novamente e se inclina em minha direção. Eu fecho meus olhos, imaginando se ele vai me beijar, e se ele fizer como vai ser. Os dragões sabem mesmo beijar? Se ele não, ele vai me deixar mostrar como? Imagino sua reação a mim colocando meus lábios nos dele.

Mas ele apenas se inclina e inspira, cheirando meu cabelo como se fosse a melhor coisa que ele já cheirou.

— Clau-dah. — ele murmura novamente, voz baixa e pecaminosamente rouca.

Aquele alerta de desejo passa por mim de novo. Eu estou ligada por um dragão, e é um pouco preocupante. Ele não é inteiramente humano, mesmo nessa forma - sua altura e volume não são, definitivamente, normais, e as linhas fortes de seu rosto e as escamas em sua pele não o deixam passar batido. Os chifres pontiagudos? Sim, não é normal. Mas para mim, eles estão começando a se tornar normais. Quando eu olho para ele e não vejo mais nada estranho.

É só o Kael.

Eu me afasto dele e saio do banheiro, voltando para a área principal do último andar do prédio. Eu esfrego meus braços enquanto vou e não olho atrás de mim. Eu não preciso, porque sei que Kael estará a poucos passos atrás de mim. Eu sinto que se ficar naquele pequeno banheiro, não vou ficar pensando em água por muito mais tempo. Por alguma razão, sempre que entramos em uma pequena sala, ele se aproxima muito de mim. E quando ele faz, tenho dificuldade em me concentrar em qualquer coisa além de sua proximidade.

Então, uma mudança de cenário.

Saio para o andar principal e para uma piscina de sol. Eu entrei e inclinei meu rosto para cima, fechando os olhos e absorvendo o calor do sol. O telhado caiu nessa extremidade do prédio, mas as paredes estão praticamente intactas e, em vez de me fazer sentir como um rato preso, quase parece que estou em uma grande marquise. Eu meio que gosto disso. Este prédio está cheio de lixo, papel destruído pelo tempo, mas não é entulho e sucata de metal como no último. Eu até gosto das videiras e da vegetação que começaram a crescer em cada centímetro da superfície disponível. É quase bonito, tanto quanto qualquer coisa na Velha Dallas poderia ser.

E ainda estou pensando em como seria beijar Kael. Droga.

— Clau-dah. — Kael chama de novo, sua voz provocante. Eu sinto um arrepio no meu corpo ao som brincalhão de sua voz, e me viro para ele. Ele está dois passos atrás de mim, como eu pensei, e no momento em que me viro, ele me puxa de volta contra ele, sorrindo como se ele tivesse me pegado na perseguição

mais lenta do mundo. Eu lambo meus lábios, as pontas dos meus seios apertados contra o peito dele, e eu resisto à vontade de me esfregar contra ele. Fazer isso é uma idéia muito ruim. Eu digo a mim mesma que tem que ser a síndrome de Estocolmo. Tem que ser. Quando seus olhos ficam pretos, ele ainda me assusta.

Mas ao mesmo tempo... Estou fascinada pelo fato de ser o centro do universo dele.

Talvez eu esteja faminta de atenção ou faminta por afeto em um mundo tão brutal e implacável que até mesmo a devoção de um monstro parece algo fascinante. Eu sei que não é saudável. Eu não tenho certeza de que me importo.

Grande parte da vida no Depois é composta por tomar as coisas um dia de cada vez, uma refeição de cada vez. Não há planos em longo prazo. Não há esperança para o futuro.

Há apenas sobreviver até amanhã.

É tão errado que queira aproveitar um pouco de carinho enquanto posso? Eu considero Kael, seu grande corpo pressionado contra o meu enquanto ele faz uma carícia na minha garganta. Seu cheiro está no meu nariz, sua pele escaldante se esfregando contra a minha. Não seria preciso muito para encorajá-lo. Um pouco de atrito contra o seu pau grosso pressionado contra a minha barriga e eu me encontraria contra a parede...

E desta vez ele pode não aceitar um não como resposta.

Eu deveria odiar esse pensamento. Eu deveria estar revoltada com isso. Em vez disso, o pensamento faz meu corpo ficar cheio de desejo de novo. A imagem mental de Kael me empurrando contra a parede e bombeando sua enorme ereção dentro de mim faz meu pulso acelerar e meu corpo doer profundamente.

Seu corpo endurece contra mim e percebo que ele está pegando meu cheiro no ar.

— Clau-dah. — ele rosna baixo em sua garganta. Eu conheço esse rosnar. Ele acha que estou sendo provocante. Estranho como meu nome mal pronunciado de repente detém tantos significados.

Mas eu não quero ser uma provocação. Na verdade não. Estou curiosa sobre ele também, e continuo pensando sobre o que aconteceria se nos beijássemos. Se eu deixar ele me tocar. De alguma forma, eu não acho que ele poderia me machucar. Não se ele permanecesse no controle. E ele está no controle o dia todo. Muito ousada, eu corro a mão pela frente do peito dele. Seu corpo é tão duro contra o meu. Ele é enorme. Quase um gigante na verdade. Ele é alto, mas mais do que isso, ele é corpulento e grande, mas nem um pouco disso é gordura. Eu olho para cima e percebo que seus olhos se voltaram novamente para o preto, embora o ouro esteja dançando através deles. Ele está lutando contra isso.

Eu não quero forçá-lo demais. Talvez ele precise de mais tempo. Eu provavelmente também. Então dou no seu peito um toque gentil.

— Não. Ainda não. Não tenho certeza se estou pronta.

Mentirosa, diz meu corpo. Eu quase espero que Kael ecoe em voz alta. Mas ele só enterra o rosto no meu pescoço e inala meu perfume mais uma vez.

Depois de um momento de hesitação, eu lentamente envolvo meus braços ao redor dele, correndo minhas mãos pelas suas costas. Seus olhos ficam dourados e eu sorrio para ele. Isso é legal. Nós podemos fazer isso. Apenas segurar um ao outro. Se esta é a única comunicação que temos por enquanto, eu aceito.

Seus braços vão ao meu redor e ele está quente e delicioso. É como estar enrolada em um cobertor e eu suspiro de prazer com o quão bom é tê-lo pressionado contra mim. Não deveria se sentir tão bem, deveria? Estou tão distraída com a sensação dele que mal registro seus olhos ficarem pretos.

Eu entrei em pânico e me lancei de seus braços, me afastando.

Um dragão troveja um desafio, alto e irritado. Eu olho para Kael surpresa, mas levo um momento para perceber que não é ele. No momento seguinte, as garras envolvem minha cintura e eu estou no ar.

Há outro dragão.

— Kael! — Eu grito, jogando meus braços para ele. Por segurança. Ele é o diabo que conheço.

Kael não vai me machucar.

Mas esse novo dragão? Eu não sei nada sobre ele. Eu não sei se os olhos dele vão ficar dourados e se ele é amigável, ou se eles ficarão negros de raiva. Eu não sei se ele quer um lanche humano ou algo muito mais terrível.

O prédio desaparece abaixo, e eu assisto em choque quando a forma de Kael se move para frente. Seus músculos se juntam e ele se lança para o céu, mudando para a forma de dragão quase instantaneamente e nos seguindo.

Seu rugido de fúria é ensurdecedor e, até daqui, posso ver que seus olhos estão completamente negros.

CLAUDIA

Minhas mãos freneticamente puxam as garras que me seguram apertado. O estranho dragão me tirou do alcance de Kael e agora está voando comigo. Suas garras rasgam minha pele nua e ele dá outro rugido de fúria, cheio de raiva e ira. Não vejo Kael. O medo sufoca minha garganta e eu empurro meu cabelo chicoteando do meu rosto, tentando dar uma boa olhada no meu captor.

É outro dragão de ouro. Não é tão grande quanto Kael, mas tem mais cicatrizes de batalha. A partir daqui, vejo uma massa de cicatrizes e lacerações curadas subindo pelas escamas de sua garganta e mandíbula. As garras que me seguram perto estão cobertas de marcas brancas mais antigas que mostram que meu novo captor gosta de brigar.

Por que eu? Por que ele me pegou? Eu penso em Kael e seus olhos dourados rindo. Então penso em sua ereção quase constante e engulo em seco. As coisas podem ser muito ruins com esse novo dragão. Kael é paciente e gentil comigo, mas eu não conheço esse estranho. Mais do que isso, eu também não quero conhecê-lo.

O dragão torce e gira em espiral, e eu agarro suas garras, abafando o grito que me rasga a garganta. O vento está tão forte, e o novo dragão abre as asas, erguendo-se numa corrente ascendente. Ele está voando para fora da cidade, longe do prédio que eu chamei de lar nos últimos dias... E longe de Fort Dallas.

Não é bom. Nada bom. Eu não posso ser levada embora. Eu tenho que voltar para Amy.

Eu olho para trás freneticamente. Kael está perto, voando atrás do outro dragão. Ele fica um pouco abaixo dele e não ataca. Eu me preocupo, porque ele tem medo de que o outro dragão me deixe cair. De qualquer forma, estou com um problema duplo, porque os olhos de Kael estão negros, implacáveis. Enquanto eu olho para ele, ele ruga furiosamente. Uma vez. Duas vezes.

Cada rugido só faz as garras do novo dragão se apertarem ao meu redor. Eu empurro para eles, entrando em pânico. O que posso fazer? Eu não quero que ele me solte, mas também não quero ficar presa entre uma luta de dragões no ar. Eu não vou sobreviver a isso. Eu estou indefesa entre esses gigantes, um peão para eles lutarem.

O novo dragão se contorce no ar, a cabeça girando de forma exagerada para checar Kael, que corre atrás dele. O olho que vejo é negro de fúria de dragão. Enquanto me preocupo, ele me joga casualmente entre suas garras, e um grito de susto me escapa.

Kael também se irrita com esse movimento.

O outro pé do dragão me aperta, e desta vez me agarro a suas garras, ofegante de medo. Eu não me importo que o ato de me pegar tenha feito meu frágil macacão se rasgar. Eu não quero ser descartada. O chão está longe, muito distante para mim. Então eu seguro firme, e deste lado, percebo que esse desgraçado cheio de cicatrizes só tem um olho - o outro se foi, nada mais além de uma massa de tecido cicatricial.

Kael se aproxima novamente, e eu olho para ele para ver que ele está ganhando velocidade, seus movimentos no ar agitados. Suas asas agitam e bombeiam, seus olhos fixados furiosamente em mim. Eu prendo a respiração, vendo ele se aproximar. Engraçado como eu estou torcendo por um dragão neste momento. Ele não é só isso... ele é o Kael. Eu acho que se puder sobreviver a qualquer luta que estes dois tenham, eu sei que posso fazer seus olhos ficarem dourados novamente. Eu posso lidar com o Kael.

O dragão cicatrizado desce, descendo em direção às ruas arruinadas da periferia da cidade. Nós percorremos as estradas, esquivando-nos entre os prédios, e em um ponto nos aproximamos tanto que eu levanto as pernas para cima, com medo de não ser nada além de uma mancha na calçada. Meu estômago está agitado e doente em toda essa perseguição e piruetas.

Então ele dá um pequeno salto pairando, e o novo dragão pousa, empoleirando-se no topo de um velho ônibus da cidade. Com uma perna dianteira, ele me agarra contra o peito marcado, claramente não prestes a me colocar para baixo. Eu ouço o enorme baque de Kael aterrissando no chão próximo um momento depois.

O Dragão Dourado me segurando rugiu um desafio furioso.

Kael solta um grito furioso, a cauda açoitando de um lado para o outro, espalhando os carros quebrados. Ele cai de quatro e começa a andar para frente, fumaça saindo de suas narinas.

O novo dragão grita um alerta, e eu mordo um grito, porque não é seguro chamar a atenção do dragão.

Estou muito fodida agora.

Kael

Minha companheira.

A fúria lateja em minha mente, misturando-se com a loucura familiar demais.

Clau-dah é minha mulher. Minha. Eu a tinha em meus braços, seu corpo macio cheirando a excitação, sua carne pressionada contra a minha. Eu estava tão perto de reivindicá-la como minha, apenas para tê-la sequestrada por um rival. O grande macho drakoni que a levou provavelmente reivindica esse território como seu, mas não tive escolha. Os humanos a colocaram em perigo com suas armas, e seu terror havia mordido minha mente até que eu temesse que me perdesse de novo na loucura.

Então eu a tirei do meu próprio território para mantê-la segura. Sei que sou forte o suficiente para desafiar qualquer outro macho. Eu já lutei muitas vezes antes e ganhei.

Mas eu nunca tive uma companheira e nunca uma tão vulnerável quanto Clau-dah. Eu nunca tive que me preocupar com sua segurança ou pensar em como outro drakoni poderia conspirar para roubá-la de mim. Este novo drakoni provavelmente a farejou no vento e seguiu a trilha para ver qual era o cheiro

delicioso. Ele provavelmente cheirou seu desejo - e a falta de minha reivindicação em seu sangue - e sabia que eu não havia ancorado nosso vínculo. Ele sabia que minha fêmea estava vulnerável e madura para a colheita.

E então ele a levou.

Eu solto um rugido de indignação, meu grito de fúria tão alto que faz as estruturas próximas tremerem. Pássaros voam para os céus, fugindo. Eu não me importo. Este rival tentou tirar Clau-dah de mim. Ela é frágil, vulnerável. Se ele não tiver cuidado com ela, ele poderia machucá-la. O medo disso é maior do que qualquer raiva que eu tenho.

Não consigo parar de vê-lo agarrando-a em suas garras e puxando-a para longe, seu pequeno corpo jogado como uma folha ao vento. Clau-dah é pequena e não é tão forte quanto uma fêmea drakoni. Ele deve ter cuidado com ela. Ela é mais preciosa que a própria vida.

Eu vou para frente, olhando de perto para o grande Dragão marcado. Não posso atacá-lo de imediato, porque minha preciosa companheira está presa ao peito. Não vou arriscar a segurança dela por nada. Eu devo esperar, então. Se o homem quiser me desafiar, ele terá que derrubar Clau-dah. Então vamos lutar, e eu vou fazer ele se arrepender de tocar minha fêmea.

Eu não vou permitir que ele sobreviva. Não depois de tocar em Clau-dah. Não depois de colocá-la em risco. Ele vai morrer violentamente e com muita dor.

Então eu espero, fervendo. Minha mente é uma confusão furiosa de raiva. Congratulo-me com os pensamentos de escuridão, fome, assassinar. Nem

mesmo o prazer da minha Clau-dah penetra minha mente volátil. Estou perdido de novo na confusão da loucura e estou feliz por isso.

Vou levar minha companheira de volta, eu o aviso, estendendo a mão e enviando um raio de pensamento para ele. Vou levar minha companheira de volta e você vai sofrer.

Ela não é sua, o outro dragão responde. Você não a reivindicou. Não há fogo no sangue dela. Eu vou levá-la para ser minha!

Minha, eu rosno. Minha Clau-dah. Minha companheira. Não é sua. Irritado, eu caio no chão em frente ao macho. Eu poderia ter conhecido o nome dele uma vez. Os drakoni já foram pessoas muito unidas. Agora, isso não importa. Ele é um intruso. Um ladrão. Ele vai morrer por tocar minha Clau-dah. Por assustá-la. Mesmo agora, posso cheirar seu medo, afiado e grosso no ar quente. Seu cheiro adorável está manchado pelo fedor pungente de meu rival - jovem fortemente marcado pelas brigas e prestes a morrer.

Ele não vai ganhar. Nunca. Eu descubro meus dentes em um grunhido feroz enquanto ele sopra uma nuvem de chamas em desafio. Muito perto de Clau-dah e sua nuvem de cabelo macio. Ele não percebe quão perigoso é nosso fogo para ela? Furioso, levanto a cabeça e faço a minha aceitação do desafio dele.

Nós vamos resolver isso entre nós, o macho declara. Eu vou ter a fêmea como minha companheira.

Você terá que me destruir primeiro.

Então venha!

Eu fico tenso quando meu rival desenrola suas garras e abaixa Clau-dah. Ela cai de joelhos, o cabelo caindo na frente do rosto. Eu rosno baixo na minha garganta, esperando que ela se levante. Para sair do caminho. Para ficar em segurança. Depois de um longo e tenso momento, ela se levanta, com as pernas bambas. Seu rosto está cheio de medo quando ela olha para mim, então dá alguns passos para trás, recuando.

No momento em que ela está fora de alcance, eu pulo, batendo meu peso no corpo do outro macho.

Meu oponente nunca teve chance. Embora o jovem macho esteja muito marcado e tenha obviamente sobrevivido a muitas batalhas, fica claro que vencerei. Ele sabe quebrar com suas poderosas mandíbulas, mas ele não é tão rápido quanto eu. Quando seus dentes se prendem na minha pata dianteira, faço uma leve investida com o rabo na cabeça dele para pegá-lo de surpresa e, em seguida, agarro seu olho restante.

É quase muito fácil.

O macho grita de dor e recua imediatamente, assobiando. Ele recua alguns passos, com raiva e dor, e abre as asas como se fosse voar para longe. Ele já terminou a luta.

Mas não vou deixá-lo livre. Ele ameaçou Clau-dah e, por isso, ele pagará com sua vida. Eu vou atrás de sua asa, minhas garras rasgando as fibras grossas do osso. Meu oponente grita de dor e sua cabeça se debate violentamente. Ele me ataca, mas seus golpes são vazios.

Eu me movo para matar, minhas mandíbulas se prendem na parte inferior macia de seu pescoço. Com um movimento feroz e exuberante, eu arranco a garganta do meu oponente. Sangue derrama em minha boca, e com isso vem a loucura.

Escuridão, fome, morte.

Eu ouço um grito abafado em algum lugar atrás de mim.

Me agito, borrifando sangue, e o corpo do meu oponente morto cai no chão aos meus pés. Eu me viro para ver Clau-dah olhando para mim com grandes olhos verdes. Ela se inclina contra uma estrutura esquelética de metal, como se suas pernas não a apoiassem. Seu olhar de olhos arregalados vão para o dragão ainda contorcido esparramado no chão diante de mim.

— Meu Deus. Você o cortou no meio. — Suas mãos voam para sua boca, abafando suas palavras.

— Ah merda.

Eu não entendo as palavras dela, mas o tom dela me deixa frustrado. Por que ela está chateada? Eu não mostrei a ela que posso protegê-la? Que posso cuidar dela?

Escuridão. Fome, morte.

Que ela está segura comigo?

Eu não fui paciente?

Escuridão. Fome. Morte.

Eu alcanço-a com a minha mente novamente e não encontro nada lá. Não há conexão, nada para agarrar, nada para segurar e afastar a escuridão em minha mente que se arrasta nas bordas. Parece uma afronta. Eu tentei tanto ser compreensivo, mas com o sangue do meu oponente correndo pela minha garganta e a luxúria da batalha percorrendo minhas veias, é difícil me concentrar nos olhos verdes de Clau-dah e na calma lá.

Escuridão. Fome. Morte. Escuridão. Fome. Morte. Escuridão. Fome. Morte.

Eu fecho meus olhos, lutando pelo controle. Demora um pouco, mas consigo me apegar à sanidade. Abro os olhos devagar e, em seguida, vejo um novo cheiro no ar - o medo de Clau-dah. Instintivamente, eu abaixei minha cabeça e me aproximei dela, querendo nada mais do que confortá-la.

Ela pisa para trás, medo em seus olhos.

Algo dentro de mim se encaixa. A fúria ferve. Não para ela. Nunca para ela. Mas tudo mais acaba com a minha calma. O macho morto aos meus pés. O fedor desse lugar horrível. A falta de uma conexão com Clau-dah. Porque eu tive que defendê-la, ela me teme novamente. Por que ela não está orgulhosa de mim por derrotar o intruso? Ela não pode ver como sou feroz? Quão totalmente dedicado à sua felicidade e proteção eu sou?

Escuridão. Fome. Morte. Escuridão. Fome. Morte. Escuridão. Fome. Morte. Escuridão. Fome. Morte. Escuridão. Fome. Morte. Escuridão. Fome.

Eu a alcanço novamente com a minha mente, desesperado para me conectar, para me ancorar a ela.

Mas não há nada para segurar. Sua mente está fechada para mim.

Tudo porque eu ainda não a reivindiquei.

Se eu tivesse dado meu fogo a ela - o outro dragão nunca teria me desafiado. Seu perfume se misturaria com o meu, e machos que não são ligados não a tocariam.

Mas ela nunca me deixará tocá-la. Foram dias e eu ainda não estou mais perto. Agora ela olha para mim com choque e medo em seus olhos.

A raiva é demais, a necessidade da minha Clau-dah é demais. Isso mastiga minha mente e não deixa nada para trás. Devo reivindicá-la. Devo possuir. Deixar ela segura.

Faça isso para que ninguém mais possa reivindicá-la.

Eu tenho sido paciente por tempo suficiente.

Minha.

CLAUDIA

Esse negro louco está rodando nos olhos de Kael.

Minha respiração se aloja na minha garganta e o susto faz minhas pernas travarem. Eu estou no meio de uma rua, e há lugares para me esconder atrás - ônibus derrubados, carros abandonados, prédios destruídos próximos - mas eu não posso fugir dele.

Não quando ele está claramente lutando pelo controle.

Eu sei que ele não vai me machucar. Ele teve muitas oportunidades para isso e não o fez antes. Eu sei que quando seus olhos se tornam negros, bastam algumas palavras murmuradas e eles voltarão a dourar.

Isso não significa que eu não estou com medo, no entanto. Acabei de ver Kael arrancar a garganta de outro dragão. Um maldito dragão. Balas saltam de seus malditos couros e humanos não podem machucá-los. Mas Kael? Ele simplesmente pegou o pescoço da maldita coisa em suas mandíbulas e a rasgou. Eu ainda posso sentir o fedor quente de sangue quando ele pega o vento e salpica meu rosto, ainda ouço seu gorgolejo moribundo.

Eu quase perdi o controle da minha bexiga à vista, especialmente porque aconteceu bem na minha frente.

Ainda estou olhando enquanto Kael se aproxima de mim, sangue escorrendo de suas presas, olhos negros como a noite.

Este não é o Kael carinhoso dos últimos dias. Isso é algo completamente diferente. Olhando para ele assim, lembro-me que só é necessário um dragão para dizimar uma cidade. Eu fecho meus olhos enquanto ele se aproxima de mim. Ele é perigoso quando está enfurecido, e isso definitivamente está se qualificando como uma raiva. Ele vai me matar? Cortar-me ao meio com um golpe e me destruir tão facilmente quanto ele fez com o outro dragão? Era um dos seus. Eu poderia jurar que ele se comunicou com isso em algum nível, mas ele o destruiu tão facilmente.

A segurança que eu senti com ele nos últimos dias? Era mentira. Eu pensei que talvez pudesse ser sua amiga. Que estava segura com ele. Está tudo errado. O Fort Dallas queria que eu controlasse um dragão, mas não há como controlar algo como Kael. Ele é uma força da natureza. É como um tornado ou um furacão, ele vai destruir tudo em seu caminho para conseguir o que quer.

E ele me quer.

Kael paira sobre mim, ainda na forma de um dragão enorme e assustador, o calor de seu corpo irradiando dele e passando por cima de mim. Eu fecho meus olhos, instintivamente recuando enquanto ele se inclina.

Mas... a cabeça enorme apenas acaricia minha bochecha. Sua respiração, ainda acobreada e cheirando a sangue e queimado, rola sobre mim como uma onda. Tudo o que ele faz é cheirar meu cabelo, depois passa o focinho ao longo do

meu macacão rasgado, como se estivesse se assegurando de que não estou machucada.

Há algum controle lá, afinal. Algumas das terríveis tensões deixam meu corpo e libero a respiração que estou segurando.

— Sou só eu, Kael. — digo baixinho. — Eu estou aqui com você.

Ele me olha de novo, e então suas garras envolvem minha cintura. Eu sou arrastada contra ele enquanto Kael se lança para o céu, e tudo que posso fazer é esperar por sua vida e esperar que sua loucura diminua em breve.

§§

Eu perdi a noção de quanto tempo estamos voando. O mundo balança para frente e para trás enquanto Kael cavalga as correntes de vento, e eu caio ao redor, desamparada, em suas garras. Meu estômago se agita com cada mergulho, e isso torna difícil me concentrar em onde estamos indo, porque abrir meus olhos significa que eu quero vomitar. Mas, eventualmente, o voo selvagem se distorce e eu aperto meus olhos para ver que voltamos para o prédio de escritórios com a água corrente - o prédio de onde fui arrebatada há pouco tempo.

Parece uma vida inteira atrás.

Kael pousa e eu me contorço em suas mãos, tentando me libertar. Ele gentilmente solta suas garras e me solta, e no momento em que eu tropeço no chão, o último pedaço do meu macacão se desfaz.

Este dia foi simplesmente uma merda. Eu tiro os restos e os chuto para o lado, indo em direção ao banheiro. Eu quero espirrar meu rosto com água. Ainda sinto o cheiro do sangue do outro dragão em mim, ainda sinto o cheiro da fumaça nas minhas narinas. Eu preciso ficar limpa.

Eu preciso sair e respirar por alguns minutos.

— Clau-dah. — lança uma voz familiar demais atrás de mim. Em sua forma humana novamente e provavelmente querendo flertar.

Mas ainda estou tremendo de choque. Não me viro. Eu não quero flertar agora. Quero saber que estou segura. Eu quero me enrolar em uma bola e me esconder em uma pequena sala onde nada pode me pegar de novo.

— Clau-dah? — Desta vez, o tom de Kael está questionando. Eu sinto seus passos enquanto ele se aproxima por atrás de mim e toca meu ombro, mas a mão que toca minha pele nua é gentil. Tão rapidamente quanto me toca, ele se afasta novamente.

— Clau-dah... Kael.

Eu mordo meu lábio, contemplando minhas opções. Como ele vai agir se eu o ignorar? Não estou bem, suspeito. Então eu volto para ele, braços cruzados, meu corpo trancado com tensão.

— O que você quer? — No momento em que eu o vejo, porém, eu suspiro em choque. O sangue flui de um canto da boca, e há um longo machucado em um de seus braços que está pingando sangue. Por toda parte, seu peito está salpicado de sangue seco, e parece que ele acabou de sair de um matadouro.

— Meu Deus! Você está ferido?

— Clau-dah... Kael. — Desta vez, quando ele diz isso, não há dúvidas sobre a possessão em sua voz. Ele gesticula para o seu braço, em seguida, faz um movimento de garras, imitando o outro dragão me puxando de seu alcance.

— Clau-dah. — Ele mostra os dentes, mostrando suas longas presas. — Kael.

Mesmo que tenhamos apenas duas palavras em nosso vocabulário compartilhado, sei exatamente o que ele está dizendo. O outro dragão feriu-o quando ele me arrancou de seu aperto. E Kael foi atrás de mim, porque aos seus olhos eu sou dele.

Eu não sei como me sinto sobre isso. Parte de mim está irritada por pensar que sou uma posse de um dragão. E outra parte de mim é grata que ele decidiu que sou dele e assim me salvou do outro dragão. Estou um pouco horrorizada por estar feliz com isso. Eu também estou um pouco lisonjeada. Apenas um pouquinho, só um pouquinho, mas eu recuso imediatamente, consciente da culpa que isso causa.

— Serviu bem por me sequestrar. — digo a ele, mas as palavras parecem rudes no momento em que saem da minha boca. Ele não precisava me salvar.

Talvez seja o meu tom de voz, mas os olhos dele se estreitam. Ele olha para o braço e depois para mim. Seus olhos ainda estão girando com o preto, mas o ouro pisca com mais frequência, deixando-me saber que ele está perto de voltar para si mesmo.

Enquanto meus olhos se fecham com os dele, ele se endireita e faz um ronronar baixo em sua garganta. Eu solto meu olhar e... Sim. Kael voltou a se ligar. Seu pênis se agita e se alonga, endurecendo enquanto eu assisto.

— Isso tem que acontecer toda vez que conversamos? — Eu pergunto a ele, estranhamente sem fôlego.

Enquanto eu assisto, ele levanta o braço e lambe a ferida, mas seu olhar ainda está firmemente focado em mim.

Isso é quase... Sexy. Deus, eu não deveria ficar fascinada por isso.

— Não, Kael. — digo a ele, usando minha voz mais firme. Qualquer coisa para me distrair.

— Eu percebo que você é tanto dragão quanto humano, mas não é assim que você limpa uma ferida.

— Kael. — ele imita, estendendo a mão e roçando as pontas dos dedos no meu braço. Seus olhos se tornam mais escuros, e ele se move para frente, e sua pele se roça na minha.

— Ferida.

Quando ele se aproxima, percebo o quão grande ele é. A pele manchada e o peito musculoso preenchem minha visão, e eu coloco minha mão em seu braço ferido. Não consigo deixar de notar que minhas duas mãos não podem circular em um de seus bíceps. Arrepio.

— Talvez mais dragão do que humano. — murmuro para mim mesma.

— Vamos. Vamos limpar você, pelo menos. Sei que está tudo ligado, mas você também está coberto de sangue, e espero que não seja tudo seu.

— Bah-luhhd —. Ele inclina a cabeça, observando minha boca, em seguida, tenta passar o polegar - seu polegar sangrento - sobre os meus lábios.

Eu me afasto. — Não!

— Não? — Suas sobrancelhas se juntam, e ele olha para as manchas vermelhas em sua pele.

— Sim, sangue. — repetindo sem paciência. Meus dedos roçam sobre os dele e eu toco o sangue pegajoso que se seca nas pontas de seus dedos com garras. Ele mancha o vermelho escuro entre as pontas dos meus dedos, e eu mostro a ele.

— Sangue. E está tudo sobre você. Então, vamos lá. Eu pego sua mão na minha, ignorando o quão grande e familiar, ainda que estranho, ele é para mim. Sua mão é grande, mas masculina, a pele quente, porém um pouco quente demais. Os dedos fortes e tem cinco em cada mão como qualquer homem, mas com garras em vez de unhas. Ele é humano, mas não é bem assim.

Eu vou apenas ignorar isso - não exatamente - por agora. Ele me quer exatamente como estou - suja nua e incapaz de conversar com ele.

Conduzindo meu dragão-homem pela mão, eu volto para o banheiro que reivindiquei como parte de nossas novas escavações e tiro outra pilha de toalhas de papel desgastadas. Eu abro a água, em seguida, arrombo um dos dispensadores de sabão para cavar um pedaço de sabão seco. É a única coisa

que tenho, então terá que servir. Eu esfrego em uma toalha de papel molhada e olho para Kael enquanto faço espuma.

— Eu percebo que você está todo brincalhão no momento, mas eu não vou sentar aqui e tentar falar com você enquanto você está ferido e cheio de sangue.

Ele me observa curioso, enquanto eu vou em direção a ele com as toalhas de papel molhadas. Suas narinas se abrem e ele pega minha mão quando o alcanço, e ele cheira o sabonete e a toalha, franzindo o nariz.

— É para lavar. — Quando ele continua a franzir o cenho, eu mudo o tom da minha voz, tornando-a suave e reconfortante.

— Vou limpar você. Tirar o sangue. Limpo os dedos na toalha para demonstrar e depois gesticulo para o rosto e o braço dele, sorrindo.

— Você não gostaria de ficar limpo? Limpar todo esse sangue?

— Limpo... Sangue. — ele repete, olhando nos meus lábios. É a melhor frase que dele até agora, mas não posso deixar a suspeita de que não é porque ele está aprendendo. Mais como se ele estivesse tentando me impressionar.

Sim. Eu prefiro a pele limpa. — Além disso, posso ver a ferida melhor. Eu decido começar com o braço dele primeiro, já que ir para o rosto dele poderia deixá-lo cauteloso. Eu pego sua mão na minha e uso a outra para esfregar cuidadosamente a ferida, olhando ocasionalmente para observar sua reação.

Ele não tem nenhuma.

Eu limpo a ferida novamente. Ainda sem reação. Se estiver doendo, ele não fala nada. Isso é bom, pelo menos. O corte é longo, mas raso e coberto de sangue.

Ele sangra como um humano - suponho que deveria estar feliz por isso. E ele não está reagindo negativamente às minhas atenções. Em vez disso, seus olhos estão passando rapidamente entre o dourado e o preto, e ele está fazendo pequenos e agradáveis ruídos na garganta.

E por alguma razão, esses sons me fazem corar.

— Legal, Romeo. — murmuro, dando um último golpe no braço antes de se mover para o peito.

— Eu quero fazer isso. — Estou aliviada ao ver que todo o sangue lavado de seu peito e ele não tem mais do que alguns arranhões. Ocorreu-me que estou completamente dependente dele no momento e, se pretendo voltar a Amy, ou ficar só viva, ele precisa ficar inteiro.

Eu deveria estar pensando mais em Amy, percebo de forma culpada. Como vou voltar para Fort Dallas e minha irmã. Em vez disso, eu me concentrei em Kael e no sequestro assustador de hoje. Se eu pensar no que poderia ter acontecido...

Mas não, eu não vou cair naquele buraco do coelho. Eu não posso chegar a Amy agora. O problema do outro dragão foi corrigido, e agora eu só preciso me concentrar no que posso lidar. E agora posso lidar com o Kael. Então, pressiono guardanapos molhados no canto da boca, notando o quanto seus lábios estão cheios, apesar dos dentes afiados que ameaçam logo atrás deles. Se ele mantivesse a boca fechada para esconder as presas e fechar os olhos, ele pareceria humano o suficiente, eu acho. Suas feições são fortes, mas não muito desumanas ou desagradáveis. Ele é bem bonito, na verdade. No começo eu

pensei que ele era surpreendente, mas agora acho que não consigo parar de olhar para ele. Ele também tem os cílios mais longos que qualquer homem humano que eu já vi. Longo e grosso, como as grossas ondas de cabelo âmbar na cabeça, imagino.

Ele é grande e assustador e exagerado, mas estou meio acostumada com isso. E não é assustador para mim. De qualquer maneira, ele está totalmente focado em mim. Eu penso sobre a reação dele quando o outro dragão me pegou. Kael ficou furioso, mas ficou para trás no caso do outro me deixar cair. Era como se ele realmente estivesse mais preocupado com minha segurança do que com o fato de que seu brinquedo favorito foi tirado dele.

Eu gentilmente limpo sua bochecha, olhando para ele enquanto trabalho.

— Eu não sei o que eu teria feito se o outro dragão me carregasse e você não viesse atrás de mim. — Não gosto de pensar sobre isso, mas é uma coisa muito real. Eu quase morri hoje quase acabei como humano de estimação de outra pessoa. Kael me quer - ele deixou isso bem claro -, mas ele também é paciente, atencioso e gentil em seu caminho de dragão. É como se minha felicidade realmente importasse para ele.

Com o outro dragão teria sido assim? De alguma forma, duvido. Eu posso imaginar o macho dourado com cicatrizes mastigando minha cabeça. Mas talvez não. Ele me pegou e tentou me manter em vez de apenas dar uma grande mordida em mim. Isso deve significar que ele queria algo semelhante ao que Kael queria de mim, fisicamente.

E isso não teria sido bom.

Mesmo com todas as nossas diferenças, sinto que tenho uma conexão com Kael. Nós nos comunicamos - mais ou menos - e há carinho entre nós. Mais uma vez, mais ou menos. Uma atração estranha, com certeza. O outro dragão não foi tão paciente quanto Kael. E então é estranho pensar em —dragões — e — paciente — na mesma frase, o que me faz refletir. Eu termino de limpar o sangue de seu rosto e depois sorrio para ele.

— Goste ou não, se tivesse que ficar presa com um dragão, eu tenho sorte de que seja você, Kael.

Seus olhos escurecem ao som de seu nome, e ele me puxa contra ele.

— Clau-dah.

Eu corro ao sentir a pontada de sua ereção pressionando contra o meu estômago, e isso me faz bem ciente de quão nua eu estou com ele. Eu pareço perder mais roupas em torno desse homem. Dragão. Tanto faz.

— Você não é bom em aceitar não como resposta, não é?

Sua cabeça se inclina e suas pupilas ficam negras em seus olhos. — Não?

É claro que ele pegaria essa maldita palavra. Estou um pouco nervosa com a forma como os olhos dele ficaram pretos, no entanto. Ele provavelmente ainda está se sentindo possessivo com sua recente batalha, e dizendo que ele não está certo agora provavelmente não é uma ideia tão quente.

— Não foi o que eu quis dizer. — Dou-lhe um pequeno tapinha e vou ao torneira pegar mais água.

Ele segura meu braço, não me deixando afastar dele. Em vez disso, ele rosna baixo em sua garganta e tenta me puxar de volta em seus braços.

Eu me viro para ele com uma carranca, mas ele tem um redemoinho negro em seus olhos. Ok, aparentemente, mesmo andando alguns passos de distância está provocando ele.

— Eu estou apenas pegando mais água para limpar você. — Quando ele não solta, mesmo depois disso, eu lhe dou um olhar exasperado.

— Claudia é de Kael, ok?

Eu não quero mais ninguém.

Ele me libera.

Eu me movo para as pias e abro a torneira, deixando a água correr em um jorro. Mesmo depois de dias com água corrente, ainda parece uma surpresa, e estou com medo de secar, então nunca deixo isso em funcionamento. Mas no momento em que ligo a água, seu braço serpenteia ao redor da minha cintura, e isso faz com que meu traseiro se encoste ao comprimento duro e ereto dele.

Ele fuça meu cabelo por trás e eu posso sentir sua respiração no meu ombro.

— Clau-dah... Kael? —

Oh garoto. Calor corre através de mim ao mesmo tempo em que um formigamento de alarme aparece. Eu o vejo no espelho rachado. Seus olhos são fendas negras de prazer, e o grande braço que envolve minha cintura é macio. Ele passa a boca por cima do meu ombro, e então eu sinto seus quadris se moverem, esfregando seu pênis contra o meu traseiro em um gesto descarado.

Eu... Poderia ter comunicado a coisa errada para ele. Meu objetivo era dizer a ele que eu era dele e ninguém mais, então ele se acalmaria. Ele parece pensar que eu lhe dei consentimento para, bem, me tomar como dele.

De todas as maneiras imagináveis.

Eu faço um pequeno barulho de protesto na minha garganta enquanto ele pressiona contra o meu traseiro novamente, acariciando o comprimento dele ao longo da fenda da minha bunda. Tudo bem, isso é errado.

E isso é incrível. Deus, eu sou uma mulher doente porque quero que ele faça de novo.

CLAUDIA

— Clau-dah. — murmura naquela voz incrivelmente profunda, e ele parece tão incrivelmente feliz em me tocar que isso causa arrepios no meu corpo. Meus mamilos endurecem em resposta, e eu posso sentir o pulsar entre minhas coxas. Quem já disse meu nome com tanto prazer?

— Kael. — eu começo, tentando chamar sua atenção.

— Eu não tenho certeza.

Minhas palavras irrompem em um suspiro quando seu olhar captura o meu no espelho. Há uma expressão de prazer sensual no rosto dele. É a aparência de um macho extremamente excitado, cobiçoso e sexual de uma só vez. E ele está me olhando no espelho, como se estivesse notando minhas reações ao seu toque. Quando percebo isso, sua grande mão flexiona meu estômago, e eu respiro quando desliza entre meus seios. A garra do polegar roça meu mamilo em uma exploração suave.

E sempre, seu olhar está trancado no meu.

Eu não posso parar o gemido que escapa da minha garganta. Não deveria se sentir tão bem, deveria?

Ele continua ainda contra mim. Enquanto eu assisto, suas narinas se abrem.

— Clau-dah. — ele rosna, sua voz áspera. Sua outra mão se move para segurar meu outro seio, e enquanto eu assisto no espelho, ele começa a brincar com os dois, acariciando e provocando meus mamilos duros.

Claro que eu respondo. A sensação do grande macho protetor pressionando minhas costas e suas mãos acariciando meus seios? O conhecimento de que isso é errado e um pouco sujo, porque ele é o inimigo e perigoso, certo? Tudo me deixa incrivelmente excitada. Um pequeno gemido escapa da minha garganta, e eu fecho meus olhos, inclinando-me em sua carícia enquanto ele continua a provocar meus mamilos sempre tão gentilmente com aquelas garras grandes e assustadoras. Eu posso sentir escorrendo entre as minhas coxas.

Kael inala profundamente novamente e depois diz meu nome mais uma vez.

— Clau-dah. — Ele está praticamente ronronando.

— Sim, eu sei. — eu murmuro envergonhada com o fato de que ele está cheirando a umidade da minha buceta no ar. Não é como se eu pudesse parar, no entanto. Não com a intensidade com que ele está me olhando no espelho. Quando o meu prazer é a única coisa que importa.

E isso é incrível.

Porque eu estou ligada, talvez meus instintos naturais para ser cautelosa em torno de Kael estão caindo. Porque eu quero tocá-lo também. Deslizo a mão para trás, estendendo a mão para o cabelo grosso e incomum. Ele enterra o rosto no meu pescoço, inala profundamente, e seus dedos se arrastam sobre meus mamilos novamente.

Deus, estou ficando tão molhada.

— Clau-dah. — ele murmura novamente, e no espelho eu vejo como sua mão deixa o meu peito esquerdo e desliza entre as minhas coxas. Um dedo grande e grosso separa meus lábios da vagina e desliza ao longo da minha carne, em seguida, mergulha no meu núcleo. Eu sei que estou molhada e pronta - posso praticamente sentir meus sucos deslizando pelas minhas coxas. E me pergunto o que ele vai pensar disso.

Seus olhos estão pretos, mas ao invés de assustadores, é feroz e incrivelmente sexy. O olhar possessivo está estampado em seu rosto, e eu vejo como sua grande mão segura minha buceta, e eu posso sentir suas garras jogando contra minhas dobras. Ele é incrivelmente cuidadoso, no entanto, e quando um dedo grosso pressiona contra o meu núcleo, eu deixo meus quadris um pouco flexíveis.

Seu grunhido de prazer me deixa ainda mais quente, e ele pressiona o rosto contra o meu cabelo. Kael ronrona meu nome novamente e depois tira a mão dele... E eu poderia apenas chorar com o quão vazia me sinto com a perda. Mas ele apenas levanta a mão no ar, virando-a e admirando o brilho da minha excitação em sua pele.

Então ele leva a mão à boca e lambe suas garras, me provando. Eu estou fascinada quando seu lábio se enrola em um grunhido feroz. Ele me empurra contra as pias, seus quadris pressionando contra os meus. Uma perna fica entre as minhas e ele empurra minhas coxas para o lado, seu peso me prendendo contra o balcão.

Ele vai me levar, bem aqui, agora mesmo.

Mesmo que eu esteja ligada, eu entro em pânico.

— Espere! Não!

Kael para, mas ele rosna novamente, parecendo furioso. Seus dedos vão para minha buceta e ele os mergulha novamente, arrastando-os ao longo da minha umidade como se para provar que estou excitada.

— Clau-dah. Kael.

Eu gemo com o toque, mas ainda acho que a força de alguma forma balança minha cabeça. Com muito cuidado, afasto a mão dele enquanto ele tenta me tocar.

— Você está indo rápido demais. Desacelere um segundo.

Ele inclina a cabeça, me observando, e seus olhos ficam com negros, formando redemoinhos furiosos. Cada músculo em seu grande corpo vibra com uma tensão mal contida. Eu preciso consertar isso, ou ele vai me jogar no balcão e me foder quer eu queira ou não.

Então é melhor que eu realmente queira. E eu quero. Deus como eu quero. Só preciso de um pouco mais de preparação. Eu tenho que mostrar isso a ele.

— Kael. — murmuro, minha voz baixa e suave.

— Eu não estou rejeitando você. Só preciso te mostrar como fazer Claudia pronta para você. Compreende?

Mas ele não fala inglês, então é claro que ele não entende.

Eu empurro a mão dele e viro devagar. Quando ele chega para mim de novo, eu pego sua mão e a coloco na minha bochecha, encostada na palma da mão dele.

— Kael, eu quero você. Claudia quer Kael. Mas deixe-me mostrar o que gosto primeiro, ok?

Aqueles olhos não muito humanos estão hipnotizados pelo meu tom de voz persuasivo, e eu o sinto tremer quando pressiono um beijo na palma da sua mão.

Só assim, estou no controle dele novamente.

Eu fecho meus olhos para os dele e, em seguida, pulo de volta para o balcão do banheiro, me deixando quase da sua altura. Eu puxo Kael para frente até que ele esteja entre as minhas pernas, e eu coloco minhas mãos em seu peito, observando seus músculos duros como pedras sob a pele âmbar com salpicos de pintura. Ele é forte e letal, seu poder mal contido. Quando eu o toco, posso senti-lo saltar com consciência, mas ele não se afasta.

Tudo bem, vou beijá-lo então. Minha mão vai para trás do pescoço dele e eu o puxo com delicadeza.

Ele endurece, recuando. Seus olhos se estreitam.

— Clau-dah. — ele rosna, agarrando meus quadris e me puxando para frente no balcão, seu pênis descansando contra o meu sexo. Ele empurra um pouco, pressionando a cabeça contra a minha buceta.

— Eu sei. — digo a ele, e arrasto meus dedos ao longo das linhas do pescoço e da clavícula como se ele não estivesse tentando ser mandão.

— Isso pode ser como dragões fazem coisas, mas eu sou humana, e nós gostamos de ter um pouco mais de calma. Então, deixe-me fazer as coisas no meu ritmo, ok? — Eu passo meus dedos sobre a minha boca e, em seguida, coloco-os contra seus lábios, indicando que eu quero colocar o meu lá.

Os olhos de Kael se estreitam e ele estala os dentes para mim.

Eu empurro de volta, assustada.

— Sem morder. Eu só quero beijar. — Apesar de olhar para os dentes afiados dele novamente, estou começando a ter minhas dúvidas. Eu umedeço meus lábios, pensando e, em seguida, tomo sua grande mão na minha. Ele deixa seus olhos indo para o ouro com prazer novamente. Tudo bem, progresso. Com o meu olhar preso ao dele, eu levo o polegar para a minha boca e gentilmente chupo.

Isso chama sua atenção. Ele faz aquele grunhido baixo e sexy em sua garganta novamente, mas não se afasta.

Agora estamos chegando a algum lugar. Eu gentilmente lambo seu polegar, acariciando-o repetidamente com a minha língua, com cuidado para evitar que a garra de seu dedo. Eu lambo e chupo sugestivamente e depois, lentamente, arrasto o polegar para fora da minha boca. Então eu estendo a mão e passo meu polegar sobre seus lábios.

Ele os separa para mim, levando meu polegar em sua boca e me acariciando do jeito que eu fiz para ele. Ele faz aquele grunhido baixo e satisfeito em sua garganta novamente também.

— Isso é bom. — eu respiro minha excitação retornando ao olhar puro de intensidade em seu rosto. Eu me afasto da boca dele e então gesticulo que eu quero colocar meus lábios nos dele eu tento puxá-lo em minha direção novamente. Meu corpo está zumbindo com desejo e excitação, e o pensamento de poder beijá-lo está me deixando louca.

Desta vez, ele me deixa. Seu grande corpo se encolhe, e ele apoia as mãos na bancada de mármore da pia, uma de cada lado. Seu rosto está a centímetros do meu. Tudo o que preciso fazer é fechar a distancia.

Eu cuidadosamente coloco minhas mãos em suas bochechas, inclino minha boca e me movo contra ele.

Kael está rígido e inflexível quando eu coloco minha boca contra a dele, então me concentro na costura de sua boca, passando minha língua contra ela, determinada a fazê-lo se abrir para mim. Depois de um momento de hesitação, ele separa seus lábios e eu deslizo minha língua para o calor de sua boca, tentando não pensar naqueles dentes incrivelmente afiados. Ele não me machucaria.

Para minha surpresa, sua língua imediatamente se enrosca com a minha e começa a esfregar em um movimento erótico que faz meus dedos se enrolarem. Eu gemo de prazer, surpresa com o quão boa sua boca é na minha. Ele parece estar gostando do beijo também, o grunhido baixo e ronronante retornando à

sua garganta. Suas mãos seguram meus quadris e ele me prende contra ele, sua boca saqueando a minha.

Está claro que qualquer relutância inicial de Kael se foi - ele é um beijador entusiasta, e está claro que ele vai dominar o jogo entre nossas bocas. Eu fico ofegante, surpresa com a intensidade do beijo.

Ele finalmente se afasta de mim apenas o tempo suficiente para seus lábios roçarem os meus nos mais suaves beijos.

— Clau-dah. — ele murmura, e as sílabas do meu nome estremecem sobre a minha pele.

— Rapaz, você é um aprendiz rápido. — digo a ele, sem fôlego. Um momento depois, ele prova isso ainda mais beijando minha boca novamente, e então começando a beijar minha mandíbula e pescoço, acariciando-me a cada movimento. Eu vou com minhas mãos se movendo sobre sua pele quente e dourada. Ele é tão grande e forte. Grande e forte em todos os lugares, na verdade, e minha atenção vai para a barra de ferro que é seu pênis pressionado contra as minhas pernas mais uma vez.

— Clau-dah. — ele murmura, e sua boca se move para baixo, para a base da minha garganta.

— Hum, continue, — digo a ele. Eu não consigo ter o suficiente de suas carícias. Vou me preocupar amanhã com o quão errado isso é. Por enquanto, só vou aproveitar.

Mas então ele cai de joelhos na minha frente e, para minha surpresa, ele enterra o rosto entre as minhas coxas. Ele inala bruscamente, e o grunhido baixo e

satisfeito ronca através de seu corpo. Grandes mãos seguram meus quadris, e ele me inclina para frente, então começa a enfiar a língua na minha buceta do jeito que eu o beijei.

Oh querido doce Jesus.

Eu perco qualquer esperança de sanidade. Eu acho que já estive no controle? Ele sempre foi o responsável. Eu grito quando ele arrasta aquela língua áspera e felina sobre minhas dobras. O prazer explode através de mim, e eu me agarro ao seu cabelo enquanto ele encontra o botão do meu clitóris. Ele parece surpreso com a minha reação feroz ao toque exploratório de sua língua sobre ele e fica mais entusiasmado.

— Kael. Oh Deus. Eu... espere... isso é demais. — Meus sentidos explodem a cada arrastar de sua língua sobre meu clitóris.

— Clau-dah. — ele murmura, e não deixa de lambar, provocando e atormentando-me com cada movimento de sua língua.

Minhas mãos se fecham em suas ondas grossas, e meus quadris começam a tremer em resposta a cada língua quente e áspera que ele me dá. Eu não posso evitar. Ele é muito bom com a boca e preciso disso. Tão mal. Pequenos gemidos escapam da minha garganta e ele redobra seus esforços, ficando mais entusiasmado com cada movimento de sua língua. Parece que meus olhos vão rolar na minha cabeça com a intensidade de tudo isso.

E eu não tenho intenção de pará-lo.

KAEL

O gosto de Clau-dah é incrível. Eu não consigo o suficiente.

Isso me surpreendeu quando o cheiro de sua excitação inundou quando nos tocamos. Ligeiramente a princípio, mas quanto mais eu a toco, mais o cheiro dela enche o ar. Ela não é como as fêmeas drakoni, de maneira alguma. Ela não quer uma luta para despertá-la. Ela quer ser tocada, acariciada e colocar a boca na minha.

Eu gosto disso.

Eu posso fazer isso por ela. Não admira que ela tenha dito — não — para mim tantas vezes - nunca aprendi os sinais apropriados. Uma fêmea drakoni ficará vermelha em sua forma de batalha para chamar a atenção de um macho e desafiá-lo para uma luta. A partir daí, um macho que derrote uma fêmea deve decidir se ele irá reivindicá-la como sua companheira ou esperar por uma fêmea diferente.

Eu derrotei muitas, mas nunca reivindiquei uma. Nós nos acasalamos e eu agradei às fêmeas, mas nunca dei a nenhuma minha semente.

Eu nunca quis uma companheira... Até agora.

Clau-dah será minha.

Ela não é como as mulheres drakoni, no entanto. Ela não quer lutar para me mostrar sua excitação. Ela quer colocar a boca na minha e me fazer acariciar sua pele. Ela está me mostrando como agradá-la e fazê-la molhada e tremendo de desejo. Não é com um desafio, mas com um carinho.

Eu amo agradar minha fêmea. Amo os pequenos sons que ela faz o jeito que seu corpo se contorce e arqueia sob o meu toque. Ela não está brigando ou dizendo — *Não*. Em vez disso, ela se apega a mim, querendo mais. Então eu dou mais, enterrando meu rosto contra sua buceta quente, onde seu cheiro de excitação é o mais grosso, e provando ela lá.

Seu gosto é enlouquecedor. Ainda mais enlouquecedores são os pequenos suspiros que ela dá quando lambo seu clitóris. Ela faz alguns sons estranhos que podem ser palavras enquanto eu agito minha língua sobre seu clitóris, e seu cheiro excitado quase me afoga. Isso me faz rosnar profundamente com prazer.

Seus quadris se movem em resposta à minha língua, e meu pau está duro e dolorido com a necessidade. Eu resisto à vontade de acariciá-lo, porque lembro como ela reagiu da última vez. Seria tão fácil tirar o peso dela da pedra em que ela estava sentada, virá-la e montá-la. Reivindicá-la e torná-la minha. Mesmo agora, a loucura brinca nos limites da minha mente, encorajando a violência. Não contra ela - nunca contra minha companheira -, mas o desejo de mudar para a forma de batalha e levar ao ar para causar guerra e destruição são grandes.

Mas então Clau-dah faz outro som suave, e eu sou atraído de volta para ela. Para o rosto dela, aturdido de prazer. Para seu perfume, enchendo o ar ao meu redor com seu doce perfume. Clau-dah é tudo que importa. Se ela me deixar reivindicá-la, a loucura irá embora. Eu vou ter minha âncora. Então eu a lambo

novamente, acariciando sua buceta com a minha língua como fiz com a boca. Eu quero que ela aproveite isso para que ela não recue e diga a palavra — *Não*. — novamente. Eu trabalho suas dobras doces e lisas, lambendo e provando-a repetidamente com a minha língua. Eu acaricio sua buceta brilhante, daquele pequeno nó que a faz tremer, todo o caminho até seu núcleo quente, depois de volta novamente. Quando as mãos dela se apertam na minha juba, eu quero dar mais a ela. Eu dobrei um dedo e pressionei uma junta em seu núcleo, com cuidado para evitar que minhas garras a machucassem. Ela é muito frágil, não como um drakoni. Eu serei totalmente cauteloso com minha Clau-dah. Machucá-la durante a reclamação seria devastador. Eu nunca me perdoaria.

Quando ela gemeu seu prazer, eu empurrei minha junta em sua buceta novamente. Ela dá um pequeno grito e seus músculos se apertam em volta do meu dedo, ordenhando-o. Eu rosno com prazer em sua resposta, reconhecendo seu pico de prazer, bem como a onda do perfume que o acompanha. Ela estará pronta para eu montá-la agora.

Eu olho para cima e a bela Clau-dah está corada, sua pele orvalhada de suor. Seu peito se ergue, sem fôlego, fazendo seus seios balançarem. Sua boca é macia e cheia, lábios ligeiramente separados. Eu quero provar sua boca novamente naquele momento, sentir contra a minha própria boca. Ela é tão exuberante e adorável, minha fêmea estranha. Não consigo o suficiente dela. Eu fico em pé e fico feliz quando ela levanta os braços. Eu a puxo contra mim e seus braços vão ao redor do meu pescoço. Ela não está se afastando. Eu me inclino para reivindicar sua boca em outra pressão de lábios, e minha língua se inclina contra a dela, compartilhando seu aroma de excitação.

Ela geme alto, e suas pernas trancam em torno de meus quadris, sua buceta esfregando contra o meu pau.

E ela dá outro pequeno flexionamento de seus quadris, como se ela me quisesse dentro dela. É outro sinal da minha Clau-dah.

Eu acho que é isso.

Eu puxo minha boca com relutância da dela. Enquanto o faço, suas mãos percorrem minha pele, e ela me segura ainda mais possessivamente. Ela deveria estar se afastando, virando-se para que eu possa montá-la. Ela não quer isso, então?

— Clau-dah?

Sua pequena mão vai para o meu pau, e a respiração sibila da minha garganta.

— Kael. — ela murmura, e depois diz algumas outras palavras que eu não entendo, mas elas soam encorajadoras.

Eu queria entender sua linguagem. Minha necessidade cresce e meus dentes doem com a necessidade de afundar nela. Minhas presas alongam-se em minha boca e posso senti-las enchendo-se do fogo que a unirá comigo. Ela será honrada assim que eu fizer, eu acho. Eu sou um macho forte, capaz de derrotar todos os rivais. Ela terá orgulho de ser minha companheira.

Então, por que ela não se vira e me presenteia com sua buceta?

Em vez disso, ela agarra meu pau e acaricia o comprimento dele com a ponta dos dedos, e a sensação é tão incrível que minha mente quase escurece mais

uma vez. O suave murmúrio dela dizendo meu nome é a única coisa que me impede de ultrapassar o limite.

Sua mão aperta meu eixo. Então ela posiciona meu pau na entrada de sua buceta e flexiona seus quadris, em seguida, olha para mim, esperando.

Clau-dah quer que eu monte ela... cara a cara? É assim que o povo dela faz isso? Estranho. Eu sempre levei uma mulher por trás, mas o pensamento de reivindicá-la de qualquer maneira é atraente. Eu aperto seus quadris e a puxo para baixo contra o meu pau. Ela é... Muito pequena. Apesar da sua excitação, será difícil encaixar meu pau nela.

Eu pressiono contra a abertura, empurrando a cabeça do meu pau dentro dela. Ela geme suas pequenas garras cravando em meus ombros. Ela geme e sussurra palavras que eu não entendo.

Eu posso adivinhar, vá devagar, leve seu tempo.

Ela é apertada, a minha fêmea, e eu não quero machucá-la. Então eu empurro um pouco, depois toco o pequeno ponto de suas dobras porque ela gosta muito de acariciar. Suas costas se arqueiam, a boca trabalhando silenciosamente. Seus olhos se fecham com felicidade e ela é tão bonita. Eu me retiro um pouco, depois pressiono meu pau mais fundo, acariciando um pouco, trabalhando nela. O ângulo de nossos corpos torna difícil para eu tomar o meu tempo, ela está ligeiramente acima de mim, seus quadris angulados estranhamente graças ao local onde ela está sentada. Com um grunhido, eu me retiro dela e arrasto Clau-dah em meus braços, puxando-a de seu assento para o chão. Aqui posso me deitar com ela. Aqui, posso empurrá-la tão lentamente quanto eu preciso.

Seus olhos se arregalam de surpresa quando eu a deito e meu peso a cobre. Ela prende uma perna ao redor do meu quadril, me dando as boas vindas e eu respiro o cheiro dela. Sua excitação é avassaladora e inebriante, e faz a necessidade negra rodopiar nas bordas da minha visão mais uma vez.

Reivindicá-la.

Faça ela sua.

Tome-a como sua âncora.

Eu empurro a cabeça do meu pau contra o seu núcleo novamente e afundo um pouco mais para dentro. Ela é tão apertada, ela se encaixa em mim como uma segunda pele, sua buceta apertando ao meu redor, na mais deliciosa sensação que eu já senti.

Minha companheira.

Eu rosno com prazer feroz, acariciando-a novamente. Sua respiração para, suas pequenas garras cavando em meus ombros enquanto ela se agarra a mim. Ela geme palavras novamente, um fluxo delas.

Eu paro, tentando entender seus esforços para me comunicar.

Assim que eu paro, ela dá um tapa no meu braço, seu rosto frenético. — Não, não. — ela chora e balança os quadris. A próxima corrente de palavras é animadora, urgente.

Eu entendo isso. Ela não quer que eu pare. Estou agradando ela.

O conhecimento disso me deixa louco. A loucura que está tocando nas bordas da minha mente explode com esse prazer, e então eu sou selvagem. Eu descubro minhas presas e empurro profundamente, indo ao máximo dentro dela. Ela dá um pequeno grito de surpresa, mas então seu corpo estremece debaixo do meu, sua buceta apertando ao meu redor em pequenos espasmos que parecem intensamente bons.

Ela geme e murmura mais palavras, jogando a cabeça para trás. Suas pequenas garras se aprofundam. Minha fêmea está sem sentido com prazer. Eu empurro novamente, incapaz de me ajudar. Deve possuir. Deve reivindicar. Minha Clau-dah.

Minha. Eu sei que não estou mais sendo gentil e lento à medida que a loucura se instala, dando uma margem a tudo o que faço. Eu me concentro nela, no verde de seus olhos e na suavidade de sua pele, mas meu controle está perto de escorregar. Eu sei que estou batendo nela com fortes e rápidos impulsos. Seu corpo é tão acolhedor, tão apertado. Eu quero puxar para trás, para aliviar a loucura que me faz perder o controle, mas as paredes de sua buceta continuam apertando, Clau-dah alcançando seu prazer mais uma vez. Ela joga a cabeça para trás, as cordas no pescoço se destacando.

Chama para mim aquela pele lisa e intacta. Minhas presas queimam com fogo. Ela aperta meu pau com tanta força que eu posso sentir seu intenso prazer. Não posso esperar mais.

Com um grunhido, eu me inclino sobre ela, pressionando minha boca em sua garganta.

— Sim, sim. — ela geme claramente perdida na sensação. Suas mãos puxam meu cabelo, e ela as move por toda parte. — Sim.

Eu afundo minhas presas em sua garganta, liberando o fogo aceso nelas ao mesmo tempo em que venho. A escuridão explode por trás dos meus olhos e eu solto um rugido de prazer, mesmo quando a liberação bate fora de mim, bombeando em seu corpo. Minha Clau-dah. Minha. Eu continuo a penetrar nela, os dentes afundando mais fundo quando o fogo jorra das minhas presas com a força da minha reivindicação. Meu pau dói, cheio de necessidade, apesar da liberação do prazer. Minha semente não vai derramar em minha companheira até que eu a reivindique como minha. Eu não posso fazer isso sem medo de queimá-la.

Esta será minha primeira vez, para reivindicar uma fêmea, para levar as coisas além do flerte de uma batalha. Gastar tempo dentro da minha fêmea em vez de puxar fora de sua buceta no último momento e derramar minha semente.

Eu pensei que eu iria acasalar com uma fêmea que me desse um desafio em batalha, que seria tão ferozmente brutal como eu sou com garras e presas. Em vez disso, é um ser suave e doce, minha Clau-dah com sua pele macia e sua forma frágil.

A alegria de reivindicar minha companheira é esmagadora.

Minha.

Ela ainda está debaixo de mim. As mãos que me puxaram agora vibram contra a minha pele. Então um punho bate no meu ombro. — Ow! — Ela balança debaixo de mim novamente, mas não é com prazer.

Eu a prendo no lugar com meu corpo maior, segurando-a enquanto meu veneno se derrama em seu sangue. O sabor é doce contra a minha boca e estranho. Seu sangue vai mudar depois que ela estiver ligada a mim, eu percebo, e o pensamento me enche de orgulho. Ela vai ter o meu gosto, misturado com o dela. Meu perfume, em cima dela.

Permanentemente.

Sua mão bate nos meus ombros e ela murmura mais palavras, ficando mais irritada. Meu nome está lá e sei que ela está sofrendo. O fogo sempre arde com a primeira reclamação.

Mas Clau-dah não parece entender o que estou fazendo. Suas mãos puxam meu cabelo, determinado a me tirar de sua garganta. Eu ignoro seu puxão feroz, determinado a deixar o fogo girar em seu sangue e completar a reclamação. Ela apreciará a próxima, quando o calor dela não for tão novo para seu corpo frágil. Ela saberá relaxar em minha mordida e que se tornará prazerosa. Vou dizer-lhe estas coisas para que ela não lute da próxima vez. Ela está apenas se machucando.

Estou perdido no prazer de reivindicar minha companheira. Tanto é assim que me leva um momento para perceber que ela não está mais lutando. Ela está chorando e meu coração começa a chorar de dor. O veneno desaparecerá em breve, e minhas presas se retrairão de volta para minha boca e então eu serei capaz de me libertar dela. De lá, observarei as mudanças assumirem seu amado corpo com prazer. Não posso esperar que ela perceba o presente que eu estou dando a ela, o elo que irá nos unir eternamente.

O último do fogo deixa minhas presas, e meu corpo dá um último tremor, meu pau jorrando a tão esperada liberação da minha semente nela. Ela é finalmente minha. Eu posso dar a ela a minha semente e não queimá-la. Eu a sinto assobiar e ficar tensa debaixo de mim, e sei que é do calor do meu sêmen inundando seu útero. Ela percebe que somos companheiros agora? Satisfeito, eu relaxo em cima dela, exausto por despejar minha força no veneno que eu transferi para ela. Eu não tinha ideia que isso tiraria tanto de mim, mas, novamente, como não poderia? Estou compartilhando minha essência drakoni com ela, e ela não tem essência própria para transferir de volta.

Isso não importa. Ela é minha. Eu a reivindiquei.

Minha. Clau-dah é minha. Toda minha.

Eu a ouço sugar, e isso me agrada. Ela pode ouvir isso? O elo mental já está funcionando? Eu sondo sua mente com a minha, mesmo quando eu lambo a ferida em sua garganta. Por baixo de mim, a pele dela está esquentando. A mudança está começando. Não há resposta de sua mente, ainda não, mas virá em breve. Estou satisfeito. Muito satisfeito.

Ela rosna uma palavra dura, e seu braço se move.

Algo duro e pesado bate na base do meu crânio. A escuridão nada na frente dos meus olhos, e tenho a surpreendente percepção de que minha frágil e doce Clau-dah me atacou.

Então tudo fica escuro.

CLAUDIA

Um gemido escapa da minha garganta enquanto eu me deito sob a forma pesada e esparramada do homem-dragão com quem acabei de transar. Tudo no meu corpo dói e estou cheia de emoções, todas misturadas.

Esse foi o melhor sexo que eu já tive - até a parte em que ele me atacou.

Até então? Eu fiquei chocada e satisfeita com o sexo incrível com Kael. Seu pênis era enorme e parecia me acertar em todos os pontos certos. Cada impulso dentro de mim me levava a um orgasmo novamente, e eu vim pelo menos três ou quatro vezes. Ele era gentil, mesmo sendo muito maior que eu, e totalmente focado em me fazer gozar. Toda a minha experiência (reconhecidamente pequena) com sexo, eu nunca gozei tanto ou tão difícil com alguém. Eu amei cada segundo exaustivo disso.

Até que ele me mordeu.

Então tudo mudou. Eu fui de orgasmos constantes para um choque de dor, e isso parou a diversão e o prazer do sexo, como se tivesse me deparado com uma parede de tijolos. Eu bati nos ombros de Kael, implorando para que ele me soltasse, tudo sem sucesso. Ele apenas continuou me mordendo e rosnando, seu grande pênis se alojou dentro de mim.

Se for assim que os dragões terminam o sexo, eu não quero mais fazer parte disso. Mesmo quando ele finalmente veio dentro de mim, eu pude sentir sua libertação. Era como se seu sêmen estivesse brutalmente quente, tão quente

quanto à ferida no meu pescoço que ele passou de morder para apenas lamber. Mesmo depois de ter gozado, ele não saiu de cima de mim.

Toda essa deliciosa atração que senti por Kael? Foi embora. Eu pensei que eu o entendia. Que éramos amigos. Que ele nunca me machucaria.

Controlá-lo? Hah! Piada de merda.

Então, resolvi resolver o problema com minhas próprias mãos. Procurei no chão enquanto ele estava distraído, lambendo a ferida no meu pescoço. Não havia muito para usar como arma, mas encontrei um pedaço de concreto. Eu bati na parte de trás de seu crânio, mesmo que eu pudesse jurar que ele rosnou — Minha.

Ele me deu um olhar atordoado de surpresa que foi quase cômico, depois desmoronou em cima de mim.

E agora seu corpo esparramado está esmagando o meu.

Eu me sinto traída. Ferida. Brava.

Eu empurro seus grandes membros, frustrada. Um momento de pânico se instala depois. Eu... apenas o matei? Porcaria. Eu passo um dedo sob suas narinas, procurando por ar. Ele ainda respira. Eu não quero matá-lo, ele foi gentil até aquele momento, e eu estava amando isso. Mas esta é uma boa realização, eu acho. Humanos e dragões? Muito diferente. Está claro que Kael apenas me vê como um brinquedo e eu tenho criado histórias de mentirinha na minha cabeça sobre o que poderia acontecer se um humano e um dragão se juntassem. Este é meu chamado para despertar.

Hora de ir para casa, de volta para Fort Dallas.

Se Kael quer apenas um brinquedo sexual, ele terá que procurar em outro lugar. Eu estremeço novamente, lembrando da sensação daqueles dentes quentes enterrando profundamente na minha garganta. Engraçado como os filmes sempre faziam as mordidas de vampiro parecerem sexys. Claramente, ninguém escrevendo esses roteiros foi mordido na garganta antes, porque essa merda não é nada divertida. Mesmo agora, a ferida parece quente e dolorida. Então o mesmo na minha buceta, mas... Por razões completamente diferentes.

Eu tenho que sair antes que Kael acorde. Preciso voltar para Fort Dallas e a segurança da parede de carros e concreto. Lá, estarei a salvo das atenções de um dragão muito amoroso que gosta de morder quando tem orgasmos. Eu empurro seu corpo, de repente furiosa. Eu não tenho certeza se estou brava com ele por ser um dragão e, portanto, não tão humano quanto eu gostaria, ou se estou brava com a milícia de Fort Dallas que me deixou aqui para morrer com ele. Ou se estou brava comigo mesmo por entrar nessa situação.

Provavelmente todas as opções acima. Não importa, no entanto. Eu vou deixar essa raiva me abastecer e me tirar daqui. Com movimentos pequenos e oscilantes, consigo deslocar o peso para um lado e, a partir daí, é apenas uma questão de enrolar seu corpo grande e pesado.

Ele cai de costas e eu o estudo. O rosto de Kael é pacífico, sua boca entreaberta como se ele tivesse pensado em me beijar meio segundo antes de eu bater na cabeça dele. Seu pênis ainda está meio duro, e ainda brilha molhado com os efeitos posteriores do nosso amor.

Não, era sexo, eu mentalmente me corrijo. Todo o – *amor* - saiu pela porta quando ele mordeu a merda da minha garganta. Eu fico de pé e passo por cima de seu corpo grande e esparramado e olho para o meu reflexo no espelho. Meu pescoço está vermelho brilhante e irritado onde ele me mordeu, as duas perfurações profundas espaçadas a uma distância razoável na minha pele. Eu corro a mão pela ferida, estremecendo. Está inchado e quente ao toque.

Ele me envenenou? Muito bem. Eu me viro e olho para baixo em seu corpo caído, dividida entre a vontade de chutá-lo na virilha por ser um idiota e o desejo de pegá-lo e aconchegar-se contra ele. Eu devo estar realmente fodida na cabeça para sequer pensar no último, mas o desejo ainda está lá.

Eu passo por ele e saio do banheiro. Eu tranco a porta atrás de mim e percebo o quão estúpido é isso. Ele pode simplesmente atravessar uma parede ou voar pelo buraco no teto. Eu não posso trancá-lo em qualquer lugar que ele não possa sair, então eu preciso ser rápido e inteligente.

Eu vou para as escadas de saída de emergência. Se eu correr muito, posso conseguir voltar para Fort Dallas ao cair da noite. Vou ter que dar um nó no uniforme de zelador de novo, então não estaria pelada é possível. Hoje não é um dia de ataque de dragão, então eu deveria estar segura.

Por favor, deixe Kael dormir até eu chegar em casa.

Se eu não estiver dentro das paredes de Fort Dallas no momento em que ele acordar, estou ferrada, de várias maneiras. Penso na mordida que veio no final do sexo - e na lavagem quente do seu sêmen dentro de mim - e estremeço. De novo não. O pensamento estimula minhas pernas cansadas e trêmulas enquanto

eu corro para a sala principal, agarro os restos esfarrapados de minha roupa, e então desço as escadas mais próximas. Eu posso descansar quando estiver de volta à minha própria cama.

Tudo isso acabará em breve.

CLAUDIA

Eu deveria ter procurado roupas melhores, digo a mim mesma enquanto abro uma porta de carro dobrada e passo entre dois carros fundidos que compõem uma parte da barricada de Fort Dallas. O suéter que eu arrumei ficou atado por cerca de um minuto e, em seguida, acabou caindo em pedaços. Neste momento, estou passeando pelas ruas de Fort Dallas nua, coberta de arranhões e sujeira, e cheirando a sexo com dragão.

Mas pelo menos eu cheguei a casa. Derrotar Kael ou voltar à cidade tinha sido prioridade mais urgente, e se isso significasse desfilar nua e ficar arranhada no processo? Eu vou fazer isso de novo em um piscar de olhos. Não há ninguém em Terras Limpas além de mim, de qualquer forma.

Tem sido um longo dia de merda, mas está quase no fim. Eu espero.

Eu vi um dragão vermelho no céu dez minutos depois que deixei Kael para trás. Eu tinha me escondido, com medo de que ele fosse me ver de alguma forma. Minha mente estava cheia da luta de Kael com o outro dourado e a rapidez com que ele arrancou a garganta de seu oponente. A última coisa que preciso é ser reivindicada por outro dragão enquanto estiver fugindo do atual. Eu me aconcheguei dentro de uma lixeira velha, não me importando, pois o cheiro era

de sujeira velha e o fedor era avassalador ao sol do meio-dia. Não importava era seguro. Bem, quase seguro. Eu duvido que eu me sinta completamente segura novamente. Mas depois que uma hora se passou e não houve mais aparições de dragões, eu abandonei meu esconderijo e continuei em direção a Fort Dallas, constantemente olhando por cima do meu ombro em busca de asas de ouro.

Mas o céu permaneceu claro.

E agora a noite está caindo, o céu está escuro e roxo com o crepúsculo, e eu posso ver os pequenos lares queimando dentro de Fort Dallas. É um alívio, e eu sei que talvez Amy e Sasha estejam aquecendo as mãos em uma delas. Eu pressiono dentro da barricada, abrindo caminho pelo esconderijo familiar que escapei dezenas de vezes em minhas corridas para buscar coisas para trocar. Todo bom limpador tem seu próprio caminho secreto para contornar os guardas no portão, e este é o meu. Eu faço o meu caminho pelo banco de trás do carro e desço em um espaço estreito entre um prédio de tijolos em ruínas e um antigo beco cheio de lixo usado para transações no mercado negro, um pouco fora das estradas principais. Ninguém está fora e isso é bom. As pessoas tendem a se reunir perto de fogueiras depois de escurecer ou se esconder dentro de suas casas. Funciona para mim. Ninguém vai me ver fazendo um ato de Lady Godiva¹ pela cidade.

O que é bom, porque estou cansada, dolorida e com frio. A ferida na minha garganta lateja com calor desconfortável, e isso me deixa preocupada. As picadas de dragão estão infectadas? Pensar que eu beijei Kael.

¹ **Godiva** ou **Godgifu** (Mércia, c. 990 – Coventry, 1067) foi uma aristocrata anglo-saxã, esposa de Leofrico, Duque da Mércia. Godiva se tornou célebre pois de acordo com uma lenda, a nobre cavalgou nua pelas ruas de Coventry, na Inglaterra.

Pensar que queria beijar Kael. Que ansiava por ele. Inferno, que tinha feito sexo, mesmo depois que ele estava pronto para recuar. Eu devo estar louca.

Eu me mantenho nas sombras, indo através da confusão de ruas que compõem a favela de Fort Dallas. A pequena – *casa* – que eu compartilho com Amy e nossa amiga Sasha está localizada na parte mais pobre da cidade, o que significa que é em direção ao centro da cidade, onde as pessoas são menos protegidas contra ataques de dragões. Os arredores – e a antiga garagem de estacionamento que contém todos os edifícios importantes, como o quartel da milícia e a cadeia – são onde as pessoas estão mais seguras, mas você precisa de dinheiro ou poder (ou ambos) para conseguir um lugar como esse. Eu também não tenho, então vivemos na metade traseira de um ônibus escolar antigo em um estacionamento abandonado, cercado por outros que têm pouco dinheiro e proteção.

Nosso pequeno ônibus tem quatro pneus furados, uma frente quebrada e quase todos os assentos removidos - essas foram algumas das primeiras coisas que vendemos. Tudo bem, no entanto, já que não planejamos dirigir para qualquer lugar. O interior de metal faz uma casa razoavelmente aconchegante, embora seja dolorosamente quente no verão e amargamente frio no inverno. Mas isso nos mantém seguras e secas, e isso é tudo que você pode realmente pedir em momentos como esses. Eu o vejo na escuridão e no piscar de uma pequena lâmpada dentro, e uma onda de alívio me enche. Eu corro para casa, empurrando a porta dobrável e rastejando para dentro.

— Amy?

Mas é só Sasha que se encolheu sobre o fogo. Sasha com seus olhos castanhos e cabelos escuros e rosto muito magro. Sasha, que era linda e poderia estar

trabalhando como atriz ou supermodelo, se toda aquela coisa de — *apocalypse dragão* — não tivesse acontecido. Ela parece magra, e há uma contusão maciça cobrindo uma maçã do rosto.

Seus olhos se arregalam ao me ver. — Claudia! Onde diabos você esteve?

Eu caio no meu pequeno colchão, envolvendo em meus cobertores em volta do meu corpo como roupas improvisadas. — Onde está Amy?

Sasha coloca uma tampa sobre o pequeno barril de metal que usamos para cozinhar e depois rasteja para o meu lado.

— Você está horrível. Você está bem? E por que você está nua? Eles te machucaram? A milícia manteve você? Ela ofega.

— O que eles fizeram com você?

Sasha é uma faladora. Seu fluxo de conversa preocupada me faz sentir melhor, no entanto. É normal e poucas coisas parecem normais ultimamente.

— Eu estou bem, eu prometo. — Eu toco seu braço.

— Longa história e outra que compartilharei mais tarde. Onde está Amy?

— Foi te procurar. — diz Sasha, puxando uma garrafa de água batida e passando-a para mim.

— Você está bem? — Mesmo? Os guardas te atacaram? É por isso que você não tem roupas e está toda arranhada?

— Não. Sério, estou bem. Mas Amy...

Os olhos de Sasha se arregalam. — E posso apenas dizer isso? Você tem um cheiro muito estranho, garota. Como lixo e outra coisa. Você estava fora da limpeza e foi roubado? Quero dizer, você cheira como se estivesse limpando, mas você está desaparecida há dias e ninguém fica nua.

Eu dou a Sasha um sorriso cansado e tomo a água dela. Eu pretendo apenas tomar um gole... E acabo tomando tudo. Estou completamente desidratada e o sentimento febril está crescendo. A ferida no meu pescoço está me incomodando. Na verdade, tudo está me incomodando no momento, desde a sensação áspera dos meus cobertores até a maneira como meu cabelo sujo cai contra a minha pele.

— Eu acho que estou doente. — digo a Sasha.

— Doente? Como?

Um dragão me mordeu durante o sexo. — Não sei.

— É por isso que você cheira assim? — Suas sobrancelhas franzem juntas.

Eu levanto meu pulso para o nariz e cheiro. Eu tenho um cheiro estranho. Há um cheiro subjacente de suor e lixo, mas há um cheiro mais forte e incomum vindo dos meus poros. Cheira, curiosamente, como Kael - pele de dragão, especiarias e calor. Eu franzo a testa e cheiro meu outro pulso, então meu cabelo. Definitivamente vem de mim. Talvez o cheiro dele tenha sido esfregado durante o sexo... Mas não teria ido embora agora?

— Eu preciso de um banho.

Eu quero dizer que eu cheiro ruim, mas a verdade é que... Eu meio que gosto do cheiro. Só mais uma razão pela qual estou doente de cabeça. O cheiro de Kael é atraente e reconfortante, e eu gostaria de odiar isso agora.

— Você pode tomar banho mais tarde. Você tem que me contar essa história primeiro. Ela se volta para o fogo e levanta a tampa, e quando o faz, o cheiro de sopa flutua no ar, fazendo minha boca se encher de água.

— Eu estou fazendo ensopado se você estiver com fome. Há algumas carnes de esquilo e batatas.

— Ensopado? — Eu olho para ela surpresa. — Como você conseguiu os ingredientes para um cozido?

Sasha desviou o olhar, mexendo a panela pequena aninhada nas brasas.

— Como você acha? Nós estávamos com fome e você não voltou. Não havia nada para comer. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Certo. O — *amigo* — de Sasha na milícia que troca algumas moedas ou lanches em troca de sexo. Bem, mais do que sexo, eu acho, porque ela sempre retorna com hematomas ou um olhar assombrado em seu rosto. Eu já a avisei antes, que — *ver* — esse cara por comida é uma ladeira escorregadia. Sabemos que muitas garotas começaram com um amigo e acabaram com vinte ou cem. Elas sempre acabam na Blowjob Becky como uma das prostitutas. Sasha jura que é cuidadosa, mas as contusões em seu rosto e o desespero em seus olhos me dizem algo completamente diferente.

— Eu sinto muito. — sussurro.

— Eu deveria estar aqui.

— Isso acontece. — Ela encolhe os ombros.

— Não foi tão ruim, e eu comprei para mim e a Amy o suficiente para comer por alguns dias. Existem coisas piores. Você está com fome?

De repente, a mordida no meu pescoço não parece tão horrível. Kael foi gentil comigo, do seu jeito. O soldado de Sasha não tem um osso gentil em seu corpo. Ela se sacrificou por essa comida, e eu não vou afastar isso e ferir seus sentimentos.

— Eu irei comer. Obrigado.

Sasha despeja um pouco de guisado em uma tigela lascada e passa para mim.

— Diga-me o que aconteceu. Você está fora há semanas e estávamos muito preocupadas. Amy disse que ela foi visitar Tucker, perguntando por você. Ele disse a ela que a milícia tinha você, então ela foi perguntar a eles o que aconteceu.

Meu estômago revira desconfortavelmente. — Quando foi isso?

— Dois dias atrás. — Sasha mastiga o lábio, me dando um olhar preocupado.

— Eu perguntei por aí, mas não cheguei a lugar nenhum.

— Tudo bem. — digo, mesmo que não seja. É normal que eu e Sasha desaparecemos da noite para o dia, eu em corridas de limpeza procurando coisas para vender e Sasha com seu amigo. Mas Amy? Amy sempre espera aqui em casa. A perna dela é ruim e ela não pode andar muito sem doer. Ela sumir por dois dias é... Ruim. Eu engulo a minha comida. Eu tenho que ir encontrá-la.

— Ela conversou com 'Tucker, huh? Aquele maldito bastardo.

Sasha parece confusa, embalando sua tigela.

— O que ele fez?

— Ele me vendeu para a milícia, foi isso. — Eu mastigo com raiva, determinada a comer rapidamente. Eu não penso no fato de que a carne está um pouco estragada ou que é tão fina que você mal consegue provar no caldo. Não penso no fato de que eu comi carne fresca com Kael todas as noites. Ele me traiu. Eu me concentro em Sasha.

— Eu trouxe algumas coisas para Tucker vender, e ele tinha a milícia esperando quando cheguei lá. O bastardo me vendeu para salvar sua própria pele. — Ao suspiro consternado de Sasha, eu continuo.

— A milícia me prendeu e me trancou por mais de uma semana, decidindo o que fazer comigo. Então me puseram a julgamento na frente do prefeito, e você pode adivinhar como isso aconteceu.

Sua mandíbula apertada e ela franze a testa. — Aquele gordo hipócrita?

— Sim. Sentado lá usando um laptop também. Ele teve a coragem de me olhar nos olhos e me dizer que a limpeza era ruim e eu não deveria fazer, o tempo todo usando equipamentos destruídos. Ele é um pedaço de merda. De qualquer forma.

— Eu tremo e afasto minha tigela vazia, arrastando meus cobertores para mais perto.

— Ele decidiu que eu deveria ser permanentemente exilada.

Sasha suga um suspiro de alarme.

— Fica pior. — digo a ela. — A milícia teve uma ideia diferente.

Sasha fica aterrorizada.

— Pior que o exílio? Isso é a morte! Para onde você poderia ir? Ah, Claudia! Isso é horrível! A fortaleza mais próxima daqui é Fort Orleans, e está a centenas de quilômetros de distância. Você não vai conseguir. Lágrimas inundam seus olhos. — Se os nômades não pegarem você, os dragões vão...

— Tudo bem, Sasha. Mesmo. Apenas ouça. — Eu coloquei minhas mãos para tentar conter a maré de sua preocupação.

— A milícia ouviu que alguém em Fort Orleans domesticou um dragão, e eles decidiram me usar como isca. — Seus olhos expressivos se arregalam e ela abre a boca, mas eu continuo antes que ela possa surtar novamente.

— Antes que você pergunte, eu vou te dizer. Parece que os dragões gostam de fêmeas humanas. A milícia me limpou e me acorrentou a um poste em um dos prédios abandonados, e depois me deixaram para um dragão.

— Você não sabe, um apareceu não muito tempo depois.

O queixo de Sasha cai. — Mas como...

— Eu sei. Foi... Estranho. — Eu tremo com a lembrança de ver Kael pela primeira vez.

— Ele não me machucou. Na verdade, ele está meio que fascinado por mim. Eu acho que a milícia estava certa os dragões gostam de fêmeas humanas.

Aquele que me encontrou era um grande ouro, e ele me cheirou e tentou me alimentar. — Eu puxo os cobertores mais para cima, imaginando o quanto deveria contar a ela. — Oh, e, ele se transforma em um homem.

— Transforma-se em um homem? — A cabeça de Sasha se inclina um pouco, como se estivesse tendo dificuldade em digerir isso.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, eles são metamorfos. Ele pousou na minha frente e se transformou em um cara. — Eu gesticulo para o ar, como se isso fosse de alguma forma ajudar a explicar as coisas.

— Ele tem quase dois metros de altura, e sua pele é uma pouco esquisita e manchada, mas tem cabelo e sobrancelhas e tudo mais. Ele realmente parece humano, exceto pelos olhos, e ele tem garras. E presas. E alguns espinhos nos braços dele. E um equipamento maior que a média.

Sasha olha para mim. — Você viu o equipamento dele?

— Bem, ele estava nu.

— E você estava nua. — Suas sobrancelhas sobem. — Você fez aquilo.

— Isso não é importante. Eu estava apenas, você sabe, contando sobre como eles são diferentes de nós, mas ainda assim similares. — Estou corando tanto agora.

— Era farpado?

Eu olho para ela. — O que é farpado?

— Seu pau. Eu li isso em um livro uma vez. — Sasha me diz.

— Antes dos dragões. — Havia essas caras, os metamorfos que tinham pênis farpado. Alguns deles até tinham dois pênis.

— Deus não! Foi apenas diferente. Mais grosso. E ele é quente ao toque. — Eu não vou contar a ela sobre o lançamento abrasador de seu sêmen.

— Então você tocou no pau dele!

— Sua pele. — eu grito. — Sua pele é quente ao toque.

— Mas você tocou, não foi? — Ela sussurra. — Você pode me dizer.

— Hum Talvez. — Quando os olhos de Sasha se arregalam, eu acrescento apressadamente: — Não foi assim, no entanto!

Foi exatamente assim, mas ela não precisa conhecer os detalhes.

Sasha limpa a garganta, piscando. — Então você tentou domá-lo?

— Não! Eu não quero domá-lo! Foi só... — Eu me esforço para explicar isso.

— Então... ele me capturou, e foi muito legal e continuou tentando falar comigo. Mas também tornou óbvio que ele me queria.

— Queria você?

Eu concordo. — Eu acho que eles não veem muitas mulheres. — Ele continuou tentando me tocar, mas quando disse que não, ele recuou. Ele queria que eu o quisesse também.

O nariz de Sasha enruga com o pensamento.

E quero protestar que ela está entendendo errado. Que Kael pode ser muito doce e galante, e na época parecia meio certo estar com ele. Mas então ele me mordeu e tudo mudou novamente. Vai ser muito difícil explicar a dinâmica com Kael. A possessividade constante seguida de ternura intensa. Sasha não vai entender. Inferno, é difícil para mim e meu cérebro às vezes. É difícil pensar em um dragão tão terno e carinhoso... E mordaz. Que há uma dualidade em Kael, um lado é incrivelmente doce e o outro lado é incrivelmente assustador.

— Você tinha que estar lá. Ele me protegeu de outro dragão.

— Outro dragão?

— Sim. Ele tentou me arrancar dele. — Eu pulo a parte onde os dragões podem aparentemente cheirar a excitação e é assim que o outro dragão me encontrou.

— Kael me roubou do outro dragão que me sequestrou e ele ficou todo excitado.

Ele me queria, e eu comecei a limpá-lo, e uma coisa levou a outra...

— Limpando-o?

— O sangue. Ele arrancou a garganta do outro dragão.

Os olhos de Sasha se arregalam novamente.

— E você dormiu com ele depois disso?

— Eu não ia dizer a ele que não. — digo a ela. Mas parece injusto pintar essa imagem. Eu poderia ter dito a Kael não novamente. Eu poderia tê-lo

empurrado. A verdade é que, quando ele começou a me tocar, apenas respondi e queria fazer sexo com ele.

Mas Sasha não vai entender isso. Ela não gosta de sexo e só faz isso com seu amigo oficial para ganhar comida. Ela não entenderia o puro desejo e eu precisava que Kael me tocasse, ou como se sentiu quando ele colocou a boca na minha buceta e foi para a cidade.

— E... Então você fez sexo e depois ele deixou você ir? — Sasha parece impressionada.

— Uau. Eles são realmente domados por mulheres.

— Não exatamente. — Eu esfrego a mordida quente no meu pescoço. Deus, eu me sinto toda quente agora, realmente.

— No meio do sexo, ele me mordeu, e doeu. Então eu bati na cabeça dele com uma pedra. Deixei-o inconsciente e fugi.

Sasha coloca a mão na boca dela, ofegando.

— Ele mordeu você? Deixe-me ver isso.

Eu puxo os cobertores e empurro meu cabelo para o lado, expondo meu pescoço.

— É ruim? Estava feio mais cedo.

Sasha se inclina, clicando em uma das nossas preciosas lanternas que são usadas apenas para emergências, e brilha na minha pele. A luz desliza para frente e para trás no meu pescoço.

— Onde ele te mordeu?

— Você está brincando? — Eu posso sentir o calor da mordida correndo pela minha pele como veneno. Eu toco meu pescoço para mostrar a ela.

— Aqui.

— Eu não vejo nada. — Os dedos de Sasha correm levemente sobre a pele, e eles se sentem estranhamente frios.

— Você está quente, mas a pele não está rasgada e nada parece estar infectado. Tem certeza de que não entrou em pânico e imaginou? Eu acho que fazer sexo com um dragão pode causar um pouco de distração. Todas essas escamas.

— Ele não é escamoso —, eu murmuro a mão na minha garganta. Que estranho que a mordida tenha desaparecido.

— Sua pele está macia.

— Uh huh — Sasha claramente não acredita em mim.

— Olha, eu não vou te julgar por fazer sexo com ele. Você faz o que tem que fazer para sobreviver. Confie em mim, eu entendo isso. — Ela guarda a lanterna de volta e se senta em frente a mim.

— Você acha que ele vai ficar bravo?

— Eu não sei. — Eu estou tentando não pensar sobre isso.

— Ele virá atrás de você? — Ela estremeceu com o pensamento, puxando seus próprios cobertores para mais perto de seu corpo.

— Eu também não sei —, eu digo, mas suspeito que esteja mentindo, até para mim mesmo. Claro que Kael vai vir atrás de mim.

— Estou segura na cidade, no entanto.

Sasha parece cética, mas não diz nada.

— Você terminou de comer? Tem mais.

Eu entrego minha tigela vazia de volta para ela e balanço a cabeça.

— Eu estou bem. Eu preciso me vestir. — Eu me viro para o meu pequeno baú de pertences e pego uma camisa e um par de jeans.

— Onde você está indo? — Sasha pergunta.

— Eu tenho que encontrar Amy. Ela ainda não voltou e quero que saiba que estou bem.

— Você parece exausta, Claudia. Não pode esperar algumas horas?

Não há nada que eu queira mais do que me arrastar para a cama e dormir por algumas horas. Este foi o dia mais longo da minha maldita vida, começando com um sequestro de dragão, depois sexo com dragão, e depois uma corrida pela metade da Velha Dallas para voltar para casa, para Amy. Até o meu apartamento, meu colchão parece muito convidativo. Meu corpo dói de exaustão e sinto-me quente e tonta.

Mas eu tenho que encontrar Amy. Ela não está segura. Minha irmãzinha é muito confiante, e eu não a quero nas mãos dos guardas.

Sasha não diz nada enquanto eu rapidamente me visto e calço um par de botas pesadas. Minhas peças sobressalentes estão um pouco apertadas demais para os meus pés, mas são um bom par de botas, e assim servirão. Eu coloco uma faca no meu cinto e, em seguida, dou a Sasha um sorriso confiante.

— Eu voltarei em breve com Amy. Não se preocupe.

— Eu não posso deixar de me preocupar. — diz Sasha em voz baixa.

— Vocês duas são tudo que tenho.

Eu me sinto da mesma forma. Mas Sasha pode sobreviver sozinha. Sasha já está segura. Eu não sei onde está a Amy.

— Tenho que ir. — eu digo a ela. — Eu voltarei.

— Ok. — Sasha não parece convencida.

Eu não a culpo. Tenho o mau hábito de não voltar.

CLAUDIA

Eu procuro em todos os lugares por Amy. Eu checo com as amigas dela. Eu verifico com a casa das crianças, onde os órfãos são criados, porque Amy gosta de oferecer seu tempo. Eu verifico o Blowjob Becky também, apenas no caso, mas Amy não está entre as garotas que trabalham lá. Graças a Deus.

Eu até checo ao redor da casa de Tucker, mas ninguém a viu lá também. Não por dias. Eu não sei o que fazer até que Tucker me dá um olhar malicioso.

— A milícia está procurando por você, o prefeito quer ver você e tudo mais.
— Ele pega as unhas com um canivete.

— Fiquei meio surpreso que eles esperavam que você voltasse, mas eles disseram para mim: 'Você nunca sabe'. Pensei que eles estavam cheios de merda, mas aqui está você, cheirando a lixeira. Você tem saqueado?

— Você não gostaria de saber? — Eu blefei bravamente.

— Estou apenas procurando por Amy. Isso é tudo que você precisa saber.

— Pode haver algumas pessoas interessadas em saber que você está de volta.
— comenta.

— Não perca a viagem. — digo a ele.

— Eu estou indo para o quartel da milícia agora. — E eu me viro e saio de sua pequena loja de merda. Se Amy soubesse que a milícia estava procurando por mim, assim como Tucker diz, ela iria direto para eles e faria perguntas. Isso é perigoso. Não é só a milícia que está cheia de paus agindo por conta própria, mas são eles que me ofereceram o dragão em primeiro lugar.

E se eles oferecerem Amy a um dragão?

Esfregando o pescoço, corro pelos becos escuros, indo para os arredores de Fort Dallas e para as filas de quartéis que abrigam a milícia. Se minha irmã estiver em qualquer lugar, ela estará aqui, suponho. Eu só tenho que encontrá-la. Os quartéis da milícia estão escondidos em uma antiga loja de departamentos. As portas de vidro foram reforçadas com aço, e uma frágil cerca de arame encimada por arame farpado foi erguida em todo o lugar, para o caso de alguém decidir invadir o castelo, por assim dizer. Há um conjunto de portões, e eu vou para eles.

Eles têm guardas postados na frente, é claro. Segurando um rifle e levanta a mão quando me aproximo.

— Nenhum cidadão permitido aqui.

— Eu sou Claudia Jones. — digo a ele. Quando seu rosto permanece em branco, eu acrescento: — A garota que eles deram para o dragão!

Seus olhos se arregalam e ele me olha de cima a baixo surpreso, como se espantado por eu estar inteira.

— Você é a menina do dragão?

— Esta sou eu. Estou procurando minha irmã.

— Espere aqui. — Ele puxa um walkie-talkie e se afasta, murmurando algo nele. Eu ouço o zumbido alto e um resmungo em resposta. O soldado assente e se move para o portão, desfazendo a fechadura. Ele abre e olha para mim.

— Alguém está vindo para recebê-la.

— Ótimo. — Eu entro braços cruzados sobre o peito. A cautela substitui a minha exaustão, meus sentidos ficando alertas. Toda vez que estou perto da milícia, algo de ruim acontece. Eu não espero que seja melhor agora.

Mas Amy iria querer que eu fosse atrás dela, então eu vou. Minha irmã é a pessoa mais importante do mundo para mim. Não vou abandoná-la.

Eventualmente, um par de soldados aparece também armado com armas.

— Siga-nos. — o primeiro me diz, e gesticula com sua arma, indicando que eu devo segui-los para dentro agora.

Eu vou com eles. Ninguém nunca vai contra um miliciano armado, é claro. E se Amy estiver lá, é onde eu preciso estar. Eles me levam para o grande edifício que abriga o quartel. Está limpo aqui e surpreendentemente vazio, provavelmente porque é noite. Áreas foram abertas para fazer — *espaços* — diferentes dentro do maior, mas no geral, ainda parece que muitos olhos estão me observando. Amy está em algum lugar aqui? Na cama de alguém? Sendo mantido em cativeiro? Espero que ela não esteja em nenhum lugar perto daqui. Minha irmã é frágil em espírito e corpo. A perna flácida e enfraquecida fez com que ela precisasse de lugares moles para se sentar e descansar a perna com frequência. Sasha e eu fazemos o nosso melhor para cuidar dela, mas ela ainda

é mais frágil do que a maioria. Ela não é forte o suficiente para sobreviver no *Depois* e me preocupo, então faço o meu melhor para protegê-la.

É o medo por Amy que me faz seguir em frente, mesmo quando alguns guardas saem de seus aposentos e se reúnem por perto, sorrindo para mim. Eles me olham de cima abaixo, como se me vendo nua apesar da minha roupa. Eu sei o que eles estão pensando. Eles estão pensando que o dragão me deixou ir porque eu troquei favores sexuais ou algo igualmente sujo.

Eu odeio que eles estejam certos também. Bem, no meio do caminho certo, eu não acho que Kael tivesse qualquer intenção de me deixar ir. Eu empurro meu cabelo imundo para longe do meu rosto e mantenho meu queixo alto, ignorando seus olhares. Tudo o que importa é Amy.

Os guardas me levam para uma pequena sala nos fundos do grande prédio e me sentam no que parece uma velha escrivaninha escolar. Eu estou sozinha, e alguns momentos depois, dois homens diferentes entram. Um é o capitão da milícia e o outro é o prefeito. Ambos parecem surpresos ao me verem, como se não acreditassem nos relatórios que eu estava aqui à sua porta.

— Muito tempo sem nos ver. — digo-lhes secamente.

— Estou aqui pela minha irmã. Onde ela está?

— Em algum lugar seguro. — o capitão me diz.

Algum lugar seguro? Besteira. — Seguro como o que você me manteve? Ou você está guardando ela para usar como isca número sete?

O pensamento me deixa furiosa, e meus punhos se apertam.

— Ela não fez nada de errado!

O capitão levanta a mão para mim, como se tentasse me acalmar.

— Sente-se. Gostaríamos de fazer algumas perguntas.

— Eu não quero sentar. Quero minha irmã de volta. Ela é cidadã e você não tem o direito de segurá-la!

— Se ela quer permanecer residente em Fort Dallas... — o prefeito interrompe uma nota amarga em sua voz.

— Ela obedecerá às nossas regras. Assim como você vai. Eu ficaria feliz em banir vocês duas e posso impedir que vocês voltem para Fort Dallas. É isso que você quer?

É horrível, mas uma pequenina parte de mim quer isso. Eu gostava de estar com Kael. Eu gostava de passar tempo com ele, até a parte do sexo. Ainda estou frustrada e magoada com o resultado, e parece estranho que tenha perdido um amigo. Mesmo assim, eu provavelmente poderia sobreviver por um tempo nas terras de limpeza. Eu sei me esconder e como procurar por comida e bebida.

Mas Amy? Ela não é forte o suficiente. E sem minha ajuda para trazer produtos comerciais, Sasha terá que se vender só para comer.

Eu não posso fazer isso com elas.

Então eu cerro os dentes e não digo nada.

— Boa. Agora se sente. Como eu disse, queremos fazer algumas perguntas.

Eu me sento, sentindo-me impotente e com raiva.

— Conte-nos sobre a situação com o dragão. — diz o capitão, com os olhos brilhando. — Nós te deixamos acorrentada. Ainda assim você voltou aqui ilesa. Eu quero saber como isso aconteceu.

Ilesa?

Eles são idiotas?

Quero rir. Desde que eles me deixaram para morrer, eu quase caí de um prédio quando um dragão me arrancou de uma escada. Fui raptada por outro dragão, resgatada, mordida e agora estou de volta a Fort Dallas. Eu me sinto como uma bola de pingue-pongue que foi muito usada. Uma bola de pingue-pongue maltratada, ferida, febril, dolorida e cansada.

Ilesa, minha bunda.

Claro, dizendo que não vai me levar a lugar nenhum. Então eu conto uma pequena mentira.

— O dragão me soltou.

— Por que ele deixou você ir?

Eu dou de ombros, desconfortável com o pensamento de dizer-lhes muito sobre Kael. Apesar de toda a sua intensidade, ele tentou ser gentil comigo do seu jeito. Não é culpa dele eu não aguentei sua mordida.

— Ele viu meu machucando, então ele quebrou as correntes.

— Você domou o dragão?

Minha boca se contorce.

— Não há como domar esse dragão.

— Ainda assim você está aqui, inteira e ilesa. Como isso aconteceu? Como você escapou?

Ele estava vulnerável quando estava transando com ele não é uma resposta que eu gostaria de compartilhar.

— Onde está minha irmã?

— Estamos guardando ela. — diz o prefeito sem rodeios.

— Achamos que, se você voltasse para a cidade, gostaria de vê-la e nós queríamos vê-la. Claramente nós temos perguntas. Você não sai até que você responda.

Meu estômago cai.

— Minha irmã não fez nada de errado.

O prefeito é implacável.

— Não, ela não fez. Mas isso é mais do que sobre sua irmã. Estamos tentando salvar uma cidade inteira de pessoas aqui, e qualquer informação que você nos der é fundamental. Conte-nos o que aconteceu.

Eu olho para os homens, odiando que eles vão me fazer dar informações, e odiando que eu vou fazer isso, porque eu preciso libertar Amy. Sou fraca, eu sei, mas não posso deixar minha irmã sofrer.

— De onde você quer que eu comece?

— Do começo, é claro.

Irritada, eu começo. Eu lhes falo sobre o pouso de Kael e sua transformação para a forma humana. Isso chama a atenção deles e me questionam repetidamente. Eu não tenho certeza absoluta de que eles acreditam em mim, exceto quando eu menciono sua aparência como um ser humano, seus olhos e pele diferente, as garras nos dedos, aí eles trocam olhares.

Bastardos. Então eles sabiam o tempo todo que ele poderia se tornar humano? E ninguém se incomodou em dizer um pio para mim, o sacrifício humano? Estou cheia de raiva ainda mais indefesa.

Eles me fazem mais perguntas depois. — Ele falou em forma humana? Ele poderia conversar em inglês? Eu tentei espanhol ou francês? Que palavras ele sabia?

Eu mencionei que ele entende a palavra — Não. —, mas deixei de fora o seu nome, pois não é meu para dizer, afinal. Também deixo de fora grande parte da tensão sexual que crepitava entre nós e como teve um final muito ruim. Isso tudo parece muito... Pessoal.

Eu digo a eles que ele estava simplesmente fascinado comigo e tentou me alimentar e me proteger.

As perguntas começam novamente. — Quantas vezes o dragão mudou para sua forma humana? Ele tinha alguma vulnerabilidade em particular na forma humana? Eu achava que as balas perfurariam sua pele enquanto estavam em forma humana? — As perguntas me deixam extremamente desconfortável,

então eu minto para eles. Sem vulnerabilidades. — Não, as balas não vão machucá-lo em forma humana.

— Ele ainda está coberto de escamas. — eu minto.

— A pele é dura como uma rocha.

O capitão franze a testa e escreve isso.

— Eu pensei que você disse que a pele dele era humana, exceto por um padrão?

— É. — eu digo a eles, e coloco meu sorriso vazio. — Um padrão e as escamas claras.

Eles trocam um olhar que claramente questiona minha inteligência. Sim, coloque isso no seu relatório, idiota.

Eu menciono o outro dragão que Kael atacou, e eles me fazem ver em detalhes como Kael o atacou. Como ele se moveu, quanto tempo levou para seus dentes arrancarem a garganta do outro. Quanto tempo demorou outro dragão sangrar? O outro dragão tentou se comunicar com ela?

As perguntas me deixam desconfortável, e dou a eles o mínimo de informação possível. Isso não é para mudar a forma de viver ao lado dos dragões ou interromper os ataques. Este é um tipo de — *como podemos derrotar o inimigo* —, e eu não gosto disso. Talvez algumas semanas atrás eu tivesse aceitado tudo por isso, mas isso foi antes de conhecer Kael.

Eu não gosto do pensamento desses idiotas atacando ele. Eu não gosto do pensamento deles esperando por ele em sua forma humana e depois machucá-lo. Porque quando penso nele em sua forma humana, não penso no homem-

dragão que me mordeu. Penso no Kael brincalhão que diz meu nome daquele jeito adoravelmente errado.

— Ele não é um monstro. — indico para eles.

— Eu acho que ele está confuso a maior parte do tempo. Tudo o que ele queria fazer era me proteger e cuidar de mim. Ele não me machucou.

O capitão faz mais algumas anotações e depois folheia seus papéis.

— Vamos ver de novo. Você mencionou que ele arrancou a garganta do outro dragão. Ele se esforçou para fazer isso? Você acha que a garganta dele é uma vulnerabilidade em forma de dragão? Você é capaz de dizer a quantidade de força ali versus o resto do seu corpo?

Eu odeio isso.

— Por que você se importa? Está claro que eles podem aprender inglês. Podemos ensiná-los a falar conosco e levá-los a deixar as cidades. Tenho certeza de que ele faria isso se falássemos com ele e os outros dragões. Nós só precisamos nos comunicar com eles de alguma forma.

O capitão me encara por um momento. Então ele olha para as anotações novamente.

— Conte-me sobre as escamas na garganta novamente.

Ninguém está me ouvindo. Ninguém em tudo.

KAEL

Minha cabeça dói.

Meu corpo está curiosamente cansado, mas o pulsar na minha cabeça é o pior de tudo. Eu fico tenso, esperando para ver se esta é outra forma da loucura rastejante que sempre espreita nas bordas... Mas não há nada. Eu me sinto normal.

Eu abro meus olhos, olhando para cima. Através do teto quebrado, eu posso ver o céu acima. Ele está escuro, brilhando com a luz das estrelas. Ao longe, posso ver o contorno esverdeado e esfumaçado do céu de onde meu povo veio originalmente. A visão dele não me envia em espiral. Em vez disso, só me faz sentir um pouco triste. É um lugar para onde nunca poderei voltar, e suponho que uma pequena parte de mim sempre sentirá falta disso.

Leva um momento para eu perceber que os céus estão escuros. Não estava escuro antes, não quando eu a reivindiquei.

Minha Clau-dah.

Não, eu percebo. Claudia. Isso parece certo. Delicado e elegante, mas forte, como minha companheira.

Eu a alcanço, procurando seu corpo pequeno e macio. Memórias do nosso recente acasalamento inundam minha mente, e eu rosno baixo em minha garganta com prazer. Reivindicá-la foi a maior alegria que já experimentei, e me

deleito com os pensamentos de sua doce forma sob a minha, o cheiro dela enchendo meus pulmões, o gosto dela na minha língua. Já estou com fome dela novamente. Eu a alcanço com o elo mental, mesmo quando eu alcanço seu corpo. Eu devo ter adormecido depois de dar a ela meu veneno. Eu ouvi histórias sobre um drakoni ficar drenando de sua força porque nossa essência é compartilhada. Claudia não tem essência para compartilhar comigo, então talvez seja por isso que estou inconsciente há tanto tempo.

Mas minha mente está cristalina e brilhante, um sinal de que o vínculo é verdadeiro.

Minhas mãos não encontram Claudia por perto, no entanto. Eu me sento, usando minhas narinas na esperança de pegar seu perfume delicado. Ela foi embora?

Mas o único cheiro dela é de horas antes do desmaio.

Ela não está aqui.

Eu me sento, ainda cansado e esquecido. — *Claudia?* — Eu pergunto, testando a ligação mental entre nós que é estabelecida com um acasalamento.

Sem resposta. Eu posso sentir a ligação entre nós, mas ela está muito longe para receber meus pensamentos.

Muito longe?

Raiva brilha através de mim, quente e rápido. Algum outro homem pegou minha mulher enquanto eu dormia? Impensável. Uma companheira reivindicada está fora dos limites, mesmo nas mentes enlouquecidas dos

drakoni. Ninguém ousaria. Claudia é minha. Eu a reivindiquei. Ela é minha para proteger. Minha para amar.

Minha.

Eu solto um rugido pelo meu ultraje, gritando minha fúria para o céu. Eu pulo em forma de batalha e me lanço no ar, ignorando o desmoronamento do teto enquanto eu abro caminho através dele e o jeito como as pedras caem no chão bem abaixo. Não importa se eu destruir o prédio inteiro. Tudo o que importa é chegar a minha companheira.

Eu subo mais alto nos céus, minhas asas batendo furiosamente. Não há outro dragão por perto, nenhum senso de seu cheiro, mas o instinto guia minha mente. Com o elo de acasalamento entre nós, posso prender-me à corrente mental dela e encontrá-la. Eu fecho meus olhos e deixo que me guie.

Claudia vai voltar para mim, não importa quantos eu ataque para libertá-la.

Ela é minha para proteger.

CLAUDIA

Minha cabeça dói. Eu esfrego minhas têmporas, olhando para as luzes brilhantes em cima. O assento de plástico rígido em que estou sentada parece um pouco áspero demais contra a minha pele sensível, mas reclamar não me levará a lugar nenhum. Meus captores – porque eu não posso pensar neles de outra forma agora –, não estão interessados em mim ou no meu conforto. Não acho que eles me deixariam sair daqui com a Amy, mas também não acho que seria morta. Eles querem saber mais sobre dragões. Como eles comem. Como eles dormem. Como eles falam. Não importa o que eu diga, eles têm mais perguntas. Eu estou aqui por horas a fio. Talvez até a noite toda.

E ainda assim, ninguém me trouxe minha irmã.

Estou exausta. Eu não durmo há muito tempo, estou cansada, fedorenta e febril. Minha cabeça está doendo de forma feroz, e essas luzes brilhando no meu rosto estão apenas piorando tudo.

— Eu quero ver a minha irmã. — digo-lhes pelo que parece a milionésima vez.

— Eu preciso vê-la.

— Eu tenho medo de que isso não seja possível até...

— *Claudia!*

A ligação é tão forte que eu pulo de pé, assustada.

— Kael? — Sua voz é tão clara que parece que ele está na sala comigo.

— Senhorita Jones? — O capitão diz, dando-me um olhar perplexo. Demoro um momento para perceber que ainda estou de pé na minúscula sala do alojamento com o prefeito e o capitão.

No entanto, a voz de Kael era tão clara... Eu esfrego minhas têmporas novamente.

— Desculpe. Eu acho que estou cansada.

— Nós realmente gostaríamos de saber mais.

— *Claudia!* O triunfo possessivo reveste sua voz, rico e doce, e eu olho para as paredes. Eu não o vejo... Mas posso ouvi-lo. Como isso é possível?

— O quê?

— *Eu estou indo para você.*

— Hum. Vocês ouvem isso? — Minha voz está tremendo. Eu acho que estou perdendo a cabeça. Estou realmente conversando com Kael e imaginando ele vindo atrás de mim.

Eu fiquei oficialmente louca.

Eles trocam um olhar.

— Ouvir o quê?

— Nada. Eu acho que estou cansada.

— *Seus pensamentos são deliciosos.* — ronrona Kael em minha mente. Brilhante e puro. — *Estou feliz que você seja minha companheira, Claudia. Você enche minha alma de alegria.*

É estranho, mas parece que ele está se aproximando. Eu aperto a mão em um ouvido, depois o outro, verificando se há dispositivos de escuta ou algo assim. Não há nada, no entanto. Sua voz está vindo de dentro da minha cabeça. Eu olho para o teto de qualquer maneira, como se de alguma forma pudesse revelar um grande dragão dourado pairando sobre o meu ombro.

— Como é que eu posso ouvir você?

— O dragão? — Pergunta o capitão, a voz se elevando em alarme.

— Onde ele está?

— *Você é minha* — diz Kael dentro da minha cabeça.

— *Estamos ligados agora que nos acasalamos e eu reivindiquei você.*

Porra? Vinculada. Eu não quero estar vinculada. Ninguém me perguntou se eu tinha uma opinião sobre estar vinculada.

— *Você está infeliz. Eu não gosto disso. Por que você está descontente?*

— *Porque você não me perguntou?* — Merda, agora está respondendo na minha cabeça.

— *Eu perguntei a você. Eu disse seu nome e você respondeu colocando sua boca em mim e...*

— *Não é a mesma coisa! Isso não era pedir permissão para abrir um canal na minha cabeça! Eu não sei, neste momento, se estou dizendo as palavras em minha mente ou as dizendo em voz alta. As coisas estão se desfazendo juntas.*

— *Como eu poderia pedir permissão se não podíamos conversar? Mas agora podemos. A satisfação passa por sua mente.*

— *Agora você pode compartilhar seus pensamentos comigo o dia todo e a noite toda.*

— *Sim. Ótimo. Eu não quero compartilhar nada no momento, no entanto. Eu ainda estou brava.*

O prefeito grita algo para mim, e mais soldados entram na sala, com as armas na mão. Eu agarro minha cabeça, distraída entre o som da voz insistente de Kael e o que quer que o prefeito esteja gritando comigo.

— Você pode ficar quieto por um segundo? Eu não consigo pensar!

— *Eu estou indo para a colmeia humana para pegar você.*

Ah Merda. Meus olhos se arregalam.

— Você vem aqui?

— Ele está vindo para cá? — O capitão ruge, em pânico.

— Toque o alarme. Apronte os bunkers! Vai! Vai! Vai!

Um klaxon² sobe - a sirene do dragão.

— Como ela está falando com ele? — Pergunta o prefeito.

² É tipo uma buzina para alertar que os dragões estão chegando.

— Ela está grampeada de alguma forma?

— Ele está na minha cabeça — eu digo a eles, empurrando minhas mãos contra o meu couro cabeludo, como se isso impediria meu cérebro de surtar. O barulho da sirene está se misturando aos pensamentos de Kael, e tudo está me pressionando.

— Eu não consigo pensar com todo esse barulho

— O que ele está dizendo? — Pergunta o capitão. Ele se move para ficarem a centímetros do meu rosto, seus olhos atentos.

— Precisamos que você nos diga exatamente o que ele está dizendo.

A sirene soa longa e alta, e eu posso ouvir o barulho dos pés no alto quando a milícia se prepara. Kael vai entrar direto em um exército e eu o levarei para isso. Eu não sei o que fazer. Eu preciso pará-lo antes que ele chegue perto demais, porque eu não quero que ele morra.

— *Eu nunca quis isso.*

— *Você está chateada.* Os pensamentos de Kael atravessam o caos em minha mente como uma faca, cortando o mundo exterior. Eu ouço a sirene.

— *Devo fazer parar?*

— Você está perto o suficiente para ouvir a sirene? — Eu engasgo.

— Ele está bem no alto. — o capitão ruge.

— Tome uma atitude!

— *Claudia. Minha Claudia. Não se preocupe. Eu estou perto.*

— *Quão perto?*

— *Muito perto. Eu estou vindo para você.*

— *Por quê? Você precisa me deixar aqui.*

— *Eu não posso. Você é minha companheira.*

— Companheira? — Eu suspirei, horrorizada com o pensamento. Não só estou ligada a um dragão louco, mas ele pensa que sou sua companheira?

— *Eu não quero ser sua companheira.*

Algo frio e duro pressiona a minha têmpora. Congelei quando a arma disparou o som alto no silêncio ensurdecido da sala.

— Se ele acha que você é sua companheira... — O capitão me diz,

— Vou precisar usar você como isca. Eu sinto muito.

— *Ele tem uma arma apontada para mim.* — digo a Kael. — *Recue. Por favor! Eu não quero morrer.*

— *O que é uma arma?*

— *Não há tempo para explicar. Você não pode simplesmente ir embora?*

— *Eles te levaram embora.*

Eu não mencionei o fato de que fugi.

— *Kael, apenas vá, por favor. Preciso encontrar minha irmã e não vou chegar a lugar algum com você voando para uma armadilha.* A arma continua em minha cabeça e eu tremo. Na minha discussão com Kael, esqueci que alguém tem uma arma na minha cabeça.

Kael pega o meu medo, no entanto. Seus pensamentos ficam selvagens, mais escuros. Eu posso senti-los ficando mais escuros, e isso é assustador.

— *Por que você está com medo? Por que minha companheira está com medo?*

— *Isso vai me matar! Não venha aqui!*

No alto, um dragão ruga tão alto que todo o prédio treme. As luzes piscam e uma nuvem de poeira cai do teto.

— Ele não gosta que você esteja me ameaçando — sussurro, tentando me afastar da arma.

A boca do capitão pressiona em uma linha fina quando ele me olha nos olhos.

— Você diga a ele se ele quer que sua companheira fique viva e ilesa, ele precisa se afastar da cidade. Ele está colocando todos em risco.

Estou ficando sem tempo e ainda preciso salvar minha irmã.

— Apenas me dê Amy e eu vou pará-lo. — eu blefo, mesmo quando outro rugido sacode o prédio.

— Não parece que vai funcionar. — diz o capitão e balança a cabeça lentamente, pressionando a arma com mais força contra a minha têmpora.

— Desculpe-me, mas a segurança de todo o fort depende disso. Você precisa fazer com que ele saia. Agora mesmo.

Eu percebo que não vou ter um salvador neste momento. Ou melhor, sim, mas ele é um dragão cruel e não tenho certeza se ele é um bom rapaz. Ou eu serei baleada pelos guardas e nunca mais vejo Amy, ou sou raptada por um dragão e nunca mais vejo Amy. Estou ferrada de qualquer maneira.

— *Ele... Ele diz que vai me matar se você não recuar Kael.* Meus pensamentos parecem tremer tanto quanto meu corpo. — *Por favor, não machuque ninguém.*

Os pensamentos de retorno de Kael são tão sombrios e furiosos que eu estremeço quando eles explodem em minha mente.

— *Você é minha companheira! Ele está te afastando de mim. Se ele te magoar, eu vou rasgá-lo inteiro e deixar os corvos devorarem seus ossos!*

Bem, isso é... criativo. Eu engulo em seco e olho o capitão nos olhos.

— Ele não está feliz por você estar me assustando.

— Não estou feliz que ele esteja sobrevoando a cidade. — diz o capitão com voz firme.

Sim, mas se ele sair, com não tenho certeza do que vai acontecer comigo. Eu tento mentalmente imaginar o que vai acontecer se Kael me deixar para trás, e percebo com uma sensação doentia que estou presa. Todo ataque de dragão, o prefeito e o capitão vão tentar me usar como refém. Eu não estou me livrando disso, nunca mais.

Meu único caminho é com Kael, ele dos beijos quentes e mordidas aterrorizantes. Eu tento me recompor. Fique calma, Claudia. Se este é o caminho, encontre uma forma de seguir. Então eu decido fazer as coisas parecerem sombrias. Se eles quiserem me ameaçar, eu vou ameaçar de volta.

— Ele não vai me deixar aqui. Ele diz que se você me machucar, a coisa vai ficar bem feia.

— Eu não pretendo machucar você. — diz o capitão.

— Você e eu, vamos negociar. Se ele deixar a cidade por conta própria, eu te darei a ele. Diz-lhe isso.

— Ele diz que você precisa me dar a minha irmã.

— Você acha que ela estará segura com ele? — Como se para pontuar isso, Kael ruge novamente, e o capitão inclina a cabeça como se quisesse dizer, viu?

Eu odeio que ele esteja certo. Eu odeio não ter essa resposta.

— Eu não acho que ela esteja segura com você também.

— Ele não está atacando, senhor. — um dos homens chama pelo rádio.

— Ele está sentado no telhado do prédio e está esperando por algo. Seus pedidos?

O capitão olha para o rádio em sua cintura e depois para mim.

— Minha irmã. — eu o aviso. — Agora.

O capitão troca um olhar com o prefeito. Então ele aperta um botão no rádio.

— Vamos dar a prisioneira ao dragão. Espere.

— Não sem minha irmã.

— Não, estamos esperando que sua irmã seja levada para o quartel. Tire esse dragão daqui agora. A vida de um não supera as necessidades de muitos.

— Se você me mandar embora, não há nada que me impeça de dizer a ele para voltar e queimar esse lugar até o chão. Ele me escuta. Se eu disser que quero você morto, ele vai te matar.

— É por isso que preciso manter sua irmã como uma segurança. Você vai com ele e ele consegue o que quer. Sua irmã fica conosco como incentivo para que ele nos deixe em paz. — O olhar em seu rosto é quase de arrependimento. Quase.

Bastardo.

— Todo mundo consegue o que quer menos eu e a Amy?

— Você acha que eu não voltarei para pegá-la? Com um exército de dragões?

O olhar de arrependimento do capitão se transforma em raiva.

— Você mataria todas as pessoas aqui?

Não digo nada. Eu não destruiria o Fort Dallas, não, mas também não retirarei a ameaça.

— Mais uma razão para mantermos sua irmã.

Eu hesito, então abro minha mente para Kael novamente. — *Eles vão me dar para você se você prometer deixar a cidade em paz.*

— *Eu não vou prejudicá-los se eles não tiverem prejudicado você. Eu só quero minha companheira. Você está bem?*

— *Eu estou bem.* — digo a ele. Para agora. Mas sinto como se meu coração estivesse se partindo. Ah, Amy.

— Ele só me quer. Enquanto eu estiver segura, ele sairá.

O capitão assente.

— Sinto muito, senhorita Jones. Eu sei que você não gosta disso, mas ficamos com pouca escolha aqui. Meu conselho para você é veja o que você pode fazer para domar o dragão e fazê-lo sair dessa área por completo.

Boa chance de isso acontecer. Eu não vou sair, não com Amy e Sasha aqui. E Kael não vai a lugar nenhum sem mim, suspeito.

— Deixe-me dizer a ele que estamos chegando.

CLAUDIA

Uma tríade de soldados me leva até o telhado, com as armas apontadas nas minhas costas como se esperassem que eu de repente me transformasse em um dragão. Como se eu fosse super perigosa. É ridículo, mas eles estão com medo. Entendi. Inferno eu estou com medo e conheço Kael melhor que todos eles. Eu posso sentir seus pensamentos em minha mente, pressionando como se estivesse tentando decifrar o que está acontecendo com o meu silêncio. Ele está preocupado. Eu sei disso. E sua paciência está diminuindo a cada minuto que isso leva.

Eu preciso ter certeza de que ele é bom.

A última coisa que eu quero é que ele frite todo mundo no momento em que aparecermos no telhado, porque então eu não sei o que eles vão fazer com Amy.

— *Eles estão me levando às escadas.* — digo a ele. — *Não machuque ninguém. Eles vão me libertar.*

— *Você foi ferida?* — O alarme tingiu seus pensamentos, seguido por um rápido relâmpago de raiva. — *Devo destruí-los?*

— *Não.* — eu digo, me forçando a permanecer calma. — *Sem destruição. Eles só vão me liberar para você.*

— *Eu sinto infelicidade em seus pensamentos. Por que isso te deixa triste? Você é minha companheira. Eu vou cuidar de você.*

Não digo nada. Estou frustrada com o mundo. Amy ainda está em cativeiro. Kael ainda me mantém cativa. Eu não tenho controle sobre a situação, e é frustrante como o inferno. Pior de tudo, eu não tenho certeza se meus pensamentos estão seguros. E se Kael perceber que estou chateada e ficar com raiva e me matar também? Mesmo quando digo isso para mim mesma, sei que não é o caso. Claro, ele pode arrancar a garganta de outros dragões rivais e ameaçar incendiar todos em Fort Dallas para me recuperar, mas ele me quer sã e salva.

Mas isso não significa que não posso ficar chateada com isso.

Nós vamos pelas escadas de emergência para o telhado, e no topo das escadas paramos na porta de metal pesada que nos leva ao telhado. Quando isso é aberto, não há como voltar atrás. Eu olho para os soldados ao meu lado, notando o medo em cada rosto. Eu me sinto mal por eles. Não é assim que eles querem que as coisas sejam. Eles estão com medo de que eles estejam andando aqui para serem assados. E eles deveriam estar aterrorizados. Isso é tudo que já conhecemos desde que o rasgo nas estrelas se abriu. Eu não os culpo por estarem preocupados.

Um dos soldados me cutuca com a ponta da arma.

— Continue. Suba para ver seu namorado.

... Não significa que eles não são uns idiotas, no entanto.

Dou-lhe um olhar mordaz e ponho a mão na maçaneta da porta. Estou preocupada em voltar para Kael. E se ele estiver bravo por eu ter saído? E se ele me morder novamente? E se isso fosse apenas o começo? Há um milhão de hipóteses, e não tenho respostas para nenhuma delas. Eu respiro fundo, fortalecendo minha coragem e, em seguida, abro a porta.

Antes mesmo de eu abrir uma passagem, um enorme olho está olhando através dela, procurando por mim. O olho redemoinha-se em dourado e preto e, à medida que me avista, a cabeça do dragão se move e vejo um clarão de enormes dentes.

— *Minha companheira. Se eles te machucaram...* Mesmo deste lado da porta, eu posso ouvir o grunhido retumbante.

Os homens levantam suas armas, mirando-as em seus olhos.

— Não, tudo bem! — Eu coloquei minhas mãos para cima, parando-os.

— Eu estou indo, Kael. Recue.

— *Você está machucada?* — Ele rosna mais alto.

— Estou bem. Ninguém está ferido. Ninguém está sendo ameaçado. — Assumo um tom de voz calmo e feliz que é o oposto de como me sinto no momento.

— Mas se você não se afastar da porta, eu não posso sair.

Sua cabeça grande desaparece e o prédio treme enquanto ele se afasta alguns passos adiante. As armas abaixam alguns centímetros.

— Jesus. — diz um homem atrás de mim.

— Eu acho que apenas me borrei. Porra de filho da puta assustador.

— Saia daqui. — outro soldado me diz, e me cutuca nas costas com seu rifle.

— Tire-o da cidade.

— Sim, sim. Eu estou indo. — Com um olhar para trás para os soldados, eu saio para o telhado.

Kael está lá esperando em sua forma de dragão. Pela primeira vez, fico feliz que ele não esteja em sua forma humana porque ele é mais vulnerável assim. Eles não hesitariam em atirar nele se ele fosse humano. Como dragão, ele é assustador como o inferno. Seu volume maciço parece engolir a maior parte do teto, com o rabo balançando loucamente para frente e para trás, claramente agitado. Ele começa o grunhido baixo em sua garganta novamente quando me aproximo. — *Você cheira mal, cheira a eles.*

— *Sim, bem, você não cheira tão bem, amigo.* É mentira, porque o aroma quente e picante dele é estranhamente reconfortante. Mas estou cansada, infeliz e preocupada com a Amy. E agora um dragão me disse que eu cheiro mal. Eu meio que quero me enrolar em algum lugar e chorar.

— Podemos apenas ir?

Kael fica de pé, chicoteando sua cauda uma última vez, e então se move para o meu lado. Seu grande corpo supera o meu. Eu espero pacientemente enquanto o grande focinho sobe e desce pelo meu corpo, me verificando por ferimentos.

— *Não está ferida? Eles não te machucaram?*

— Não.

É estranho, porque eu posso sentir o prazer espiralando em sua mente com essa percepção e o alívio. E me sinto um pouco culpada por estar tão frustrada. Só um pouco, claro. Ele corre o nariz por cima de mim novamente, parando sobre a minha roupa.

— *O que são essas coisas que você tem em você?*

— Elas são roupas. Você já me viu usá-las antes.

— *Assim não.*

— Não, assim não. Estas são melhores.

— *Por quê?*

Eu me forço a ser paciente. — *Elas me cobrem, então eu fico decente.*

— *Eu não entendo isso – decente –.* — Ele puxa uma manga da minha camisa, como se tentasse arrastá-lo para fora de mim. Eu não gosto disso.

— *As pessoas não andam nuas.* — digo a ele, tirando a minha camisa de perto da sua boca antes que seus enormes dentes a destruam. Você não tem nada a dizer sobre o assunto.

— *Muito bem.* — Ele continua a passar o nariz por cima de mim, meio chateado, meio preocupado. — *Você cheira cansada. Infeliz.*

Ele pode cheirar essas coisas? Ele não está errado, estou cansada. Estou infeliz. Eu só quero me enrolar em algum lugar e chorar. Mais do que tudo, eu quero me enrolar com ele e tê-lo como animal de estimação e me consolar até que não

me sinta tão isolada e sozinha... Mas estou com medo de mais mordidas. Eu tenho medo que ele queira sexo. E odeio que não posso confiar na única pessoa que quero abraçar no momento. Tem sido um dia muito longo e não um bom dia.

— *Tem sido o melhor dos dias, porque eu reivindiquei minha Claudia como minha companheira.*

Eu olho desconfortavelmente para a porta a uma curta distância atrás de mim, onde os guardas ainda estão esperando. O cano de pelo menos um rifle se projeta da porta, e eu não sei se ele está apontando para mim ou Kael. Eu lembro que eles atiraram em mim antes. Bem, não esses soldados, mas outros que pensaram que seria uma boa ideia me — *salvar* — do dragão me matando.

Eu não confio em nenhum desses soldados para não atirar em mim novamente.

E por alguma razão, isso me faz sentir mais triste e solitária do que nunca. Não tenho mais lugar para chamar de lar e ninguém em quem confiar, exceto Sasha e Amy... E tenho que deixá-las. Vamos, digo a ele, lutando contra as lágrimas.

— *Eu quero sair daqui.*

— *Você diz isso, mas não é isso que suas palavras significam. Vamos ficar.* — ele me diz, como se o assunto estivesse decidido.

— *Eu não posso.* — digo-lhe categoricamente. Dragão pomposo.

— *Minha Claudia está triste. Por quê?*

— *Eles não querem você aqui porque você é dragão e não humano. E eles não me querem aqui também.*

— *Isso te deixa triste.*

— *Isso acontece. Esta é a minha casa. Ou foi uma vez.*

— *Sua casa é comigo.*

— *Mas você não é humano.* — Automaticamente penso e depois desejo que não pensado isso. Eu não quero irritá-lo.

Mas Kael não está zangado, apenas pensativo. — *Humano. Essa é a forma de duas pernas em vez da forma de batalha? Eu mudarei se isso te agradar.*

Eu aperto a mão no peito grande e escalonado, balançando a cabeça. — *Não, não mude! Aqui não. Eu não gosto da aparência desses rifles.*

Também não confio no comandante para não tomar o caminho mais fácil e simplesmente matar Kael no momento em que ele mudar para sua forma humana.

— *Vamos apenas embora, por favor.*

— *Eu farei como minha companheira pede.* Ele me toca novamente, a grande boca cheia de presas roçando meu cabelo. Então garras envolvem meu torso e pernas, e Kael abre suas asas.

Nós lançamos no ar um momento depois, e Kael começa a espiralar alto no céu, batendo suas asas furiosamente para ganhar altitude. Eu mantenho meu olhar abaixo, observando as pequenas luzes de Fort Dallas desaparecerem, e lágrimas inundam meus olhos. Parece que eu perdi minha irmã. Em algum lugar no labirinto do quartel, minha inocente e confiante irmã está sendo mantida em

cativeiro só porque um dragão gosta de mim. Não é justo. Eu voltarei por você,
Amy, digo a ela em silêncio. Eu prometo.



CLAUDIA

O voo de volta para o Scavenge Lands parece amargamente frio contra a minha pele febril. Os fortes ventos batem em meus cabelos e roupas, e estou tão derrotada. Não há lugar seguro para eu ir, não tenho como cuidar da minha irmã. Eu não sei o que fazer. No momento em que o dragão começa a descer em direção a um dos arranha-céus que compõem as ruínas da Velha Dallas, eu me sinto completamente perdida e sozinha.

Quando pousamos, percebo que Kael me levou de volta ao exato prédio de escritórios quebrado de antes. Têm pias, mas não muito mais, e em vez de me encher de alívio por haver água corrente, olho para os cubículos de lixo e para o piso de concreto com um olhar cansado. É conveniente, mas não é confortável. Não é casa. Estou começando a me perguntar se voltarei a ter uma casa novamente.

No momento em que Kael me coloca no chão com suas garras para me libertar, eu caio de joelhos. Eu estou sobrecarregada por tudo, e eu não posso ajudar as lágrimas de tristeza e para meu desespero começam a cair.

— *Você está chateada.* — Kael anuncia dentro da minha mente, seus pensamentos explodindo como um canhão.

— *Diga o que te incomoda.*

Dizer a ele o que me incomoda? Onde eu começo mesmo? Mas eu não quero falar sobre isso.

— Nada. — digo, cheirando. Ele não entenderia de qualquer maneira.

— Eu só quero um cobertor e uma cama quente. — Nenhum dos quais eu vou encontrar aqui. Olho em volta do escritório estéril, miserável. Eu odeio isso aqui.

— *Mas você gostou deste lugar.* — ele responde claramente confuso e bisbilhotando meus pensamentos. — *Você estava satisfeita com a água.*

— Essa é a única coisa boa aqui. — Eu envolvo meus braços em volta do meu torso, odiando que, mesmo que esteja vestida, ainda estou congelando. Uma camiseta e jeans finos e gastos não serão suficientes para me manter aquecida durante a noite. Eu ficaria grata por ter roupas, pelo menos, mas o vento aumentou e parece mais frio do que nos últimos dias. Eu não sei o que vou fazer se não encontrar algo mais quente.

Eu não sei o que vou fazer neste inverno.

Ou pelo resto da minha vida.

Normalmente sou muito boa em me concentrar no que posso controlar. Mas agora?

Eu sinto que perdi minha irmã e minha melhor amiga... E a única segurança que tenho. Amy e Sasha vão se perder sem mim. Sasha vai ter que dormir com seu amigo infeliz, e Amy... Eu não sei o que minha doce e frágil irmã vai fazer. Eu

enxugo mais lágrimas. Não consigo parar de chorar. Esta não sou eu, mas me sinto tão... Desamparada e fora de controle.

— *Eu posso te aquecer, Claudia. Eu vou te abraçar a noite toda.* — Há uma nota rouca em sua voz mental.

Oh Deus. A última coisa que eu quero agora é o enroscar-me com um dragão, já que o dragão é o motivo pelo qual fui totalmente abandonada pela humanidade. Eu me viro para dar a ele um pedaço da minha mente e vejo que ele está em sua forma humana, caminhando em minha direção com preto e ouro rodando em seus olhos. Ele também está muito obviamente – *animado* – com a minha presença. Sei o que isso significa. Eu sacudo minha cabeça.

— Ah não. Não agora.

O redemoinho negro em seus olhos imediatamente se move, retornando ao ouro calmo.

— *Não? Você não deseja que te aqueça? Você gostou da minha boca em você antes. Eu ouvi seus gritos de prazer e provei seus sucos. Faria isso de novo se você me deixasse Claudia. Você ficou satisfeita quando eu provei você. O olhar em seu rosto se torna persuasivo. Devo te mostrar?*

Eu achei que estava frio aqui antes? Agora estou toda quente e corada, pensando no nosso último encontro. Eu gostei da sua língua em mim. Muito mesmo. E gostei do jeito que me senti quando ele me deitou e oh tão gentilmente empurrou dentro de mim com aquele pau enorme dele. Isso foi incrível. Foi tudo o que veio depois disso que arruinou tudo.

— Eu só quero dormir, mas obrigada.

Ele inclina a cabeça, me estudando. — *Eu entendo isso. Eu vou te abraçar enquanto você dorme então você estará segura.* — Antes que possa protestar, ele imediatamente volta para a forma de dragão. No momento seguinte, estou contra o grande corpo de ouro e enfiada contra o seu antebraço. Uma asa se estende e se move para me cobrir, me protegendo dos ventos fortes. — *Dormir, Claudia. Eu vou manter você segura.*

— Eu não estou segura aqui com você também. — eu protesto. Mas o calor está me cercando, e eu me sinto segura aninhada contra ele. O dia longo e interminável me deixou em pedaços, e sei que essa não é uma luta que eu possa vencer ou uma que eu queira. Aninhada contra a pata dianteira de um dragão, é muito mais confortável do que o chão duro de concreto. Eu fecho meus olhos e relaxo.

Enquanto eu caio no sono, Kael olha meu cabelo. — *Dormir, Claudia. Tudo ficará bem.*

Ele não pronuncia mais meu nome errado. Hã.

Quando eu acordo, estou deliciosamente quente. Eu rolo na cama, encolhendo-me contra os travesseiros.

Um nariz grande toca meu cabelo. — *Você quer comer, minha companheira? Você tem outras necessidades?*

Meus olhos se abrem. Eu me sento, percebendo que estou embalada contra os gigantescos e escalonados membros dianteiros de Kael, em vez de travesseiros. Ele está acariciando meu cabelo imundo como se fosse a melhor coisa de todas. E sou fraca e terrível, porque me sinto aconchegada e amada.

Maldito dragão. Estar com ele é muito confuso. Eu corro a mão pelo meu rosto, tentando afastar o sono.

— O quê?

— *Você tem necessidades, minha companheira?*

Ei. — Você não pode dizer isso? Por favor?

— *Não posso dizer o quê?* — Eu odeio que ele soe adoravelmente confuso.

— Que eu sou sua companheira? E um, essas coisas sobre necessidades.

Eu aceno uma mão no ar como se não fosse grande coisa, mas a verdade é que, sempre que ele diz isso, eu não penso em comida ou água, eu penso sobre... Necessidades sujas. Tenho certeza de que não é isso que ele quer dizer.

Eu acho que.

— *Você é minha companheira. Seus pensamentos são altos na minha cabeça, claros como um sino. Eu te reivindiquei e te dei meu fogo. Meu veneno. Ele ligou você a mim. Nossas mentes são como uma só. Agora você pode pegar minha semente e eu não vou te queimar.*

Eu me sento em seus braços, lutando para processar o que estou ouvindo.

— Veneno? Então você me envenenou? Você é um idiota!

— *Por que você está ofendida? Eu compartilhei minha essência de vida com você para nos unir. Agora você está segura.*

— Sim, mas você não pediu.

— *Você me aceitou em seus braços. Isso não era permissão?* — Eu posso sentir a seriedade em seus pensamentos.

E... Porcaria. Estou começando a sentir uma mistura de culpa e frustração.

— Sexo casual não é uma coisa com o seu povo? Não podemos apenas fazer sexo porque queremos, não porque queremos estar acasalados ou algo assim?

Ainda estou zangada com o que aconteceu durante o sexo, mas estou começando a me ressentir menos com o que ele fez. Se for assim que as pessoas acham que as coisas acabam, é claro que ele não vai ver um problema com isso.

— Eu pensei que nós estávamos fazendo sexo casual. Apenas por diversão.

— *Mas você é pequena e frágil.* — Ele fareja o meu cabelo novamente e depois me deita suavemente no chão como se eu fosse o mais precioso dos objetos. — *Apenas um parceiro ligado pode pegar a semente do macho.*

— Então você me ligou a você? Com veneno?

Minha mão vai para minha garganta e meu pescoço ainda está quente. Na verdade, me sinto bastante corada e febril, embora eu esteja começando a me acostumar com isso.

— Tudo para que você pudesse gozar dentro de mim? Sério?

— *Você não é tão quente quanto drakoni. Eu não queria queimá-la quando tivemos prazer e lhe dei minha semente.*

— Lembrando, não foi um prazer para mim, não depois disso. — No flash de alarme em sua mente, eu balancei minha cabeça.

— Esqueça. Eu não quero discutir isso. Quero saber mais sobre essa porcaria de veneno. Podemos reverter isso?

— *Você é minha companheira. Por que eu mudaria isso?*

A grande cabeça em forma de cunha se move na minha direção, seus olhos rodando em âmbar com apenas um toque de preto.

Eu sacudo minha cabeça.

— *Eu não posso ser sua companheira. Eu sou humana. Uma coisa não é igual à outra.*

— *Eu não sou como você, eu posso mudar para a forma de dragão tão facilmente quanto pensar, Claudia.*

— *Pequena e frágil, mas você é fértil. Eu terei cuidado com você. Isso eu prometo. Meu pau se encaixa entre suas pernas docemente, e você tem um gosto delicioso. Eu poderia lambar entre as coxas por horas. Você gostou especialmente quando toquei o pequeno nó lá. Seus gritos foram agradáveis para mim.*

Oh deus, conversa suja de dragão não deveria ser quente. De alguma forma, isso é muito mais sexy do que quando ele estava em silêncio e apenas infundindo nossos nomes com todos os tipos de insinuações. Eu não gostaria de ouvir isso. Eu não deveria.

— Silêncio.

— *Você não quer que eu fale sobre o quanto eu gosto de agradar minha companheira? Devo mudar para a minha forma de duas pernas e mostrar-lhe?*

— Ei! Não! Eu não quero ver nada agora! Estou uma bagunça.

Eu quero me bater por usar isso como uma desculpa. Estar suja não é a razão pela qual não quero que ele me toque. Pelo menos, não deveria ser. Mas toda vez que estou perto dele, fico nervosa e começo a pensar em coisas que não deveria. Como o fato de que sua língua é rouca mesmo em forma humana.

Pare com isso, Claudia. Inclinação escorregadia aí.

Os pensamentos de Kael passam pelos meus. — *O que é essa – bagunça –? Eu não entendo.*

Eu puxo um punhado de cabelos sujos da minha cabeça e agito. — Isto. Eu estounojenta. Eu cheiro mal, lembra?

— *Você cheira como outros humanos, minha companheira. Eu também não aprecio o seu cheiro. Mas eu tolero isso por enquanto.*

— Caramba, valeu.

— *Você fala apreço, mas não está em seus pensamentos. Posso ouvir a provocação irônica em sua mente. Eu não acho que você seja totalmente sincera.*

— E eu não sei se sou fã dessa coisa mental. Como é que você pode falar na minha cabeça?

— *Nossa espécie vem do ar e dos mares. Nosso mundo tem ventos fortes que podem ser muito extremos de um lugar para outro. Nós aprendemos há muitos anos a falar através da mente e nos ligar às nossas famílias. É a melhor maneira de falar diretamente.*

— *Nosso mundo não é como o seu. Não é como este lugar horrível que cheira a humanos e decadência. Eu não gosto daqui.*

Enquanto ele fala, seus pensamentos tomam um tom selvagem e desesperado, e eu quase espero ver seus olhos ficarem negros com muita emoção.

Automaticamente, eu coloquei a mão para acalmá-lo e acariciar a balança na frente dele. Imediatamente, seus pensamentos se acalmaram e as emoções nervosas preocupantes flutuaram novamente.

— Se você odeia isso aqui, por que você não volta? Eu tenho certeza que os humanos ficariam bem com isso. — Inferno, provavelmente toda a humanidade pularia de alegria.

Eu não tenho certeza de como eu me sinto, e eu odeio ter que parar e questionar isso. Como os dragões se tornaram nossos inimigos. Mas Kael... Kael é diferente, e o pensamento dele saindo e eu nunca mais ver ele na minha vida preenche com uma sensação de vazio.

— *Não há retorno. Os céus se abriram e nos arrancaram de nossa casa. Desde então, nós existimos na loucura. Não há nada além de destruição e morte e a necessidade infinita de criar ambos.*

Eu senti aquele toque de loucura em seus pensamentos.

— Por que você está lidando com a loucura melhor em comparação aos outros?

— Eu continuo a acariciar suas escamas para acalmá-lo.

— Quero dizer, você foi cruel, mas não para mim.

— *Nunca para você.*

Ele se inclina e seu focinho gentilmente toca meu cabelo.

— *Você é o que me mantém ancorado à sanidade. A ligação a você me impede de perder o controle. Sem isso, eu seria...* Posso senti-lo fazer uma pausa.

— *Você não vai querer saber.*

— Eu quero. — digo a ele suavemente. — Eu preciso entender. — Sinto que muito entre nós está mal entendido e complicado. Se quisermos entrar em acordo um com o outros, precisamos descobrir como funcionar juntos.

— Você pode me mostrar?

Seus olhos encontram os meus e, quando o fazem, sinto-o abrir. Meu cérebro imediatamente se enche de uma intensa confusão de imagens, todas gritando em primeiro plano é impossível de entender. É como ser invadida por cem canais de TV de uma só vez, todos no volume máximo, e eu cambaleio. Um breve segundo depois, a imagem da inundação para, e eu afundo contra ele em alívio. Minha cabeça está latejando só por causa daquela pequena — parte —. Ele toca minha mão com o nariz, como se estivesse tentando me confortar.

— *É assim que estar no seu mundo é para mim. Mas com você como minha âncora, eu não ouço mais. Em vez de um rugido constante, é um zumbido suave no fundo e facilmente ignorado. Você traz luz e calma ao meu mundo. Você é meu mundo.*

Estou impressionada, não apenas pelo que acabei de aprender, mas por suas palavras doces. Não admira que ele tenha ataques de violência. Com todo aquele lixo em sua mente dia após dia, é uma maravilha que ele possa até falar comigo agora. Eu esfrego minhas sobrancelhas, apenas pensando em todo aquele caos.

— Então é por isso que você não vai desistir de mim? Porque eu mantenho sua cabeça quieta?

— *Porque você é minha companheira. Vai me trazer muita alegria cuidar de você e te proteger. Eu vivo pela sua felicidade. Um homem drakoni é totalmente dedicado a sua companheira. Eu mostraria a você quão devotado posso ser com suas necessidades.* — O ronronar baixo roncando começa em sua garganta novamente. — *E eu adoraria te provar de novo, minha Claudia.*

Oh doce senhor. Eu automaticamente aperto minhas coxas juntas em resposta. Tão rapidamente quanto o desejo e a necessidade me atingem, o mesmo acontece com o medo. Minha mente pisca com a memória daqueles grandes dentes afundando em minha garganta e a dor quente que eles trouxeram consegue trazer a razão.

— Eu não acho que quero que você me toque. Acho que quero ir para casa.

— *Sua casa está comigo.* — *Ele* agita as asas, agitado.

— Não, minha casa é em Fort Dallas. — digo a ele, teimosamente agarrada a isso.

— Eu tenho uma irmã lá e amigos. Mas eu não posso voltar, só porque você decidiu que você me quer como sua companheira. Você arruinou tudo para mim. Você tirou minha vida e minhas escolhas, tudo porque você acha que eu pertença a você.

— *Você... não deseja estar comigo?* — Seu tom é de espanto, como se ele não entendesse como eu poderia dizer não.

— Eu gosto de você, Kael. Mas eu odeio o que você fez. Você nem pensou em me perguntar. Você acabou de decidir escolher o que queria para mim e ligou minha mente à sua. E agora, porque você decidiu que precisa me ter, toda

a minha vida está arruinada. Não só a minha, mas a da minha irmã e a minha amiga. Só de pensar em Amy, tenho um nó duro na minha garganta.

— Você não pode apenas levantar e decidir que eu sou sua companheira. Eu também tenho que querer isso.

— *Você não quer ser minha companheira?* — Raiva brilha em sua mente, e eu me lembro da enxurrada de imagens esmagadoras que ele me enviou.

Eu sei que ele não está fazendo isso de propósito. E ele diz que não vai me machucar, então continuo pressionando.

— Por que eu iria querer ser sua companheira? Eu não consegui escolher, Kael. Você não parece entender isso, mas deixe-me soletrar de novo. Esta é minha vida não sua. Desde que conheci você, eu fui colocada em perigo, ameaçada e tirada de meus entes queridos. Por que eu escolheria você?

— *Você tomaria outro companheiro?* — Mais uma vez, flashes de loucura cobrem os pensamentos.

— Não necessariamente, mas...

O dragão se levanta, me jogando no chão do meu poleiro confortável em suas pernas.

— *Você escolheria outro companheiro e não a mim? Onde ele está? Eu vou destruí-lo!* — A loucura é tão espessa em sua mente, que até eu posso sentir isso vazando.

— Isso não é o que eu disse... — Eu começo.

Mas meu dragão se lança no céu, jorrando fumaça e fogo em um ataque de raiva. Eu suspiro, colocando minhas mãos nos meus quadris e observando-o ir embora. Bem, isso foi bem. Tente ser um pouco independente e um dragão perde sua merda. Figura.



CLAUDIA

Pela primeira vez desde que fui capturada (tanto por humanos quanto por dragões), fico sozinha por algumas horas. Eu suponho que isso significa que estou segura, porque Kael tem me dominado no passado com uma pitada de perigo. E ele continuou dizendo isso porque eu fui reivindicada e ele me deu seu 'veneno' e ninguém mais vai olhar para mim como uma parceira em potencial. Eu não estou mais em perigo com outros dragões e, portanto, posso ficar sozinha. Eu deveria estar satisfeita.

Em vez disso, estou sozinha e me sinto mais abandonada do que nunca.

Eu sei que não estou agindo racionalmente. Eu sei que dirigi Kael deliberadamente. Eu não o queria aqui comigo, mas quando ele saiu não me deixou feliz também. Minha vida foi completamente suspensa por causa de sua presença, e estou descontando nele. Estou freneticamente preocupada com Amy e estou descontando nele. Estou confusa sobre como me sinto sobre ele... E estou descontando nele.

Eu sei que é terrível. Sei que estou sendo frustrante. Só... Eu sinceramente não sei o que fazer sobre isso. Normalmente tento me recompor e seguir em frente com o que tenho para trabalhar, mas desta vez estou completamente frustrada.

Cada movimento parece errado.

Então eu não faço nada.

Não que eu possa fazer muito. Deixando de lado a questão - Kael vai surtar, e eu não quero isso. Além disso, não é como se pudesse voltar para casa. Eles apenas vão me prender me entregar de novo ou me usar como barganha adicional se decidir me manter. Minha liberdade em Fort Dallas se foi. Eu não tenho mais casa.

Eu fuço no prédio de escritórios vazio e decrepito, mas não há muito que fazer. Eu revisei isso há dias atrás, quando procurei por roupas, e agora está tão cheio de coisas inúteis quanto naquela época. Um grampeador não é tão prático em um apocalipse, e nem um aparelho de fax ou vinte telefones que não funcionam. De qualquer modo, faço uma procura superficial e, em seguida, volto para o banheiro e bebo água na pia usando uma caneca de – World's Greatest Boss³ – lascada. Meu estômago ronca de fome, e acho que isso é irônico. Aqui estou reclamando sobre como eu não posso ir para casa em Fort Dallas e tenho que ficar com um dragão. E, no entanto, esse dragão sempre me alimentou e cuidou de mim, e de volta a Fort Dallas eu teria que passar pela vida mais simples e passar fome mais dias do que posso imaginar. Preciso reexaminar minhas prioridades.

Mas eu não consigo superar o fato de que Amy está sendo mantida pelos soldados. Ela está ferrada e é minha culpa. E Sasha... Eu tento não pensar no que Sasha vai fazer. Sasha sempre encontra um jeito de sobreviver. Eu espiro água em minhas mãos, esfregando meu rosto e braços o melhor que posso. Não há mais toalhas de papel; Eu usei a última delas em Kael.

³ O maior chefe do mundo

E isso me faz pensar no jeito que ele me beijou e me tocou. Como me senti amada e adorada. Eu comi tudo. Não percebi que estava tão faminta por carinho até que ele me segurou perto, e nunca quis deixar aquele abraço caloroso. Ele realmente quer o melhor para mim. Eu continuo dizendo a mim mesma que está errado... Mas por quê? Kael me enfurece com sua possessão e atitude arrogante, mas ele é gentil e atencioso no geral. Não é culpa dele que este mundo o empurre para a insanidade.

Isso não é culpa de Kael, e eu preciso parar de culpá-lo por isso. Eu suspiro e me sacudo para tirar a água da minha pele. Eu estou culpando-o por um monte de coisas - minha irmã, meu exílio, a mordida, meu medo dele - e agora que ele se foi há algum tempo.

Eu entendo sua necessidade também. Os flashes que ele me mostrara da loucura eram absolutamente assustadores. Não é de admirar que os dragões estejam atacando cidades e destruindo tudo. Suas cabeças estão cheias de tanto horror que eles não sabem o que estão fazendo. Eu vi como pequenas coisas podem fazer os maus pensamentos surgirem na cabeça de Kael. Se sou a única que deixa as coisas quietas para ele... Eu entendo porque ele quer me manter.

É uma merda que eu não tenha voz em nada.

Amy minha pobre irmã. A milícia nunca vai deixá-la ir. Eles vão pendurá-la debaixo do meu nariz como uma apólice de seguro para tentar fazer com que eu force Kael a fazer o que eles querem. Amy deve estar aterrorizada. Eu tentei mantê-la protegida, percebo que nada disso é culpa dele. Se ele soubesse que eu não gostei da mordida, não esperava, e isso me assustou, eu acho que isso iria machucá-lo quase tanto quanto me machuca.

Está claro que preciso falar com meu dragão e descobrir isso. Eu olho o buraco no teto do banheiro, esperançosamente, mas não há sinal dele. Eu tento alcançar minha mente também, mas realmente não sei o que estou fazendo e não sinto nada responder. Estranho, mas sinto falta de sua presença pairando, arrogante. Eu até sinto falta do flerte dracônico dele.

Ele foi embora algumas horas também, e me sinto vazia e sozinha. Talvez haja algo nessa coisa de dragão, afinal. Eu me senti tão vazia e sozinha em Fort Dallas, mas achei que era por causa de tudo que passei. Talvez tenha algo mais. Eu toco o lugar quente no meu pescoço onde ele me mordeu, e me pergunto se o vínculo funciona nos dois sentidos.

Se não, talvez eu tenha mais sentimentos pelo meu dragão do que gostaria de admitir.

§§

Para meu alívio, o grande dragão de ouro aparece no céu.

ALGUM TEMPO DEPOIS, um lampejo de ouro no céu distante me chama a atenção, e eu respiro nervosamente. Esse é o meu dragão ou outro? É difícil dizer de onde estou. Eu me movo para a borda do prédio, onde as paredes desmoronaram e estão instáveis. Se eu for na direção errada irei cair. Costumo evitar isso, mas agora me aproximo sem medo. Eu acho que há dois cenários - Um o dragão de ouro misterioso que vai me comer se ele não puder acasalar comigo. Ou é Kael e ele não vai me deixar cair.

Estranhamente, é reconfortante pensar que Kael está de volta, não importa o que aconteça. Eu empurro meu cabelo chicoteando do meu rosto e procuro no céu azul claro. Nada. Talvez tenha sido minha imaginação.

Kael? Eu tento. Onde está você? É estranho estar falando da minha mente, mas eu não sei se falar em voz alta vai chegar até ele... Se for ele.

O dragão começa a circular baixo no momento em que eu falo. É ele. Eu sei tão certo como se ele dissesse olá de volta para mim. Eu protejo meus olhos da luz do sol da tarde, observando-o preguiçosamente descer pelo ar. Ele é realmente lindo assim, eu acho. Todas as escamas reluzentes e músculos volumosos. Ele é gracioso também, apesar do grosso de sua forma de dragão. Enquanto eu assisto, ele bate suas asas e começa a descer lentamente para o telhado quebrado acima de mim. Pernas traseiras com garras enormes empoleiram-se em uma das paredes, e ele guarda as asas como um pássaro e depois espia o chão.

Eu aceno. É automático e me sinto um pouco boba, mas aceno.

Seus olhos brilham para um ouro feliz, e ele imediatamente muda para a forma humana, saltando para a sala do escritório onde espero. Eu meio que estremeço quando ele cai, com os joelhos dobrados, mas a longa queda não parece incomodá-lo. Os ossos do dragão devem ser mais fortes que os ossos humanos, porque um salto como esse teria quebrado minhas duas pernas. Ele se endireita e, novamente, eu não consigo entender o quão bonito e gracioso ele é. Não importa a forma - observar o movimento de Kael é puro prazer.

— Você está de volta. — eu digo, e então me sinto boba e óbvia. Claro que ele está de volta. Ele sempre volta para mim.

Ele se aproxima de mim, atravessando a sala e eu passo para trás, incerta. Ele é louco? Seus olhos brilham entre o preto da emoção forte e ouro, mas não há raiva irradiando de seus pensamentos. Hesito, imaginando se deveria correr.

O corpo grande de Kael se move na minha frente, e ele coloca as mãos na minha cintura, então me arrasta contra si. Uma mão se enrola em meu queixo e ele inclina minha cabeça para cima com dedos gentis, atento às suas garras. Ele estuda meu rosto virado por um momento, e meu coração palpita descontroladamente. Então sua boca desce sobre a minha em um leve roçar de lábios.

Eu tremo com a ternura absoluta desse abraço. Por que eu tenho lutado contra isso tanto? Às vezes sou tão idiota. Pressionada contra ele assim, me sinto protegida e amada. Por que não posso ser feliz com isso?

— Isso significa que você não está mais bravo comigo? — Eu sussurro.

— *Com raiva. Nunca.*

Ele acaricia a minha boca, e eu amo o rosnado de prazer que ele faz quando nossos lábios se fecham. Isso faz meus mamilos endurecerem em resposta, e uma dor familiar varre meu corpo.

— *Minha Claudia, Minha companheira.* — Eu ouço as palavras com clareza. Então sua boca está na minha novamente, e quando separo meus lábios, sua língua varre a minha boca, me reivindicando em um beijo ainda mais profundo. Deus, você acha que o cara estava beijando toda a sua vida do jeito que ele faz isso.

Amo isso. Eu adoro quando a sua língua entra na minha boca, e um momento depois, ele me envia um breve lampejo de uma imagem mental - eu esparramada sob ele, braços erguidos sobre minha cabeça, Kael entre minhas coxas, me fodendo com força.

Eu quebro o beijo, puxando para trás. Choque e excitação, ambos se espalham por mim, junto com um pouco de medo. Eu não quero ser mordida novamente. Não sei o que fazer. Eu o quero, mas ao mesmo tempo, tenho medo do que vai acontecer quando ele vier. Não posso afastá-lo para sempre, no entanto. Vai prejudicar nosso relacionamento frágil. Talvez... eu possa treiná-lo para que os humanos gostem de dar prazer de outras formas também.

Então eu deslizo minha mão para seu pênis e envolvo meus dedos em torno dele.

— Posso te tocar assim?

Ele se move e lambe os meus lábios, em um movimento que envia ondas de luxúria por todo o meu corpo. — *Eu te daria prazer.*

— Mas eu quero te dar prazer. Fazer isso por você me daria muito prazer. Você coloca sua boca em mim... por que eu não posso fazer o mesmo por você? — E eu dou-lhe um aperto encorajador.

Seus olhos ficam pretos momentaneamente.

— *Você colocaria sua boca em mim lá?*

Eu lambo meus lábios e vejo quando seu olhar trava na minha língua.

— Eu iria. Tudo bem?

Em resposta, ele recua e fecha os olhos. — *Me toque como quiser.*

Estou um pouco perplexa com essa resposta, porque parece meio vago. Como posso tocá-lo, mas ele não vai se importar se eu fizer isso? Essa não é a reação que quero. Mas quando acaricio minha mão para cima e para baixo em seu comprimento, a sua cabeça inclina para trás, os lábios se abrem, vejo seu punho cerrar e percebo que ele está gostando muito disso. Eu me pergunto por que ele não quer assistir.

— *Meus olhos ficarão pretos. Eu não quero que você fique com medo.*

Ele não parece estar perdendo o controle, então não tenho medo.

— Por causa das fortes emoções? — Eu deixei meus dedos traçarem a cabeça de seu pênis, a cabeça grande em forma de cogumelo, a ondulação de escamas delicadas. Há muito calor irradiando dele, e eu estou fascinada como alguém tão grande e forte e coberto de escamas podem ter uma pele tão sedosa e macia. Mas ele tem, e é prazeroso tocá-lo, embora pareça muito mais prazeroso para ele.

— *Forte emoção. Sim.*

— Você gosta do meu toque? — Eu não posso deixar de pescar elogios.

— *Nada é mais agradável.* — Eu assisto em fascinação quando ele estremece quando eu levanto minhas unhas levemente ao longo da borda de suas escamas aqui.

— Nada? — Eu provoco.

— *Estar dentro da sua buceta é melhor.*

Oh, dragão fala sujo de novo. Está me deixando sem fôlego e quero ficar no controle. Então eu apenas faço um murmúrio de reconhecimento e decido continuar a distraí-lo. Eu caio de joelhos, me estabelecendo na frente dele. Eu me inclino e deixo minha respiração suavemente flutuar sobre sua pele.

— Sua semente vai me queimar hoje se você derramar?

Há uma pausa levemente sem fôlego, como se ele estivesse imaginando todos os lugares que minha boca poderia ir e onde sua semente poderia se espalhar. Não.

Pré-sêmen está na cabeça de seu pênis, então eu decidi testar essa teoria para mim. É tudo divertido até que Claudia se queime, afinal. Então, gentilmente, coloco um dedo na gota de umidade. Sinto-me extremamente quente, mas não tanto que me preocupe em me queimar.

Então, porque eu estou curiosa, eu me inclino para prová-lo.

Não me lembro de um boquete que tenha provado algo assim. O aroma picante de Kael parece ser ampliado mil vezes ao gosto dele, e é delicioso e viciante.

Justo quando o calor explode na minha língua ouço sua respiração se tornar ofegante. Eu não estou preparada para o seu sabor. Eu jamais imaginei que seria tão bom. Seria muito mais fácil afastá-lo sempre que quisesse me tocar, se ele fosse ruim de sexo, tivesse um pequeno pênis e tivesse um sabor desagradável. E...

Eu não posso parar minha pequena exclamação de prazer, e envolvo minha mão em torno de seu comprimento novamente. Eu preciso parar. Droga, preciso me acalmar. Eu quero ser a única a dar prazer, porque não quero fazer sexo com

ele novamente. Talvez eu possa fazê-lo tão viciado em boquetes que ele nunca mais terá que me morder em seu orgasmo novamente. Se ele tiver sempre esse gosto, eu posso viver com isso e serei muito feliz também. Eu arrasto minha língua sobre a cabeça de seu pênis, lambendo as gotas de líquido lá. E eu aperto minhas coxas com força, porque não quero que ele cheire o quanto isso está me excitando.

Eu preciso permanecer firmemente no comando. Se não, vou ser jogada neste chão e fodida, como antes. E como antes, ele vai me assustar e me machucar.

Então eu me concentro em fazê-lo vir e vir rápido. — *Diga-me o que você gosta.* — mando para ele, testando nosso vínculo mental enquanto deixo meus lábios explorarem seu comprimento.

— *Tudo.* — Vem à resposta irregular. — *Tudo o que você faz comigo, eu gosto.*

— *Você tem um gosto muito bom.* — digo a ele, e arrasto minha língua ao longo de uma veia grossa em seu pênis. Eu poderia ter que fazer isso com mais frequência. É verdade, estou amando o sabor quase apimentado do seu pré-sêmen. Estou amando a sensação quente da sua pele contra a minha. Ele é tão grande que meus dedos não conseguem envolver todo seu pênis, e sei que nunca vou conseguir botar todo ele na minha boca. Sua pele está marcada com o padrão escamoso aqui, e sulcada ao longo da parte inferior da coroa de seu pênis até o ponto que eu me pergunto se ainda são escamas, mas apenas menores e mais próximas. Eu exploro tudo dele com a minha língua, até o calor de suas bolas. Ele é completamente sem pelos em todos os lugares, mas quando eu arrasto minha língua sobre a pele macia lá, sinto uma espécie de resistência estriada, como escamas.

E eu posso sentir isso em minha mente quando ele geme, chocado de prazer.

— *Claudia. Sua boca. Você vai me fazer derramar.*

— *Essa é a ideia, cara grande.* — mando de volta e beijo meu caminho de volta para a cabeça do seu pênis. Eu giro minha língua sobre ele e, em seguida, o puxo para dentro, lambendo seu grande comprimento na minha boca. Eu posso sentir sua reação chocada, e então ele envia um visual para minha mente dele empurrando seu pênis em mim, centímetro a centímetro lento, e o êxtase no meu rosto quando ele faz.

Um gemido me escapa. Isso não é justo. Ele se mantém tão quieto que se não fosse pelo nosso elo mental, eu não saberia se ele estava gostando disso. Hora de brincar um pouco.

Então eu continuo a chupá-lo, levando-o tão fundo quanto ousar e apertando a sucção enquanto o acaricio de um lado para o outro sobre a minha língua, tentando lançá-lo como se ele estivesse fodendo minha boca. Eu também envio imagens próprias. Dele colocando as mãos no meu cabelo e torcendo os dedos nos cachos vermelhos. Dele guiando minha cabeça, me empurrando para tomar mais e mais dele, mais e mais profundo. Ele fodendo minha boca com movimentos de balanço de seus quadris, e eu amando tanto que eu deslizo a mão entre as minhas coxas e começo a me tocar.

Eu posso ouvir seu suspiro abafado, posso sentir o momento em que seu controle se rompe. O grunhido baixo começa em sua garganta novamente, mas não estou com medo. Ele está aqui neste momento comigo. Eu posso sentir a

conexão entre nós, e quando uma grande mão se fecha em minha cabeça, eu não sinto nada além de excitação.

— *Sim. Sim. Alimente-me com seu pau. Foda minha boca como você faria com minha buceta.*

— Estou tão excitada com meu próprio visual que estou me contorcendo no chão, incapaz de ficar parada.

Estão no momento ele guia minha cabeça, fodendo minha boca com golpes grandes e seguros. Eu sinto a picada de suas garras contra o meu couro cabeludo, mas não tenho medo. Isso só aumenta a excitação, e quando seus movimentos se tornam espasmódicos, sua respiração mais rouca, estou encorajando-o a perder o controle. Derrame, eu exijo. — Deixe-me provar você. Eu quero sentir você gozar na minha boca. E eu envio para ele visuais sujos que não deixam dúvidas sobre o que estou pensando.

Ele vem com um gemido e seu corpo treme. Minha mente se enche de uma explosão de prazer, e estou surpresa com isso, assim como a súbita explosão picante que vem em minha boca. Eu me esforço para beber tudo dele, mas há mais volume do que eu esperava, e quando seus olhos abrem uma fenda, eu estou tirando seu sêmen do meu queixo, o que só lhe dá mais satisfação. Eu sinto isso pulsando em minha mente.

— *Minha companheira!* — ele praticamente ronrona na minha cabeça.

Eu não digo nada, apenas limpo meus lábios. Estou exausta e dolorida com o impacto mental de nossos pensamentos se fundindo, mas parece que também cheguei. A umidade entre minhas coxas me diz o contrário, mas eu posso viver com isso.

Respirando com dificuldade, Kael me puxa de pé. Ele me puxa contra ele, e sua boca diz a minha novamente em um beijo feroz que ele ainda não terminou, não ainda. E eu estou cheia de necessidade, mas, ao mesmo tempo, isso é o que quero agora. O boquete era para ele não querer sexo, não um aperitivo para o prato principal.

Então eu me afasto, colocando a mão no peito dele. — Não. Espere.

Ele se afasta. Claro que ele faz. Ele sempre se afasta quando eu digo não. Ele se inclina e simplesmente encosta seus lábios contra os meus. — *Eu gosto de provar você. Posso fazer isso?* Quando eu aceno, ele beija minha boca novamente. — *Os humanos fazem assim? Pressionam boca a boca?*

Eu me sinto corando, por alguma razão, como se eu me preocupasse que minha explicação parecesse boba para ele e ele não queira mais fazer isso. Ficaria triste se parássemos de beijar, eu acho. Ele faz isso excepcionalmente bem.

— É um sinal de afeto entre amigos. — digo a ele. Essa parece ser a explicação mais fácil para isso.

— *Então, quando você pressionou sua boca em mim, você estava me aceitando como seu companheiro?* — Satisfação flutua através de seus pensamentos.

Oh céus. — Não é bem assim. As pessoas se beijam apenas para experimentar o parceiro. Nem sempre significa que você levará alguém como companheiro.

Ele rosna baixo em sua garganta, mandíbula endurecendo enquanto ele olha para mim. — *Você já fez esse – beijo – em muitos humanos?*

— Não muitos. — eu admito. Quando ele parece descontente ainda, eu dou um pequeno empurrão no peito dele.

— Pare de ser tão possessivo.

Ele recua me dando espaço e me considera. Um momento depois, ele me puxa para perto e faz carinho no meu pescoço novamente, carinhoso.

— *Desculpe-me, Claudia. Seus carinhos são estranhos para mim, mas vou aprendê-los. Alguns são bastante agradáveis.*

Sim, eles são. Especialmente quando eles vêm dele. Mas eu não sei se devo me comprometer em ser sua companheira. — Kael...

— *Claudia...* — ele me diz baixinho, meu nome é o mais simples sussurro. — *Eu sei que você não quer ser minha companheira e que eu te assusto. Eu posso sentir seu medo.*

Eu tremo, um pouco preocupada em como ele vai reagir. — *Você cheira tudo.* — me lembro dele cheirando minha excitação. Só de pensar nisso é embaraçoso.

Suas garras acariciam minha bochecha, curva-se ao longo do meu queixo.

— *Você é tudo para mim. Estou sintonizado com sua felicidade. Quando você está triste, eu sinto isso. Quando você está excitada, isso me excita ainda mais. Você é corajosa e forte apesar do seu tipo frágil. Você me agradou. Eu farei o que for preciso para te fazer feliz, mas não vou deixar você sair do meu lado. Você é minha companheira e pertence a mim.*

— E se eu quisesse deixar você? E se isso é o que me faria feliz?

Eu espero ele surtar, mas ele só acaricia minha bochecha novamente. — *Eu te convenceria do contrário. Eu colocaria minha boca em sua buceta e lamperia aquela pequena conta quente ali até que você implorasse para ficar em meus braços.*

Calor transborda por mim. Uma declaração tão descarada que me deixa molhada. Mas se ele continuar me excitando, eu estou preocupada que não vou conseguir afastá-lo se ele quiser mais do que o boquete que eu acabei de dar a ele. Então faço uma ligação ousada e decido contar a verdade. — Você me machucou quando fizemos sexo. Eu não gostei disso.

Os olhos de Kael se abrem para o preto e ele continua imóvel contra mim. — *Eu magoei-te?*

— Quando você me mordeu. — Minha mão vai para o meu pescoço. — Ainda está quente.

Ele relaxa e as garras acariciam minha pele novamente. — *Essa é a doação de fogo. Nós não faremos isso toda vez que fazemos sexo. É como o seu beijo - você faz isso para reivindicar seu parceiro.*

— Bem, eu não gostei. E eu não gosto de ser reivindicada.

— *Eu vou fazer você gostar.* — ele promete. — *Diga-me o que posso fazer para agradar você. Devo te deitar e pressionar minha boca em sua carne? Eu posso sentir sua necessidade. Você gosta das imagens mentais que mando para você.*

Não dá para guardar segredos de um dragão? Isso vai levar algum tempo para acostumar.

— Você quer me agradar, hein?

— *Mais do que nada.* — Seus olhos em redemoinhos são de um ouro intenso, tingido de negrume nas bordas. Ele está excitado, mas mais do que isso, ele está sintonizado com o que eu quero.

E eu tenho que pensar. O que eu quero? Eu quero Amy. Quero que Sasha esteja segura. Mas se não puder ter isso por enquanto, preciso me concentrar no que está na minha frente. O que me faria mais confortável estar aqui? Eu nunca imaginei que em um milhão de anos eu estaria tomando um dragão como meu 'companheiro', mas acho que nunca pensei grande ou louco o suficiente. Ok, se eu vou pensar grande e louco, eu vou sair.

— Eu quero uma casa.

Isso faz com que ele pare. — *Eu reivindiquei este território. Isso não é aceitável como uma casa?*

Eu sacudo minha cabeça. — Não é confortável. Eu preciso de coisas humanas para fazer deste um bom lugar para viver. Se eu ficar com você - por enquanto -, quero um lugar real para dormir. Uma cama. Um banho. Algo para comer. Café. Coisas assim. Eu não posso viver assim. — Eu gesticulo para os restos da torre. Se for alguma coisa, este lugar está ainda pior desde que chegamos, porque Kael gosta de pousar em bordas, e elas desmoronam para dentro, derramando pedras e concreto. — Este não é um lugar onde meu povo durma confortavelmente. Eu quero aquilo.

— *Você deseja um ninho?* — Eu posso ouvir orgulho em seus pensamentos. — *Para fazer uma casa comigo? Eu não apreciaria mais nada, minha Claudia.*

Por alguma razão, seu prazer a meu pedido me faz feliz. Se eu não posso ter Amy e Sasha, posso pelo menos não viver como um maldito animal. — Eu quero uma casa. E um banho. E algo para comer.

E tempo para se acostumar com o conceito de ser sua companheira.

Satisfação pisca em seus olhos. — *Diga-me o que você gostaria primeiro e eu farei isso acontecer.*

CLAUDIA

Então... nós vamos fazer compras.

O bom do Velho Dallas é que ele está super espalhado. A cidade em si está completamente arruinada. O Forte Dallas - o único assentamento por quilômetros ao redor - ocupa uma pequena fatia da paisagem, e o resto fica com os nômades e animais selvagens. Ah, e dragões, claro. Não consigo esquecê-los. Mas como não é seguro se aventurar longe de Fort Dallas, e você não pode ir muito longe a pé, tudo perto do forte em si é completamente aproveitado. Quanto mais longe você for, mais escolhas você terá.

E com um dragão? Eu posso ir muito longe.

Eu não tenho que me preocupar em encontrar nômades fora da lei que foram exilados de seus fortes. Eu não tenho que me preocupar em encontrar animais selvagens. Não tenho que me preocupar com ataques de dragões. Estou protegida. Eu não tenho que me preocupar com o quão longe posso andar - Kael pode me levar para qualquer lugar. O pensamento é um pouco estimulante.

Eu dou a Kael algumas imagens mentais dos tipos de edifícios que estou procurando, e ele me agarra em suas garras e circulando a cidade até encontrarmos o lugar certo. Nós pousamos em uma loja de móveis que não está

completamente arruinada, e eu pulo em camas e me sento em sofás, testando tudo. Há poeira, mas o teto estava inteiro (ou foi até que Kael o rasgou para mim) e assim o conteúdo interno está intacto pelo tempo. Eu escolho a primeira peça que quero, e Kael a pega com uma perna dianteira e eu na outra, e nós voamos de volta para a nossa torre de escritórios. Decidi que ficaremos no prédio de escritórios de baixa qualidade porque as partes com teto parecem ser decentes, além de gostar muito da água corrente. Só vou decorar.

Sento-me em minha espreguiçadeira enquanto Kael voa de volta para a loja de móveis pega a cama e os colchões que escolhi. É bobo o quão feliz a visão deles me faz, mas quando ele gentilmente abaixa a grande cama de madeira e joga o colchão para baixo, eu nem me importo que ele tenha buracos porque ele teve que carregá-lo em sua boca. Eu tenho uma cama. Uma cama de verdade. E um colchão. Me atiro e fico deitada de costas.

Eu nunca pensei que as camas fossem um privilégio vivendo com um dragão, mas parece que elas são.

Uma vez que eu tenho um sofá, uma cadeira e uma cama, eu reorganizo alguns dos pedaços inteiros de mobília de escritório e faço uma mesa de jantar, só porque, Kael arrasta o resto do que eu não quero do meu novo 'apartamento', e é meio divertido jogar uma merda na lateral do prédio e vê-lo desaparecer.

Em seguida, encontramos uma das grandes lojas que ainda não foram apanhadas, e eu vasculho um carrinho de compras, procurando por suprimentos de limpeza, lençóis e louças. Kael é ótimo em me alimentar, mas eu gostaria de não ter que morder o jantar em todas as refeições. Se for para ter um lugar, quero um apartamento legítimo.

E não importa o quanto eu peça porcaria, Kael está feliz em fazer isso para mim. Leva todo o dia para eu estar satisfeita com as aquisições que fizemos, mas no final do dia eu tenho um 'apartamento' cheio de coisas para montar uma casa, e uma lista de tarefas que parece estar crescendo a cada minuto.

Estou feliz, no entanto. Estou feliz com tudo o que pegamos. Inferno, eu tenho mais coisas agora do que já tive em Fort Dallas. E não deveria estar tão satisfeita com as coisas materiais, mas... Eu estou. Talvez seja porque fiquei sem muito tempo, mas a visão de pacotes embrulhados de roupas de cama e xícaras de cerâmicas não quebradas para o café da manhã (e ter café da manhã) me deixa tão feliz. Eu suspiro sobre minhas coisas e não consigo parar de admirá-las.

Meu estômago opta por rosnar quando puxo um conjunto de lençóis de algum invólucro de plástico.

Mãos quentes envolvem minha cintura, e Kael vem até mim por trás, recentemente transformado em sua forma humana. Seus dedos deslizam sob a minha camisa, roçando meu estômago em uma carícia que faz meus sentidos pularem. — *Minha companheira está com fome.*

— *Com fome.* — concordo. — *E cansada e suja.*

Eu realmente estou morrendo de fome... Mas estou suja também, e estou tentando decidir o que é mais irritante. Eu olho para a sujeira escorrendo pelos meus braços. A maioria das lojas em que havíamos entrado hoje (e havíamos entrado em algumas) tinha uma camada pesada de poeira sobre tudo, e vasculhar detritos para encontrar coisas que não foram destruídas significava cavar para encontrar itens menos danificados. Na parte inferior das pilhas. Estou satisfeito

com o que recebi, mas também estou suada e exausta. Kael, no entanto, parece estar cheio de quantidades infinitas de energia, sempre pronto para fazer mais com o estalar dos meus dedos.

Meu – apartamento – está se transformando, mas não há banheira aqui. É a única coisa que esta faltando. Talvez possamos encontrar uma amanhã, mas por hoje é suficiente.

— Eu gostaria que soubéssemos de algum lugar que pudéssemos tomar um bom banho quente. Ou um banho. Eu pegaria qualquer um. Até achei sabão e shampoo em para isso. Um banho de pia terá apenas que ser o bastante.

— *Você deseja se limpar? Eu conheço um lugar.*

Eu me viro em seus braços, animada. — Você conhece?

— *Sim. Vai agradar você para ir até lá?*

— Muito — Sorrio para ele. — Eu estou imunda e nojenta.

— *Você é adorável. Outros dragões ficariam com ciúmes ao ver minha companheira.*

Seus olhos giram brilhantemente e ele esfrega seus dedos sobre minha bochecha.

Palavras lisonjeiras, mas elas também me deixam nervosa. Eu não quero pensar em outros dragões. Se tudo for como normalmente acontece, deve haver um ataque de dragão vermelho em Fort Dallas hoje. Mas não estamos próximos e Kael é grande o suficiente para me defender. — É seguro?

— *Sempre estará segura comigo. Eu não deixaria nada te machucar.* — Uma garra traça meus lábios, como se ele estivesse fascinado por eles.

Eu tremo, mas é um bom arrepio. Mesmo as grandes garras não me assustam mais. Eu sei que ele não vai usá-las contra mim.

— Deixe-me pegar minhas coisas, então. — Eu deslizei para fora de seus braços e juntei meus sabonetes e shampoos em uma mochila.

— Pronta quando estiver.

Ele se inclina e me beija ferozmente uma última vez antes de se transformar em sua forma de dragão. Nós somos tão domésticos, eu sinto quando eu levanto meus braços para que ele possa me agarrar pela cintura e me puxar para suas garras. Compras, decoração e agora se limpar antes do jantar. Ele lança sua grande forma dracônica ao lado do prédio, e então nós estamos no ar.

Nós vamos ter que falar sobre uma maneira melhor de viajar, eu acho, enquanto empurro meus cabelos voando para fora do meu rosto. Voar pendurada em seu aperto fica mais estressante cada vez que fazemos isso. Sei que ele não vai me deixar cair, mas eu não me sinto tão segura com roupas, porque o aperto dele é menos seguro com uma camada de roupas escorregadias. Ou é largar as roupas (que eu não gosto muito), ou encontrar uma maneira melhor de voar.

— *O que quer que te faça feliz.* — me diz, seus pensamentos são afetuosos.

Eu acaricio sua garra, me sentindo satisfeita com isso também. Talvez possamos chegar a algum tipo de arreio, digo a ele, e gosto da ideia. Estou me sentindo bem no momento. Terapia de compras fez muito para o meu humor, e assim tem o pensamento de um banho próximo. Na verdade, o que mais

ajudou foi o jogo sexy desta manhã... E o fato de que ele não terá que me morder toda vez que quiser acasalar. As coisas estão melhorando.

Estou tão perdida em pensamentos que, quando Kael se vira e desce, no meio do caminho, dou um grito assustado e agarro-me à sua escama, desesperado por segurança.

— *Eu tenho você.* — ele acalma. — *Nunca deixaria você cair.*

Isso não significa que eu não vou cair! Mas eu relaxo um pouco quando sua mão livre vem para embalar minhas pernas. Abaixo de nós, um enorme lago se espalha, a água cristalina e adorável. — *É... É para onde estamos indo?* — Pergunto-lhe. Eu não sei o que eu imaginei, mas um lago não é isso. Eu ri para mim mesma, porque o que eu estava esperando? Um lava-jato? Uma banheira do tamanho de um dragão? Uma piscina? Eu vi uma piscina ou duas no Depois. Sem ninguém para equilibrar os produtos químicos, eles se transformaram em pântanos turvos e infestados de mosquitos. Mas esta água é limpa, bonita e ondula quando nós deslizamos mais baixo. É um dia quente e um mergulho no lago parece incrível.

— *Você quer ser mergulhada?* — Ele desce bruscamente e meus pés roçam a água, a enorme sombra de Kael apagando a luz do sol poente.

Eu grito, puxando minhas pernas o mais alto que posso. — Sem mergulhar! Não mergulhe!

Um estrondo começa baixo em seu peito, e percebo com admiração que ele está rindo. De repente, estou rindo também, porque meu dragão tem um senso de humor brincalhão, afinal.

Meu dragão?

De onde veio esse pensamento? Eu espremo instantaneamente e me sinto um pouco culpada. Só porque estou satisfeita com Kael hoje não significa que isso vai funcionar.

Eu tenho que salvar Amy. — Que tal você nos levar para baixo de forma agradável e suave?

— *Se quiser.* — Kael diz, e definitivamente há diversão em seu tom. Isso me faz sentir quente ao ouvir isso. Quanto mais tempo estou com ele, mais a personalidade dele parece vir à tona. É assim que ele era antes que a loucura se apoderasse dele?

Confiante e divertido, bem como feroz e possessivo? Eu me pergunto como ele deve ter sido naquela época. Sei que estar aqui no meu mundo o mudou.

O que... E se ele voltasse? Por que isso me enche de um tipo de desalento?

— *Não se preocupe. Eu não voltaria agora.* — diz Kael. — *Você está aqui. Eu vou ficar neste lugar com minha companheira.*

Eu não sabia que estava pensando – alto –. — *Mas você odeia isso aqui* — lembro a ele enquanto voltamos para a praia arenosa e começamos a descer.

— Você disse que cheira horivelmente e deixa sua mente louca.

— *Minha mente não é mais selvagem agora que eu tenho você. E minhas narinas estão cheias de seu doce aroma. Minha companheira está aqui. Eu tenho tudo que preciso.*

Isso é doce. Não posso deixar de me sentir lisonjeada e satisfeita em ouvi-lo. Mas e se eu não estiver sempre aqui? E se algo acontecer comigo?

As garras de Kael se apertam em volta de mim.

Eu grito em alarme enquanto seus pensamentos crescem ferozes, e flashes de loucura se infiltram em minha mente.

— *Nada vai acontecer com minha companheira. Você é minha, Claudia!*

— Está bem, está bem. Foi apenas uma pergunta retórica. Eu acaricio sua cabeça para acalmá-lo.

— Não me aperte até a morte.

Seus pensamentos se acalmam, mas os meus permanecem conturbados. O que ele fará se algo acontecer comigo? Eu vou recuperar Amy - não é um se, é um quando, e eu me preocupo com a forma como ele vai reagir quando eu fizer isso. Não posso ficar com um dragão para sempre... Posso? Eu ainda quero? Estou cheio de perguntas e sentimentos conflitantes.

Nós pousamos suavemente nas margens do lago, e há uma área arenosa de praia que está coberta de vegetação e tem alguns pequenos barcos presos nos juncos a uma curta distância. Eu não sei o que é esse lago ou até mesmo em que parte da Velha Dallas nos estamos, mas parece convidativo o suficiente. Kael me coloca para baixo suavemente e se inclina para acariciar-me.

— *Eu não vou deixar o mal chegar até você. Não se preocupe minha Claudia.*

Eu acaricio seu nariz grande.

— Eu sei cara grande. — Mas ele não pode controlar tudo, e eu não posso, também. E não sei o que o futuro trará.

Suas garras se soltam da minha cintura e então eu estou livre. Um momento depois, ele está em forma humana, o cabelo ondulante lindo e longos membros dourados tensos cheios de músculos. Ele se alonga alheio à sua nudez, e dá à costa um olhar satisfeito.

Eu congelo olhando toda a carne que o alongamento revela para mim e me sinto um pouco corada com a visão.

— Podemos querer falar sobre algumas calças para você. — digo-lhe primorosamente.

— Eu não acho que você deveria estar correndo nu o tempo todo.

— *Calças?*

Eu jogo minha mochila na areia e tiro minhas botas.

— Sim, calça. Como estas. — Eu dou ao meu jeans esfarrapado um tapinha.

— Eles mantêm você hum, seguro.

Ele dá a minha roupa um olhar desdenhoso. — *Então eu deveria encobrir meus membros em material? Para que isso serve?*

— Protege sua pele.

— *Minha pele é dura. Nada vai me machucar.* — Kael caminha para o meu lado, acariciando minha bochecha e acariciando meu pescoço novamente, como se ele não conseguisse o suficiente do meu perfume. — *Você, no entanto, é pequena e*

frágil. Você deve continuar usando estas — calças —, se ela vai protegê-la de feridas, embora eu ache os materiais que você escolhe frágeis.

— Não é só preteje de ferimentos. — digo a ele, divertida. — Protege suas partes.

— *Partes? Eu não entendo esse termo.*

— Obviamente. — eu digo em uma voz seca. — Humanos não correm nus, no entanto. É um pouco alarmante para outros humanos.

— *Então é bom que eu não seja humano não é?* — Com isso, ele puxa minha camisa.

— *Eu quero ver minha companheira sem essas calças, no entanto. Eu não gosto delas.*

— Isso é uma camisa. — eu o corrijo, depois suspiro. — Não importa. — Eu puxo minha camisa sobre a minha cabeça, apenas para chiar de surpresa quando suas grandes mãos imediatamente fecham em meu sutiã.

— *Mais calças?*

Eu me contorço quando seus dedos provocam meus seios, suas garras arrastando-se contra o tecido desgastado e rendado do meu velho sutiã.

— Não calças! Isso é um sutiã. Isso impede que meus seios saltem.

— *Mas eu gosto quando eles pulam.* — Ele parece fascinado enquanto esfrega os pequenos montes dos meus seios com suas grandes mãos. Isso é muito atraente na minha companheira.

Estou tendo dificuldades para pensar no momento, especialmente com a maneira como as garras de seus dedos continuam passando sobre meus

mamilos. — É para impedir que meus seios saltem. Aparentemente, os homens acham isso tentador nas mulheres.

— *Ah, Isso eu aprovo então. Você é minha, Claudia. Ele tira uma alça do meu ombro. Embora eu não queira que você use essas calças enquanto estamos juntos. Eu gosto de ver os seios da minha companheira quando meus dedos roçam um mamilo.*

Eu respiro fundo e afasto a mão dele. — Você está em um clima de flerte, não é? — Flertar leva ao sexo, e não tenho certeza se estou pronta para pular para o sexo novamente, apesar de sua promessa de não me morder. Mas com seu sorriso lascivo, não posso deixar de sorrir de volta.

— Sua companheira quer um banho e jantar antes de voltar, desculpe.

— *Vou permitir que você fique limpa.* — ele concorda. — *Então eu vou colocar minha boca em você como você fez comigo, e fazer você chorar novamente.*

Estou corando com suas palavras francas e evito fazer contato visual enquanto termino de tirar a roupa. Apesar de seu flerte e da tensão sexual no ar entre nós, o chamado da água é forte demais para resistir. Banhos são luxos raros no Depois, e eu pretendo desfrutar disto. Eu pego o sabonete e a toalha e um frasco de shampoo, e vou até a beira da água e mergulho um dedo. Legal, mas não fria. Gostoso.

Entro até ter água na minha cintura e ouço o som de salpicos nas proximidades. Estou surpresa de ver Kael se aproximando de mim.

— Você vai tomar banho também?

— *Eu quero estar limpo para agradar minha companheira. Você gosta de limpeza.*

— Sim. — eu admito. Eu afundo na água, fazendo malabarismos com minhas garrafas. — Um lago não é o epítome da limpeza, mas vai servir até descobrirmos como colocar uma banheira na nossa torre.

— *O que é uma banheira?*

Eu lhe envio uma imagem mental, completa com bolhas, de mim sentada na banheira e lavando meu cabelo.

— *E você deseja ter isso?* — Ele me estuda com intensos olhos dourados.

— Sim. — digo a ele, depois me mergulho no lago, segurando meu sabonete. Meu cabelo sujo escorre em meus olhos e eu faço malabarismos com meus sabonetes por um momento antes de jogar as barras de sabão e o pano de volta na praia por e encho a mão com um punhado de shampoo e atiro a garrafa também. No momento em que começo a ensaboar o cabelo, não consigo deixar de adorar o quão bom é. Mesmo em Fort Dallas, é um desafio permanecer limpa. Há uma casa de banho pública, mas eles cobram uma fortuna para um mergulho rápido e você tem que reutilizar a água de outra pessoa. E shampoo é muito caro para mim.

Tendo esse lago inteiro para mim mesma? Com shampoo?

Isto é o paraíso.

Eu sinto o prazer de Kael antes mesmo de ouvir o barulho vindo dele. Um momento depois, suas mãos me acariciam sob a água, deslizando sobre meus quadris. Eu não estou nem chateada com a sua invasão, porque gosto de toda a atenção e carinho. Provavelmente está errado, mas não tenho certeza se quero estar certa.

— *O que você está fazendo?* — Ele pergunta.

Eu continuo a ensaboar meu cabelo. — Lavando meu cabelo com shampoo. É incrível ficar limpa de novo.

— *Isso é outra coisa humana?* — Ele acaricia meus seios lisos, polegares provocando meus mamilos eretos. Eu suspiro e me contorço ao toque, mas... Eu não me afasto. Eu não sei se quero. — *Você está fazendo os mesmos sons que você fez quando eu estava entre suas pernas. Eu gosto disso. Isso me traz prazer.*

Ele tem que continuar trazendo isso constantemente? Ou ele está fazendo isso deliberadamente para me fazer corar?

— Sim, bem, estou gostando de ficar limpa. E se você vai esfregar as mãos em mim, por que não ensaboá-las? — Dessa forma eu posso ter um motivo para permitir que ele me maltrate. É pela limpeza, não porque suas mãos grandes e fortes se sentem bem. Apenas limpeza.

— *Mostre-me como fazer este sabonete.*

Eu mergulho minha cabeça para enxaguar o shampoo, em seguida, limpo a água dos meus olhos.

— Que tal eu mostrar-lhe como limpar, ok cara grande? — Eu corro para a praia e pego o frasco de shampoo, em seguida, volto para o seu lado e gesticulo para seu espesso cabelo.

— Você precisa se molhar.

Ele imediatamente se joga na água e ressurgue um momento depois, o cabelo pingando.

Eu não posso evitar - eu rio.

— Você não faz nada pela metade, não é Kael?

Ele sorri para mim, mostrando um flash de dentes afiados. É bom relaxar com ele, ter um momento de alívio em meio a todo o estresse do mundo. Neste momento, o nosso mundo existe apenas nos limites de um banho ao ar livre. Estou me divertindo. Não estou pensando no amanhã nem no futuro. Eu estou apenas me divertindo na água com o cara por quem eu estou atraída.

— Incline-se. — digo a ele, e quando ele faz, eu esguicho um monte de shampoo precioso em seu cabelo grosso. Começo a esfregar o shampoo no cabelo dele, massageando o couro cabeludo. Ele ronrona de prazer, seus braços em volta de mim, mãos se movendo para minha bunda. Ele me puxa contra sua ereção grossa, escondida pela água.

— Não. — digo com uma risada. — Não agora, Kael. Isso é sobre ficar limpo.

— *Eu quero colocar minha boca em você e te dar prazer, Claudia. Isso me traria muito prazer. Tenho fome pelo seu gosto.*

Meu riso morre em um suspiro ofegante, e minha mente se enche de imagens dele, suas grandes mãos empurrando meus joelhos para frente enquanto lambe minha buceta vorazmente.

Oh misericórdia.

— Banho. — eu lembro a ele. — Estamos nos banhando agora. — Mas as palavras saem sem fôlego, e parece que eu não consigo parar de tocá-lo sob o

pretexto de lavar, mesmo quando ele esfrega o nariz no meu pescoço molhado, suas mãos flexionando contra a minha bunda.

— *Não posso te abraçar enquanto tomo banho? Eu gosto disso.*

— Você pode... — eu ofego. Ele levanta a cabeça e vejo que seus olhos estão girando com o preto do desejo. Ele se inclina para mais perto de mim, e sua boca captura a minha, mesmo quando ele me puxa contra ele mais uma vez.

— *Minha Claudia. Eu sinto sua excitação. O cheiro disso me apavora.* Sua língua acaricia a minha, uma imitação de seu pênis, e eu choramingo.

— *Deixe-me provar você.*

— Você tem shampoo no cabelo. — digo a ele suavemente. Mesmo agora, ele corre pela testa dele em seus olhos.

Ele me solta e mergulha na água novamente, balançando a cabeça furiosamente. Um momento depois, ele aparece novamente e então me aperta, a água escorrendo pelo seu corpo grande e dourado.

— *Agora vou provar você.*

Eu tremo com a intensidade em seus pensamentos. Eu corro uma mão pelos seus ombros, sentindo seus músculos e considerando seu grande corpo. Nós ficamos no alto da água, ao ar livre. Qualquer um poderia nos ver. Mais do que isso, suspeito que ele queira mais do que apenas oral. Ele vai querer sexo e esta é uma ladeira escorregadia.

Estou cheia de desejo... e medo. — Eu não sei.

Como se sentisse meus pensamentos, Kael passou a boca pela minha bochecha.

— Claudia... — ele murmura em voz alta, me assustando. Então, em minha mente, ele diz — *Eu gostaria apenas de lhe trazer prazer. Não precisa haver prazer para Kael nessa união. Eu simplesmente quero provar minha companheira e apreciar seu sabor. Deixe-me fazer isso.*

Eu estremeço, me agarrando à sua pele molhada enquanto suas mãos se acomodam na minha cintura novamente. Não posso decidir... E ainda assim, não vou embora. Então, talvez tenha decidido, afinal. Ele espera um momento e depois se inclina para me beijar novamente. Quando ele me beija, eu abro minha boca para ele, concordando com seu domínio.

Uma grande mão desliza pela minha barriga, deslizando pela minha carne molhada. Ele encontra meu monte e coloca a dedo lá e quebra o beijo. Eu olho para ele, mal ousando respirar. O olhar em seu rosto prende meu olhar, todos os deliciosos redemoinhos negros de intensidade.

E ele aperta um dedo, acariciando os cachos do meu sexo e entre os lábios da minha buceta.

Eu gemo, arqueando contra ele.

Ele continua a me esfregar, consciente de suas garras, e eu o sinto mergulhar em meu núcleo, onde estou doendo de necessidade.

— *Você está quente e escorregadia com sucos de acasalamento, minha Claudia.* — Ele esfrega o dedo para cima e para baixo nas dobras da minha buceta, me molhando com a minha própria necessidade. — *Sinta como você está molhada. Isso não é só água. Essa é a minha Claudia.*

E ele leva a mão à boca e lambe os dedos, seu olhar intenso ainda no meu rosto.

Eu posso sentir o prazer que rola em sua mente e choramingo com a intensidade disso.

— *Minha Claudia.* — ele diz. — *Nada é mais gostoso do que sua doçura. Deixe-me te lambe.*

— *Aqui? Agora?*

— *Agora.* — ele concorda. Ele me puxa para seus braços e se dirige para a margem do lago. — *Eu vou deitar você embaixo de mim, abrir suas coxas e festejar sua beleza.*

Meu corpo treme com a intensidade de seus pensamentos, e seu olhar me prende enquanto ele gentilmente me deita na areia da praia. Então olha para mim, cheio de admiração.

— *Tão linda, minha Claudia. Minha companheira é adorável.*

Ele se inclina e passa a boca levemente no meu estômago, me acariciando. Suas grandes mãos se movem para as minhas coxas e as puxam para longe, me separando por suas atenções. Seu prazer atravessa minha mente novamente, e eu gemo mesmo antes de seu hálito quente respirar sobre minha buceta.

Enquanto eu assisto, ele estuda minhas dobras e, em seguida, se inclina. Sua língua serpenteia e passa sobre minha carne, dando-me um gosto rápido. Então ele ruga de prazer e afunda-se contra mim, sua boca enterrando-se entre as minhas coxas. Eu suspiro em resposta, assustada com o ataque de sensações.

Tudo o que sinto está sendo misturado com os pensamentos que ele permite vazar de sua própria mente, e é como se meu prazer estivesse sendo amplificado por ele. Eu posso sentir o quão erótico é para ele me provar, o quão selvagem isso o deixa.

Eu me contorço contra sua boca quando ele começa a dar ao meu clitóris longos e lentos golpes com sua língua áspera, lambendo-a devagar e com firmeza. Meu gemido se torna ofegante e ele aumenta os movimentos de sua língua, cada vez mais rápido. Quando ele começa a rosnar baixo em seu peito de novo, não posso deixar de suspirar porque isso faz as coisas parecerem ainda melhores - as vibrações que se movem pela boca parecem se transferir diretamente para o meu clitóris. Minhas mãos vão para a cabeça dele e, apesar de tudo, eu me agarro ao cabelo dele enquanto ele trabalha na minha buceta com a boca. Eu saboreio cada longo golpe de sua língua, cada movimento, cada redemoinho, cada grossa contra o mais sensível dos pontos. Ele começa a aumentar a intensidade e a pressão de sua lambida, como se sentisse que eu precisava de mais.

É claro que ele sente isso, percebo sem fôlego. Ele está conectado a mim em nossas mentes. Eu mando para ele o que quero, frenética de necessidade, e um momento depois, ele chupa meu clitóris.

Eu venho com pressa, gritando o nome dele. Meus músculos se apertam, e eu dou um pequeno grito de prazer, mesmo quando ele continua a lamber e chupar meu clitóris, arrastando meu orgasmo. O mundo explode em uma névoa onde apenas a boca de Kael existe e eu estou alheia a todo o resto.

Lentamente, desço do meu orgasmo, ofegante. Meu corpo gradualmente sente como se estivesse se desenrolando da tensão, e eu deito na areia, ofegando e tentando recuperar o fôlego. Isso foi perversamente intenso. Eu olho para baixo e vejo Kael ainda entre minhas coxas, olhando para mim com uma expressão que eu vim a pensar como puro homem possessivo.

— *Eu gostei disso.* — Kael me diz. — *Muito.*

— E você? — Eu tenso um pouco em perguntar, mas eu preciso saber.

— *Eu recebo meu prazer do toque de sua mente contra a minha.* — Suas garras acariciavam minha parte interna das coxas, possessivamente. O toque do seu corpo contra o meu. — *Eu lhe darei a minha semente em outro momento, quando você estiver menos assustada comigo. Até então, estou contente em provar o seu corpo.* — Ele se inclina e me dá um olhar perverso, a boca pairando perto da minha buceta. — *Devemos fazer isso de novo?*

Uma risada fraca me escapa. — Você vai me matar.

Ele franze a testa, todo o divertimento desaparecendo. — *Você é tão frágil?*

— Maneira de falar. Não iria realmente me matar. É só um ditado.

— *Seu discurso é... Encantador.* — Ele lambe lentamente a pele delicada da parte interna da coxa. — *Nós não usamos fala física tão frequentemente quanto o seu tipo. Não é conveniente.*

Eu tremo ao seu toque, nervos sacudindo em resposta.

— Eu sou... muito diferente de suas mulheres? — Eu passo meus dedos através de seu cabelo molhado. Eu me sinto extremamente sensível no momento. Quem não estaria atrás do tipo de atenção que acabei de receber?

O estrondo de sua diversão vibra através das minhas pernas. — *De muitas maneiras.*

— Como? — Estou genuinamente curiosa... E um pouco irritada. É ruim que eu seja diferente? — Eu nunca vi uma.

— *Você viu. Você não viu os dragões vermelhos nos céus?*

Eu ainda pergunto. — Os vermelhos? Os vermelhos são fêmeas?

Eu sabia que eles eram menores, mais abundantes... Extremamente agressivos. A maioria dos ataques de dragões que dizimaram as cidades foi feita por hordas de dragões vermelhos. Eu nunca pensei que eles eram as fêmeas, no entanto. A ideia é impressionante com suas implicações.

— *Elas são. O vermelho é uma cor de acasalamento para o drakoni. Elas ficam vermelhas quando querem atacar um macho. Agressão é um sinal de acasalamento.*

Se esse é o caso, existem muitos dragões procurando por um parceiro.

— Eles sempre atacam em padrões. Eles esperam alguns dias... Você sabe por quê?

— *A loucura é pior quando o calor de acasalamento está sobre você. Este mundo nos torna constantemente agressivos.*

— Eu não entendo... Por que não tomou uma delas como companheira? Eles são do seu tipo. Você não precisaria me roubar.

As fêmeas são... Alteradas por este mundo. Eles não deixarão um macho próximo o suficiente para lutar pelo domínio. Se elas não forem conquistadas, eles não podem mudar para sua forma de duas pernas para acasalar. Nós não nos acasalamos em nossa forma de batalha, e as fêmeas não carregam jovens em sua forma de batalha.

— Forma de batalha?

— Sua forma de dragão. — eu digo, entendendo agora. Fico aliviada quando ele volta, à sua forma humana - na maioria das vezes.

— Por que essa diferença de tamanho entre a sua forma de duas pernas e sua forma de batalha?

Ele encolhe os ombros, o movimento fluido e gracioso. — *Eu soube uma vez. Não lembro mais. Foi perdido para a loucura. Perdi muito da minha mente para este mundo.*

Uma coisa tão terrível. E ainda assim... Não posso deixar de perguntar.

— Você tem família de volta do outro lado da Fenda?

— *Eu não lembro.* — Ele assiste meu rosto. — *Isso te incomoda?*

Eu agito alguns grãos de areia da minha barriga e tento fingir confiança.

— E uma companheira? Você tem uma companheira? — Isso não deveria importar para mim, mas por alguma razão, isso realmente acontece.

— *Nunca. Você é a única companheira para mim. Não me lembro de muito, mas lembro-me disso. Meu veneno só será produzido para uma fêmea. Você é ela para mim.*

Eu odeio que eu esteja absurdamente satisfeita. Odeio que eu também esteja feliz que nossas mentes estejam conectadas e eu sei que ele está dizendo a verdade. Ainda assim, tenho medo de que ele não esteja melhor com uma fêmea drakoni. Se ele só pega uma companheira, é uma droga para ele que ele está preso comigo.

— Eu não entendo porque você me escolheu para ser sua companheira. Você deveria ter encontrado uma fêmea drakoni.

— *Eu não aceitarei ninguém além de você, Claudia.* — Ele aperta em torno de meus quadris, e inclina a boca contra a minha buceta. — *Devo te convencer de que você é a única para mim mais uma vez?*

Eu protesto... Mas só um pouco. E depois de um momento de persuasão, eu não protesto nem um pouco.

CLAUDIA

Cozinhar definitivamente fica mais fácil com um dragão por perto, percebo isso naquela noite.

Eu bocejo quando viro o pedaço de vaca na minha área de fogueira. Eu estou queimando alguns papéis velhos que encontrei no escritório, e Kael faz com que seja fácil pegar fogo. Não é um grande incêndio porque eu não tenho combustível real, mas é fogo. Eu lanço outro manual técnico no fogo em si, e as chamas tremeluzem então eu gesticulo para Kael consertá-lo. Ele imediatamente muda para a forma de dragão, inclina a cabeça para baixo e sopra chamas no fogo, e então volta para a forma humana e coloca os braços em volta da minha cintura, me puxando para o seu colo.

Estamos melhorando em cozinhar em equipe, eu acho. Kael está aprendendo a não fazer carinho na minha comida enquanto ainda está fugindo (bônus!), E estou aprendendo a não surtar com os métodos de caça dele. Mais cedo hoje, ele ouviu quando eu disse a ele para não matar a vaca, e ele me deixou abocanhar meu pedaço antes de comer sua porção.

Progresso. Pequeno, mas progresso.

Eu me enrolo em seus braços enquanto minha carne cozinha, e ele acaricia meu cabelo e corre suas garras para cima e para baixo em meu braço, fazendo um

estrondo satisfeito em seu peito. Isto? Isso não é tão ruim. Isso é realmente delicioso - eu tenho um cara gostoso, muita comida e um novo quarto incrível. Eu não tenho que me preocupar sobre onde estou dormindo, se há comida suficiente para durar a semana, ou se alguém vai invadir e tentar pegar nossas coisas. Minha maior preocupação é se eu posso ou não fazer com que Kael use calças, e se eu o quero, porque ele está quente e aconchegado com toda essa pele quente e nua contra mim. Estou me acostumando com a nudez dele, assim como estou me acostumando com sua natureza possessiva e selvagem.

Eu estou feliz. No momento. Sei que isso não vai durar. Sei que nada disso pode durar. Ainda há Amy e Sasha para me preocupar e o futuro. Há mordidas e sexo. Há Fort Dallas e o que fazer se eles nunca me deixarem voltar. Há um milhão de coisas me incomodando.

Mas por esta noite, vou apenas apreciar o cheiro da minha carne assada, aconchegando-me no colo do meu cara e, mais tarde, vou dormir na minha nova cama incrível.

Quando meu estômago está cheio de carne assada, eu me inclino contra o peito grande e largo de Kael e lambo meus dedos.

— Nós vamos ter que caçar algumas especiarias. — digo a ele.

— E talvez um jardim em algum lugar.

— *O que você quiser.* — Ele esfrega o nariz ao longo da ponta da minha orelha.

— Eu sabia que você diria isso.

— *Porque você sabe que eu faria qualquer coisa por você.*

Eu sorrio porque é verdade. É estranho sentir-se tão estranhamente feliz depois de ser exilada de Fort Dallas e da única vida que conheço. Sinto-me um pouco culpada pelo fato de meu estômago estar cheio, meus arredores serem luxuosos (em comparação com o velho ônibus escolar quebrado em que vivi nos últimos cinco anos), e eu tive orgasmos muito bons várias vezes esta tarde.

Está ficando mais difícil encontrar falhas em ser a companheira de Kael.

Tudo o que eu já conheci me ensinou que os dragões são o inimigo. Eles matam e destroem. Milhões... não, bilhões morreram em ataques de dragões. Mas aquele que está me segurando em seus braços agora está beliscando minha orelha de brincadeira e cuida de mim melhor do que eu jamais poderia imaginar. Ele é fofo por aí e eu gosto do seu senso de humor. Continuo mentalmente tentando me preparar para o que vai acontecer quando a vida voltar ao normal. Quando voltar para minha irmã e ele voltará para o céu.

Porque isso não funciona. Dragão e humano não podem ser felizes juntos, assim como um tubarão e um selo. Um é um predador e o outro é um lanche. Algo vai acontecer, e este castelo de cartas vai desmoronar.

Toda vez que penso nisso, porém, a dor no meu peito fica um pouco mais aguda.

Eu não posso estar me apaixonando por um dragão. Simplesmente não posso.

CLAUDIA

Eu estou em uma cela escura, a mesma cela de prisão em que fiquei presa por mais de uma semana, tudo para pegar algumas coisas das Terras do Lixo e ser pega. É uma frase de merda, mais uma besteira pelo fato de eu ser a única na cadeia. Eu sento, esperando, mas ninguém vem me pegar. Minha irritação aumenta e dou um passo na cela. Em algum lugar ao longe, Amy está chorando como se seu coração fosse quebrar.

O som me deixa frenética, e eu continuo andando, esperando para ser solta.

Mas ninguém vem. Ninguém vem. Enquanto isso, as lágrimas de Amy aumentam, até que não há nada que eu possa ouvir, exceto a miséria da minha irmã.

Eu atiro para a porta de metal e bato nela.

— Deixe-me sair! — Eu grito. — Isto é um erro!

— Sem erro. — alguém me chama de volta.

— Mas minha irmã! Ela está chorando! Eu bato na porta novamente.

— Não se preocupe mais com ela. — o guarda chama à distância. — Ela é nossa. Você desistiu dela.

— Não! Eu a quero!

— Então você deveria ter pensado nisso antes de foder com o dragão. — A voz é dura, cruel. Familiar. O capitão da milícia? Eu tento espiar a porta da cela, mas a pequena janela está embaçada. Não vejo nada além de um esboço vago de um homem.

— Você não pode me segurar aqui. Minha irmã precisa de mim!

— Ela não precisa de você. Você escolheu com quem você quer estar, e não são humanos. — A voz é cheia de desprezo.

— Ele não é como os outros!

— Não? Ele não é exatamente como os outros?

E eu não posso negar, porque ele é. Só porque ele é meu dragão não significa que ele não é um assassino.

— Eu não tive escolha.

— Sempre há uma escolha, traidora. — ele me diz.

— Você poderia escolher ajudar seu povo e, em vez disso, você está fugindo com um dragão.

— Não. — digo a ele, passando minhas mãos pelas paredes da minha cela.

— Eu não amo o dragão. — minto. — Eu estou com os humanos. Deixe-me ver minha irmã.

— Você está mentindo.

— Eu estou aqui! — Eu grito mais alto. — Estou aqui no Forte com você e quero ver minha irmã.

— Não, você não está. — o homem diz, e sua voz parece mudar se tornar mais profunda. Ela vem de todos os lados e as paredes da minha cela se suavizam. Eu caio para trás, apenas para perceber que as paredes se tornaram douradas. E quente. E elas estão se movendo.

Eu não estou mais na cela da prisão. Eu estou na barriga do dragão. Meu dragão.

Ele vai me deixar sair, no entanto. Eu bato na parede com uma mão chata.

— Kael! Deixe-me sair!

— *Você disse que não me amava.* — o dragão ruge ao meu redor. — *Que você não tem escolha. Você não se importa comigo*

— Isso não é verdade, digo a ele. Eu te amo. Mas também amo minha irmã. Por favor, por favor me ajude a resgatá-la.

— Você tem que escolher.

— Escolher?

— Escolha-me ou escolha Amy. Você não pode ter nós dois.

Os soluços de Amy ficam mais altos, mesmo através das paredes do estômago do dragão. Eu não posso escolher. Eu não sei como chegar a minha irmã. Não sei como sair do estômago do dragão. — Eu não posso escolher! Por que você está fazendo isso?

— *Eu sou um assassino, como você disse. Eu matei milhares de pessoas e queimei cidades. Eu não posso viver com pessoas. Você deve escolhê-los ou você deve me escolher.*

— Eu não sei se posso.

— *Então você me perde.*

— Eu não quero isso! Não posso ter você e minha irmã?

Mas os soluços de Amy estão se distanciando cada vez mais.

— *Escolha.* — Kael me diz.

As paredes começam a se fechar, mesmo quando os soluços de Amy diminuem. Eu balancei minha cabeça freneticamente, mas eles continuam a fechar cada vez mais perto de mim.

— *Escolha!*

— Eu não posso escolher! Eu não posso!

Então eu estou nos braços de Kael e estamos bem acima da cidade. Kael me solta, liberando-me de suas garras. Eu caio no ar, caindo, caindo, caindo...

— *Então você perde tudo...*

Queda...

§§

Acordei com um susto, sentada ereta na cama. Meu corpo está coberto de suor e não há ar nos meus pulmões. Eu respiro fundo, tentando me acalmar. Um braço pesado descansa em meus quadris e aperta, me puxando de volta.

Kael, em sua forma humana. Ele está ao meu lado na cama, com os olhos fechados, tentando me puxar para mais perto e voltar a dormir.

— Eu estou aqui. Durma. Você está segura.

Mas o sonho não vai parar de circular na minha mente, piscando repetidamente. Eu saio de seu aperto e deslizo para o lado da enorme cama. O luar escorre pelos buracos no teto do prédio destruído, adicionando uma luz fantasmagórica. Pensar que eu ri desses buracos antes, chamando-os de claraboias. Agora eu os vejo e me pergunto por que o dragão arranhou no telhado. Ele estava tentando chegar ao povo preso dentro?

Foi Kael que destruiu este edifício e assassinou todos dentro?

Eu abraço meu peito. Isto está errado. Tudo errado. Pensar que eu estava tão contente antes, porque tinha tomado banho, alguns abraços e alguns móveis. Quão barata eu me vendo, onde está minha lealdade? Eu nem tentei resgatar Amy, inferno, eu gastei a maior parte de uma hora mais cedo hoje tentando descobrir como fazer Kael ferver a água para o precioso saco de grãos de café que eu encontrei.

Estou trocando a liberdade da minha irmã por alguns orgasmos e grãos de café.

Amy está presa. Ela está aprisionada e miserável. Pobre Sasha está sozinha um mau caminho para uma mulher estar em Fort Dallas. Nenhuma delas está segura. Fecho os olhos e, na minha cabeça, ainda ouço os soluços miseráveis de Amy.

Deus, o que estou fazendo aqui? Montando uma casa com um dragão? Dragões são o inimigo. Eles são os únicos que causaram todos os problemas que temos. E não posso ir para casa, porque Kael decidiu que ele é meu dono.

Por um momento, me ressinto de todos. Kael, por me colocar nessa posição. Sasha, por não ser forte o suficiente para cuidar de si mesmo. Amy, porque se eu não tivesse que me preocupar com ela, eu poderia ser feliz aqui com um dragão.

Quando posso fazer o que quero fazer?

Um corpo grande e ardente pressiona contra o meu, me assustando. O calor de Kael se move imediatamente sobre a minha pele. Não é ofuscante, desconfortavelmente quente como antes, mas estranhamente reconfortante. Confortável, suponho, porque ele me mordeu para poder me reclamar quando quiser. E isso me deixa todo azeda por dentro.

Ele tenta me puxar contra ele.

Eu o afasto. — Não me toque.

Eu posso sentir a surpresa em seus pensamentos. — *Claudia? O que é que há?*

Meu coração está doendo, mas tenho que pensar em Amy.

— Eu não quero que você me toque mais.

— *Você é minha companheira.* — me diz, e a possessividade retorna aos seus pensamentos, quase preto com intensidade. — *Eu vou tocar em você.*

— Eu não quero ser uma companheira de dragão. — Eu tento me afastar dele, mas seus braços só apertam em torno de mim.

— Você nunca me perguntou o que eu queria.

— *Você gosta quando eu coloco minha boca em você, Claudia.* — Seus olhos são escuros e brilhantes, negros de emoção. — *Você gritou para eu te tocar mais cedo. Você empurrou meu rosto entre suas coxas e exigiu que eu lambesse você. Eu imaginei isso?*

Ok, talvez eu tenha feito isso algumas vezes no segundo turno. Ou terceiro. Tanto faz. Eu empurro seu peito.

— Você é um idiota por trazer isso à tona. Deixe-me ir.

Mas ele só me envolve em seus braços e se move de volta para a cama, ignorando minhas lutas.

— *Você diz que não quer ser minha companheira? Eu vou te mostrar que você quer.*

Medo - e desejo - disparam através de mim, emoções duplas. Minha mão se enrola em um punho e martelo seu ombro enquanto ele me leva para a cama.

— Eu quero que você me ponha no chão!

Um momento depois, eu bato na cama, deitada de costas. Kael aparece sobre mim, os olhos brilhando na escuridão da pequena sala que transformamos em um quarto.

— *Devo provar a você o quanto você quer minha boca em sua carne? Minha língua varrendo aquela pequena protuberância que você gosta tanto? Degustando você inteira?*

— Não! — Mas uma pequena parte de mim está gritando, sim, está ligada por essa demonstração de força. No fundo, eu amo que não posso empurrá-lo. Que nunca estou no comando. Às vezes estou tão cansada de estar no comando. Estar com ele é quase libertador - exceto que tem Amy e Sasha.

Mãos grandes puxam meus joelhos firmemente apertados, abrindo minhas pernas e expondo minha buceta para ele. Eu odeio e amo que eu fico imediatamente molhada quando ele olha para mim. E quando suas narinas se abrem e ele me dá um olhar de conhecimento, me sinto envergonhada, sou tão óbvia. Sou uma grande hipócrita. Sei quem eu sou. Mas eu não posso desviar o olhar quando ele lambe os lábios e se inclina sobre a minha buceta, como se estivesse se preparando para o banquete. Eu empurro contra sua mão enquanto ele espalha minhas dobras com os dedos cuidadosos e se inclina. Sua língua ardente e rouca varre meu clitóris, e ele dá um baixo ronco de prazer em sua garganta.

— *O seu gosto me diz que você gosta do meu toque, minha companheira. Eu vou fazer suas pernas tremerem com tanto prazer que você não será capaz de me afastar. Você vai me implorar por mais.* — E ele me lambe de novo.

Os tremores ondulam através de mim, tremores de prazer misturados com intensa culpa. Um soluço quebra na minha garganta e eu pressiono a mão sobre os olhos quando começo a chorar. Eu odeio isso, mas ele está certo. Eu amo a sensação de sua boca contra mim, o poder perigoso nele... E sabendo que ele pode ser tão gentil comigo, todo o seu ser focado em me dar prazer.

E isso só piora as coisas, porque eu não sei o que fazer. Sobre qualquer coisa. Estou fodida se eu o amar e ficarei quebrada se não. Eu continuo soluçando, inconsolável.

Kael acaricia minha bochecha com as costas de seus dedos, sempre tão gentilmente.

— *Você está chorando?* — Ele pergunta, e eu posso sentir sua confusão, raiva e desamparo. — *Isso é um não?*

— Isso é não. — Concordo, não confiando na minha voz. Eu não me importo com o que meu corpo diz. Minha mente diz não.

— *Eu te fiz chorar.* — O remorso pulsa em sua mente, tão denso que permeia meus próprios pensamentos. — *Minha Claudia. Me perdoe.*

Para minha surpresa, ele me puxa da cama e me pega em seus braços, me segurando em um abraço apertado, estranhamente reconfortante. Eu não sei como ele sabia que eu precisava de um abraço, mas isso ajuda. Enterro meu rosto no peito dele e deixo as lágrimas fluírem.

CLAUDIA

Na manhã seguinte, não conversamos. Kael está de mau humor, embora ele tenha acordado cedo o suficiente para pegar o café da manhã para mim e me acordou com uma coxa assada de... Alguma coisa. Eu não pergunto o que é ou como morreu. Eu não quero saber.

Meu humor também não é exatamente estelar. Estou cansada depois da nossa briga na noite passada e doente de preocupação com a pobre Amy. Eu tenho que fazer algo sobre a minha irmã em breve. Não posso deixar Amy lá, e não posso voltar também. Eu percebo isso agora. Não é que eu esteja morrendo de vontade de voltar a uma vida de buscas para poder comer e dormir na parte de trás de um ônibus escolar muito quente, cercado por uma cidade cheia de catadores inescrupulosos e duros que tentam pegar o que você tiver, incluindo o seu corpo. Mas... Fort Dallas é o diabo que conheço. É familiar, é seguro (principalmente) e não há surpresas, exceto pelo ocasional ataque de dragão fora de padrão.

E desde que eu 'dome' o Kael, acho que consertei um pouco disso.

Você será bem-vinda, em Fort Dallas.

Eu também me preocupo com Sasha. Ela faz o que precisa para sobreviver, e espero que ela não tenha se colocado em perigo. Não gosto de pensar em minha

amiga voluntariamente deixando alguém machucá-la apenas por alguns restos de comida.

E Amy. Pobre e frágil Amy. Imagino minha irmã, seu cabelo loiro claro, olhos arregalados e perna ruim que faz com que cada passo dê outro passo lento. Ela não poderá sobreviver sem mim. Ela é muito tímida, muito assustada com o mundo. É um lugar assustador e brutal no Depois, e Amy não tem personalidade para superá-lo. Ela é muito confiante.

Eu simplesmente tenho que fazer alguma coisa. Eu penso muito sobre isso enquanto escolho meu café da manhã. Estou tentando comê-lo, já que Kael foi atencioso o suficiente para trazê-lo, e a carne nunca deve ser desperdiçada, mas eu não tenho apetite. Estou doente de preocupação. Uma sombra aparece acima, e eu olho para cima, esperando ver a asa de ouro.

Exceto... que Kael está na sala comigo.

Um movimento de cauda vermelha visto através de um dos buracos no teto me deixa tensa. Um vermelho. Uma fêmea. Elas estão completamente perdidas para a loucura. Eu endureço com medo. É hora de um ataque de dragão. Perdi todos os rastros dos padrões e este me pegou de surpresa. Muito vagamente, ao longe, ouço o lamento das sirenes de Fort Dallas.

Eu empurro minha comida para o lado e fico de pé, cambaleando para trás.

— *O que é isso, minha companheira?*

— Dragão vermelho. — gaguejo, apontando para o céu.

— *Ela não vai te machucar. Ela não sente você como um rival, nem eu como um parceiro em potencial. Meu veneno foi dado.*

— O-okay. — Eu não posso parar de tremer ao vê-lo, no entanto. O desejo de me esconder é esmagador.

— *Eu vou fazê-la sair. Não tenha medo, minha Claudia.* — Ele imediatamente sobe para a forma de dragão e salta no ar. Eu ouço seu grito de alerta um segundo depois, e o agudo grito de resposta do dragão vermelho menor. O cheiro de cinza é levado pelo vento, e percebo que o vermelho está incendiando a cidade em algum lugar. Algo está queimando.

Preocupada, eu me retiro nas sombras de uma sala próxima com um teto protegido e abro o armário de suprimentos. Fecho a porta atrás de mim e me agacho em um canto, tremendo. Quando os dragões atacam, o lugar mais seguro é cercado por concreto, mas isso terá que ser feito. Eu não consigo superar o quanto estou com medo. Eu não deveria mais ter medo de dragões, deveria? Não com Kael ao meu lado? Mas o medo é real e vívido, e estou tremendo muito. E porque sou fraca e carente, eu alcanço a mente de Kael para conforto e tranquilidade.

— *Kael? Está tudo bem?*

— *Eu estou aqui.* — ele envia e seus pensamentos são calorosos e reconfortantes.

— *Não tema.*

— *Você pode fazê-la sair? Eu estou assustada.*

— *Ela está enlouquecida.* — diz Kael, seus próprios pensamentos um pouco turvos. Eu estou dizendo a ela para sair, mas ela está tendo dificuldade em

compreender. Sua mente está quase desaparecendo com a loucura. É difícil se conectar com ela.

O fluxo de seus pensamentos é interrompido, e eu o ouço dar outro rugido baixo, este mais distante, seguido pelo berro de resposta da fêmea.

— Kael? — Eu pergunto preocupada. — Você está bem? — Um tom de loucura se insinua em minha mente e me preocupo que ele esteja perdendo o controle. Eu não gosto de quão quieto ele está, ou os pensamentos dispersos que estão vazando. É como se a loucura dela estivesse infectando ele.

— Concentre-se em mim, cara grande. Estou aqui. Sua Claudia.

— *Minha companheira. Eu lembro. Obrigado. Há calor e amor em seus pensamentos, e eles se sentem mais fortes do que antes.*

Relaxo. — Eu estou aqui para você — digo a ele, embora pareça um pouco bobo dizer a um grande dragão assustador enquanto eu me aconchoo em um armário.

— *Ela cheira minha companheira na minha pele, mesmo que ela não possa ouvi-la em meus pensamentos. Uma pausa então. — Ela está partindo. Ela vai deixar o meu território para mim e procurar outros machos.*

Eu solto um suspiro de alívio, então me sinto culpada. — *O vermelho está indo em direção a Fort Dallas, se a sirene for alguma indicação. Eu não posso persegui-la daqui para ir até lá. Ela está indo para a cidade? Você pode mandá-la embora?*

— *Sua mente não está lá, minha companheira. Eu não posso fazer nada exceto tirá-la do meu ninho. Ela não entende nada além de eu ser um macho alegado e ela deve procurar em*

outro lugar por um parceiro. — Depois de um longo momento, sinto um baque quando o prédio balança e a grande forma de Kael aterrissam no telhado. Abro a porta do armário e, ousando, corro para a próxima porta para espiar os céus. Há um lampejo de asa dourada e, um momento depois, Kael pula do teto em sua glória humana nua.

Ele estende a mão para mim. — Venha. Nós temos muito a fazer.

Eu deixo a segurança do meu esconderijo e dou um passo à frente, nervosa. — Muito a fazer?

— *Existem outros machos na área. Será mais seguro para você se eles sentirem seu perfume. Eles saberão que você foi reivindicada e está fora dos limites. Será mais fácil se eu estiver do seu lado para comunicar. A pele humana não mantém o aroma de acasalamento tão bem. Você perde o aroma da minha pele depois de alguns dias, e não é seguro.*

Isso me deixa nervosa de novo. — *Como faço para obter o cheiro de acasalamento em mim novamente?* — Não com uma mordida, espero.

Seus olhos redemoinham em negro. — *Eu devo te encher com a minha semente.*

Meus olhos se estreitam. — *Bem, isso não é conveniente. E se eu disser não?*

Ele acaricia minha bochecha em um gesto possessivo. — *É por isso que vamos a eles. Meu cheiro em você ainda é fraco, mas está lá. Em breve desaparecerá, a menos que você me aceite novamente. Desta forma, garantimos a sua segurança.*

Eu lhe dou um olhar cético e cruzo os braços sobre o peito. Parece um golpe para mim. Um jeito de entrar na minha calcinha de forma metafórica. — Marcando-me — e me fazendo segura. Soa como um truque para mim.

— *Não é mentira. Eu não desejo que você perca meu perfume. Não quero outro macho pensando que ele pode roubar você.*

Um flash de memória rasteja em minha cabeça, de Kael lutando contra o outro dragão dourado e calmamente arrancando sua garganta. — Você vai ter que lutar de novo?

— *Não. Eles vão me cheirar em você e ficar curiosos, mas eles não vão lutar. O outro não sentiu o cheiro em você e pensou em roubá-la de mim antes que eu pudesse ter a chance.* — Os olhos de Kael brilham com emoção negra. — *Eu não colocaria você em perigo, minha Claudia.*

— Tudo bem. — digo-lhe com relutância. — Vamos acabar com isso.

Ele se inclina para passar os lábios sobre os meus e depois rapidamente se transforma em sua forma de dragão. Fico assustada com a carícia impulsiva e com a resposta prazerosa que incita apesar dos meus pensamentos atormentados. — O que foi aquilo?

— *Eu simplesmente queria fazer isso.*

Se o Kael é difícil de ler em forma humana, ele é impossível em forma de dragão.

Eu o olho por mais um momento, depois gemo em consternação quando seu enorme pé com garras me alcança.

Ele imediatamente faz uma pausa. — *Você está com dor?*

— Não. — Eu pisei em suas garras estendidas, confiando nele. — Mas eu odeio andar com você assim. Isso me assusta. Eu não me sinto segura.

Não tenho outro jeito de carregar você, minha companheira. E eu nunca te deixaria cair.

— Eu sei. Mas pena que você não venha com uma sela. — Assim que as palavras saem da minha boca, uma ideia se forma. — Na verdade... — Eu saio de suas garras novamente e me movo ao longo do seu lado, correndo levemente a mão pelas escamas reluzentes de seu flanco. Os músculos de suas costas mergulham nos ombros, mas há uma área relativamente plana que funcionaria. — Você pode abrir suas asas para mim?

Ele o faz imediatamente estendendo as asas, apesar do interior confinado do edifício. Assim que ele faz isso, eu corro a mão ao longo de suas escamas novamente, sentindo os músculos por baixo, e olho para o ponto entre suas asas. O lugar que eu poderia colocar uma sela ainda está fixo, apesar do desdobramento de suas grandes asas. Se eu colocar uma lá, ela não se afastará no momento em que ele levantar vôo.

— *Sua mão é boa.* — ele me diz, seus pensamentos ronronando baixinho.

Eu dou a sua pele um leve beijo. — Acalme-se. Estou tentando pensar. Eu o considero por mais um momento e, em seguida, coloco uma mão carinhosa e persuasiva sobre suas escamas. — Você usaria um arreio se eu fizesse um?

— *Isso te agradaria? Então eu iria.*

Eu sorrio com tristeza, desejando não estar tão rasgada. Tudo o que ele quer é me agradar. Como eu posso ficar brava com isso? E, no entanto, seu prazer em estar constantemente perto de mim significa que estou permanentemente exilada de Fort Dallas.

E enquanto eu estiver com ele, Amy vai sofrer.

Não importa o que eu escolha Kael ou Amy, acabo perdendo. O pensamento é miserável.

§§

CLAUDIA

— Você está se contorcendo. — digo a Kael, e bato a mão em seu enorme ombro de ouro. — Segure firme.

O dragão dá um grunhido irritado, mas ele continua parado. Aperto as enormes tiras de couro que cruzam suas escamas, corto-as o máximo que posso e depois as testo mais uma vez. — Muito apertado?

— *Nunca.*

— Ok, bom. — Eu dou as tiras uns últimos ajustes depois passam para trás e admiro minha obra. — Não está ruim, eu acho.

Demoramos quase um dia para criar um arreio. Eu tinha esboçado algumas ideias em um pedaço de papel e depois fui para trás e para frente, subindo nas costas de Kael para determinar como tudo deveria ficar. De lá, era uma questão de encontrar um antigo estábulo e uma sela que se mantinham razoavelmente bem. Depois arrumamos várias alças, adicionamos cordas, e o resultado final foi uma sela de montaria empoleirada entre os ombros de Kael e amarrada. Até coloquei um cobertor de sela debaixo da sela, caso isso estragasse sua pele.

Escamas. Tanto faz. Eu também tenho rédeas. Bem, elas são principalmente um guidão de bicicleta, desde que eu não colocaria um nele e eu quero algo para segurar. A coisa boa sobre nossa ligação telepática é que eu posso guiá-lo com um pensamento em vez de puxar as rédeas como se ele fosse um cavalo.

Então não há mais nada para se preocupar. Eu mordo minhas unhas, em seguida, olho para ele. — Estamos prontos para fazer isso?

— *Claro.*

Sua confiança não está ajudando, porque ele está sempre confiante. — Se eu cair, você vai me pegar, certo? — Aperto o cinto de segurança na minha cintura e me certifico de que o mosquetão esteja preso às cordas que cruzam o grande corpo de Kael.

— *Eu não vou deixar você cair.*

— Claro, claro. — murmuro, e verifico meu cinto de segurança mais uma vez, apenas no caso. Se eu cair, ainda vou estar amarrada a ele, mais ou menos. É uma estrutura totalmente improvisada, mas acho que podemos aperfeiçoar isso com o tempo.

E então eu franzo a testa para mim mesmo, por que estou pensando em longo prazo? Meu objetivo é voltar para Fort Dallas e minha irmã Amy. Mas então a grande pata dianteira de Kael se enrola em volta de mim, oh tão gentilmente, e ele me puxa para acariciar-me com seu grande focinho.

— *Você pode fazer isso, minha companheira.*

Eu acaricio seu nariz, sentindo uma onda de afeição por ele. — Obrigada pelo voto de confiança.

Ele me dá uma onda quente no meu pescoço, que é o equivalente em forma de dragão de um beijo, suponho. E isso me faz sorrir melancolicamente. Quando alguém (além de Amy ou Sasha) tinha sido tão totalmente focado e dedicado à minha felicidade e cuidado? Mesmo com Amy e Sasha. Nós cuidamos uma das outras porque somos família e é isso que a família faz.

Com Kael, é diferente. Tantas coisas são.

Estou rasgada mais uma vez, mas agora não é hora de se preocupar com isso. Eu preciso parar e fazer as coisas se mexerem. Então eu deixei ele me puxar para mais perto, e eu uso sua perna para subir em suas costas, deslizando na sela um pouco bagunçada. Eu me movo no lugar, segurando o guidão, e então começo a amarrar mais tiras de couro nas minhas pernas que eu manipulei para 'apenas no caso'. Estar nas costas de Kael é mais amplo e um pouco mais difícil do que eu esperava, e isso está me deixando ainda mais nervosa que antes. Ele não está acostumado a ter um cavaleiro. E se ele esquecer que estou aqui?

— *Eu não vou esquecer.* — ele promete. — *E se você cair, eu vou te pegar. Nenhum mal virá para você, minha Claudia. Eu morreria primeiro.*

De alguma forma, sei que é a verdade. Eu estendo a mão e acaricio a mão ao longo da escala de seu pescoço, e posso sentir o calor através deles.

— Eu sei. Estou um pouco preocupada, só isso. Eu tenho certeza que vai ficar tudo bem com o tempo. — Eu coloco minhas mãos de volta no guidão e respiro fundo. — Ok, vamos dar uma volta.

Antes que eu possa dizer a ele para levar as coisas devagar, Kael atira-se no ar como um canhão. Eu solto um grito de surpresa quando meu traseiro levanta da sela, apesar de toda a amarração que fiz, e depois bate de volta no lugar um momento depois. Eu me agarro ao guidão, mas ele não parece o suficiente.

Mas então, Kael estende suas asas para planar e nós somos pegos em uma corrente ascendente. De repente, estamos subindo alto pelos céus, e estou em cima do dragão em vez de pendurada nas garras de dragão e... É de tirar o fôlego. Eu fico admirada com a expansão da cidade abaixo, as ruínas cobertas de vegetação rasteira. Pássaros passam por nós, sem medo, enquanto voamos. A visão deles me faz rir de prazer, e meu cabelo corre descontroladamente ao redor do meu rosto e nos meus olhos. Balanço a cabeça para tentar tirá-lo dos meus olhos, mas isso não funciona tão bem. Preciso de uma trança, eu acho. Ou um chapéu.

E então um inseto voa em meus olhos e eu grito de novo, arranhando meu rosto. Adicionando óculos a essa lista também.

Eu posso sentir a diversão de Kael enquanto nós voamos devagar pelos céus.
— *Você está bem?*

— *Eu estou eu digo a ele.* — Uma vez que eu enxuguei meus olhos um milhão de vezes.

O vento os molha com lágrimas, mas isso não me impede de olhar em volta maravilhado. Eu me sinto tão... Poderosa assim.

— *Você gostou muito disso, eu posso dizer.*

— Sim. — eu chamo, mas minhas palavras são devoradas pelo vento. Não é de admirar que o seu povo seja telepata. Tento de novo. Eu gostei. Sinto-me menos como uma vítima e mais como um participante. Isto é divertido.

— *E você está amarrada firmemente? Seu assento está bom?*

Eu mantenho uma mão no guidão e dou às tiras nas minhas pernas alguns puxões experimentais. — *Eu acho que estou bem amarrada.*

A respiração foge de mim quando ele dá um salto no ar, e nós ficamos de cabeça para baixo por um breve e horripilante momento. — *OH MEUS DEUS! KAEEL!*

Nós voltamos ao normal um segundo depois, e eu posso sentir o estrondo de diversão nele. Eu agito um punho impotente no ar. — *Seu otário. Seu otário! Você assustou a merda fora de mim!*

— *Por quê? Eu lhe disse que não deixaria você cair. Mas agora que você está tão perto da minha pele quanto uma das minhas escamas, eu não preciso mais me preocupar com a sua segurança.*

Apenas sobre mim perdendo o controle da bexiga, digo-lhe amargamente, mas não posso ficar com raiva. Isso é muito divertido.

— *Vamos continuar?*

Pela primeira vez, não estou desesperada para sair do ar e pousar. — *Sim, vamos. Eu adoraria ver mais da cidade.*

— *Então vamos.*

E vamos para um dos lados, virando e nos dirigindo para o horizonte.



CLAUDIA

Nós voamos por pelo menos uma hora ou duas, vagorosamente deslizando por partes da cidade que eu não vi desde que o céu abriu e a humanidade faliu. Há subúrbios cobertos de mato ao lado da estrada e muitas áreas carbonizadas, onde é claro que os dragões vieram. Eu vejo um prédio alto e bem intacto nos arredores que eu adoraria explorar. Até tem um velho heliporto para Kael pousar facilmente, e pode ser melhor para nós do que o antigo edifício de escritórios que reivindicamos atualmente. Mais longe na cidade, há também edifícios de busca muito mais promissores. Eu vi rebanhos de cavalos e gado, cães selvagens vagando pelas ruas bem abaixo. Todos eles se espalham à vista de um dragão pairando no alto.

Nós até vimos um dragão vermelho ao longe. Eu entrei em pânico ao vê-lo, porque me sinto vulnerável nos ombros de Kael. Mas o vermelho voou para longe, completamente desinteressado de nós.

— *Ela me cheira com minha companheira.* — ele me diz — *Então ela não está interessada.*

Engraçado como simplesmente estar com Kael se transformou na última rede de segurança neste lugar estranho em que o nosso mundo se tornou. Uma vez, eu teria ficado aterrorizada com tudo o que estou vendo, mas agora é apenas

um pouco interessante. Nada pode me machucar. Não agora, não enquanto estiver com Kael.

Eu estendo a mão e acaricio suas escamas com uma mão fria e gelada pelo vento.

— *Luvas* —, penso ociosamente. Eu preciso de luvas na próxima vez. Por mais que trabalhei, ainda não estou preparada para andar de volta. Claramente, há mais equipamentos necessários do que eu pensava.

Ainda assim... Eu estou com o maldito dragão no ar! Quão incrível é isso? Nós podemos voar tão longe. Eu nunca ficaria presa atrás das muralhas em Fort Dallas novamente, forçada a coexistir com um bando de criminosos e obedecer à milícia simplesmente porque não é seguro ficar sozinha. Com Kael ao meu lado, eu não tenho que me preocupar com isso. Nós podemos ir a qualquer lugar. Poderíamos ir para o litoral oeste e ver se a velha Califórnia está tão destruída quanto o Texas. Quem sabe, talvez pudéssemos voar até o Havaí. Eu costumava amar a praia. Eu me pergunto quanto tempo voaria através do oceano e se há algum dragão nas ilhas.

Claro, eu teria que encontrar uma maneira de trazer Amy de volta sem assustá-la. E Sasha também. Eu não as deixaria para trás.

— *Fique calma.* — Kael me diz, interrompendo meu fluxo de pensamentos. Sua cabeça levanta e ele olha para longe.

— *Calma?* — Eu imediatamente olho em volta na direção que ele está olhando, alerta. — *Por quê? O que está errado?*

— *Nada está errado. Mas em breve teremos um visitante.* — E ele mostra uma imagem mental para mim que combina com o horizonte à minha esquerda.

Eu me viro, olho e vejo uma mancha no horizonte. O cisco fica cada vez maior, e eu respiro fundo enquanto observo ele girar preguiçosamente em torno de um prédio alto e depois voltar novamente, vindo em nossa direção mais uma vez. A luz do sol brilha em escamas douradas.

Ah merda.

Eu endureci no meu assento, segurando meu guidão como se de alguma forma me protegesse.

Isso é outro dragão! Outro macho! Eu digo a ele, entrando em pânico.

— *Calma, Claudia. Ninguém vai te machucar. Você está comigo e você é minha companheira. Você está segura.*

— *Ele está vindo atrás de mim?*

— *Ele está... mas uma vez que ele sentir que você é minha, ele mudará essa ideia.*

— *Você parece tão certo.*

— *Eu estou. Você tem meu cheiro. Meu fogo está no seu sangue. Ele saberá que você foi reivindicada.* — Seus pensamentos carregam uma carícia inconfundível e lânguida. Ouvir isso me deixa um pouco aquecida e dolorida, pensando no que vai acontecer quando pousarmos e ficarmos sozinhos novamente. Agora não é hora de pensar sobre isso. Há um dragão vindo direto para nós.

Não havia um pingo de nervosismo nos pensamentos de Kael, e isso me faz relaxar um pouco. Se meu dragão não está preocupado, então eu não estou.

Meu dragão. Estranho quão natural isso parece agora.

As asas de Kael se inclinam à esquerda se inclina e fazemos círculos preguiçosos no céu, indo lentamente para o chão. Eu estico meu pescoço, as mãos apertadas no arreio enquanto olho os grandes ombros escamados de Kael para procurar no ar pelo outro dragão. Ele circula nas proximidades e Kael anuncia um chamado que é respondido rapidamente.

Nenhum deles parece irritado, o que significa que isso é muito diferente de qualquer outra interação com dragões que eu já vi. Kael vira a cabeça e vejo que seus olhos permanecem âmbar, não o preto de alta emoção. Ele não está incomodado, e eu relaxo um pouco mais.

O novo dragão desliza para o chão e enfia as asas, acomodando-se em suas ancas quando ele dá alguns passos para frente. Ele olha em volta, a cabeça girando, e vejo seus olhos girando em preto e dourado - embora mais pretos que dourados. Ele ainda está preso pela loucura, e isso me deixa nervosa, mas ele não está atacando.

Kael diz que ele está aqui para conversar, então eu tenho que confiar nele.

— *Você pode. Eu estou certo sobre isso. Eu nunca colocaria você em perigo.*

Eu aliso a mão no pescoço dele. — *Claro, claro, eu perdi de brincadeira. Você estava certo e eu estava errada.*

Nós descemos no chão a uma distância razoável, em meio a um monte de carros velhos no meio de uma rua. Kael enfia as asas e imediatamente olha por cima do ombro para mim.

— *Solte seus arreios. Você é minha companheira e está a salvo comigo, mas isso não significa que tentarei empurrá-la sob o nariz dele.*

Eu apressadamente solto as correias, um pouco ansiosa por ouvir isso. — Eu pensei que você tinha dito que eu estava segura?

— *Você está.* — ele responde calmamente. — *Mas ele ainda está preso na loucura. Você está segura, mas isso não significa que eu vou arriscar com você.*

— *Justo.* — Eu termino de desafivelar as alças, e ele dobra um ombro até o chão para que eu possa deslizar para baixo. Eu faço, e no momento em que meus pés tocam o chão, eu quase caio de joelhos. Estou tão vacilante depois daquele longo voo.

— *Estou triste.* — digo a ele. — *Eu esperarei aqui.*

Ele se vira e sopra uma respiração contra o meu pescoço com seu enorme focinho.

— *Eu não vou demorar muito.*

Ele se afasta, indo em direção ao outro dourado, e percebo que ele continua em forma de dragão - desculpe-me, forma de batalha. Sua cauda chicoteia para frente e para trás como um gato, o único sinal externo de agitação.

Eu torço minhas mãos, tentando não me preocupar. — *Fique seguro, ok?*

Sua resposta mental é uma explosão de emoção calmante e sem palavras.

O outro dragão rugi enquanto Kael se aproxima. Ele salta para frente e, em vez de ir para Kael, ele se dirige para mim. Com a mesma rapidez, Kael o interrompe, movendo-se suavemente entre nós. Fiel à sua palavra, ele não deixa o estranho se aproximar.

Eu não consigo parar de torcer as mãos, observando enquanto o outro dragão olha em minha direção. Seus olhos se movem constantemente para o preto, e é como se eu estivesse o vendo variar entre a loucura e sanidade, repetidamente.

— *Fique calma. Ele é um velho amigo.* — Kael me diz. — *Eu lembro o nome dele. Dakh.*

— *Um velho amigo. Adorável. Diga a ele que eu disse olá.*

— *Eu não farei isso. Dakh vai lutar.* — diz Kael. — *Este lugar é ruim para o nosso povo. Ele não consegue entender o que está acontecendo. Às vezes ele nem se lembra do próprio nome.* Há muita tristeza nos pensamentos de Kael. — *Eu era como ele uma vez.*

— *E você mudou... Por minha causa? Existe algo que podemos fazer por ele?*

Um surto possessivo é minha resposta. — *Eu não vou compartilhar você.*

— *Isso não foi o que eu estava oferecendo! Mas talvez possamos achar uma companheira para ele?*

Então, novamente, o que estou dizendo? Teríamos que encontrar uma mulher humana pronta para pegar um dragão e esperar pelo melhor. Só porque eu encontrei um dragão que me trata bem não significa que seria o mesmo. Ou que ela poderá superar a coisa do – monstro assassino.

— *Dakh cobiça você.*

Eu deslizo um pouco mais perto de um van abandonada com a porta aberta e passo atrás dela. — *Diga-lhe que sou uma garota de um só dragão.*

— *Ele não vai tocar em você. Pode sentir o cheiro que você está reivindicada. Ele está me pedindo para dizer aos outros homens que eu tenho uma companheira. Acha que isso lhes dará esperança. Puxá-los da loucura.*

— *Você acha que isso pode realmente tirá-los da loucura? A esperança de uma companheira?*

— *Eu não sei, mas não vou tentar. Você é minha. Eu não te exibirei na frente dos outros.*

— *Dakh é sensato o suficiente, mas não sei como os outros reagirão.*

— *Isso é são?* — Eu olho para Dakh e vejo suas mandíbulas gigantescas estalarem no ar, como se estivessem atacando balas invisíveis. Seus olhos estão totalmente negros novamente, e sua cauda está golpeando com tanta força que ele está levantando uma nuvem de poeira. Se isso é são, eu odiaria ver loucura.

— *De acordo. Os outros poderiam estar longe demais.*

— *Como os vermelhos que constantemente atacam Fort Dallas.*

— *Eles são a razão da nossa loucura.*

— *Eles são? Eu sabia que todos os dragões eram loucos, mas eu não sabia que um era a causa do outro.*

— *Sim. Este mundo os faz entrar em calor constantemente. Nós, machos, sentimos o calor, e isso os deixam loucos de luxúria. Uma fêmea em cio no território vizinho fará todos os machos selvagens e ferozes precisarem se acasalar e procriar. Mas aqui, neste mundo, não*

nascem jovens. Os vermelhos permanecem no calor e enlouquecidos. Nós, os de ouro, continuamos enlouquecidos por causa dos vermelhos.

— E é por isso que você não é mais louco como ele? Porque você... Não está atraído pelo calor?

— Eu estou acasalado. — explica Kael. — Não há ninguém para mim além de você agora. Eu sou o fogo no seu sangue.

É bobagem ficar lisonjeada e satisfeita com seus pensamentos, mas eu estou. Fico feliz que você esteja são. Mesmo que isso signifique que eu nunca possa deixá-lo. Cada dia que passa, eu me movo um pouco mais longe dessa ideia de qualquer maneira.

Estamos conectados, ele e eu. E eu... Eu não odeio isso.

Eu poderia amar isso.

Eu poderia amá-lo.

Oh deus, eu posso ser louca também. Eu não posso amar um dragão.

Os pensamentos de Kael romperam minhas preocupações. — *Dakh deseja saber onde encontrei minha companheira. Ele quer uma para si mesmo, mesmo que você seja fraca e não tenha uma forma de batalha. Ele diz que você tem um cheiro agradável e ele gosta do seu cabelo.*

— Obrigada. — digo a ele ironicamente. — Mas diga a Dakh que ele não pode simplesmente pegar mulheres fora da cidade. Você não pode fazer isso. Você não pode forçar alguém a ser seu companheiro.

— *Ele não pode levar uma mulher se ele quiser? Você não está bem cuidada, minha Claudia? Você não está bem satisfeita?*

Eu coro com a onda de imagens que ele envia com seus pensamentos. Bem prazer? O fluxo de imagens que ele está me enviando são todas da noite passada na cama e, de fato, eu estava bem satisfeita. Repetidamente. Dragão arrogante. — *Claro que estou bem cuidada.* — digo evasivamente. — *Mas eu não escolhi isso. Não foi justo para mim ser levada, e se alguém quer ser companheira de um dragão, precisa ser a escolha delas.*

O outro dragão anda de pé, deslocando seu peso. Seu rabo balança para frente e para trás, agitado, e ele constantemente agita suas asas, como se estivesse se preparando para voar. Tenho a suspeita de que, no momento em que Kael lhe dissesse onde me encontrou, Dakh estaria lá, agarrando garotas. Jesus. Eu não posso deixar isso acontecer.

— *Eu expliquei a ele que os humanos são diferentes, mas sua mente está fraturada. Não tenho certeza se ele entende. Mas seria uma coisa tão terrível se ele pegasse uma fêmea humana que ele encontrasse?* — Eu posso dizer pelos pensamentos de Kael que ele não pensa assim.

— *Sim.* — mando de volta com força. — *Seria uma coisa terrível se ele roubasse alguém.*

— *Você está infeliz sendo minha companheira?*

Eu não respondo. O que posso dizer? Se eu disser que estou feliz, vou perder a chance de voltar a Fort Dallas. Eu irei abandonar Amy. Mas eu não posso mentir também.

— *Não é tão simples, Kael. Eu preciso voltar para a cidade.*

— *Por quê? Você não está bem cuidada? O que está esperando por você lá?*

Possessividade e ciúmes tingem seus pensamentos.

— *Minha irmã e minha melhor amiga.* — digo a ele, e imagino os rostos delas em minha mente.

— *Eu sei que você não vai entender, mas elas precisam de mim. Elas não podem sobreviver sem mim. Eu tenho que voltar para a cidade, porque tenho que voltar para elas.*

— *Eles estariam seguras com um dragão como companheiro.* — diz Kael. — *Devo deixar Dakh saber de seus amigos?*

— *Não! Não diga nada a ele! Minha irmã e Sasha não precisam se acasalar com alguém!*

Elas podem vir morar comigo. Conosco. No nosso apartamento. Tem muito espaço.

— *Elas não podem viver conosco. Elas atrairiam todos os homens do nascer ao pôr do sol, e cada um lutaria pelo privilégio de ter uma companheira. Não podemos ter isso em nossa casa.*

— *Sinto-me mal do estômago. Amy não pode vir? Sasha também? Eu não posso deixá-los lá, Kael. Eu não posso. Ajude-me.*

— *Então me deixe dizer a Dakh que sei onde ele pode encontrar uma companheira. Você entende como elas seriam estimadas?*

Eu penso em Amy, aprisionada. Penso em Sasha, vendendo-se a um soldado brutal para algumas refeições aqui e ali. Talvez um companheiro de dragão seja uma melhoria.

— *Dakh amaria e cuidaria de sua companheira, assim como qualquer homem.*

Oh Deus. Eu odeio que eu esteja considerando isso. — *Eu não sei... Eu não posso decidir por elas, Kael. Ainda tem que ser a escolha delas ter um companheiro.*

— *Então talvez devêssemos encontrá-las e oferecer-lhes a escolha.*

Eu tenho sentimentos mistos sobre isso. Eu sinto como se estivesse traindo minha irmã e minha melhor amiga... Mesmo que isso as salvasse. Se Dakh cuidasse de Amy ou Sasha, assim como Kael me trata, seriam centenas de vezes melhor do que nossa vida difícil em Fort Dallas. Elas estariam seguras, assim como Kael diz. Nenhum ataque de dragão poderia ameaçá-las novamente. Nenhum soldado também.

E ambas provavelmente me odiariam para sempre por vendê-las.

Eu não sei o que fazer. Hesito e olho para o estranho dragão de ouro. Seus olhos estão menos negros do que antes e, quando olho, eles se tornam âmbar. Sanidade. Felicidade. O simples pensamento de um companheiro é suficiente para tirá-lo da loucura.

E enquanto eu salvar Amy e Sasha supõe que seja a coisa certa a fazer. Elas estarão mais seguras com um dragão super protetor do que com os soldados armados de Fort Dallas. Mas ainda me sinto um pouco doente com o pensamento.

Mais e mais, sinto que estou traindo meu povo. Irônico, já que eles me traíram primeiro.

CLAUDIA

Voltamos à nossa torre mais tarde naquela noite e Dakh nos acompanhou. Kael gentilmente me põe para baixo e não se transformou em sua forma de duas pernas, mas voa de volta em uma das paredes e sentam-se ao lado de Dakh, dois corpos dourados brilhando ao luar. Eu trabalho no reforço do meu equipamento de voo enquanto os dois dragões falam, e tento não me sentir estranha em ficar de fora da conversa.

Pelo menos, acho que os dragões estão falando. O lugar é silencioso, os dois dragões empoleirados no alto das paredes quebradas, empoleirados como corvos. De vez em quando, eu pego um lampejo de pensamento da mente de Kael e, de vez em quando, ele me alcança mentalmente, como se estivesse tentando se centrar novamente. Eu lhe envio afeto de volta e fico sem pensamentos de prazer antes que ele se afaste novamente.

Então sim. Falando. Eu sei que algo está sendo dito, mas não estou a par disso.

Estou um pouco desconfortável porque Dakh nos seguiu para casa, porque agora ele sabe onde Kael e eu moramos. Eu suponho que não há nada a ser feito sobre isso. Os dragões têm um olfato extremamente apurado, e aposto que ele poderia pegar meu perfume no ar a quilômetros de distância. Eu franzo a testa com esse pensamento, olhando para os dragões dos óculos de natação que estou ajustando no meu rosto.

— Ei, Kael?

— *Sim, minha companheira?* — O pensamento é uma cobra ronronante que desliza pela minha mente, cheia de prazer e possessividade. Isso praticamente me faz corar, já que posso praticamente adivinhar o que ele está pensando.

— Se você pode sentir o cheiro de mim à distância, como é que outros dragões não descobriram que há um monte de mulheres humanas na cidade e não as reivindicaram por conta própria?

— *A colméia humana fede.* — ele responde. Suas asas sussurram os compridos de couro pegando a brisa enquanto ele cai no chão ao meu lado. No momento seguinte, Kael me arrasta em suas garras e começa a acariciar meu pescoço com seu focinho. — *Elas não cheiram bem como você.*

Eu me contorço contra ele, tentando deslizar para fora de seu alcance. — *Se você for brincalhão, precisará alterar o formato.*

— *Você é minha e eu gosto do seu cheiro.* — Seu focinho cruza minhas omoplatas e sinto sua língua passar pela parte de trás do meu pescoço em uma sensação que me faz tremer. — *Mas eu não posso mexer em você agora. Eu não vou reivindicar você até que Dakh tenha ido embora. Você é minha e só minha.*

Paro de tentar me soltar e o deixo me aconchegar. Eu acaricio uma mão pelo longo nariz dele, tentando colocar sua mente de volta nos trilhos. — *Então a cidade humana cheira? Mau?*

— *Algumas ruins. Algumas boas. Existem muitos perfumes para escolher. Eles sangram um no outro e tornam impossível encontrar pessoas. O cheiro dos seres humanos leva as fêmeas especialmente selvagens.*

Eu aceno, pensando nos frequentes ataques de dragões. Eles são mais frequentemente instigados pelos dragões vermelhos. Os de ouro são menos frequentes.

— Então as mulheres estão seguras enquanto permanecerem na cidade.

— *Você diz que elas estão seguras, mas você deseja trazer sua irmã aqui. Se ela está segura, por que ela virá até nós? Eu sou o inimigo.*

Eu deixei minha mão tocar as duras escamas do queixo de Kael, acariciando-as como eu penso.

— Eu estava com problemas na cidade. Eles querem que eu volte para que eles possam me punir, então estão mantendo minha irmã como refém. Eu me preocupo que eles vão se cansar de segurá-la fazer algo pior com ela. — Penso nos guardas da cidade, com suas mãos agarradas e maneiras superiores e presunçosas. Penso no — amigo — de Sasha que gosta de usar os punhos em troca de algumas mordidas para comer. — Uma mulher sem poder em Fort Dallas era uma mulher em perigo, e há muitos que vão aproveitar. — É o melhor. — digo a ele. — Confie em mim.

Agora eu só tenho que me convencer disso.

— *Eu farei o que te fizer feliz, minha Claudia.*

Eu olho para Dakh, que ainda está acima de nós. Ele me observa como um falcão, seu olhar cobiçoso quando ele olha para mim, aninhado nas garras de Kael.

— E ele? Ele vai se comportar?

— *Seus pensamentos estão confusos, mas ele tem um foco: uma parceira. Enquanto o mantivermos focado nisso, ele nos ajudará.*

— Essa é a coisa, no entanto. Não confio em Dakh para não agarrar a Amy assim que a libertarmos da milícia. Talvez devêssemos fazer o resgate sozinho.

— *Dakh será a distração que precisamos.* — diz Kael, e envia uma enxurrada de imagens mentais. De Dakh voando na periferia da cidade, enquanto Kael vai para o prédio da polícia, arranca o teto e tira minha irmã da liberdade.

O que é ótimo e tudo, mas eu ainda não confio em Dakh. Talvez seja assim que ele fica olhando para mim. Ele me observa como se ele desafiasse Kael por mim, se Kael se distraísse um pouco.

— *Ele não vai.* — diz Kael, interceptando meus pensamentos. — *Você já está reivindicada.*

Outro dragão não pode levá-la por conta própria. Meu fogo já está no seu sangue.

— Mas por que precisamos dele? As armas dos soldados não podem te machucar, podem?

Suas garras apertam em torno de mim de forma protetora.

— *Eles não podem me machucar, mas você é pequena e frágil e cor-de-rosa. Sua irmã também. Eu não quero que eles cuscam suas armas de fogo em vocês.*

Um sorriso curvou meus lábios em sua descrição. Pequena, frágil e rosa? — Você é doce. — digo a ele.

— *Não, eu sou ganancioso.* — Ele lambe meu pescoço e uma grande garra do tamanho do meu antebraço passa na ponta do meu peito.

Eu respiro mamilos ficando duro. Por que respondi ao toque de Kael tão facilmente agora? É porque os orgasmos são alucinantes todas às vezes? Nós não tivemos sexo com penetração novamente. Ele está me deixando decidir quando eu quero ir tão longe mais uma vez. Em vez disso, ele só me dá quantidades infinitas de oral. Quantidades intermináveis de oral. Talvez seja por isso que respondo ao menor dos toques dele.

Ou talvez seja porque estou sentindo coisas pelo meu grande e possessivo dragão. Eu escondo esse pensamento antes que ele possa interceptá-lo, porque eu não quero falar sobre amor ou futuro até que Amy esteja segura. Não posso me comprometer com nada enquanto ela estiver em perigo.

Há uma súbita enxurrada de asas no alto, e eu pulo alarmada, enquanto Dakh trombeta e toma os céus noturnos, entrando na escuridão.

— O que aconteceu? — Eu pergunto, confusa.

— Ele ficou ofendido com alguma coisa?

As grandes garras brincando com meus seios desaparecem, e eu me viro bem a tempo de ver Kael se transformando de volta em sua forma humana. Ele endireita seu belo corpo, todo músculo dourado. Ele olha para mim, com fome de desejo, e seu pênis está espesso, se projetando de seus quadris de uma maneira muito óbvia.

Minha boca fica seca ao vê-lo.

— Eu o mandei embora. — Kael me diz. Ele passa as costas da mão pela minha bochecha, traçando minha mandíbula com os nós dos dedos. — Eu disse a ele que era hora de reivindicar minha companheira e agradá-la.

Estou horrorizada e excitada de uma só vez.

— Por favor, por favor, me diga que você não disse isso a ele.

— Por quê? Ele entende. Ele deseja ter uma alma metade tão linda e suave quanto a minha para envolver seu corpo. Para compartilhar com ela. — O braço de Kael passa pela minha cintura, me arrastando contra ele. Seu olhar captura o meu, e ele me dá um olhar malicioso.

— Devo te dar prazer, minha companheira? — Antes que eu possa responder, ele acrescenta, — Só aceitarei o que você der livremente.

Significando apenas oral. E enquanto isso é ótimo - e tudo bem, eu absolutamente amo oral e sua vontade de dá-lo - também me sinto um pouco triste que estou com muito medo de pedir mais.

Amanhã vamos recuperar Amy e Sasha. Aconteça o que acontecer amanhã, nossas mudanças serão dinâmicas. Depois de amanhã, serão eu, ele, Amy e Sasha aqui neste lugar. Estamos perdendo o nosso tempo sozinhos e os dias de pegar casualmente a outra pessoa para uma sessão improvisada a qualquer hora, em qualquer lugar? Esses dias acabarão. Estou um pouco triste com isso e me pergunto se eu não deveria aproveitar a situação. Eu estou pedindo a Kael para confiar em mim amanhã - não posso confiar nele?

E se algo ruim acontecer amanhã... esta pode ser nossa última noite juntos.

— Eu quero fazer sexo. — eu deixo escapar, minha mão em seu peito nu. — Sexo real. Não apenas tocando. Eu quero tudo... mas estou com medo.

— Por que com medo? Sou seu companheiro. Eu não quero nada mais do que te dar prazer.

— Sim, mas a mordida...

— *Eu não preciso fazer isso novamente. Meu veneno corre através de você mesmo agora.* — Ele me observa atentamente, suas garras acariciando a coluna da minha garganta.

— *Seu perfume se fundiu com o meu, assim como nossas mentes se fundiram. Estamos conectados.* — Uma garra arrasta a frente da minha camiseta, o tecido pegando. — Você é minha companheira. Meu tudo. Mas se você ainda está com medo, eu só vou te dar prazer com a minha boca.

Eu engulo em seco. — Eu não quero ficar com medo. Quero você também.

— *Então olhe para minha mente. Veja meus pensamentos. Você saberá que não tem nada a temer.*

Tentativamente me conecto com a mente dele e sou imediatamente inundada por imagens. Imagens de nós juntos, sua boca na minha pele. Imagens da minha mão roçando suas costas. De sua boca entre as minhas pernas. Dele alimentando o comprimento dolorido de seu pênis em minha buceta macia.

E eu gemo, colocando meus braços em volta do pescoço dele. — Sim, ok, vamos fazer isso.

— *Qual parte?* — Ele parece divertido.

— *Eu tenho que escolher? Eu quero tudo isso. Tudo o que ele acabou de me mostrar, porque sou terrivelmente gananciosa.*

— *Então você terá tudo isso.* — Ele me balança em seus braços e se dirige para a nossa cama grande.

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, ainda um pouco hesitante.

— Nós ainda precisamos nos preparar para amanhã. — digo a ele, mesmo quando ele me coloca na cama e, em seguida, imediatamente sobe em cima de mim.

— Eu preciso fazer uma segunda sela para Amy, e...

E estou me distraíndo enquanto seu peso se instala sobre o meu corpo. Deus, eu amo a sensação dele contra mim. Minha respiração morre na minha garganta enquanto ele enterra o rosto no meu pescoço e começa a lambe minha clavícula com sua língua quente e rouca. — *Vamos nos preparar.* — ele me diz, e seus pensamentos são roucos de necessidade. — *Mas por enquanto, eu preciso da minha companheira.*

— Oh garoto, sua companheira precisa de você também. — Eu arqueio contra sua língua provocante e gloriosa. Por que eu estou vestindo tantas roupas? Precisa ir agora mesmo.

— Minha Claudia. — diz ele em voz alta, meu nome cuidadosamente pronunciado e soando como puro calor vindo dele.

Eu choramingo. — Deus, por que sua voz é tão sexy?

Ele ri o peito ronronando. — Claudia. — ele brinca novamente, e sua mão se move para desfazer o botão no meu jeans. — *Eu sinto o cheiro da umidade entre suas pernas. Você fica escorregadia quando eu digo seu nome.*

Eu gemo cabeça recostada nos cobertores. O que ele quer fazer comigo, sou dele.

Com um simples sussurro ofegante do meu nome, estou pronta para tirar minha calcinha e jogar a cautela ao vento.

Meu dragão me tem. Ele me tem, e ele vai me manter segura.

— Claudia. — ele murmura novamente, sua boca se arrastando para baixo. Suas garras rasgam minha camiseta, rasgando o tecido. Quero sentir sua pele contra a minha.

Eu grito, empurrando suas garras para longe, porque no fundo, eu sempre serei uma limpadora prática. — Não minha camisa! Sabe o quanto é difícil encontrar roupas boas e sem danos...

— *Então tire rápido.* — Ele morde suas presas na minha pele exposta e me dá um olhar quente que faz meus joelhos ficarem líquidos. — *Eu quero montar você e afundar dentro de suas profundidades doces, minha Claudia.*

Oh, meu Deus, eu também quero isso. Eu puxo os restos da minha roupa, movendo-me o mais rápido que posso. Vou ter que costurá-las novamente amanhã, mas por enquanto, elas precisam sair imediatamente. Os pensamentos sedutores de Kael estão me fazendo doer profundamente. Eu arremesso minha camisa esfarrapada, depois meu sutiã, e tiro-os da cama. Então eu caio de costas

e começo a tirar meu jeans estupidamente apertado. Tanta roupa. Agora eu estou pensando que eu deveria me tornar um nudista como ele.

Mesmo enquanto me desnudo, ele se move para frente, retumbando baixo em sua garganta. Sua boca vai para o meu peito, e ele aperta-o na mão e começa a lambar gentilmente a ponta ereta.

— Deus, você não joga limpo. — eu lamento, tirando meu jeans dos meus tornozelos e depois fazendo o mesmo com a minha calcinha. Todo o tempo, ele continua mordiscando e chupando a ponta do meu seio, me deixando louca. Mas então eu estou finalmente nua, e eu envolvo minhas pernas em torno de seus quadris e arrasto seu corpo contra o meu. Eu o puxo, para que possa beijá-lo. Sentindo minha necessidade, ele pressiona sua boca na minha, me levando em um beijo profundo e doce. E eu amo isso, ele tem gosto de calor e tempero e todas as coisas que eu tenho desejado mais a cada dia que passa.

Seu pau esfrega contra o calor escorregadio da minha buceta, e eu gemo em sua boca enquanto ele empurra através das minhas dobras, molhando seu comprimento com meus sucos. De um lado para o outro ele esfrega, até que eu estou brava com a necessidade e meus quadris se levantam para encontrar os dele. Não estou pensando em mordidas, selas ou qualquer outra coisa que não seja a sensação dele se esfregando em mim. É a melhor coisa do mundo e a mais enlouquecedora, porque o quero dentro de mim.

— Sim. — murmuro contra sua boca quente. — Por favor, Kael, Eu não tenho mais medo. — Não há mais nada em mim por medo, estou muito cheia de fome por ele.

— Claudia. — ele ronrona novamente, sua língua serpenteia contra a minha.

Estremeço com a necessidade tão feroz que quase chego com o seu próximo impulso liso ao longo das minhas dobras. — *Por favor.* — eu mando para ele. — *Pare de me torturar e me leve.*

— *Vire-se, minha companheira.* — Seus pensamentos são possessivos, cheios de desejo, mesmo quando ele sai de cima de mim, e seus olhos estão negros de desejo.

— *Eu vou te mostrar como um drakoni leva sua mulher.*

Isso é incrivelmente imundo.

Eu amo isso.

Eu gemo quando me viro de barriga para baixo, obedecendo-o. Eu levanto meus quadris sugestivamente, minhas mãos torcendo nos lençóis enquanto aguardo seu toque.

Chega um momento depois. Sua grande mão suaviza minha bunda, roçando meus quadris e coxas. — *Tão linda, minha Claudia. Minha companheira.*

— Kael. — eu lamento. — Preciso de você.

Ele arrasta meus quadris para cima, até que eu esteja de joelhos, minha bochecha pressionada contra o colchão.

— *Você quer seu companheiro, Claudia? Você me quer bem dentro de você?*

— Sim. — imploro. — Sim, por favor. Agora.

— *Aqui?* — Seus dedos roçam minhas dobras molhadas e eu grito. Eles roçam minha carne, e eu o sinto roçar meu clitóris, circulando um grande nó ao redor dele repetidas vezes. — *É isso que você quer?*

Oh deus, sempre. Estou fazendo barulhos incoerentes quando ele circula meu clitóris, me deixando louca.

— *Mostre-me.* — ele diz, e sua mão fica imóvel. — *Use sua mão e me guie.*

Estou ofegante quando chego entre as minhas pernas e encontro sua grande mão ali.

Eu começo a me tocar, acariciar meu clitóris, mas ele empurra minha mão para o lado.

— *Me use.*

Tão sujo. Muito gostoso. Eu gemo enquanto eu o guio, usando sua junta para esfregar pequenos círculos ao redor do broto sensível do meu clitóris. Posso sentir o calor dele pressionando contra o meu corpo, e isso combinado com os pensamentos sensuais que ele está enviando na minha direção, eu estou prestes a gozar no que parece ser um tempo recorde. Eu esfrego mais e mais rápido com a junta dele, minha boca aberta em um grito sem palavras. Tão perto. Assim...

Ele para. Sua mão se afasta. Eu abafo meu grito de frustração na garganta, agarrando outro punhado de cobertores. — Kael — eu ofego. — Seu filho de uma...

Eu quase saio da cama no momento seguinte, porque a cabeça do seu pênis pressiona contra o meu núcleo. Deus, sim, isso é melhor. Muito melhor. Mudo meus quadris, abrindo meus joelhos para que eu possa levá-lo. Então ele pode me reivindicar.

Ele faz, em um golpe rápido e duro.

Kael afunda-se profundamente, enchendo-me com tanta intensidade que meus dedos se enroscam. Eu grito com a sensação, o prazer explodindo através de mim como uma inundação. Meus músculos já estão começando a apertar e ficar tensos com o início de um orgasmo; ele sente isso bem dentro de mim. Eu amo o rosnado baixo que ele faz, o jeito que seu grande corpo cobre o meu, tudo. Estou pulsando com necessidade e não há mais fôlego dentro de mim. Tudo está esperando, pronto para explodir.

Ele agarra meus quadris, puxa para trás e, em seguida, empurra para dentro de mim novamente. Eu dou um grunhido completamente grosseiro, chocada com o quão bom é aquele movimento vigoroso. Então começa a bater em mim com movimentos rápidos e possessivos. — *Minha companheira.* — ele rosna na minha cabeça, oprimindo meus pensamentos com os dele. — *Você gosta do jeito que eu te levo, minha companheira? Você gosta do jeito que eu faço?*

— Sim. — eu choramingo, agarrando-me aos cobertores por sua vida enquanto ele deliciosamente martela em mim. Meus dedos enrolam com cada golpe de seu pênis, a enorme circunferência dele arrastando contra mim e me fazendo sentir incrível. Eu posso sentir minha buceta apertando em torno dele enquanto meu orgasmo se constrói, e isso faz com que cada estocada de seu pênis seja mais dura e deliciosa. Empurro um bocado de meus novos lençóis entre meus

dentes e mordo enquanto me esforço para conter a onda de desejo por apenas alguns momentos a mais. Ele se sente tão bem, eu quero que isso dure para sempre.

Não adianta, no entanto. No próximo momento, eu estou chegando, pequenos gemidos escapando da minha garganta enquanto meu corpo se fecha e o seguro profundamente, o orgasmo se quebrando dentro de mim. Eu vagamente ouvi Kael rugir seu próprio prazer, sentindo empurrar mais forte em mim, seus movimentos se tornando irregulares quando ele atinge seu pico. Eu fico tensa, porque estou com medo de ele me virar de costas e me morder.

Mas então ele vem também. Eu sinto a lavagem dele dentro de mim, quente e molhada. Ele continua a bombear para dentro de mim, lentamente, e quando não há movimento para morder, apenas relaxo e fecho meus olhos, perdendo-me para a felicidade.

Isso foi um acasalamento brutal... E absolutamente sublime. Meus dedos se sentem permanentemente enrolados, e eu tenho um sorriso estúpido no meu rosto. Kael suspira pesadamente, e então sinto seu peso deslizar de cima de mim. Um momento depois, ele me arrasta contra ele, colocando meu corpo contra o dele. — *Minha companheira.* — ele diz de novo, acariciando meu pescoço.

— *Você é minha por agora e para sempre, minha Claudia.*

Eu cheguei para trás e toquei sua bochecha com ternura, mas não respondo. Eu preciso que o amanhã aconteça antes que eu possa prometer meu futuro a qualquer um.

Porque se Amy não estiver segura, como posso ser feliz com Kael?



CLAUDIA

Na manhã seguinte, o céu está fresco e claro, como se até o tempo estivesse sorrindo em nosso plano.

— Estamos prontos? — Eu peço pela décima segunda vez, apertando as correias das minhas pernas mais uma vez. Estou nervosa. Super nervosa desde que acordei. Bem, ok, eu fui acordada com sexo. Isso foi incrível e perturbador. Mas depois disso, estava nervosa, e o nó de preocupação no meu estômago não ia embora.

Kael envia uma onda de assentimento à minha mente. — *Nós estamos prontos. Eu estou chamando Dakh.*

— Tudo bem. — eu respiro e, em seguida, fecho minhas mãos enluvadas, tentando parar de tremer. Nós podemos fazer isso. Nós podemos. A segurança de Amy e Sasha depende disso.

Eu não consigo abalar a sensação de mau presságio, no entanto. Como se tudo estivesse prestes a acontecer, da pior maneira possível, eu sou muito estúpida para ver isso ainda. Teoricamente, tudo está no lugar; há um selim extra atrás de mim nas costas de Kael e alças adicionais para que eu possa deixar alguém andar na minha frente. Dakh conhece seu papel como distração, e Kael tem uma imagem do edifício em que Amy está sendo mantida graças à nossa

conexão mental. Desde que Amy ainda esteja naquele prédio, tudo deve correr bem.

Então, por que estou tão preocupada? Eu estou me unindo a dois dragões, dois grandes fodões, do tamanho de um ônibus. Não é como se não tivéssemos o poder. Humanos não podem ferir dragões. Esta é uma luta totalmente unilateral.

Mas ainda assim... Há algo dentro de mim que me preocupa.

— *Tudo ficará bem.* — Kael me diz. — *Confie em mim.*

E aí, suponho, é o problema. Eu confio nele. Como não poderia? Estamos tão intimamente conectados quanto quaisquer duas pessoas, bem, dois seres podem ser. No entanto, em particular, me preocupo com o fato de Kael pensar em Amy e Sasha como ameaças, ou rivais por minha atenção, e abandoná-las.

Mas talvez esteja apenas fazendo montanhas de nada. Eu engulo em seco. Só há uma maneira de descobrir. Vamos fazer isso, então.

— *Segure-se.* — Kael voou para o alto com uma explosão de trombeta, seguido um momento depois por Dakh, bem à distância. Eu ajusto meus óculos de natação e olho para os céus. Isso é muito melhor; É muito mais fácil ver quando o ar não está golpeando meus olhos e minhas mãos estão quentes nas luvas. Eu me agarro ao meu guidão, coração batendo em um tique nervoso no meu peito. Isso tudo acabará em breve, e Amy e Sasha estarão seguras. Isso é tudo o que eu quero. O resto não importa.

As asas poderosas de Kael batem com força e ele sobe para os céus, disparando entre arranha-céus quebrados e voando ainda mais alto. Dakh gira a uma curta distância e, quando olho em sua direção, seus olhos estão brilhando em preto.

Uh oh. Eu engulo meu alarme. — *Confira Dakh - seus olhos estão escuros. Ele está bem?*

— *Ele luta, mas ele fará isso.*

Tudo bem. Tenho que confiar. Eu não posso fazer isso sozinha, e Kael não vai me decepcionar. Vai me manter segura, e ele sabe o quanto minha irmã e Sasha significam para mim.

Eu apenas tenho que confiar em seu plano.

O voo em direção a Fort Dallas parece levar uma eternidade. Eu sei que não é tão longe da torre que reivindicamos como nossa, mas cada batida de asa parece acontecer em câmera lenta, cada respiração inspirada, uma eternidade. Olho de volta para Dakh enquanto ele circula no céu, nunca voando perto, mas longe o suficiente para que eu saiba que ele ainda está conosco.

Lentamente, a cidade aparece, e respiro fundo enquanto Dakh acelera e desce.

— *Tudo está bem.* — Kael me diz. — *Dakh conhece o plano.*

Sim, mas Dakh é louco. Mas tenho que confiar. Não é culpa de Dakh que a visão do outro dragão esteja a criar más memórias, outros dias e outros ataques de dragões. Ele pode não ter tido nada a ver com isso. Eu não posso culpar todos os dragões pelo que aconteceu no passado, não depois de saber o que sei agora, e não depois de dormir com Kael.

Ainda me sinto impotente, no entanto. É estranho, porque nas costas de Kael, me sinto forte, mas surpreendentemente impotente. Eu preciso de uma arma, eu acho.

Talvez uma lança ou uma arma. Inferno, até mesmo um maldito estilingue serviria.

Apenas algum tipo de arma para que eu possa ir de passageiro a participante deste ataque. Mas suponho que seja tarde demais para algo assim, já que já estamos na cidade.

Mas no futuro...

E então eu paro comigo mesmo. Invadir a cidade não vai ser uma coisa normal. Só porque eles são idiotas, isso não significa que eu tenho que ser uma também. Nem planejo deixar minha irmã e Sasha para trás.

Ao longe, eu ouço as sirenes soarem, avisando os moradores de Fort Dallas que um ataque de dragão é iminente. Sinto uma pontada de culpa por ser a única a trazer os dragões, mas me forço a reprimir os pensamentos preocupados. Se Amy estivesse livre, eu não teria que fazer isso. Eles forçaram minha ação.

Dakh mergulha na direção da barreira metálica que cerca o forte, e uma grande gota de fogo sai de sua boca. Eu observo de perto, porque parece uma chama real e parece suficiente para atingir o chão e machucar alguém. Ele não deveria fazer mais do que assustar as pessoas. Sua chama não deve atingir o chão. Deve ser controlada.

Mas enquanto eu assisto Dakh rugir e arder de novo, o fogo lambe a barreira de metal. Em algum lugar do outro lado, vejo plumas escuras e oleosas de fumaça subindo, o que significa que algo está pegando fogo.

— *O que diabos ele está fazendo?* — Eu pergunto a Kael, preocupada.

— *Nós dissemos para não ter ataques reais!*

— *Eu não sei. Eu falarei com ele.* — Kael se move no céu, indo para Dakh. Eu posso sentir o desgosto do meu dragão, mesmo através de seus pensamentos calmos. Ele conhece meus desejos.

O outro dragão de ouro mergulha na cidade mais uma vez, fugindo. Parece inteiramente real para ser um desvio. Talvez seja a preocupação em mim, mas eu não gosto disso. Tenho certeza que minhas preocupações são ecoadas pelo meu dragão, porque Kael trombeteia um desafio furioso e circula Dakh.

Para meu choque e horror, Dakh se volta contra nós, flamejante. Seus olhos estão totalmente negros, e este não é o rosto de um dragão que tem seus sentidos. Ele sumiu totalmente agora.

Kael ruge em fúria, recuando. Suas asas se elevam e, de repente, não consigo ver nada a não ser a asa e a escala de couro enquanto Kael forma uma barreira protetora ao meu redor. Dakh está perdido. Sua mente se foi para a loucura novamente. São os cheiros da colônia humana. É demais para ele.

Bem, merda.

O pânico corre através de mim. Eu trouxe um dragão para assustar as pessoas e fingir alguns ataques... E agora ele está realmente atacando. As pessoas vão se machucar, e a culpa é minha. Eu me abaixei na minha sela, tentando me manter fora de vista.

— *Podemos afastá-lo de alguma forma?*

Nós circulamos ao redor dele, e quando fazemos isso, vislumbro o outro dragão. O rosto de Dakh é selvagem, qualquer consciência já desapareceu completamente. Dakh rosna e sibila em nossa direção quando nos aproximamos, depois vira uma aba de couro, mergulhando em outro prédio.

— *Ele não está ouvindo meu chamado.* — Kael fala, frustração absoluta em seus pensamentos. — *Eu não posso atacá-lo com você em mim. Não vou deixar minha Claudia se machucar.*

— *Você deveria me colocar em algum lugar e ir atrás dele?*

— *Não.* — Os pensamentos de Kael são veementes. — *Não vou arriscar sua segurança. Você está protegida apenas quando está comigo.*

Eu puxo meu guidão inutilmente, desejando que eu pudesse fazer algo diferente de ficar nas costas de Kael e ser um peso morto.

— *Então se afaste. Nós não podemos fazer isso.*

Mas Kael vai à direção oposta, mais para dentro da cidade, de onde Dakh está atacando a periferia. A sirene continua a lamentar, alto mesmo do alto da cidade, e lá embaixo posso ver pessoas correndo em busca de segurança.

Nós não estamos indo embora? Terror aperta meu peito. — *Estou perdendo meu dragão também? Kael?*

— *Eu estou aqui. Estou são. Mas percebo que seus pensamentos são mais rígidos, mais rígidos que o normal. Ele está se segurando com força, se concentrando em mim.*

— *Estou confusa. Então para onde estamos indo?*

Nós não vamos embora até que você tenha sua irmã, minha companheira. Eu prometi a você que iríamos pegá-la.

Oh Deus. Eu balanço a cabeça. Nosso plano está dando errado. Ninguém deveria se machucar, mas posso ouvir gritos fracos enquanto Dakh foge, rugindo e atacando o extremo norte da cidade. Ninguém estaria preparado, porque este ataque de dragão não está em um ciclo como os outros. Eles estarão indefesos e vulneráveis se não chegarem a um abrigo com rapidez suficiente.

E ainda assim... Não é exatamente isso que eu queria? Uma distração para que possa resgatar Amy? Por que recuar agora? Nós podemos nunca ter outra chance. É implacável... Mas o que eles fizeram para Amy - e para mim - foi implacável também.

Pode também seguir em frente. Eu engulo o nó na garganta e aponto para a extremidade sudeste do complexo. — Vá lá primeiro. Eu preciso ver se Sasha está em casa.

— Como quiser.

Nós voamos por cima de edifícios e telhados reforçados até o ferro velho onde nós vivemos abaixo, outros casebres entram em nossa visão. Eu vejo o ônibus amarelo quebrado e, quando o faço, começo a desatar as correias que me seguram na sela. Eu preciso descer e chegar até ela. Ninguém vai sair quando houver um dragão rondando por aí.

— *Seja cuidadosa.* — Kael aterrissa no topo do ônibus e eu estremeço, imaginando o terror passando pela pobre mente de Sasha. Então o dragão salta

para o chão, com a cauda batendo com tanta força que bate sobre um carro próximo. — *Não gosto disso. Eu sinto o cheiro de humanos e o fogo deles por aí.*

— *Merda. Armas Eu serei cautelosa.*

Com a última tira desfeita, Kael se ajoelha e eu deslizo para o chão. Eu empurro meus óculos de volta para que eu possa ver melhor.

— Sasha? — Eu chamo correndo para a porta do ônibus. — Você está aqui? Sasha?

Uma sombra cai, e eu olho de volta para Kael. Ele abana suas asas, sombreando o ônibus da escola e protegendo-o de vista.

— *Depressa.* — ele me diz. — *Eu posso sentir o cheiro do fogo. Eles estão vindo.*

— *Eu não posso sair sem Sasha.* — protesto, e abro a porta quebrada para o ônibus, rastejando por dentro. — Sasha? Você está aqui? Responda!

Um meio soluço abafado encontra meus ouvidos.

Encorajada, vou mais para dentro do ônibus, correndo para o compartimento final.

Com certeza, Sasha está encolhida nos recessos do ônibus, escondendo-se contra a porta fechada. Um cobertor está sobre sua cabeça e seus grandes olhos estão cheios de lágrimas.

— Sasha! Querida, sou eu. Claudia. — Eu me movo para frente e me ajoelho ao lado da minha amiga aterrorizada.

— Não tenha medo. O dragão está comigo. Ele é seguro. Eu vim te levar embora.

— Levar-me embora? — Os olhos de Sasha se arregalam e, quando o fazem, percebo que um olho está inchado, escuro nas bordas sob a camada sempre presente de fuligem em sua pele. Franzindo a testa, toco o rosto da minha amiga... E suspiro quando o cobertor cai e vejo o braço de Sasha em uma tipoia.

— O que aconteceu? — Eu pergunto, chocada.

Sasha encolhe o cobertor sobre o braço, escondendo-o. — Eu precisava de dinheiro.

E o soldado a quem ela se vende fica cada vez mais difícil a cada visita. Eu pressiono meus lábios para morder minha resposta, com raiva. Não, estou mais do que zangada. Estou amargamente furiosa. Se eu estivesse aqui, isso não teria acontecido. Poderia ter mantido Sasha alimentada com a minha limpeza. Amy também. Tudo isso é minha culpa. Mas não posso me concentrar nisso agora. Uma coisa de cada vez.

— Vamos. Estamos saindo daqui. Você, eu e Amy.

— Mas... não é seguro. — Sasha protesta, mesmo quando eu tomo sua mão boa e ajudo-a a ficar de pé. Ela precisa ser empurrada para dar alguns passos à frente e sua hesitação é clara.

— Não podemos sair da cidade

— Isso é o que eu pensava, uma vez... — digo a ela, projetando confiança. — Mas você estará mais segura comigo e com o meu dragão do que aqui. Eu prometo isso a você.

Quando Sasha continua a puxar e lutar, eu me viro para ela e coloco minhas mãos em seus ombros. — Sasha. Você confia em mim?

— *Eles estão chegando, minha companheira.* — Kael avisa. — *Eles vêm e estão cuspiendo fogo. Depressa.*

CLAUDIA

O ruído do rifle soa à distância, e Kael faz um farfalhar de asas, puxando-as mais apertadas ao redor do ônibus para me proteger.

— Temos que ir. — digo Sasha. — Por favor, venha comigo.

Sasha hesita, depois balança a cabeça lentamente, com os olhos arregalados. Ela me deixa levá-la para fora do ônibus.

O som do tiroteio fica mais alto quando nos demos as mãos e corremos de volta para Kael. Eu posso sentir a mão de Sasha tremendo na minha, mas ela não se afasta. Isso é bom, pelo menos.

— Vamos. — eu digo quando chegamos ao lado de Kael. Eu acaricio seu flanco para que ele possa se abaixar e nos deixar montar. — Precisamos te amarrar.

Uma arma dispara, perto demais, e as asas de Kael se levantam, bloqueando meu aperto nas correias que eu uso para subir em cima dele.

— Kael. — eu protesto, mesmo quando Sasha choraminga e abaixa a cabeça. — Pare de se mexer. Eu não posso...

— *Esqueça as correias.* — Kael me avisa. — *Apenas suba. Eles estão muito perto.*

Mais balas voam e ouço o som delas batendo em alguma coisa. Algo distintamente não metálico. Eles estão batendo no meu dragão? Eu não posso respirar por um segundo.

— Eles não estão machucando você Kael?.

— *Não, mas você é vulnerável, minha Claudia.* — A raiva possessiva em sua cabeça explode em minha mente. — *Eu não vou deixar você se machucar!*

— Ok, cara grande. Acalme-se. Eu me forço a me concentrar na tarefa em mãos. Vamos ter que nos amarrar quando estivermos em segurança nos céus. Eu agarro as alças penduradas quando ele abaixa um ombro baixo novamente e me puxa para a sela entre suas omoplatas. Então eu me inclino e ofereço um braço para Sasha.

— Suba. Eles estão atirando em nós.

A chuva de tiros é constante agora, junto com os gritos dos soldados. Os dragões nunca aterrissam na cidade, e o fato de que um deles está aqui, está deixando as pessoas enlouquecidas. Sasha hesita por um momento, depois me oferece seu braço bom, e conseguimos arrastá-la para as costas do dragão sem jeito. Ela se esparrama atrás de mim, o rosto branco de dor enquanto ela agarra o braço machucado contra o peito.

— Bom? — Eu pergunto, sem fôlego. Quando ela acena com a cabeça, eu alcanço e acaricio o pescoço de Kael. — *Nós estamos prontas!*

— *Então nós vamos!* — Kael se lança no ar com um berro.

— Espere! — Grito para Sasha, uma mão no guidão enquanto torço para olhar de volta para Sasha. Ela arremessa seu braço bom ao redor da minha cintura, mas nós balançamos e deslizamos quando Kael toma o ar, nossos assentos instáveis. Tudo parece muito solto, muito inseguro.

— Eu vou cair. — Sasha chora quando a sela se empurra novamente.

— Vai ficar tudo bem. — eu chamo, mas estou preocupada tanto quanto ela.
— Só precisamos sair do campo de tiro, amarrarmos e depois vamos para Amy.

Sasha dá um gemido de angústia enquanto Kael se inclina bruscamente, as asas batendo quando ele ganha altitude. Eu ignoro a dor do estômago e fico firme, mas não me sinto segura nem um pouco. Kael não me deixaria cair. Ele não vai. Eu confio nele.

Mas Sasha chora e se agarra a mim, gritando a cada mergulho. E toda vez que ela puxa minha roupa, eu tenho que lutar contra o desejo de jogar as mãos para que eu fique equilibrada. Eu sei que ela está com medo, e sei que ela tem um braço ruim, então não posso fazer isso. Mas isso não vai funcionar por muito tempo.

— *Nós estamos deslizando.* — eu digo a Kael. — *Por favor, chegue a algum lugar seguro para que possamos nos amarrar.*

— Onde estamos indo? — Sasha grita enquanto Kael se eleva mais e mais no ar. Sua voz se eleva em um pequeno grito de preocupação quando ela olha para o lado.

— Estamos tão alto!

— Estamos tentando sair do alcance das armas. — eu grito, e tusso quando um inseto voa em minha boca. Eu agarro minha garganta, enojada. Deus, o que eu não daria para ter comunicação mental com Sasha neste momento! Suas mãos me apertam com força e eu luto contra minha frustração.

— Estamos bem. Eu prometo. Nós vamos subir um pouco mais e depois ir para a cadeia. Amy ainda está lá?

— Eu acho? — Sasha diz, lutando contra as lágrimas. — Eles não me deixam vê-la, não importa quem eu tente subornar.

De uma só vez, me sinto mal por estar impaciente com Sasha. Não temos dinheiro, então só posso adivinhar com o que Sasha estava tentando subornar os guardas. Que ela esteja se arriscando por Amy significa tudo para mim. Dou um tapinha na sua mão.

— Eu vou te levar a algum lugar seguro. Vou cuidar de você. Nós não precisamos da cidade. Apenas confie em mim.

Seus olhos fluindo com lágrimas, ela balança a cabeça.

Kael roda mais alto no céu, depois se vira abruptamente quando uma série de estalos ecoa no ar.

— *Eles cospem fogo muito perto.* — adverte Kael. — *Cabeça baixa.*

— Guardas — eu aviso a Sasha. — Eles estão atirando em nós.

— Eles estão atirando em nós? — Sasha está histérica. — Por quê?

— Porque estamos com o inimigo — digo a ela. — E outro dragão está atacando a cidade!

— Há outro dragão?

— *Espere.* — Kael adverte, mesmo enquanto todo o seu corpo se inclina. — *Eles estão cuspidos de ambos os lados agora.*

— *Fique perto!* — Antes que eu possa perguntar como devemos fazer isso, um grunhido irrompe em sua garganta. As abordagens de Dakh.

Algo de rat-tat-tat passou pela minha orelha e me atirei contra o pescoço de Kael.

Aquilo passou perto!

Atrás de mim, Sasha grita de dor e o braço em volta da minha cintura se solta. Eu me viro para exigir que Sasha espere, mas então eu assisto, ela deslizar lentamente para o lado, seus olhos arregalados de horror.

Então minha amiga está caindo livremente pelo ar.

— Sasha! — Eu grito, estendendo a mão para o meu amigo inutilmente. — Não! Kael! Salve-a!

Uma forma massiva desce sob nós e, enquanto eu assisto o dragão dourado de Dakh formar sombras sob Kael, arrancando nitidamente uma agitada Sasha dos céus. Com um rugido triunfante e a mulher agarrada firmemente em suas garras, Dakh se vira e começa a bater as asas com força, dirigindo-se para longe da cidade.

Eu seguro meu grito de horror. — *Ele pegou Sasha! Kael, temos que salvá-la!*

— Não. — ele diz voz sombria na minha cabeça. — *Nós vamos pegar sua irmã. Segure-se.*

— *O quê? Não! Kael, Dakh é louco, e ele tem Sasha. Ela não está segura!*

— *Ela está segura com ele. Ele quer uma companheira.*

Eu suspiro com a lealdade disso. — *Isso é tudo que somos para vocês? Apenas brinquedos que vocês podem pegar e reivindicar para si mesmos?*

— *Vamos discutir sobre isso mais tarde.* — diz Kael. — *Por enquanto, ela está segura com ele e você ainda está em perigo. Temos que encontrar sua irmã e rápido.*

Eu cerro meus dentes em seu tom determinado, observando Dakh voar para longe. Parte de mim sabe que ele está certo, que Sasha não vai se machucar pelo outro dragão se ele realmente quer uma companheira, mas é um pequeno conforto. Eu vi o olhar machucado nos olhos de Sasha, deixado lá por abuso. Agora eu deixei minha amiga quebrada e ferida com um dragão que não quer nada mais do que afirmar sua reivindicação em sua companheira. Acabei de trocá-la de um macho autoritário por outro, e o pensamento parece uma ferida crua.

— *Eu ouço seus pensamentos, minha companheira. Você deseja que eu vire e enfrente Dakh? Saiba que, mesmo que eu a tenha tirado dele, não posso garantir sua segurança. Outros machos a farejariam e a procurariam. Eu não posso lutar contra todos eles. Mas por você, vou voltar agora e persegui-lo.*

Eu fecho meus olhos, tentando lutar contra as lágrimas que se acumulam em meus óculos estúpidos. Ir atrás de Sasha e esquecer Amy? Ou salvar Amy e deixar Sasha nas garras insanas de Dakh, sabendo que minha irmã está segura apenas até que outro dragão apareça para arrastá-la embora?

Não há escolhas. Eu luto contra o soluço sufocando minha garganta, porque não posso chorar agora. Eu preciso me concentrar. — *Vamos apenas pegar minha irmã desses filhos da puta.*

— *Pelo menos um dragão só vai querer cobiçar Amy e cuidar dela. Os humanos querem segurar uma arma na cabeça dela para me forçar a fazer o que eles querem. De jeito nenhum eu vou continuar a deixar isso acontecer.*

Desculpe-me, Sasha. Desculpe-me.

— *Nós vamos.* — Kael me diz. — *Aguente.*

Eu me agarro à sela enquanto ele mergulha baixo, meu corpo instintivamente sabendo para que lado virar e quando segurar com mais força. Sem Sasha agarrada a mim e gritando no meu ouvido, posso me mover com ele desde que nossas mentes estão conectadas... E então sinto outra pontada de culpa. Sasha estaria com Dakh se eu a tivesse prendido e não me preocupado com a minha própria segurança? Poderíamos ter prendido apenas ela?

— *Estamos perto. Esteja pronta.*

O teto da garagem fica visível e não há mais tempo para dúvidas. Kael circula o prédio, balançando mais baixo, e quando ele faz, meu coração se sente como se movesse em minha garganta.

Duas figuras estão sozinhas no telhado. Um deles tem uma venda nos olhos, cabelos louros pálidos, os braços contra os lados. Ela usa uma camisa rosa desbotada familiar e uma saia longa. O outro é o prefeito, com a barriga gorda e barriguda pendurada nas calças.

Ele segura uma arma na cabeça de Amy, sua própria cabeça inclinada para trás para nos observar enquanto circulamos.

— *Ele tem minha irmã.* — digo a Kael. furiosamente. Aquele filho da puta do caralho!

— *Devo comê-lo?*

Eu desejo isso. — *Não. Ele vai atirar no momento em que chegarmos mais perto. Deixe-me no final do telhado.*

— *Não se isso te colocar em perigo.* — Sua voz é um rosnado baixo ecoando em minha mente. Ele não pousa também.

— *Se você não me levar para baixo agora, eu vou pular fora de suas costas.* — o aviso, frenética com a visão de Amy mantida em cativeiro. Eu não posso pensar com a visão daquela arma pressionada em sua cabeça. — *Pouse agora, Kael.*

Ele dá um grunhido de raiva, desta vez audível. — *Eu não farei!*

— *Tudo bem!* — Eu jogo minha perna sobre o seu lado e deslizo pelas suas costas. Tenho que recuperar Amy, não importa o custo.

— *CLAUDIA NÃO...*

Ele mergulha um ombro baixo para me pegar, mas é tarde demais. Eu caio de suas costas, e então estou caindo livremente pelo ar por um momento aterrorizante, e então caio no concreto a uma curta distância abaixo, atordoada.

Bem. Isso foi... Burrice.

Eu deito de costas, mentalmente avaliando minhas feridas. A respiração foi arrancada de mim e tudo está doendo. Estou com as mãos e os joelhos ralados, mas... Estou viva. E eu estou no chão.

Um momento depois, um baque pesado cai ao meu lado, uma sombra caindo sobre o meu rosto. Eu olho para cima para ver Kael olhando para mim, seus olhos escuros com uma raiva terrível. Ele se inclina e me cutuca com a enorme cabeça.

— *Fale comigo. Você está machucada?*

— *Apenas meu orgulho.* — digo a ele, sentando-se devagar e estremecendo quando tudo grita em protesto.

— *Isso foi... Menos fodido do que eu esperava.* — Eu olho para o prefeito.

Há um clique alto quando ele aponta a arma, e ele não se afastou de Amy.

— Chame seu dragão.

Amy choraminga seu corpo rígido de medo. A venda me impede de fazer contato visual com a minha irmã, mas eu a conheço. Eu posso dizer que ela está completamente aterrorizada. É esse medo que me motiva constantemente. Eu sou a única que cuida de Amy, garante que ela esteja segura. O fato de ter sido colocada nessa posição por minha causa me faz sentir impotente e horrível.

Eu me levanto lentamente, estremecendo com as pontadas de dor que atravessam meu corpo. Meu olhar permanece no prefeito em todos os momentos.

— Deixe minha irmã ir. Ela não fez nada de errado.

— Eu não me importo se ela fez ou não. Ela é a única coisa que tenho contra você. Seu rosto gordo brilha com um fino brilho de suor nervoso.

— Agora, leve seus dragões. — Seus olhos estão enlouquecidos, seu rosto vermelho, e eu não gosto do jeito que a mão dele treme quando segura a arma na cabeça de Amy.

Eu dou-lhe um sorriso fraco.

— O que faz você pensar que eu posso controlar os dragões para fazer qualquer coisa?

— Você montou um. — ele rosna. — Você os fez atacar a cidade, não é?

— Isso é o que você queria, certo? — Eu digo, deixando um tom de escárnio na minha voz para esconder o fato de que estou tão assustada por Amy.

— Você queria que eu tivesse o controle de um dragão ou dois, certo? Não foi esse o grande plano? Por que você me jogou lá nas terras do lixo? Bem, surpresa, eu sobrevivi. E eu fiz um amigo.

Seu rosto gordo treme de raiva. — Eu queria que você domasse o dragão e parasse de nos atacar! Não faça você se virar da sua maneira!

— Não, você não deu a mínima para o que aconteceu comigo. — eu corrijo.
— Você imaginou que eu acabasse morrendo, mas isso não importava, porque eu era apenas uma ladra, certo? E agora você espera que eu tenha lealdade à cidade que me expulsou? A mesma que transformou minha irmã em uma prisioneira? Você está brincando comigo? — Eu posso ouvir a crescente histeria em minha voz. — Por que eu deveria ser leal?

O olhar do prefeito desliza para Kael, e eu suspeito que meu dragão esteja ficando agitado atrás de mim, provavelmente devido às minhas próprias emoções crescentes. Em resposta, o prefeito empurra a arma com mais força contra a cabeça de Amy.

Amy engasga com um grito.

Eu fico completamente imóvel, incapaz de desviar o olhar. De volta, eu mando Kael silenciosamente. — *Por favor.*

— Saia, e eu vou deixar sua irmã ir. — diz o prefeito.

— Besteira. Se eu sair, você vai continuar mantendo minha irmã como refém como arma para tentar me forçar a não usar os dragões para atacar a cidade. Mas informando, este é o único dragão que eu controlo. — Eu gesticulo para Kael, que está se aproximando de mim. — E até mesmo esse controle é um pouco duvidoso, se você não percebeu.

— Eu não me importo se você tem que chupar o pau do dragão, eu só quero você fora daqui. — O prefeito balança a cabeça, o suor escorrendo. — E eu não posso te devolver a garota. Basta virar e sair agora e ela não vai se machucar.

Eu cruzo meus braços sobre o peito. — Então parece que estamos em um impasse. Eu não vou embora até que eu pegue minha irmã e meu dragão não vai embora, a menos que eu vá.

— *Devo comê-lo?* A voz de Kael serpenteia em minha mente, junto com uma imagem mental dele mastigando o prefeito gordo pela metade.

— *Não! Bruto! Você não estará me beijando com essa boca se você o comer.*

— Se você não vai sair, eu vou fazer você sair. — o prefeito rosna. — Eu vou fazer vocês dois saírem.

Eu cerro os punhos, impotente, e dou um passo à frente. — Você não vai machucar minha irmã...

Ele vira a arma. Há um momento de confusão enquanto olho para o cano dele por um momento quente. Um som alto. Algo bate no meu lado e me derruba.

Meu primeiro pensamento é que Kael ficou com excesso de zelo e acidentalmente me empurrou para baixo. Mas quando eu bato no concreto, derrapando para trás, ouço o grito de Amy como se fosse um túnel, e um rugido alto em minha mente e estrondo em voz alta.

— *NÃO! CLAUDIA!*

A dor aguda golpeia meu lado e meu peito parece pesado. Oh. Oh... Minhas mãos se movem em câmera lenta para o meu lado, onde parece estar molhado e cheio de chumbo. Chumbo doloroso. O prefeito atirou em mim para forçar Kael a sair. Isso... foi um plano estúpido. Tão estúpido quanto o meu salto das costas do dragão. Eu quero rir, o ridículo da situação borbulhando dentro de

mim, mas tudo dói demais até mesmo para respirar. Tudo o que posso fazer é ficar deitada e ferida.

Há mais gritos. Mais pancadas estalando. Eu olho em uma névoa enquanto o prefeito dispara sua arma na cabeça de Kael, repetidamente. O dragão o ignora, mandíbulas enormes apertando a metade superior do corpo do prefeito e rasgando-o em uma demonstração sangrenta de força.

Raiva preenche os pensamentos do meu dragão, uma confusão de loucura e caos, e eu me lembro de como ele tinha sido antes de nos conhecermos, aqueles vislumbres em sua mente. Ele estava tão feliz por estar livre da raiva poluindo seu cérebro. Fico triste por ele estar se deixando afundar de novo e quero ajudá-lo.

— *Eu te disse para não comê-lo. Então, não vou beijar você agora.* — digo a ele sonhadoramente. A menos que encontremos uma pia de bochechos do tamanho de um dragão.

— *Claudia minha companheira.* — A voz mental de Kael está cheia de angústia. Enquanto eu olho através da neblina da minha visão, meu grande dragão se move, e sua enorme cabeça surge em cima de mim. Eu sinto o calor de sua respiração no meu pescoço.

— *Você vai se levantar agora, minha Claudia. Eu comando isso.*

Levantar provavelmente é uma boa ideia. Eu aceno e tento me sentar, mas minhas pernas não estão funcionando. Isso pode demorar um minuto.

— Claudia? — Os soluços de Amy se intrometem em meus pensamentos embaçados, e eu sinto seus dedos frios apertarem os meus. Estranho que minha

irmã esteja congelando nesse clima. Ou talvez seja eu que esteja com frio. É tão difícil dizer.

— Oh meu deus, Claudia!

— Tudo bem. — murmuro para Amy, e depois repito para Kael mentalmente.

— *Vai ficar tudo bem. Você precisa tirar Amy daqui antes que alguém apareça.*

— *Levante-se.* — ele exige novamente com um empurrão no nariz. — *Suba nas minhas costas. Então nós iremos.*

Apenas o pensamento de tomar meu próximo suspiro parece uma tarefa enorme. Eu não tenho muito mais tempo, eu acho. Posso ver isso no rosto de Amy enquanto ela aperta minha mão na bochecha dela, chorando, a venda em volta do pescoço dela. Pelo menos ela está segura com Kael agora, no entanto. Meu pobre dragão. Ele não vai entender.

— *Minha companheira.* — Kael diz, me farejando novamente. — *Acorde. Nós devemos sair. Você deseja que sua irmã esteja segura. Devemos levá-la embora daqui, mas não posso se você não ficar de pé.*

Eu me machuquei com o desespero e medo em seus pensamentos. Meu pobre Kael. Tudo o que ele queria fazer era me amar, e eu deixei isso tão difícil para ele.

— *Eu... não acho que vou a lugar algum.* — digo-lhe, um sorriso fraco curvando a minha boca. — *Sinto muito. Eu te amo, no entanto. Eu quero que você saiba disso.*

— *NÃO. Claudia Levante-se. Agora. Por favor.*

Para minha surpresa, o dragão se desloca e, no momento seguinte, Kael está ali em forma humana, sua pele um âmbar dourado ao sol. Ele arranca a bagunça de correias e selas e depois avança, ajoelhado ao meu lado. Eu ouço o gemido de surpresa de Amy e quero rir, imaginando o choque de minha irmã em ver o Kael nu e bem pendurado ao meu lado.

Mas estou cansada demais para tudo isso.

— Oi. — murmuro baixinho, olhando sonhadoramente para Kael. Como eu já pensara que ele era assustador? Eu amo seu rosto severo e não muito humano.

— Prometa-me que você vai cuidar de Amy para mim.

— *Não.* — ele rosna novamente, parecendo feroz. — *Claudia, não.* — Ele me puxa para seus braços, sua mão com garras acariciando minha testa febrilmente.

— *Claudia, não. Não.*

— Eu sinto muito, Kael. — Eu quero tocá-lo também, mas estou com muito sono.

— Obrigada por salvar minha irmã. Agora a tire daqui.

— *Não.* — ele grita novamente. — *Não. NÃO.* — Suas mãos se movem sobre o meu corpo, pressionando minha ferida. Então ele envia um raio de pensamento, forte e claro, em minha mente.

— *Você é minha companheira. Você não pode morrer. Sem você eu não tenho nada. Claudia, por favor.*

Oh, eu odeio a angústia em seu tom. Como eu me resenti do meu dragão por ser quem ele é? Dominante e selvagem, mas com o melhor coração do mundo. Leva toda a minha força, mas eu alcanço e acaricio sua mandíbula, depois fecho meus olhos. Se estes são meus últimos momentos, vou aproveitar eles.

As mãos pressionam minha ferida, enviando uma dor lancinante pelo meu abdômen e roubando minha paz.

— Precisamos de um médico! — Amy grita com Kael entre seus soluços. — Vá pegar um. Você entende? Médico.

— Ele não é bom com o nosso idioma — murmuro. — Seja legal...

E então eu desmaio.

KAEL

O terror que nunca senti antes me prende quando olho para a pálida e flácida forma de Claudia em meus braços. Ela sangra, seu lado foi atingido pelo fogo cuspidor da arma do gordo. Ao lado dela, sua irmã chora, empurrando as mãos contra o ferimento de Claudia. Ela continua repetindo a mesma palavra repetidas vezes.

— Mé-di-co.

— Mé-di-co. — ela chora. Balbucia algumas palavras mais incompreensíveis, então aquela palavra novamente. — Mé-di-co.

O que isso significa? Tento afastar as mãos da ferida da minha companheira e, para minha surpresa, a fêmea fraca e pálida bate nas minhas mãos. Ela repete sua palavra, junto com uma série de outras sílabas sem sentido, e eu gostaria de ter tido tempo para aprender a linguagem humana como Claudia continuou tentando me ensinar.

Repito a palavra de volta para Amy. — Mé-di-co?

— Sim —, ela grita, praticamente pulando de emoção. — Sim!

Eu conheço a palavra sim. — Mé-di-co?

— Sim! Médico! — Ela aponta para Claudia e pressiona a ferida novamente.
— Médico para Claudia!

Eu não sei o que é este médico, mas a julgar pela ansiedade da irmã e o jeito que ela continua apontando para a ferida, pode ser algo para ajudar minha companheira. Eu seguro Claudia perto, sentindo sua pele fria contra a minha. Eu faria qualquer coisa pela minha companheira. Qualquer coisa.

Então fico em pé, reunindo-a em meus braços. Seu peso é leve, seu corpo flácido e me faz sentir frio por dentro vê-la assim. Eu olho para ela, o coração doendo, e depois olho para sua irmã frenética novamente. — Mé-di-co?

Amy acena ansiosamente e aponta para o lado do prédio, praticamente correndo. Ela está tentando me mostrar alguma coisa. Eu carrego minha companheira, cuidadosamente embalado contra o meu peito, e sigo a irmã.

— Médico. — Amy chora, apontando para o lado. — Médico!

Eu olho para baixo e percebo que Amy continua apontando para uma pequena toca humana com um símbolo escrito na porta. Seja o que for que Amy queira, está lá, e ela acredita que ajudará Claudia.

Eu vou pegar então.

Colocando delicadamente minha companheira de volta no telhado, eu toco minha sobrancelha na dela e esfrego minha boca contra a dela, do jeito que ela me mostrou.

Então eu fico de pé e volto para a forma de batalha.

Pego Amy em uma garra e minha Claudia gentilmente na outra, e voo, mergulhando na cidade para encontrar esse local.

CLAUDIA

Meu lado todo parece ter sido incendiado.

Eu gemo, empurrando a névoa do sono e tentando emergir. É difícil. Tudo, e eu desejo dizer tudo, porra dói. Sinto como se tivesse sido pisoteada. Por elefantes. Carregando lutadores. Lutadores com excesso de peso. Minha cabeça está confusa, e há um gosto horrível na minha boca, além da dor do meu lado. No geral, tudo isso está me dizendo que talvez ainda não seja hora de acordar.

— *Eu exijo que você volte, minha Claudia.* — A voz imperiosa de Kael toca na minha cabeça. — *Você não tem permissão para se machucar.*

Isso me faz bufar baixinho, mesmo que eu não consiga abrir meus olhos. — Diz você, grande dragão — murmuro.

— Eu posso machucar-me se eu quiser. — Quero dizer, eu não quero, mas não é como se Kael exigisse que pudesse pará-lo.

— Claudia? — Uma voz suave e desconhecida me chama a atenção.

— Você está acordada? — Um segundo depois, algo quente pressiona contra o meu lado, e eu assobio, tentando me esquivar.

— *A médica está te machucando?* Alarme colore os pensamentos de Kael, e eu ouço um rosnado baixo e dracônico vindo de cima.

Médica? Faz sentido que haja uma aqui, dada à quantidade de dor em que estou. Devo estar na clínica em Fort Dallas, embora não saiba como vou pagar o tratamento. Eu ainda não tenho dinheiro. Embora meu cérebro nebuloso ainda não consiga descobrir como Kael está aqui comigo. Seu rosnado se intensifica e eu lhe envio pensamentos calmantes para acalmá-lo. — Estou bem. Mesmo. Apenas me dê um minuto.

Mãos familiares, dolorosamente quentes me seguram, e então eu sou puxado contra o enorme peito de Kael um momento depois. Eu sinto sua mão arrastar pelo meu cabelo emaranhado, acariciando, e eu nem me importo.

— *Diga-me que você está melhor, minha companheira.* — ele exige.

Ah! Tão arrogante e insistente. Isso é meio doce, realmente. Arrogante, mas doce.

— Eu me sinto uma merda, mas obrigada por perguntar.

— Humm? — As mãos suaves pressionando no meu lado pausam. Alguém está mudando as bandagens. A médica. As ataduras levantam e depois são novamente apertadas. Isso é corajoso, dado que estou sendo segurada por um homem-dragão no momento.

— Você disse que se sente uma merda?

— Eu estou bem. — eu digo automaticamente, e seguro meu protesto quando Kael gentilmente me coloca de volta em algo macio. Uma cama. Quase parece

minha cama no nosso apartamento. Eu levanto uma mão caramba, isso é cansativo e busco por Kael. Eu quero o toque dele. Um momento depois, sua mão aperta a minha, todos os grandes dedos e garras, e estou confortada. Eu enfio a mão contra a minha bochecha e me aconchoo na cama. Estou tão cansada.

— *Descanse.* — ele comanda, embora haja uma nota gentil em seus pensamentos.

— *Eu não vou sair do seu lado.*

— Eu sei. — atiro de volta, divertida. — *Você nunca me abandona.*

— *Nunca. Você é minha vida. Sem você, não há nada.*

Tão feroz. Eu sorrio para isso e viro minha cabeça para que eu possa pressionar um beijo de meia-boca em sua mão. Farei melhor da próxima vez, quando estiver menos envergonhada. Eu continuo a aconchoar sua mão, porque não quero que ele saia enquanto durmo. Eu gosto do pensamento dele assistindo - bem, dominando - sobre mim enquanto descanso. — *Amy está bem?*

— *Ela está descansando.* — Kael envia uma imagem mental da minha irmã enrolada em cobertores em um dos sofás que eu tinha arrastado com Kael para o nosso apartamento no céu.

— *Ela está bem. Só você foi ferida.* — Seu tom muda. — *E se você alguma vez confrontar um humano que está cuspidando fogo novamente, eu vou espetar você com minhas próprias garras.*

— Toques de tristeza e preocupação obscurecem seu tom mental. — *Você é minha.*

— Ok, ok. — murmuro.

— Você disse alguma coisa? — Pergunta a médica.

— Só conversando com meu dragão — eu digo com um bocejo.

Uma mão clínica imediatamente pressiona a minha testa e eu tenho que reprimir uma risadinha. A médica provavelmente acha que eu estou alucinando. Então, novamente, talvez não, dado que eu estou segurando a mão de Kael, e mesmo em forma humana, ele não parece tão humano. Eu estou supondo que o médico colocou dois e dois juntos.

— *Você está seguro aqui na clínica?* — Pergunto-lhe. — *Eu não quero que os humanos venham atrás de você enquanto você não está em forma de batalha.*

— *Estamos em casa.*

— *Nós estamos? Com uma médica?*

— *Eu a roubei.*

Eu tento imaginar Kael deixando a cidade humana com o meu corpo ensanguentado, junto com uma Amy aterrorizada e uma médica em cativeiro.

— *Não foi fácil.* — ele repreende divertido. — *Elas gritaram muito e fez muito barulho. Mas eu queria te fazer bem.*

— *Você sabe que terá que devolvê-la, certo?*

— *Ela não cheira tão mal quanto os outros humanos. Ela fará uma companheira aceitável para alguém.*

Eu segurei mais apertado a mão de Kael. — *Alguém mais, certo?*

Garras tocam minha bochecha com ternura. — *Eu não vou dar o meu fogo para ninguém além de você, minha Claudia.*

— *Eu sei disso. Apenas gosto de ouvir isso.*

§§

É preciso uma semana antes que eu possa sair da cama e me movimentar dentro do nosso apartamento. Enquanto isso, fico com três pessoas muito diferentes.

Amy, que está extasiada em me ver e ainda mais em êxtase por eu não ter morrido.

Kael, que está determinado a pairar sobre mim e rosnar ameaçadoramente, apenas no caso de alguém me causar angústia.

E a médica, Melina, que paira porque tenho certeza de que ela está com medo de que Kael a coma se ele achar que eu não estou sendo bem cuidada.

Tudo seria muito divertido se não fosse tão chato e eu não me machucasse tanto. O tiro que levei foi limpo, direto para dentro e para fora, e a ferida havia sido cauterizada para evitar infecção. Felizmente, eu não estava acordada nessa parte, apenas as consequências dolorosas da cura. Mas isso ainda significa que estou fraca e não consigo fazer muito sozinha.

— Pare de me tocar. — eu digo a Amy enquanto ela segura meu braço, me ajudando a voltar do banheiro.

— Estou bem. — Eu não estou, mas também sou uma paciente terrível, e tudo que eu fiz foi estalar com Amy o dia todo e depois me sentir culpada por isso.

— Você não está bem até que o grande dragão pense que você está bem, e eu prefiro irritar você a ele.

— Kael? — Eu bufo. — Ele é um grande bobão.

— Para você, talvez. — diz Amy, ajudando-me a voltar para a cama, apesar dos meus esforços para afastá-la. — Você deveria ter visto ele em pânico quando você se machucou.

Eu rolo meus olhos, estremecendo enquanto deslizo sob as cobertas. Fui regalada com histórias sussurradas de Melina e Amy sobre como um Kael muito nu estava agindo como um louco, atravessando a cidade comigo sangrando em seus braços, berrando:

— Mé-di-co —, naquela sua voz animada. Melina tinha desmaiado de susto, então ele simplesmente a pegou e a Amy e voou de volta.

Eu não posso deixar de sorrir apenas um pouquinho nessa imagem mental. Meu grande dragão achou que não era necessário aprender a língua humana porque a fala da mente era muito melhor, mas talvez agora ele veja a sabedoria em conversar com os outros. Eu me aproximo mentalmente para acariciá-lo, mas ele está distante demais para conversar, e sinto uma pequena pontada de perda. Eu mantenho minha voz, no entanto, Amy não sabe o quão carente estou me tornando.

— Falando nisso, onde está o grandão?

— Eu... acho que ele foi caçar. Ele ficava falando algo sobre comer. — Amy estremece delicadamente quando ela se senta na beira da minha cama. - Você deveria ter visto o que ele fez com um porco selvagem...

Eu aceno uma mão, cortando-a. — Sim, eu vi isso. Confie em mim. Depois de um tempo você começa a se acostumar com isso.

Amy me dá um olhar horrorizado. — Acostuma?

— Ele está matando antes de cozinhar, certo?

Seus olhos se arregalam de horror.

— Então sim, é melhor do que era antes. — eu termino. Quando ela faz uma careta, eu dou de ombros. — Vamos. É mais comida, e melhor do que a gente tinha na cidade. E é fresca.

— Mas... ele é um monstro. Ele é o inimigo. — Ela olha por cima do ombro como se esperasse que um dragão aparecesse e a queimasse simplesmente por citar seus pensamentos.

Não digo nada. Eu tive essa conversa com Amy uma dúzia de vezes desde que recuperei a consciência, às vezes ela me faz sentir culpada. Eu amo minha irmã, mas agora ela está sendo irritante e mesquinha. Sim, ele é um dragão. Sim, ele é diferente dos humanos. Sim, ele costumava ser louco. Mas isso não significa que ele é ruim. Eu enrolo meus dedos, pensando em Kael e como ele é atencioso e doce. Amy simplesmente não entende... Ainda. Ela acabará por entender.

— Ele é um dragão, mas isso não faz dele um cara mau. Ele tem sido muito bom para mim.

— Mas ele reivindicou você, você mesma disse. Como se você pertencesse a ele.

Bem, tem isso. Mas é ruim que eu goste de ser reivindicada? Talvez eu não deva gostar tanto quanto gosto.

— Você sabe, Melina e eu temos conversado... — Amy torce as mãos e evita seu olhar.

— Da próxima vez que ele sair, podemos fugir você sabe. Poderíamos tentar voltar para Fort Dallas.

Eu me sento na cama, estremecendo quando ele puxa minha ferida. — Você está falando sério?

— Talvez as coisas sejam melhores com um novo prefeito? Ou podemos sempre ir para um Fort diferente. Ela estende a mão e segura minha mão.

— Eu não quero que você sinta que tem que sofrer por minha causa. Sei que nada disso é justo e não é o que você queria.

Eu olho para minha irmã, nossos dedos entrelaçados. Aqui está a minha chance. Eu não tenho que ser uma companheira de dragão. Eu não tenho que suportar os olhares chocados e horrorizados que minha irmã e Melina me dão regularmente. Eu posso me levantar e sair da próxima vez que Kael for caçar, e podemos nos esgueirar, talvez para Fort Orleans em vez de Fort Dallas. Ser uma humana anônima novamente. Ninguém em particular, nada a ver com dragões.

Kael tentaria me encontrar, claro. Ele cobriria as extremidades da Terra procurando por mim, mas sempre há uma chance de se esconder, especialmente entre uma cidade cheia de outros seres humanos sujos e mal-cheirosos. O vínculo psíquico seria complicado, mas com a distância, ele não seria capaz de me localizar, eu acho. Poderia escapar e realmente fugir dessa vez, agora que tenho minha irmã.

Ele é meu e eu sou dele.

Um pouco surpresa com a ferocidade dos meus pensamentos aperta a mão de Amy.

Minha irmã não aprova Kael e... Eu meio que não me importo com o que ela pensa.

Então ele é um pouco arrogante. Ele tem um bom coração.

Eu só não quero. Na verdade, acho a ideia chocante.

Eu amo meu dragão. Meu grande, autoritário, dominador e meio feroz dragão. Eu não me importo que ele seja o inimigo. Eu não me importo se isso significa que estou exilada da humanidade pelo resto da minha vida.

Então ele meio que se transforma em um dragão do tamanho de um ônibus e tende a incendiar cabras vivas como uma demonstração de seu afeto. Seu coração está no lugar certo.

Ele também é incrivelmente terno comigo, amoroso, perversamente afiado com seu humor e infinitamente fascinante. Ele me protege e, por sua vez, ele me dá o controle e me escuta. Eu nunca me senti tão mal como quando estou longe.

Kael também é muito bom no sexo. Isso me deixa quente e me contorço apenas pensando em como é bom.

Mas Amy está olhando para mim com olhos determinados, preocupados, e eu preciso tranquilizá-la.

— Eu não quero ir a lugar nenhum. — digo a ela, dando um tapinha simpático na mão dela, porque sei que ela não vai entender. Não no menor.

— Eu amo Kael e ele me ama. Tenho uma vida melhor com ele do que se voltasse para a cidade.

Amy suspira, suas unhas se afundando na minha mão. — Você não pode dizer isso.

— Eu faço. Quero dizer tudo isso. Na cidade, eu era apenas mais uma boca para alimentar, e provavelmente distante uma semana de me prostituir por algo para comer.

Como Sasha, eu penso desagradavelmente, mas não digo em voz alta. Eu ainda preciso falar com Kael, descobrir como está Sasha. Se ela precisar ser resgatada de Dakh.

— Mas não é assim com Kael. Aqui, eu sou alimentada, mimada e adorada. Eu sou seu mundo inteiro, Amy... E ele está se tornando o meu. — Eu dou um sorriso de desculpas para minha irmã. — Espero que entenda.

— Ele não é humano.

— Sim, eu notei essa parte. — digo secamente.

Ela fica vermelha. — Eu só... Simplesmente não entendo.

— Eu sei. Talvez demore algum tempo.

Ela acena em silêncio e dá a minha mão outro aperto. — Eu só... você sabe. Queria ter certeza de que você estava feliz.

— Claro. — eu digo, ainda sorrindo. Sei que minha irmã não entende. Está bem. Enquanto eu fizer isso, não importa.

— Vou checar o chá. — Amy se levanta da cadeira e vai até a lareira, e eu sinto uma pontada de culpa. Amy nunca seria tão egoísta a ponto de perguntar o que sobre mim, mas sei que o pensamento deve estar passando por sua mente. Esta é a primeira decisão que tomei que não colocou Amy antes de mim.

É estranho.

Eu sei que as coisas não são perfeitas para ela. Eu sei que ela e Melina têm que usar minhas roupas sujas para cobrir o cheiro delas, porque Kael está preocupado que outros dragões vão pegar seu cheiro no ar e procurar por companheiras. Sei que elas têm que ter cuidado extra com tudo o que fazem, e lavar várias vezes ao dia com meus shampoos. Mas elas estão seguras aqui. Elas só precisam perceber isso.

Eu me aconchoo mais fundo nos cobertores, estremecendo quando meu lado dobra novamente. Eu penso sobre Kael e como tem sido alguns dias desde que ele me segurou enquanto durmo. Tenho saudade. Bem, entre outras coisas. Posso-me sentir corando e pressiono minhas coxas mais apertadas juntas.

Como se meus pensamentos o tivessem convocado, a sombra do meu dragão circulava preguiçosamente acima, mesmo quando eu sinto seus pensamentos roçarem os meus. Eu me sento reto na cama, resistindo ao desejo de arrumar meu cabelo. Eu provavelmente pareço um inferno de uma semana sendo inválida. Não quero que ele olhe para mim e veja uma humana fraca e frágil. Eu quero que ele veja sua companheira e fique feliz quando ele olha para mim.

Porque eu vou dizer a ele que eu o amo e estou ficando, e parece um momento importante. Mas também precisa ser íntimo. Eu olho para Amy, que está derramando duas xícaras de chá junto ao fogo.

Kael se acomoda no telhado, sua sombra caindo sobre a área de cozinha aberta que ainda não descobrimos como cobrir. Para minha surpresa, ele deixa cair sua presa, e o cervo morto bate no chão ao lado de Amy, que deixa cair à chaleira e tropeça para trás.

Eu espero que ele mude para sua forma humana, mas em vez disso, ele desce garras estendidas, e agarra Amy.

Minha irmã grita alarmada.

CLAUDIA

— *Meu Deus. Kael? O que você está fazendo?* — Eu me esforço para sentar na cama, alarmada quando meu dragão voa com minha irmã.

Eu ouvi seus pensamentos. Eu vi suas imagens mentais. Sua mente é um ronronar na minha. — *Vou reivindicar minha companheira e não quero que os espectadores estejam por perto enquanto faço você gritar de prazer.*

Ai! Eu suprimo uma risada horrorizada e satisfeita. Um pequeno aviso da próxima vez? Amy provavelmente está assustada. — *E onde está Melina?*

— *Eu estou levando sua irmã para ela. Elas estão em um lugar seguro. Há um prédio próximo que tem um fedor pesado que disfarce seus aromas. Eu vou recuperá-las quando eu tiver dado prazer a você.*

Pobre Amy. Pobre Melina. Mas... não posso ser tão triste assim. Minha mente está cheia de pensamentos luxuriosos que filtram através de nossa conexão, de sua mão com garras enrolada no meu cabelo enquanto ele puxa minha cabeça para trás e entra em mim por trás. De meus seios saltando com cada impulso, e meus gritos selvagens quando ele me faz gozar.

Ok, sim, provavelmente é uma boa coisa ele fazer Amy e Melina irem embora. Se for seguro, precisamos arrumar uma casa própria para elas, sugiro. Então eu terei mais tempo com meu companheiro. Ouvi dizer que ele sente falta de mim.

— *Meu pau sente falta de sua casa entre suas pernas.* — ele me diz de longe, e isso é tão fortemente projetado em minha mente que é como se ele estivesse aqui em vez de voar com Amy.

Os visuais que ele envia me fazem rir de vergonha. — *Sua casa?*

— *É onde eu pertenço.* — Kael envia, divertido. — *Onde ele também pertence. Você não concorda?*

De modo nenhum. Mas eu não sei o quanto vou poder participar com meu lado doendo. Eu também ainda estou fraca, mas me sinto como uma fraca em admitir isso. — *Talvez devêssemos esperar.*

— *Nós não estamos esperando.* — meu dragão diz imperiosamente. — *E farei tudo. Vai me dar muito prazer colocar minha cabeça entre suas coxas e fazer você chorar.*

— *E você?*

— *Tudo o que você precisa fazer é se deitar e me deixar tocar em você. Esse será o meu prazer.*

Bem, como posso resistir a um argumento tão convincente? Eu estive de cama na última semana, então não me sinto tão sexy assim. Mas ouvir seus pensamentos e seu desejo está fazendo o meu voltar rapidamente. — *Depressa.* — digo a ele. — *Ou eu vou começar sem você.* Eu coloquei minhas mãos em meus seios e preguiçosamente provocando as pontas com movimentos circulares, mentalmente projetando a imagem de volta para ele.

Um gemido baixo e dracônico percorre minha mente. — *Companheira cruel e doce.*

— *Cruel, eu?* — evito meu lado latejante e deslizo a mão pela minha barriga, empurrando para o cócs da minha calcinha. Ele acha minhas roupas ridículas,

vendo-as como peças inúteis de roupa, mas eu gosto delas. Qualquer tipo de roupa é um luxo para não ser desperdiçado, então uso elas. Deixei meus dedos roçarem os cachos da minha buceta e depois deslizei um dedo entre as minhas dobras. Ainda não está molhado o suficiente. Penso em Kael ajoelhado entre as minhas pernas, meus dedos provocando seu cabelo enquanto ele empurra seu rosto em minha buceta e começa a me lambe vorazmente.

Isso faz o truque. Pensar nisso me deixa molhada em momentos. Eu gemo e agito um dedo sobre o meu clitóris, minha outra mão no meu peito, apertando-o. — *Quanto tempo você vai demorar?*

— *Tempo demais.*

Eu rio com o som torturado de seus pensamentos. — *Por favor, não deixe minha irmã cair na sua pressa.*

— *Você é a mais cruel das companheiras.* — ele brinca.

— *Eu sou?* — Provoco de volta. E aqui pensei que estava me sentindo muito melhor. Eu continuo me acariciando, mordendo o lábio e desejando desesperadamente que Kael estivesse aqui para fazer isso por mim.

Quando a sombra de um dragão passa por cima, todo o meu corpo treme de excitação. Finalmente. Eu continuo me tocando, mesmo quando Kael aterrissa em seu lugar habitual e se transforma em sua forma humana, batendo no chão. Eu continuo tocando, porque eu quero que ele me veja acariciando minha buceta ao pensar nele.

Ele se levanta devagar, alongando-se até a altura total, e eu suspiro ao ver que ele já está magnificamente ereto, seus olhos escuros de luxúria.

— Claudia. — ele murmura, indo a minha direção, e por alguns momentos eu me estou presa.

Sexy, sexy. Isso só me deixa mais molhada. Eu deslizo meus dedos sobre meu clitóris ainda mais rápido, respirando com dificuldade enquanto ele se move para o lado da cama e arranca os cobertores de cima de mim. Ele olha para minhas pernas esparramadas. Eu não estou vestindo nada além de uma camiseta e calcinha, e minha camiseta está levantada para que eu possa brincar com meus seios, minha mão na minha calcinha. Não é o meu momento mais digno. Não se importa.

Seus olhos brilham com necessidade. — Sua ferida?

— Quem se importa? — Digo a ele, ainda esfregando meu clitóris ferozmente.

Sua mandíbula aperta. — Eu me importo. — Ele se move para a cama cuidadosamente, sua forma grande superando a minha.

No momento seguinte, minha mente se enche de imagens dele agarrando meus joelhos e afastando-os, em seguida, arrastando sua boca sobre o meu núcleo. Eu gemo com essas imagens vivas, mas ele não faz nada disso. Na verdade, nem sequer está me tocando ainda. São apenas preliminares mentais, e é um tipo único de tortura por si só. Kael se inclina e examina minha ferida enfaixada, ignorando minha masturbação febril e sua própria ereção. — *Isso te machuca?* — Seu olhar vai para o meu lado.

— Não tanto quanto isso. — digo a ele, arrastando um dedo pelas minhas dobras. Meus movimentos fazem um som úmido, e poderia jurar que ele fica visivelmente tenso com o som. Boa. Então ele não está imune à minha exibição.

— Eu devo ser gentil com você hoje. — ele me diz, inclinando-se e acariciando meu pescoço. — *Embora cada parte dos meus instintos exija que eu te derrube e enfie em você para que eu possa preenchê-la com a minha semente.*

Suas palavras duras estão em desacordo com a gentileza de seu toque, e eu choramingo. — Você não tem que ser gentil.

A boca quente de Kael se move pela minha garganta, suas garras arrastando o tecido da minha camisa encolhida. — *Tire isto.*

— Removendo. — eu digo a ele rapidamente. A última coisa que quero é perder outra camisa. Meus braços tremem quando me sento, meu corpo ainda está fraco, e fico surpresa quando ele gentilmente apoia minhas costas e cuidadosamente me ajuda a tirar minha camisa. Normalmente ele fica impaciente e rasga tudo.

— Obrigada.

— *Você é minha companheira. Eu vou cuidar de você.* — Seus olhos escuros brilham, e então ele se inclina e pressiona a boca na minha em um beijo. — *E eu gosto de ver você em sua pele.* — A língua de Kael traça ao longo da minha mandíbula, depois roça meu pescoço.

— Melhor do que fora disso, eu suponho. — eu brinco, o estômago tremendo com a sensação de sua boca.

Ele se afasta e olha para mim, franzindo a testa. — Eu nunca desejaria isso.

— Foi uma piada. — Você sabe uma brincadeira.

Kael pisca para mim lentamente, e então sua boca se curva em um sorriso perverso que faz meu pulso vibrar. — *Você está provocando seu companheiro, minha Claudia? Devo provocar de volta?*

Algo no calor de seus olhos me diz que ele não está falando sobre provocações verbais. Eu me contorço um pouco sob seu intenso olhar. — *Eu não posso imaginar você provocando alguém.*

— *Você não pode?* — E então inclina o queixo e seus lábios roçam meu mamilo. Ele imediatamente enruga em resposta ao seu toque. — *Isso não é brincadeira?*

Eu gemo ofegante. — *Eu não sei se está brincadeira é tão boa.*

— *Hum!* — Ele continua a brincar com meu mamilo, tomando entre os dentes e gentilmente beliscando, depois rolando a ponta contra sua língua.

— *Você é minha companheira. É meu trabalho garantir que você se sinta bem. Melhor que bem.* — Ele chupa levemente a ponta do meu peito, até eu chorar de necessidade. — *Seu prazer é meu prazer. Sua dor minha dor.*

Eu arqueio sob ele, mas esse movimento faz meu lado se erguer novamente, e me encolho, desmoronando e colocando a mão ao meu lado. De alguma forma, não acredito que estamos compartilhando essa dor.

Sua boca levanta da minha pele e seu olhar pega o meu. O olhar em seu rosto é tão intenso, seus olhos rodopiando em um negro furioso, que eu desviei o olhar. Ele estende a mão e agarra meu queixo, me forçando a olhar para ele novamente.

— *Você acha que eu não percebo sua dor? Você acha que isso não me destrói por dentro quando os humanos te atacam com seus bastões de fogo? Você acha que eu não senti meu mundo terminar quando você caiu aos meus pés? Ou que começou de novo quando você abriu os olhos?*

— *Oh, Kael.* — Eu estou sendo um idiota, não estou? — *Eu sinto Muito. Eu...*
— hesito e, em seguida, coloco os dedos sobre as maçãs do rosto salientes e pronunciadas que eu achava tão estranhas. Agora eu os adoro. — *Eu te amo.*

— *Eu sei isso.*

Eu franzo a testa. Não exatamente como planejei esse momento. — *Bem, isso foi arrogante.*

— *Você já me disse isso, Claudia. Quando você foi atacada com o bastão de fogo, você me disse que me amava.*

Eu fiz? Não me lembro. — *Sim, bem, você não tem que soar como um idiota tão alto e poderoso sobre isso.* — Eu imaginei este momento tão diferente. Eu, declarando dramaticamente meu amor e ele, ficando todo suave e feliz com minha confissão, não me dando um olhar convencido e impaciente. — *Você é tão... arrogante!*

— *Como posso ser arrogante se é verdade?* — O sorriso que ele me dá é arqueado, mesmo quando ele arrasta a língua sobre meu mamilo, me deixando louca de necessidade. — *Você me diz coisas que eu já sei.*

— *Você poderia pelo menos fingir estar surpreso.* — resmungo, mas é difícil ficar com raiva quando o homem que você ama está brincando com seu seio.

— *Como posso me surpreender? Eu sei que você me ama pelo gosto da sua resposta na minha língua. Quando eu sinto o cheiro no ar. Quando sinto seus pensamentos quando você desperta e estão ansiosos para sentir minha carne pressionada na sua.* — Seus braços se apoiam ao meu lado, e ele beija mais ao longo da minha barriga, evitando minhas ataduras. Ele se move para baixo e, em seguida, corta minha calcinha com um movimento de suas garras. Eu não posso me arrepender pela roupa íntima, estou muito fascinada pelo que ele está fazendo. Ele se inclina e beija meu monte, e então olha para mim, sorri perversamente.

— *Devo provar o quanto você me ama, minha Claudia? O cheiro do seu perfume já está enchendo minhas narinas.*

Eu dou risada. — *Amor... perfume? Nunca diga isso quando Amy ou Melina estiverem por perto, por favor.*

O calor do seu humor ecoa na minha mente. — *Eu não posso amar o gosto da minha companheira na minha língua?* — Ele faz um zumbido mais baixo, cuidadosamente separando as dobras da minha buceta com suas garras.

— *Sim, mas...* — Meu riso se transforma em um gemido quando ele passa a língua sobre mim em um longo e delicioso golpe. Todo o humor desaparece e minhas mãos vão para sua cabeça, e eu me agarro ao cabelo dourado grosso dele. — *Oh deus, Kael. Eu te amo.*

— *Eu sei.* — ele me diz de novo, mesmo quando ele começa a lambe e chupar meu clitóris. — *Você finalmente aceitou que você é minha.*

— *Arrogante... besta...* — Eu suspiro entre lambidas, mas amo isso. Amo cada golpe de sua língua, cada golpe, cada movimento de prazer que ele me dá. Eu

amo que ele é tão possessivo. Amo tudo isso e tudo dele. Não importa que ele seja um homem-dragão, ou um drakoni, ou o inimigo.

Ele é só... meu.

Sua língua quente desliza para baixo, empurrando contra o meu núcleo. — *Agora me diga que me ama de novo, minha companheira.*

— *Oh deus, eu te amo!* — Eu grito quando sua língua empurra obscenamente. — *Eu te amo! Eu te amo!* — Eu repito com cada estocada de sua língua dentro de mim que parece roçar cada terminação nervosa em meu corpo.

— *Você está tão molhada.* — Ele rosna baixo contra minha buceta. — *Minha companheira é deliciosa.*

— *Por favor, Kael.* — eu imploro descaradamente. — *Leve-me.* — Eu envio imagens mentais de seu pênis deslizando profundamente em mim, esticando-me em torno dele.

— *Eu preciso de você dentro de mim.*

Com outro grunhido, ele arrasta seu grande corpo sobre o meu, e eu abro minhas pernas ansiosamente enquanto sinto a cabeça grossa de seu pênis pressionando contra o meu núcleo. Em seguida, ele empurra dentro de mim, afundando até o punho em um movimento suave, a coroa espessa de seu pênis esfregando dentro de mim de uma forma que me deixa absolutamente louca a cada minuto.

— *Oh Deus! Oh Deus!* — Eu me agarro a ele, unhas cavando contra sua pele manchada enquanto ele balança cuidadosamente em mim. Meu lado dá outro lampejo de dor nos meus movimentos, mas eu não me importo.

Kael faz, no entanto. Ele pega minhas mãos com uma das suas e as segura bem acima da minha cabeça. — *Fique quieta enquanto eu reivindico você. Você vai se machucar.*

— *Não me importa.* — eu gemo. Meus pensamentos são um turbilhão de prazer quando ele desliza para fora de mim e, em seguida, afaga fundo novamente, o pau arrastando através da nata lisa da minha buceta. Há algo tão erótico sobre ele me segurando preso debaixo dele, sua grande mão mantendo a minha cativa. Isso me deixa mais excitada, e eu não achei que isso fosse possível. Oh deus, Kael.

— *Você é minha, Claudia. Toda minha. Para sempre. Não haverá fogo em seu sangue além do meu.*

— *Nenhum fogo.* — concordo, soluçando, desejando que pudesse levantar meus quadris para empurrar contra ele. Meu lado dói, mas não é nada comparado ao intenso prazer. Eu estou longe demais.

Como se sentisse minha necessidade, ele bate em mim com mais força, ficando mais áspero com seus impulsos, e grito com meu prazer. — *Minha companheira.* — ele envia com cada impulso. — *Meu tudo. Minha Claudia.*

E eu sou. Eu sou tudo dele e de bom grado. Toda sua, eu digo a ele. Para sempre.

Quando chegamos, nos reunimos.

CLAUDIA

Horas depois, quando ele me reivindicou mais algumas vezes e finalmente se moveu para deitar ao meu lado na cama, seus membros entrelaçados ao redor dos meus possessivamente, eu fiquei acordada, pensando.

— *Minha irmã e Melina estão seguras, não estão?* — Eu pergunto, preguiçosamente traçando uma das escamas em seu ombro.

— *Mesmo tendo passado algumas horas?*

— *Por hoje, sim. Eu patrulhei antes de voltar e ninguém está por perto. Não consigo sentir nenhum outro dragão na área. As humanas estão seguras por enquanto, embora tenhamos que recuperá-las em breve.*

Meu companheiro não parece empolgado com isso. Acho que ele gosta de me ter para si mesmo. Mas não comprometo a segurança delas, e se isso significa que temos um pouco menos de privacidade, então que seja. Eu relaxo contra ele e aprecio a sensação de seu peso pressionando contra o meu lado bom. Minha irmã está livre. Eu tenho o homem que amo. Há apenas um pequeno problema na minha felicidade.

— Sasha. — murmuro sonolenta.

— *Humm?* — Os pensamentos de Kael são tão satisfeitos quanto os meus, tenho o prazer de perceber.

— Minha amiga. Aquela que Dakh roubou. Você já ouviu algo dela? Viu ele por aí? —

Meus dedos preguiçosamente descem por suas costas, observando que suas omoplatas não parecem ser as mesmas que as minhas. Elas têm uma forma diferente, mais ampla e plana. Talvez por suas asas em sua forma de batalha? Fascinante. Ele é infinitamente fascinante. Eu poderia passar a vida inteira com ele e ainda aprender coisas novas sobre ele.

Na verdade, eu planejo isso.

Mas Kael se senta na cama e olha para mim, olhos preguiçosamente girando o âmbar de contentamento. — *Eu não vi Dakh. Ele vai ficar fora do meu território agora que ele sabe que eu estou protegendo uma companheira... e ele tem a sua própria para proteger.*

— Mas e Sasha? Temos que salvá-la, se ela ainda estiver viva.

— *Ela ainda está viva. Dakh destruiria o mundo para mantê-la segura. Eu conheço essa sensação.* — Suas garras escovam um fio de cabelo suado da minha testa.

— Mas nós não podemos simplesmente deixá-la com ele

Ele balança a cabeça, uma característica que eu poderia jurar que ele pegou de mim.

— *Eu não vou abordar outro macho em seu território enquanto ele protege sua própria companheira. Fazer isso seria a morte. Ele vai lutar comigo para protegê-la, assim como eu lutaria contra ele para protegê-la.*

— Então o que fazemos? — pergunto baixinho, preocupada.

Meu dragão se inclina e faz carinho no meu ouvido. — *Damos graças que Dakh reivindicou uma companheira e há um drakoni a menos enlouquecido nos céus.*

— E o que Sasha quer? Isso não importa?

Ele começa a beijar meu pescoço novamente, me distraindo. — *Você deve saber que quando um homem drakoni tem sua mente em sua mulher, ele não é facilmente dissuadido.*

Verdade suficiente.

Ainda assim, espero que em algum lugar lá fora, Sasha esteja segura e seja cuidada. Minha pobre amiga, eu acho. Eu espero que você seja bem tratada. Me desculpe pelo que aconteceu.

SASHA

Um gemido de dor me escapa quando eu acordo. Cada fibra do meu ser dói, e meu braço quebrado é uma lembrança quente e latejante ao meu lado. Minhas costelas estão quase tão doloridas quanto meu braço, e suspeito que Tate as tenha quebrado da última vez que me vendi para ele. Quanto mais eu o vejo, mais áspero ele fica, mais limites ele empurra.

Ele vai me matar um dia, mas não é como se eu tivesse muitas opções.

Ainda assim, não vejo Tate há dias. Não há razão para que me sinta tão mal quanto estou agora. Minha mente está nebulosa, a cabeça latejando, e eu alcanço

meu braço bom e sinto um novo nó na testa. Eu devo ter me batido em algum lugar.

Isso vai ficar lindo com meu olho negro.

Não que isso importe como eu pareço. Tate não está interessado no meu rosto metade do que ele está interessado é em marcar minha pele. É claro que vai ser outra lesão que terei de explicar a Claudia.

CLAUDIA

Minha mente se enche de vagos lampejos de memória. De se esconder no ônibus escolar de outro ataque de dragão. O pouso de dragão. Claudia, usando óculos de natação e me arrastando para fora da segurança do ônibus enquanto um dragão espera do lado de fora.

Cair do dragão.

Oh deus, eu me lembro de ter caído. O medo me deixa com água na boca e me sinto incrivelmente perto de vomitar. Eu diminuo a minha respiração, ignorando as gotas de suor frio que surgem na minha pele. Calma. Calma. Você está claramente segura. Você não caiu, ou se lembraria de aterrissar.

Esquisito. Eu realmente não me lembro de aterrissar, no entanto. Um novo gemido escapa da minha garganta. Eu estou morta? Isso é a morte? A morte deveria doer assim?

Um som baixo e estrondoso, quase como um ronronar, preenche o espaço negro ao meu redor.

Eu congelo, não ousando abrir meus olhos.

Isso... soou um pouco como um ronronar, se um gato fosse do tamanho de, oh, um jato. O medo faz meus ossos parecerem gelatinosos, e mesmo que eu queira ficar quieta, minha respiração começa a alterar, ecoando suspiros, alto até para meus próprios ouvidos.

Oh Deus. Oh Deus. Eu estava caindo. Essa foi a última coisa que me lembro. Quem me pegou?

O que me pegou?

Eu tento abrir um olho.

Algo me olha de volta. Algo com um rosto escamoso e com chifres do tamanho de um Volkswagen⁴. Algo com olhos que mudam de cor de preto para dourado para preto novamente. Algo que ronca com intensidade feroz e paira a centímetros do meu rosto.

Um dragão.

Eu grito.

⁴ É a marca de uma empresa de automóveis.

EPÍLOGO

UM MÊS DEPOIS.

CLAUDIA

— *Me dê um novo desafio.* — exige Kael. — *Um que testará minhas habilidades. Você não está se esforçando o bastante.*

Eu reviro os olhos para o seu tom presunçoso, mas estou me divertindo. Eu levanto o cronômetro, zero ele e olho em volta.

— Tudo bem. Você quer algo desafiador? Vamos fazer um desafio. — Eu olho a vista ao nosso redor. Estamos no telhado do edifício mais alto da Velha Dallas, Kael empoleirado no topo como um pássaro grande e perigoso. Eu examino as ruínas e, em seguida, esqueço o curso.

— Essas três torres ali. — digo a ele, apontando para os três edifícios mais quebrados.

— Toque cada um deles, e então voe de cabeça para baixo até o número quatro. — Eu aponto para outro prédio. — Então eu preciso que você vá por baixo daquele viaduto lá embaixo, pegue um dos carros e jogue no rio Trinity.

Ele bufa, uma nuvem de fumaça saindo de suas narinas. — *Brincadeira de criança. Quanto tempo eu tenho?*

Kael não sabe nada sobre o tempo, mas ele sabe que tem que ir rápido, e mede quanto tempo ele tem baseado em minhas reações. Então eu escolho algo que parece capaz, mas não muito fácil.

— Dois minutos.

— *Comece o cronômetro, então, minha companheira, e prepare-se para ficar impressionada.*

— Oh, eu vou ficar impressionada. — eu provoco, e aperto meu arreio reforçado. Se estamos indo de cabeça para baixo, preciso estar preparada. Eu seguro um braço debaixo do meu guidão e, em seguida, arrumo meu cronômetro.

— Pronto para fazer isso?

— *E o que eu ganho se eu — explodir sua mente — desta vez, minha companheira?* — Há uma provocação sexy em sua mente que faz minha pele arrepiar de prazer. Eu gosto que ele esteja pegando alguns dos meus eufemismos também.

Eu finjo considerar minhas opções, apesar de sempre jogarmos pela mesma coisa.

— Humm. Um beijo?

— *Eu posso escolher onde?* — E ele me manda uma visão meio maliciosa.

— Sim — Eu sorrio e puxo meus óculos para baixo sobre os meus olhos.

— Vamos fazer isso. Na minha marca... — clico no cronômetro. — Vá!

Kael se ergue no ar com tanta velocidade que parece que meu cérebro balança para trás. Eu rio com prazer louco enquanto ele bate suas asas no ar, correndo

para o prédio mais próximo da minha pista de obstáculos. Um tocou e depois o seguinte em rápida sucessão. Eu agarro-me ao guidão da sela quando ele atinge o número dois e o afasta com tanta força que a estrutura de metal desmorona atrás de nós.

— *Você está fazendo uma bagunça.* — eu grito alegremente.

— *Não me distraia!*

Fora ele vai para a construção de três. Uma vez que ele bate as pernas nele e torce, estamos fora do número quatro. Imediatamente nós giramos no ar, e eu sufoco meu grito, segurando firme. Voar de cabeça para baixo é aterrorizante - e também uma corrida enorme. Estou bem presa o suficiente para que eu saiba que não vou a lugar nenhum, mas ainda assim sempre rouba meu fôlego. Eu sacudo quando batemos contra o prédio número quatro, e então Kael se segura, mergulhando baixo para passar por baixo do viaduto. Ele desliza, pega um carro e, em seguida, estamos indo direto para o distante rio Trinity.

Até o momento que ele o solta, então estou rindo com o prazer de voar.

— *Tempo?* — Ele pergunta, mas eu posso ouvir o divertimento satisfeito em seus pensamentos. Ele ama minhas reações às suas loucas palhaçadas no ar.

Eu clico no cronômetro e verifico. — Um minuto e cinquenta e oito. — eu admito impressionada. — Você está mais rápido toda vez que marcamos isso.

— *Eu gosto das recompensas.* — ele me diz maliciosamente, e inclina suas asas, então começa a bater nelas, subindo mais alto. Depois de uma - aposta -, sempre seguimos para nosso ponto favorito - a praia arenosa do nosso lago -

para um banho rápido e algumas brincadeiras. — *Agora me deixe pensar onde eu gostaria do meu beijo desta vez.*

E eu rio, porque sei que ele não precisa pensar sobre isso. Kael sempre gosta da minha boca em um determinado ponto, porque sempre leva a mais.

Pouco tempo depois, estamos ambos nus na praia e suados de uma rodada de amor. Eu estou deitada em cima de Kael, minhas pernas estendidas sobre seus quadris e meus seios e braços cruzados descansando em seu peito. Ele se tornou um entusiasta defensor da mulher em cima, o que aparentemente não é muito importante para o povo dele, já que as mulheres têm que ser derrotadas e dominadas. A primeira vez que eu o empurrei de costas, achei que ele iria perder a cabeça. Agora é uma das nossas posições preferidas.

Bem, como papai e mamãe, de quatro e qualquer outra posição que possamos imaginar. Nós realmente gostamos muito de sexo.

— Eu suponho que devemos partir em breve. — digo a ele, traçando um dedo sobre a escama em seu ombro. Suas garras estão subindo e descendo pelas minhas costas, levemente arranhando-me.

Ele arqueia uma sobrancelha pelas minhas palavras, e eu corro, porque está claro pelos meus pensamentos que eu não estou com pressa de voltar, não importa o que eu diga em voz alta. Eu gosto do nosso tempo privado. Melina está de volta à cidade na maior parte do tempo - embora a gente mande recados para ela quando ela envia uma mensagem de vez em quando - mas Amy ainda mora em nosso apartamento conosco.

Ela ainda está usando minhas roupas sujas e usando meu shampoo, e quando a gente vai embora, ela vai para a sala de 'pânico' que montamos a alguns andares da antiga sala de segurança do prédio. Em caso de emergência, Amy pode trancar-se em uma sala com uma porta de aço e paredes reforçadas. Ela tem uma arma que pode explodir em caso de perigo, e várias buzinas para nos alertar se estivermos pertos e de alguma forma sentir presença de um grande dragão no território de Kael.

Na maioria das vezes, as coisas estão tranquilas. Os dragões machos estão praticamente ausentes de nossa área porque sentem um macho com seu companheiro e não querem perturbar nosso ninho, de acordo com Kael. Vemos um vermelho ou dois ocasionais, mas Kael é capaz de afastá-los.

Ironicamente, já que nos – instalamos – neste território, estamos protegendo o Fort Dallas. Os ataques do dragão pararam, já que agora é o território de Kael, em vez de um lugar para lutar. Dakh está em algum lugar na periferia da cidade, eu acho, mas não vamos procurá-lo. Eu não gosto de deixar Amy sozinha, mesmo com a configuração do quarto do pânico, porque me lembro muito bem que Kael destruiu um prédio para chegar até mim.

Se eu tiver que escolher entre Sasha e Amy, escolho Amy. Eu sei que Sasha deve estar segura em algum lugar, e me sinto culpada por ela não ter conseguido resgatá-la. Mas tem que ser melhor do que o que estava esperando por ela em Fort Dallas. Eu digo a mim mesmo isso. Frequentemente.

Às vezes ajuda a culpa, às vezes não.

Em algum momento, quando Amy estiver segura, acho que gostaria de procurar por Sasha e Dakh. Eu quero saber o que aconteceu com minha amiga - de uma forma ou de outra. E quero viajar para ver como é o resto do país. Existem cidades maiores e melhores que Fort Dallas? E a menina do dragão em Fort Orleans? Há tantos lugares que quero visitar, já que podemos voar para qualquer lugar... mas a segurança de Amy vem em primeiro lugar. Eu não sei se ela estaria segura nas costas de Kael, ou se outros dragões seriam atraídos pelo cheiro dela e nos atacariam para chegar até ela.

Inferno, uma das nossas primeiras regras para Amy foi não se masturbar. Sempre. Foi tão embaraçoso para ela me ouvir dizer isso, mas não podemos ser descuidados.

Assim como um tubarão pode sentir uma gota de sangue na água a quilômetros de distância, suspeito que um dragão sem companhia poderia seguir o cheiro da excitação de uma fêmea solitária e não reivindicada de uma longa distância.

Então ficamos em nosso território, e isso significa que Amy está sempre em casa. Eu gosto de ter minha irmã lá, mas, ao mesmo tempo, gosto de ficar sozinha com meu dragão também. Então, nós tendemos a voar regularmente e fazer sexo em lugares públicos. Na parte de trás de um carro, em um antigo lobby do banco, em um telhado.

Na praia aqui. Onde e quando podemos ficar alguns momentos sozinhos.

Temos muito sexo... e outras consequências não intencionais. Eu estudo o rosto bonito de Kael, imaginando se agora é o momento certo para falar sobre o que

eu quero falar. Eu traço um dedo provocante em seu peitoral. — Assim. Como você era quando criança?

Kael pensa por um momento e depois encolhe os ombros. — *Eu não lembro.*

Eu seguro minha frustração. Um dos efeitos colaterais do transporte de Kael para cá foi a loucura. Infelizmente, a loucura tem acabado com muitas das memórias de sua terra, e tudo o que ele lembra são fragmentos ocasionais. As memórias estão faltando, deixando grandes lacunas em suas lembranças, e isso significa que não temos muitas informações para serem divulgadas.

— Você não se lembra de nada? E quando as fêmeas drakoni engravidam? Como isso funciona?

Ele me dá um olhar divertido e enrola nossos corpos na areia até que eu esteja debaixo dele.

— *Devo mostrar a você como um macho drakoni reivindica sua fêmea?* — Ele desloca seus quadris, e seu pênis - ainda dentro de mim de nosso acasalamento minutos atrás - acaricia dentro de mim.

Eu bati em seu ombro.

— *Eu não quero sexo agora.* — ok, eu sou uma péssima mentirosa. Mas eu quero falar sobre isso. — Eu preciso saber mais sobre o seu tipo, Kael. Você sabe se as fêmeas têm bebês em forma de batalha ou o quê?

Ele encolhe os ombros e dá aos quadris um delicioso impulso. — *Eu não lembro.*

— Bem, pense. — eu respondo acidamente.

Ele faz uma pausa, sentindo o meu humor, e eu o sinto classificando através de sua confusão de memórias. As bordas da loucura tocam minha mente, mas um momento depois, ele as empurra para longe, seus olhos rodopiando de volta para âmbar.

— *Eu tenho uma lembrança do meu pai.*

É um começo. — E?

Ele esfrega sua bochecha e a cicatriz branca que está lá. — *Lembro-me de desobedecê-lo e ele me deu isso.* — Estava de volta em... O outro lugar. Seus olhos ficam vagos e desfocados por um momento. — *Isso é tudo de que me lembro, além de merecer.*

Ótimo. — Isso não é super útil, baby. Você acha que os dragões paternais têm muita emoção? — Eu mordo meu lábio, preocupada. Kael está calmo ao meu redor, mas e se isso mudar?

Ele bufa e se inclina para beliscar meu pescoço. — *Não mais do que em qualquer outro momento.*

— *Eu não era um jovem drakoni que ouvia muito bem.* — Ele levanta a cabeça e aperta seus lindos olhos âmbar para mim. — *Por que isso é tão importante?*

Uma pontada de terror me atravessa. Agora ou nunca. Eu lambo meus lábios secos e coloco minhas mãos em suas bochechas, segurando seu rosto.

— *Porque estou grávida.*

Kael hesita. Ele pisca os olhos dourados e eu vejo quando eles se tornam negros, depois voltam para o ouro.

E ele sorri. Eu posso sentir orgulho e alegria explodindo em sua mente, e sua mão desliza para o meu estômago e ele acaricia. — *Meu filho?*

— *Sem.* — eu digo a ele, minha garganta muito grossa com lágrimas para falar.

Ele sorri e está claro que ele está feliz. Eu também. Estou apavorada, claro, mas estou feliz. As coisas vão ficar bem, percebo. Isso não é um fim para a nossa felicidade, mas um começo.

Quer dizer, eu preciso saber se vou ter um ovo, ou um filhote de dragão, ou se vai sair humano, mas... Estamos juntos nisso.

— Nós temos isso.

E eu sorrio de volta para o meu lindo dragão ardente e sinto uma onda de felicidade.

— Satisfeito?

O olhar que ele me dá é incrédulo. — *O fogo do meu sangue carrega meu filho e você tem que perguntar?*

— Eu sorrio e o puxo para baixo contra mim. — Vem cá, neném. Você já sabe que eu sempre tenho que perguntar.

Ele dá uma risada quando ele enrola as mãos no meu cabelo e me puxa para mais perto.

— *Eu sei disso. Ah, minha Claudia. Minha companheira. Meu tudo.*

E quando ele acaricia minha garganta mais uma vez, estou cheia de amor e esperança para o futuro. Eu não tenho ideia do que isso vai trazer... Mas enquanto eu tiver Kael?

Vai ser incrível.

FIM

ESPERAMOS QUE TENHA
GOSTADO DESTA
AVENTURA SOBRENATURAL!



*Esta tradução foi feita por fãs para fãs,
sem qualquer propósito de Lucro.
Não se esqueça de comprar nossos autores
favoritos, se estiver dentro de suas
possibilidades financeiras.
E publicado no seu idioma. Sem eles, não
poderíamos desfrutar de todas essas
histórias maravilhosas.*

*Não distribua nossas traduções abertamente
na internet, respeite nosso trabalho voluntário.*

